

Guilherme Mazza Dourado

BELLE ÉPOQUE DOS JARDINS

Da França ao Brasil do século XIX e início do XX

TESE DE DOUTORADO

ORIENTADOR: PROF. ASSOCIADO HUGO SEGAWA

**Universidade de São Paulo - Escola de Engenharia de São Carlos
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - Área
de Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo**

São Carlos, dezembro de 2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

FICHA TÉCNICA

Texto: Guilherme Mazza Dourado.

Revisão ortográfica: Denise Yamashiro.

Tradução do resumo: Peter Musson.

Ficha catalográfica: Valéria de Oliveira.

Diagramação das páginas ilustradas e capa: Zol Design.

Impressão de capa: Fastsigns.

Acabamento: Arrisca.

Capa: detalhe de cartaz de mostra hortícola, em Gand, 1903. Bibliothèque Universitaire, Gand (reproduzido de Herdt 1995, p.273).

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Ficha catalográfica preparada pela seção de Tratamento da Informação do Serviço de Biblioteca - EESC/USP

D739b Dourado, Guilherme Mazza
Belle époque dos jardins : da França ao Brasil do século XIX e início do XX /
Guilherme Mazza Dourado; orientador Hugo Segawa - São Carlos, 2008.

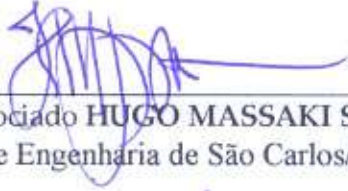
Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.
Área de Concentração em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo)
Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2008.

1. História do Paisagismo - América do Sul - Séculos XIX / XX.
 2. História do Paisagismo - Brasil - Séculos XIX / XX - Frederico de Albuquerque.
- I. Título.

FOLHA DE JULGAMENTO

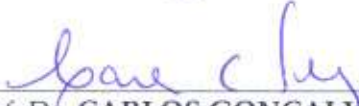
Candidato: Arquiteto **GUILHERME ONOFRE MAZZA DOURADO**

Tese defendida e julgada em 03/03/2009 perante a Comissão Julgadora:



Prof. Associado **HUGO MASSAKI SEGAWA (Orientador)**
(Escola de Engenharia de São Carlos/USP)

Aprovado



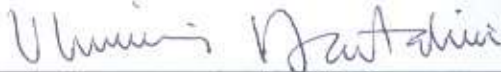
Prof. Dr. **CARLOS GONÇALVES TERRA**
(Escola de Belas Artes/Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Aprovado



Prof. Titular **MURILLO DE AZEVEDO MARX**
(Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/USP)

Aprovado



Prof. Dr. **VLADIMIR BARTALINI**
(Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/USP)

Aprovado



Prof. Dr. **CARLOS ROBERTO MONTEIRO DE ANDRADE**
(Escola de Engenharia de São Carlos/USP)

Aprovado



Prof. Titular **RENATO LUIZ SOBRAL ANELLI**
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em
Arquitetura e Urbanismo



Prof. Associado **GERALDO ROBERTO MARTINS DA COSTA**
Presidente da Comissão da Pós-Graduação da EESC

Para Hugo Segawa, em comemoração aos vinte anos em que trabalhamos juntos; para Helena Portugal Albuquerque (em memória) e seus filhos Beatriz e Luiz Portugal Albuquerque, bisnetos de Frederico Guilherme de Albuquerque, aos quais devemos apoio importante para a realização de nosso estudo.

BELLE ÉPOQUE DOS JARDINS. Da França ao Brasil do século XIX e início do XX.

RESUMO

Estudo sobre a presença de jardineiros e paisagistas franceses na América do Sul, entre 1820 e 1920, e as relações entre a cultura paisagística francesa e a nascente arte dos jardins no Brasil. A primeira parte estabelece um quadro referencial da atividade desses franceses na Argentina, Uruguai, Chile e Brasil, destacando as realizações de Édouard André, Eugène Courtois, Charles Thays, Joseph Bouvard, Pedro Margat, Charles e Louis-Ernest Racine, Édouard Gauthier, Georges Dubois, Grandjean de Montigny, Pierre Pézérat, Charles Pinel, Jean Binot, Auguste Glaziou, Júlio Joly, Ambrósio Perret, Paul Villon, Jules Vacherot e Cochet, entre outros.

A segunda parte verifica as repercussões da presença e cultura francesas no deslançar das primeiras gerações de paisagistas e horticultores brasileiros, concentrando-se na análise do trabalho de Frederico Guilherme de Albuquerque, entre 1874 e 1892. Esse segmento discute tanto o papel desse horticultor gaúcho como editor da *Revista de horticultura*, primeiro mensário brasileiro voltado às plantas ornamentais e jardins, quanto destaca sua atuação pioneira na introdução e difusão de plantas ornamentais.

PALAVRAS-CHAVE

História do Paisagismo - América do Sul - Séculos XIX/XX.

História do Paisagismo - Brasil- Séculos XIX/XX - Frederico de Albuquerque.

BELLE ÉPOQUE OF GARDENS. From France to Brazil in the XIXth. century and in the early XXth. century.

ABSTRACT

A study on the presence of French gardeners and landscape designers in South America, from 1820 to 1920, and the relationship between French landscape culture and the nascent art of gardens in Brazil. The first part establishes a frame of reference for the activities of these Frenchmen in Argentina, Uruguay, Chile and Brazil, featuring especially the work of Édouard André, Eugène Courtois, Charles Thays, Joseph Bouvard, Pedro Margat, Charles and Louis-Ernest Racine, Édouard Gauthier, Georges Dubois, Grandjean de Montigny, Pierre Pézérat, Charles Pinel, Jean Binot, Auguste Glaziou, Júlio Joly, Ambrósio Perret, Paul Villon, Jules Vacherot and Cochet, among others.

The second part investigates the repercussions of the French presence and culture on the first generations of Brazilian landscape designers and horticulturists, concentrating on an analysis of the work of Frederico Guilherme de Albuquerque, between 1874 and 1892. This section discusses both the role of this horticulturist from the state of Rio Grande do Sul as editor of the *Revista de horticultura* (Magazine of horticulture), the first Brazilian monthly dedicated to ornamental plants and gardens, as well as his pioneering activities in the introduction and dissemination of ornamental plants.

KEYWORDS

History of Landscape design - South America - XIXth. and XXth. Centuries.

History of Landscape design - Brazil - XIXth. and XXth. Centuries - Frederico de Albuquerque.

SUMÁRIO

Introdução.....7

PARTE 1

Movimento de paisagistas franceses

Paris em reforma.....13

Civilizar as massas • Salubridade e embelezamento • Espaços precursores • Cours e boulevards • Service des Promenades • Estrutura funcional • Implantando squares • Jardim paisagista • Ornamentação rústica • Sistema de viveiros • Fábrica de mudas • Produto de exportação

Fazendo a América.....45

Argentina • Édouard André • Eugène Courtois • Estratégias formais • Arborização e viveiro • Charles Thays • Diretor de passeios • Metas ambiciosas • Folha de serviços • Sintaxes plásticas • Joseph Bouvard • De Buenos Aires a Rosário • **Uruguai** • Pedro Margat • Irmãos Racine e Gauthier • Édouard André • Metamorfose drástica • Charles Thays • **Chile** • Dubois e Thays

Franceses no Brasil.....83

Montigny e Pézérat • Avalanche de gente e produtos • Comerciantes de plantas • Mudanças da casa à cidade • Renoult e família Arnol • “Charlatães da horticultura” • Charles Pinel • Jean Binot • Auguste Glaziou • Jardim paisagista • Elenco de obras • Ornamentos metálicos • Arte rústica • Joly e Perret • Paul Villon • Capital verde • Volta ao Rio de Janeiro • Charles Thays • Bouvard, Vacherot e Cochet

PARTE 2

Diálogos franco-brasileiros

Folhas de papel.....127

Trajectoria de Frederico de Albuquerque • Proximidade de Glaziou • Revista de horticultura • Diagramação e seções • Assinaturas e leitores • Incentivadores de peso • Elenco de colaboradores • Barbosa Rodrigues • Redator principal • Francofilia editorial • Noticiário dinâmico • Publicações e obituários • Édouard André

Plantas viajeras.....	163
Société Impériale d'Acclimatation • Muséum d'Histoire Naturelle • Charles Naudin • Espécies ornamentais • Meio de transporte • Vitrinas hortícolas • Fornecedores de plantas • Albuquerque viveirista • Dálias e floxes • Gloxínias e azáleas • Marantas e crótons • Iucas e cicadáceas • Plantas carnívoras • Vegetação brasileira	
Conclusão.....	199
Referências bibliográficas.....	203

INTRODUÇÃO

Se houve uma presença estrangeira que impulsionou de modo particular o desenvolvimento da cultura paisagística na América do Sul, foi a circulação de jardineiros e paisagistas franceses pelo continente, entre o século XIX e as duas primeiras décadas do XX. A repercussão internacional da reforma de Paris, que galgou o posto de uma das mais belas capitais verdes da Europa oitocentista, selou definitivamente o prestígio desses profissionais perante as elites de cá. E fez com que eles se tornassem mais requisitados para trabalhar na atualização das feições de várias cidades sul-americanas, executando parques, praças e programas de arborização viária, dirigindo departamentos municipais de áreas verdes, desenhando jardins residenciais e mesmo incrementando o comércio continental de plantas ornamentais.

Este estudo trata desse movimento de franceses na Argentina, Uruguai, Chile e Brasil, e das relações que se estabelecerem entre a cultura paisagística francesa e as primeiras gerações de profissionais brasileiros, focalizando a atuação de Frederico Guilherme de Albuquerque. Nosso trabalho rastreia um elenco de técnicos e comerciantes de origem francesa que se fixou ou veio para trabalhos ocasionais nesses países, urdindo uma trama de informações sobre o trânsito e as ligações diretas e indiretas que surgiram entre horticultores, paisagistas, arquitetos dedicados aos jardins, coletores e negociantes de plantas, deixando de fora apenas os naturalistas e os viajantes que não tiveram envolvimento com jardins. Destacamos obras, projetos e iniciativas de comércio vegetal no período que vai dos anos 1820, década em que Grandjean de Montigny elaborou um plano de reforma para a região do Paço Imperial, no Rio de Janeiro, até 1920, quando Charles Thays desenhou os parques Cerro San Cristóbal e Florestal, em Santiago do Chile. Nesse contexto, reconhecemos as similitudes e peculiaridades do trabalho de

Albuquerque.

Pretendemos assim estabelecer uma matriz de interpretação sobre a presença de jardineiros e paisagistas franceses em diversas localidades da América do Sul, fazendo alargar a diminuta bibliografia existente sobre o tema, cujos dois principais estudos são *Plazas e parques de Buenos Aires: la obra de los paisajistas franceses* e *Os jardins no Brasil do século XIX: Glaziou revisitado*. O primeiro resulta de uma meticulosa pesquisa da historiadora argentina Sonia Berjman, que localiza e discute principalmente o legado francês na capital portenha. O segundo é obra do pesquisador brasileiro Carlos Terra, que aborda os trabalhos centrais do paisagista bretão no Rio de Janeiro. Simultaneamente, buscamos abrir perspectivas inéditas de leitura sobre os personagens brasileiros que participaram do alvorecer do paisagismo nacional no século XIX – caso de Frederico Guilherme de Albuquerque que, apesar de sua intensa trajetória como horticultor, paisagista, escritor, editor e comerciante de plantas, é desconhecido pelos atuais estudiosos dedicados à história do paisagismo brasileiro.

Estrutura da tese

A primeira parte do trabalho contempla a presença francesa em três capítulos. PARIS EM REFORMA abre o estudo, discutindo como se deu a transformação verde da capital francesa durante a gestão do prefeito Georges-Eugène Haussmann, entre 1853 e 1870, e de que modo essa experiência sedimentou um produto influente de exportação cultural e fez dilatar a fama internacional dos paisagistas e horticultores franceses em matéria de reforma e intervenção urbana.

O capítulo FAZENDO A AMÉRICA mapeia o principal grupo de franceses ativos na Argentina, Uruguai e Chile, no período pré e pós-reforma de Paris. Nele são verificados tanto os vínculos existentes entre esses profissionais, o círculo técnico da capital francesa e outros grupos quanto os processos que levaram à difusão de novos modelos paisagísticos em terras sul-americanas.

FRANCESES NO BRASIL é o segmento que relaciona essas questões ao contexto de nosso país. Estabelece um quadro referencial da atividade paisagística francesa em vários pontos do

território nacional, sublinhando que não foi um fenômeno geograficamente restrito à capital imperial nem de curta duração. Destaca que esse conjunto de profissionais tinha perfil variado em gênero e grau, abarcando arquitetos, comerciantes de plantas, coletores de vegetação, horticultores e paisagistas, que foram desenhando um peculiar movimento que se processou antes e depois da presença seminal e amplamente conhecida de Auguste François Marie Glaziou.

A segunda parte de nosso estudo verifica as repercussões da presença e cultura francesas no deslançar das primeiras gerações de paisagistas brasileiros, analisando a obra do gaúcho Frederico Guilherme de Albuquerque. Esta parte compõe-se de dois capítulos. O primeiro é FOLHAS DE PAPEL que versa sobre a atividade projetual e editorial de Albuquerque, discutida logo após um breve retrospecto da fase central de sua trajetória profissional, que se deu de 1874, ano em que ele ingressou na seção de botânica do Museu Nacional e, paralelamente, montou seu estabelecimento hortícola no Rio de Janeiro, até 1892, quando se afastou da direção do Jardim da Luz, em São Paulo, e retornou à capital da iniciante República. Esse capítulo explica as relações profissionais que existiram entre Glaziou e Albuquerque e sobretudo as referências francesas no trabalho jornalístico do horticultor gaúcho, que idealizou e esteve à frente do primeiro mensário brasileiro voltado às plantas ornamentais e jardins - a *Revista de horticultura. Jornal de agricultura e horticultura pratica* -, impressa entre janeiro de 1876 e dezembro de 1879.

PLANTAS VIAGEIRAS é o capítulo que versa sobre outra face importante do trabalho de Frederico Guilherme de Albuquerque - a introdução, a difusão e o comércio de vegetação ornamental exótica no Brasil. Nele estudamos como se formou a coleção do profissional gaúcho, a partir de algumas ligações mantidas com entidades, colecionadores e fornecedores franceses. Ao mesmo tempo, buscamos mapear o repertório de espécies incomuns que ele comercializou em sua estação hortícola, no Rio de Janeiro, entre 1874 e 1879. Desse modo, vamos montando um quebra-cabeça que ajuda a entender alguns dos caminhos por meio dos quais várias espécies de fora passaram a figurar em nossos jardins e paisagens. Ao tratar das plantas nessa e nas outras partes, nem sempre nos foi possível atualizar a nomenclatura botânica, tendo em vista que não somos especialistas nessa área. Diante dessa

limitação, optamos por manter, em vários casos, os nomes científicos ou as designações populares utilizados na época.

Agradecimentos

Ao longo da pesquisa e na fase de escrita deste trabalho, tivemos múltiplos auxílios de vários amigos, professores, profissionais e instituições, para os quais deixamos nossos calorosos agradecimentos. Em meio a eles, gostaríamos de mencionar: Adriana Irigoyen, Carlos Lemos, Carlos Roberto Monteiro de Andrade (Mancha), Celso Ohno, Denise Yamashiro, Francisco Tomasco de Albuquerque, Hamilton Arantes Bernardino (Seção de Arquivo da Superintendência de Obras Viárias/Prefeitura Municipal de São Paulo), Helena Quintana, Juliana Bueno, Luiz Antônio Ferraz Matthes, Mario Henrique Simão D'Agostino (Maique), Murillo Marx, Peter Musson, Renata Piazzalunga, Renato Salgado, Sandra Leão Barros, Sérgio Ricardo Unterkircher (SIURB/Prefeitura Municipal de São Paulo), Telma de Barros Correia, Valéria de Oliveira (Biblioteca da EESC/USP), Vladimir Bartalini.

Queríamos destinar agradecimentos especiais à equipe da Biblioteca do IAC/UNICAMP, nas pessoas de Luisa Helena Pompeu de Camargo Tisselli, Vangri Camargo, Lígia Luisa Barbosa Bolognini e Thamiris Horácio Alves, que foram extremamente atenciosas durante as várias seções de leitura da *Revista de horticultura* que realizamos em sua instituição; aos fotógrafos Andrés Otero e Marcos Cimardi, que documentaram cuidadosamente algumas partes dessa publicação; aos meus pais João Lima Dourado e Carmen Dente Mazza Dourado, que não mediram esforços para me apoiar.

Também somos muito gratos à orientação de Hugo Segawa; à Helena Portugal Albuquerque (em memória) e aos seus filhos Beatriz e Luiz Portugal Albuquerque que, além de possibilitar o acesso aos guardados de seu bisavó, nos proporcionaram encontros semanais estimulantes; aos quatro dedicamos nosso estudo.

PARTE 1

**MOVIMENTO DE
PAISAGISTAS FRANCESES**

PARIS EM REFORMA

Entre todos os melhoramentos realizados em Paris desde o início do Segundo Império, não há outros que mereçam mais elogios e a mais sincera admiração do que aqueles empreendidos pela Seção de Promenades et Plantations de Paris. (...) nenhuma cidade hoje pode ser comparada a Paris por seus jardins, seus parques elegantes, sua rica vegetação e sua flora encantadora. Da pedreira, dos calhais e do arenito que era, Paris se transforma num buquê.

César Daly, 1863.

Poucas cidades européias da segunda metade do século XIX foram tão influentes na difusão de um modelo de ambiente urbano integrado a espaços verdes quanto a Paris do Segundo Império. Entre 1853 e 1870, a capital francesa foi transformada de cima a baixo por uma ambiciosa reforma comandada pelo prefeito Georges-Eugène Haussmann (1809-1891) e respaldada pelo imperador Napoleão III (1808-1873). Visando dar retaguarda à expansão industrial e financeira da cidade, a intervenção pôs em marcha um programa de melhorias urbanas numa escala sem precedentes na história de Paris. Em linhas gerais, consistiu na atualização da infra-estrutura de água, esgoto e energia elétrica, na regularização e ampliação da malha viária, na valorização do centro monumental e teve, como um de seus pontos altos, a implementação de um conjunto metropolitano de parques, praças e ruas arborizadas [Cars, Pinon 1991].

Em pouco mais de uma década e meia, Paris despontou aos olhos da nação e do mundo como experiência ímpar de realização qualitativa e quantitativa de espaços verdes públicos. Naqueles anos, a cidade somou mais de 1.800 ha de jardins públicos e nada

menos do que 82.000 árvores passaram a emoldurar ruas e *boulevards* recém-abertos [Surand 1991, p. 242; Limido 2002, p. 105].

Civilizar as massas

Por que empreender tal expansão verde na capital francesa? Segundo Haussmann, a gênese dessa iniciativa provinha da determinação de Napoleão III em democratizar o acesso e a distribuição dos jardins por toda a cidade, de modo que esses espaços exercessem uma nova função social. Em suas memórias, o prefeito mencionava que o imperador fizera recomendações expressas nesse sentido desde o início dos trabalhos. Napoleão III estava convicto de que Paris necessitava reter o exemplo social dos parques de Londres, que ele conhecera de perto na época de seu exílio nessa cidade. Haussmann afirmava que

durante sua longa estada na Inglaterra, o imperador ficara abalado com o contraste entre a boa manutenção dos *squares* de Londres e o estado sórdido que apresentavam as habitações imundas onde viviam as famílias operárias (...). Assim recomendou-me não deixar passar nenhuma ocasião para realizar o maior número possível de *squares*, em todos os bairros de Paris, a fim de oferecer com abundância, como se fazia em Londres, lugares de descanso e recreação para todas as famílias, para todas as crianças ricas e pobres [apud Panzini 1993, p. 221].

Por trás dessa atitude de Napoleão III, havia uma mentalidade que considerava a difusão de jardins públicos capaz de civilizar a massa de trabalhadores e inibir as convulsões sociais. Mas essa mentalidade não emergiu propriamente naqueles anos. Desde o século XVIII, o aprimoramento coletivo impulsionado pela vivência em espaços verdes ou pelo cultivo de plantas ganhou força na Europa. Na Inglaterra setecentista, a classe trabalhadora foi estimulada a ver na jardinagem uma ocupação edificante para o tempo livre, que conduz à auto-estima, eleva a moral e afirma a dignidade; a cultura dos jardins entre os pobres passou a ser associada à conquista de distinção e polidez [Thomas 1989, p. 279]. Na Alemanha de fins do século XVIII, o filósofo Karl Gottlob Schelle tratou de sublinhar que o estágio de

avanço de um povo era diretamente proporcional ao seu apego pelos jardins públicos. Em seu livro *A arte de passear*, apontava que

a falta de passeios organizados de forma apropriada, que sentimos muitas vezes de forma aguda, poderia se explicar pelo fato de que nos encontramos num grau muito baixo de cultura, que não faria sentir essa necessidade [Schelle 2001, p. 50-51].

Educar o comportamento da massa urbana era uma motivação central, mas não a única que inspirava e direcionava a experiência parisiense. A implementação de ambientes verdes visava atender os anseios de uma classe alta, que vinha assimilando o gosto pelas amenidades da vida ao ar livre. Enriquecida e orgulhosa de si, a burguesia industrial e financeira estava ávida por dispor de mais cenários para reproduzir comportamentos que foram característicos da aristocracia, como os passeios à sombra das árvores, as conversas e os encontros nos parques, o jogo de se fazer ver e ser visto, a exibição de trajés elegantes, o desfile em carruagens sofisticadas.

Salubridade e embelezamento

O reconhecimento das árvores como recurso a serviço da salubridade urbana foi também um motivo que pesou para que o Estado francês levasse adiante seu programa verde. No início da segunda metade do século XIX, o emprego de vegetação de porte prosseguia recomendado para favorecer a circulação do ar, a dissipação de eflúvios nocivos e o dessecamento do solo, de modo a combater lugares pútridos nos quais se formavam as doenças, conforme as teorias dos miasmas [Segawa 1996, p. 68-69]. Havia inclusive indicações precisas de quais espécies botânicas se mostravam mais adequadas para esse fim. Desde o século anterior, Banau e Turben sugeriam que plátanos, choupos, olmos e bétulas agiam na reversão de áreas encharcadas e árvores de grandes copas ajudavam na movimentação das camadas de ar mais próximas do solo, afastando os miasmas [Corbin 1987, p. 128].

Essa visão a respeito do papel das árvores era ainda mais reconhecida entre sanitaristas e engenheiros do que a teoria sobre

a importância das espécies na absorção de gás carbônico e produção de oxigênio. Seria apenas no apagar das luzes do século XIX que esse conhecimento prevaleceria sobre aquele, embora desde o século XVIII os trabalhos de Joseph Priestley (1733-1804), Jan Ingenhousz (1730-1799) e Antoine-Laurent de Lavoisier (1743-1794) já houvessem decifrado os processos físicos que tornavam as árvores organismos importantes, de fato, na renovação do ar.

O embelezamento urbano foi outro motor importante a justificar e conduzir os trabalhos de ajardinamento da capital. De modo geral, a perspectiva de valorização estética da cidade, especialmente do centro, vinha sendo reiterada pelo imperador desde dezembro de 1850. Em seu discurso naquele ano, Napoleão III sinalizava claramente suas intenções transformadoras: “Paris é o coração da França, coloquemos todos nossos esforços para embelezar esta grande cidade, para melhorar o destino de seus habitantes” [apud Pinon 1991, p. 52]. Bem mais que um ato isolado, essa disposição reatava com uma arte de melhoramentos urbanos, cujas origens remontavam a dois séculos atrás. Símbolo distintivo de civilização urbana, o *embellissement public* despontou no pensamento urbano francês a partir do século XVII. Ganhou força como expressão material e ideológica do Absolutismo. E fomentou a propagação de jardins em Paris.

Espaços precursores

A capital francesa conheceu uma longa tradição de ambientes verdes em seu tecido urbano e em seus arredores, confirmada inclusive pelo aumento de termos para denominá-los, pelo menos desde o século XVII. Era o caso das palavras *allée*, *mail*, *promenade*, *cours*, *pré*, *boulevard*, além das mais antigas, *jardin*, *parc* e *bois*.

Os três primeiros nomes figuravam em verbetes específicos no *Dictionnaire historique d'architecture*, de Antoine-Chrysostome Quatremère de Quincy (1755-1849), editado em 1832. No espaço urbano, *allée* indicava uma alameda margeada de árvores. Mas o termo proveniente do vocabulário da arte dos jardins possuía outras acepções, conforme explicava o historiador e secretário da Académie des Beaux-Arts de Paris. Quatremère de Quincy

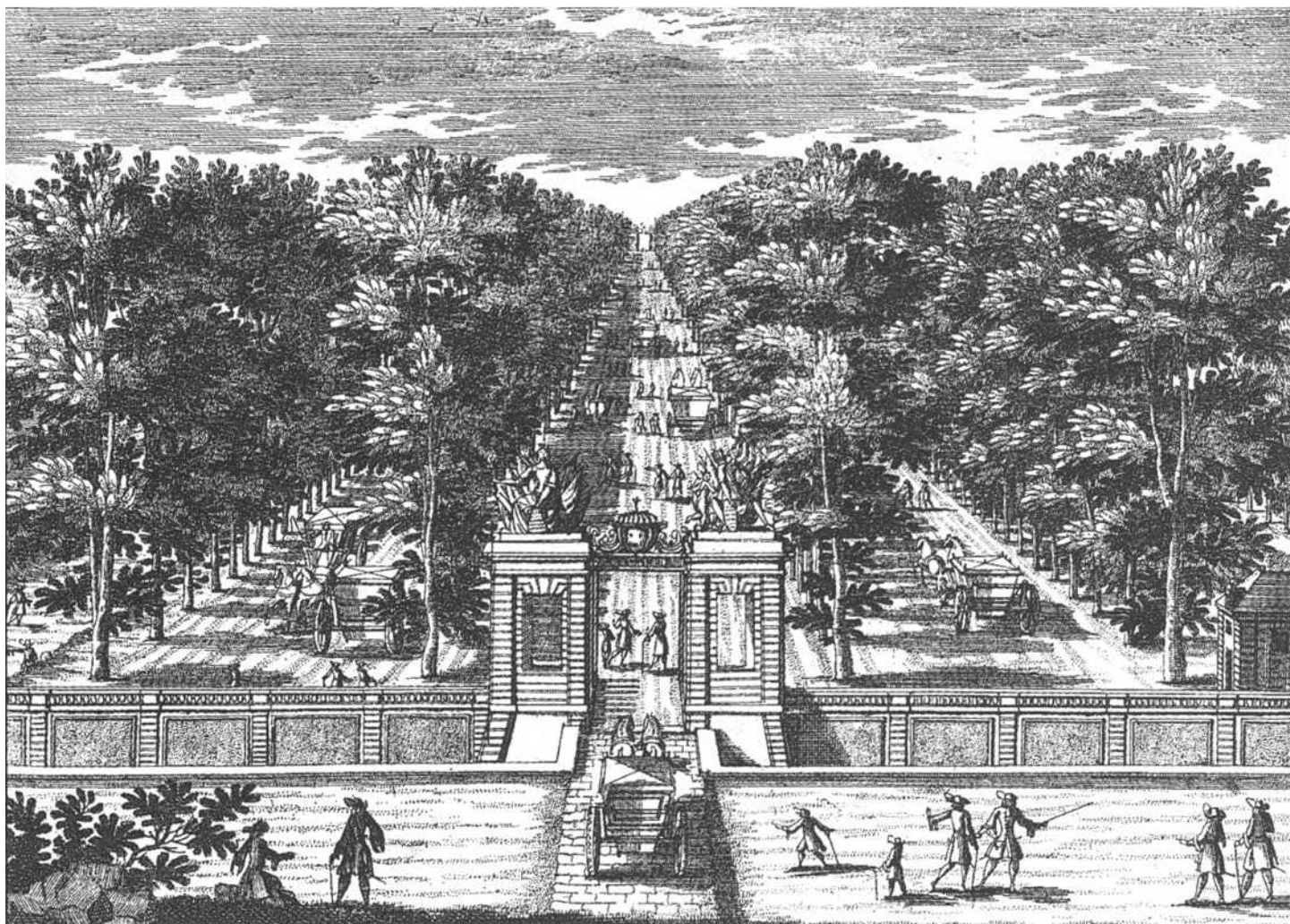
discorria que

Referente à jardinagem, *allée* compreende um caminho aberto para passeio num jardim, quer disposto entre linhas de árvores, quer em meio à relva ou *parterres*. Existem *allées* simples e *allées* duplas. As simples não têm mais do que duas linhas de árvores; as duplas, quatro. Nesse caso, faz-se a distinção delas com os nomes *maitresse allée* e *contre-allée* [Quatremère de Quincy 2003, vol.1, p. 31].

Mail designava o espaço sombreado com árvores para a prática do *palle maille*, antigo jogo que usava bola e martelo de madeira. Segundo Quatremère de Quincy, era uma área retangular delimitada por renques de árvores que se prolongavam de 3 a 400 m de extensão por 4 ou 5 m de largura [Quatremère de Quincy 2003, vol. 2, p. 83]. Mas a *promenade* merecia comentários mais extensos do historiador. O termo definia genericamente o local por onde se passeava em meio ao verde. Jardins palacianos abertos à população originavam *promenades publiques*. Quatremère de Quincy prescrevia uma série de cuidados no planejamento delas e citava a experiência parisiense:

A boa distribuição de uma *promenade publique* demanda um grande plano, composto de grandes partes. Nesse plano, as árvores devem ser regularmente plantadas, de modo que a folhagem delas produza um tal sombreamento que não deixe o sol entrar em ponto algum. Faça aléias direitas, largas, cômodas e em grande quantidade, de maneira que os freqüentadores tenham liberdade de escolher onde se encontrar ou evitar um encontro. As aléias em linha reta são o caráter essencial da *promenade publique*; conceba quantas necessitar, mas independentemente de outras razões, o importante é que reine a boa ordem em semelhantes pontos, evitando-se assim que tortuosos atalhos e maciços sinuosos venham emprestar seus rodeios aos encontros que se afastam da decência. (...)

A cidade de Paris, que reúne mais célebres *promenades publiques* que outras cidades, deve-as aos grandes jardins que acompanhavam os maiores de seus palácios. Em sua origem, esses jardins não foram destinados à reunião pública, mas se tornaram próprios para esse uso, a ponto de que podemos citá-los como verdadeiros modelos desse gênero. (...)



Vista do Cours de la Reine, em Paris.
Gravura em metal de P. Aveline, século XVIII.
Bibliothèque Nationale, Paris (reproduzida de
Panzini 1993, p. 50).

A cidade de Paris oferece ainda um outro gênero de *promenade publique*, denominado Champs-Élysées, onde, sobre vastos espaços, a multidão encontra sombra fresca, aléias espaçosas, grandes espaços descobertos para todo tipo de jogos e exercícios, caminhos onde cavalos e veículos circulam, e toda sorte de locais de descanso ou diversão [Quatrèmere de Quincy 2003, vol. 2, p. 314-315].

Pré definia um campo verdejante junto às muralhas ou às margens do rio Sena, usado para feiras, jogos e recreio da população. *Cours* provinha da palavra italiana *corso* e nominava uma via ou conjunto de vias arborizadas, realizadas com a função específica de servir para a nobreza passear de carruagem. Originado do termo alemão *bollwerk*, que significava muralha, *boulevard* designava inicialmente os passeios arborizados dispostos sobre as fortificações [Panzini 1993, p. 43-44].

Cours e boulevards

O século XVII foi pródigo na multiplicação dos *cours* e *boulevards* na cidade. Investigando como se deu o nascimento dos *cours*, Henry Sauval registra que se trata de

uma nova palavra e uma nova coisa inventada por Maria dei Medici. Até a Regência, não se conhecia na França outro meio de passear nos jardins senão a pé. Mas, nesse período, Paris assimila de Florença a moda de passear em carruagens nas horas mais frescas da tarde [apud Panzini 1993, p. 49].

O Cours de la Reine foi o primeiro representante dessa família de recintos verdes instituída por Maria dei Medici (1573-1642). Criado por volta de 1616, junto ao Sena, no lado oeste do palácio das Tulherias, era um ambiente murado que continha três alamedas de olmos, dispostas paralelamente e articuladas em sua porção central por um espaço circular, que funcionava como ponto culminante do desfile de carruagens. Pouco tempo depois, o Cours Saint-Antoine demarcou uma alameda solene de acesso à capital desde a porta de Saint Antoine. Interligando o bosque de Vincennes às Tulherias, o Cours Vincennes foi uma das obras majestosas preparadas para o casamento de Luís XIV, em 1660.

O Grand Cours (futuro Champs Élysées) foi outra aléia cerimonial feita em 1670, partindo do lado oeste do palácio real [Panzini 1993, p. 48-54; Segawa 1996, p. 39-40].

A moda dos passeios em carruagem sob as copas das árvores impulsionou também o aparecimento de um tipo de espaço verde que dali em diante se tornou marca registrada de Paris. Tratava-se do *boulevard*, alameda plantada sobre os baluartes em processo de desativação, no reinado de Luís XIV (1638-1715). A conversão das muralhas no setor à direita do rio Sena se materializou com os decretos reais de 1670, 1671 e 1684, que disciplinaram a implantação de passeios arborizados com olmos inicialmente no trecho leste-norte, entre as portas de Saint-Antoine e de Saint-Martin, e depois na porção norte-oeste, até a porta de Saint-Honoré, incluindo a construção de várias rampas de acesso para os veículos. Assim, “as novas vias tripartidas, flanqueadas de olmos, estendem o modelo do Cours de la Reine a Paris inteira: um sistema de passeios públicos, em forma anular, destinado a servir a cidade toda”, observa Panzini [1993, p. 51-53].

Mas esse processo que multiplicou os *boulevards* não ficou restrito ao lado norte de Paris. A partir da década de 1760, já era possível constatar que as alamedas se propagavam nos terrenos das muralhas no lado esquerdo do Sena, fechando um cinturão verde completo sobre os antigos limites da capital. Na mesma época, o sucesso desses espaços chegou a tal ponto que houve a necessidade de se fixar um regulamento de trânsito para minimizar acidentes e confusões. Disciplinou-se que a alameda central ficaria reservada ao fluxo das carruagens, enquanto as duas alamedas laterais seriam destinadas aos pedestres. Proibiu-se o estacionamento das carruagens em qualquer lugar e também a circulação de veículos de carga [Panzini 1993, p. 51-53].

Os *boulevards* se tornavam símbolos proeminentes de uma Paris agitada, festiva e mundana, gerando freqüentemente perplexidade para aqueles que provinham de fora, como no caso de Paul-Louis de Mondran (1734-1795). Escrevendo para seus pares em Toulouse, em 1673, o cônego da Notre Dame deixou um relato esclarecedor de como era a vida cotidiana naqueles espaços:

Imaginais-vos numa grande avenida onde 14.000 carruagens se movem

em quatro filas, lado a lado. Entre as árvores e as casas há um percurso



La promenade des boulevards vers 1760.

Gravura em metal baseada em obra de Augustin de Saint-Aubin.

Musée du Louvre, Paris (reproduzida de Montgolfier 1985, p. 23).

para cavaleiros. De um lado, se vê bares abertos onde o povo bebe a saúde dos passantes; de outro, há mil curiosidades para se ver mediante pagamento: cafés cheios de orquestras e cantores, com galerias ornadas de arlequins, pierrôs e *scaramouches* que fariam rir como ninguém o abade de St. Jean [apud Panzini 1993, p. 54].

Mesmo os conturbados anos pré e pós Revolução Francesa não chegaram a arranhar o prestígio crescente dos *boulevards*. E muito menos ocorreu aos revolucionários apagá-los definitivamente da geografia física e cultural de Paris, como fizeram com outros símbolos do poder aristocrático, como a Bastilha. A monarquia caiu, a república nasceu e os *boulevards* permaneceram – já eram ícones indissociáveis da fisionomia urbana parisiense.

Service des Promenades

Tendo uma herança significativa atrás de si e mesmo um exemplo proeminente do outro lado do canal da Mancha, o que distinguiria a proposta verde de Napoleão III e Haussmann? Pela primeira vez na história da capital francesa, havia uma ação coordenada de implementação de jardins públicos e arborização de vias capaz de contemplar a maioria dos bairros, inclusive os novos. “Paris é verdadeiramente a primeira grande cidade europeia a estender o verde público à escala territorial”, esclarece Panzini [1993, p. 221]. Londres não experimentou iniciativa similar. A gênese de seu conjunto de parques e jardins resultava de medidas episódicas da nobreza, e depois da burguesia, somadas ao longo do tempo sem o suporte de uma política pública sistemática [Migliorini 1992, p. 94-95; Panzini 1993, p. 220-221]. No entanto, foi sob outra ótica que os parques e *squares* londrinos se tornaram importantes. Eles forneceram matrizes formais que serviram de ponto de partida para as realizações parisienses.

Em uma década e meia, a capital francesa somou mais jardins do que fizeram alguns reis em séculos e alcançou uma posição de vanguarda na propagação de índices verdes entre as grandes capitais da época. Mas certamente esse patamar seria inalcançável se Haussmann não tivesse providenciado a criação de um

departamento municipal de jardins em moldes inéditos naquele tempo.

Organizado a partir de 1854, o Service des Promenades et Plantations centralizou paulatinamente todas as operações e necessidades relacionadas à produção dos espaços verdes. Em linhas gerais, suas atividades compreendiam desde o projeto e execução dos jardins até a produção de mudas, as instalações hidráulicas, a realização de pequenos edifícios e a especificação de mobiliário e equipamentos.

A formação de seu núcleo técnico inicial se deu a partir de um trio multidisciplinar de profissionais indicado pelo prefeito. Tratava-se do engenheiro Adolphe Alphand (1817-1891), do horticultor e paisagista Jean-Pierre Barillet-Deschamps (1824-1873) e do arquiteto Gabriel Jean Antoine Davioud (1824-1881). O primeiro e o segundo, que se tornariam personagens centrais do paisagismo francês da segunda metade do século XIX, foram arrematados em Bordeaux. Suas atividades e desempenho eram conhecidos por Haussmann desde os tempos em que ele esteve à frente daquela municipalidade, antes de assumir a capital francesa. Vencedor do 2^{eme} Grand Prix de Rome, o terceiro foi recomendado ao prefeito por Eugène Deschamps, coordenador do plano da capital [Pinon 2002, p. 32].

Alphand formou-se pela École Polytechnique e École des Ponts et Chaussées, ambas em Paris, e iniciou sua carreira trabalhando com projetos de instalações portuárias e ferroviárias. Como engenheiro-chefe da prefeitura de Bordeaux, foi um profissional versátil e ágil que conquistou a estima de Haussmann, destacando-se tanto na reforma do cais local quanto no ajardinamento público e decoração da cidade para a visita do príncipe-presidente Napoleão Bonaparte, em outubro de 1852 [Limido 2002, p. 76-82; Surand 1991, p. 237].

Barillet-Deschamps principiou na horticultura sob a influência de seu pai e trabalhou como jardineiro-instrutor no reformatório de Mettray, centro-modelo na recuperação de jovens por meio de práticas de jardinagem. Por volta de 1845, aperfeiçoou-se no Jardin de Plantes de Paris, freqüentando possivelmente as aulas de Charles-François Brisseau de Mirbel (1776-1854), professor de cultura e adaptação de vegetais exóticos.



As praças da Concórdia e Louvais figuravam entre os primeiros espaços parisienses a receber fontes e equipamentos metálicos.
Postais do século XIX.
Coleção Guilherme Mazza Dourado (GMD).

No final da década de 1840, montou estabelecimento hortícola em Bordeaux, que fez rápido progresso e conquistou notoriedade, inclusive como fornecedor de plantas da prefeitura e para a festa municipal de recepção ao futuro Napoleão III [Limido 2002, p. 71.82].

Estrutura funcional

Deslocados para a capital, Alphand recebeu o cargo de engenheiro-chefe da reforma do Bois de Boulogne e Barillet-Deschamps, o posto de jardineiro-chefe nessa mesma obra, que inaugurou o capítulo verde do Segundo Império, convertendo uma antiga floresta real de caça em parque público. Por sua vez, Davioud foi encarregado de cuidar das construções e da especificação de uma ampla gama de equipamentos em ferro fundido para ornamentação, como fontes, bancos, lixeiras, postes de iluminação, quiosques, estátuas e gradis, que principiavam a aparecer no mercado francês.

O uso desses componentes nos jardins parisienses começou a ganhar visibilidade e prestígio com a reforma da Place de la Concorde, em 1838, onde foram empregados fontes e postes de iluminação realizados pela firma Muel de Tusey. Em 1839, foi a vez da praça Louvais receber uma fonte fabricada por Calla. Nesse mesmo ano, a exposição nacional tratou de evidenciar o estado da arte da produção de equipamentos de ornamentação urbana, apresentando o trabalho das fundições Val d'Osne, Durenne, Calla, Ducel e Muel. No entanto, coube a Davioud um papel decisivo para fortalecer e alargar a presença desses itens na paisagem da capital, a ponto de transformá-los em elementos indissociáveis da Paris reformada do Segundo Império. Quando o arquiteto não os encontrava nos catálogos das empresas, partia para encomendas específicas que atendessem as necessidades municipais [Sainte-Marie-Gauthier 2001, p. 79-80]. Assim, conforme sublinha Panzini, nascia

um sistema moderno de equipamento urbano, entendido como produto industrial, realizado em série e utilizado em quantidade relevante em situações diversas. Ele abarca dos manufaturados maiores, como gazebos, quiosques e gradis, aos intermediários, caso de bancos, palanques para

manifestações, fontes e proteção para os troncos das árvores, até os mínimos, como aqueles arquinhos em ferro que ainda hoje assinalam o contorno dos canteiros nos parques parisienses [Panzini 1993, p. 245-246].

À medida que os encargos cresciam no Service des Promenades et Plantations, mais técnicos qualificados e funcionários se uniam à equipe original. No segundo ano de funcionamento, em 1856, o quadro de integrantes já totaliza 118 pessoas [Sainte-Marie-Gauthier 2001, p. 254]. Nessa mesma época, era possível perceber mudanças significativas nas atribuições. Alphand passou a dirigir a seção e dividir a responsabilidade dos projetos de paisagismo com Barillet-Deschamps, que prosseguia a implantação de um sistema municipal de viveiros, auxiliado pelo paisagista, horticultor e periodista Édouard André (1840-1911), a partir de 1860 [Limido 2001, p. 87; Courtois 2002, p. 52].

O modelo funcional do departamento estava plenamente consolidado na década de 1860. Conforme ressalta Surand,

Alphand instituiu um sistema hierárquico que surpreende por sua modernidade. O engenheiro-chefe supervisionava duas seções principais, uma na Velha e outra na Nova Paris, e uma seção especial do Bois de Boulogne, cada qual sob a responsabilidade de um engenheiro da região; além de um setor de arquitetura dirigido por Davioud e um estabelecimento de horticultura confiado a Barillet-Deschamps [Surand 1991, p. 244].

Implantando squares

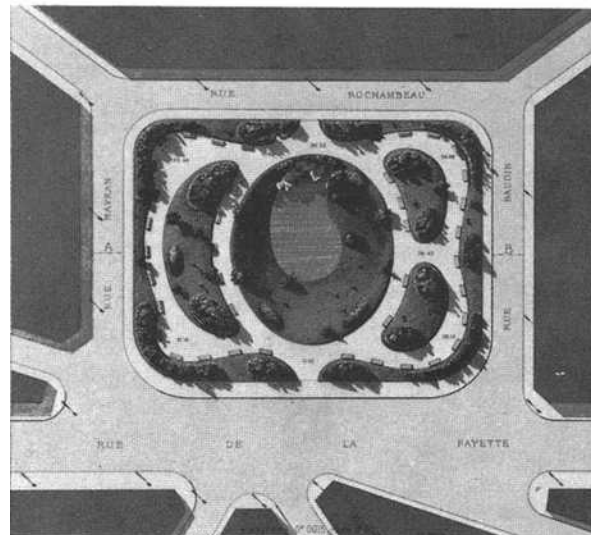
Uma vez ajustada a estrutura operacional, a divisão de Alphand foi capaz de alcançar resultados numa escala e velocidade desconhecidas na história da cidade. Entre 1855 e 1870, suas atividades contabilizaram mais de 100 km de *boulevards* e vias arborizadas; cinco grandes parques beneficiando todos os quadrantes urbanos, sendo dois novos (Buttes-Chaumont e Montsouris) e três completamente reformados (Bois de Boulogne, Bois de Vincennes e Monceau); afora 24 *squares* distribuídos na maioria dos bairros, embora com

maior concentração na Velha Paris [Sainte-Marie-Gauthier 2001, p 82-83, Texier-Rideau 2001, p. 68].

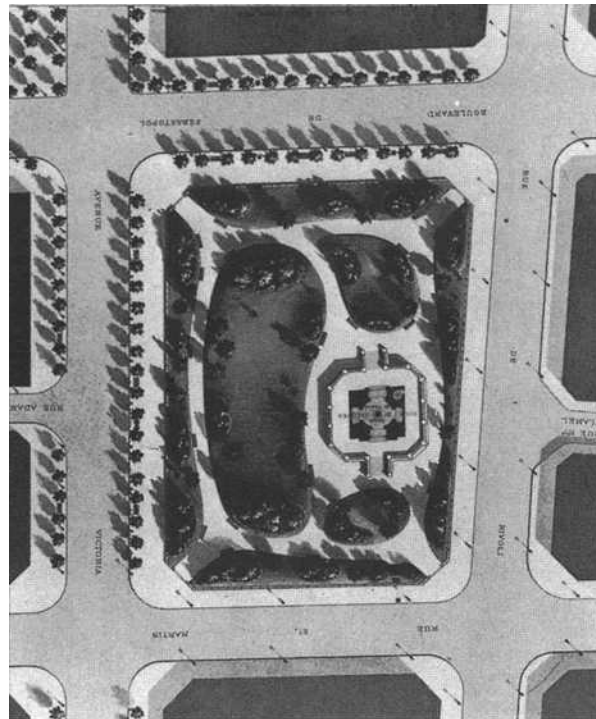
Peças-chave que asseguravam rápida visibilidade ao programa de melhorias paisagísticas de Alphand, os *squares* representavam mais uma tipologia incorporada ao repertório tradicional de espaços verdejantes parisienses. Pelo menos desde 1785, já havia quem se batesse pela difusão deles na capital, seguindo o exemplo de Londres. Era o caso de Jean-Baptiste Elie de Beaumont (1732-1786), autor de *Lettre sur l'embellissement et l'amélioration de Paris*, um opúsculo publicado naquele ano que sugeria a criação de dezenas de *squares* em Paris, situando-os em terrenos conquistados com a substituição de casas de baixo valor [Langlois 2001, p.55-56]. No entanto, foi o trabalho da equipe de Alphand responsável por firmar e ampliar a presença desses recintos ajardinados na paisagem da capital francesa.

O que definia o *square* parisiense? Era um jardim público cercado, de pequenas ou médias dimensões, rodeado geralmente de ruas e prédios e programado para atender a vizinhança ou bairro. Portanto, não se confundia com um parque municipal, cuja localização, escala e capacidade funcional eram bem distintas. Sua origem derivava da ação estatal, ao contrário do padrão londrino que resultava de operações imobiliárias da iniciativa privada, num processo inaugurado com a reconstrução da capital inglesa, após o incêndio devastador de 1666. Quanto ao ingresso, também havia diferenças. O modelo parisiense apresentava-se franqueado a todos os cidadãos, enquanto o londrino se direcionava apenas a um grupo seletivo de moradores das cercanias, que adquiriam o direito de usufruí-los, dispondo da chave do portão e responsabilizando-se pela manutenção [Panzini 1993, p. 144-146; Segawa 1996, p. 44].

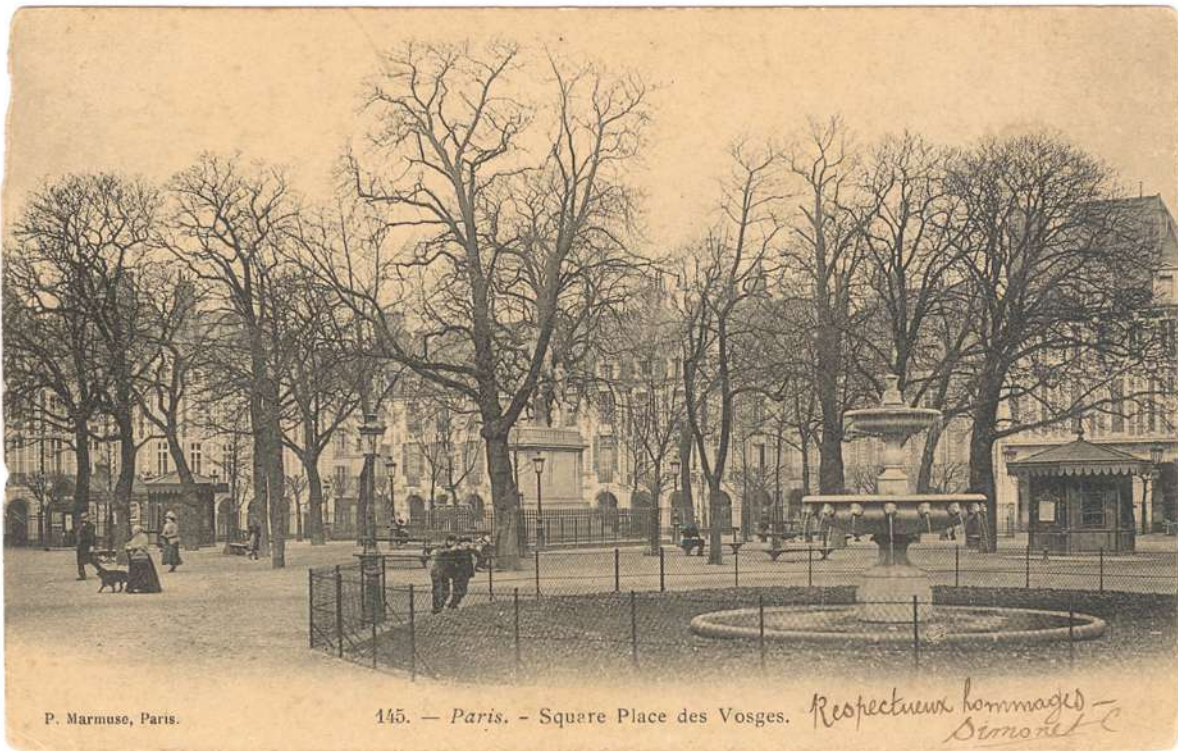
A formação do elenco de *squares* parisienses aconteceu segundo três procedimentos. Primeiro, em terrenos recém-conquistados por meio de demolições, como Saint-Jacques, Arts et Métiers, Montholon, Monge e Ménages. Segundo, pela transformação de antigas praças, caso de Batignolles, Belleville, Montrouge, Réunion e Grenelle. Terceiro, com o redesenho de jardim público ou *place plantée*, como Vosges, Vintimille e Louvois. Em todos os casos, eram ambientes guarnecidos com cercas e portões abertos em horários determinados, indicando a



Vista e plano do *square* Montholon.
Postal do século XIX, coleção GMD.
Desenho de *Les promenades de Paris*, de Alphand
(reproduzido de Panzini 1993, pág. 240).



Perspectiva e plano do *square* Saint-Jacques.
Desenhos de *Les promenades de Paris*, de Alphand
(reproduzidos de Texier 2001, p. 61, e Panzini 1993,
p. 240).



Place des Vosges, em Paris, e Hameau, em Versalhes.
Postal P. Marmuse, coleção GMD; e foto de GMD,
primavera de 1996.

crescente preocupação do Estado, principalmente de Napoleão III, em aprimorar os aparatos de segurança e controle da cidade, tendo ainda bem presente os efeitos das revoltas populares de pouco tempo atrás. Nesse sentido, os *squares* eram territórios públicos sem a possibilidade de circulação completamente livre e a qualquer tempo, como nos *boulevards*, *promenades*, *malls* e mesmo nas antigas *places plantées* [Texier-Rideau 2001, p. 68-71]. Essa característica provocou severa oposição de alguns intelectuais e filósofos. Walter Benjamin via nesse programa paisagístico nada mais do que um disfarce para mais repressão policial, apelidando-o maldosamente de *embellissement stratégique* [Panzini 1993, p. 223].

Jardim paisagista

Que tipo de solução plástica apresentava boa parte dos parques e *squares*? Eles adotavam a mesma sintaxe formal do jardim paisagista que vingou na Inglaterra do século XVIII? Foi a partir da década de 1760 que o jardim paisagista aportou e fez escola na França, respaldado pelo aparecimento de obras literárias que debatiam o retorno à simplicidade da natureza como antídoto à corrupção social - caso de *Julie ou La nouvelle Héloïse*, de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), publicada em 1761.

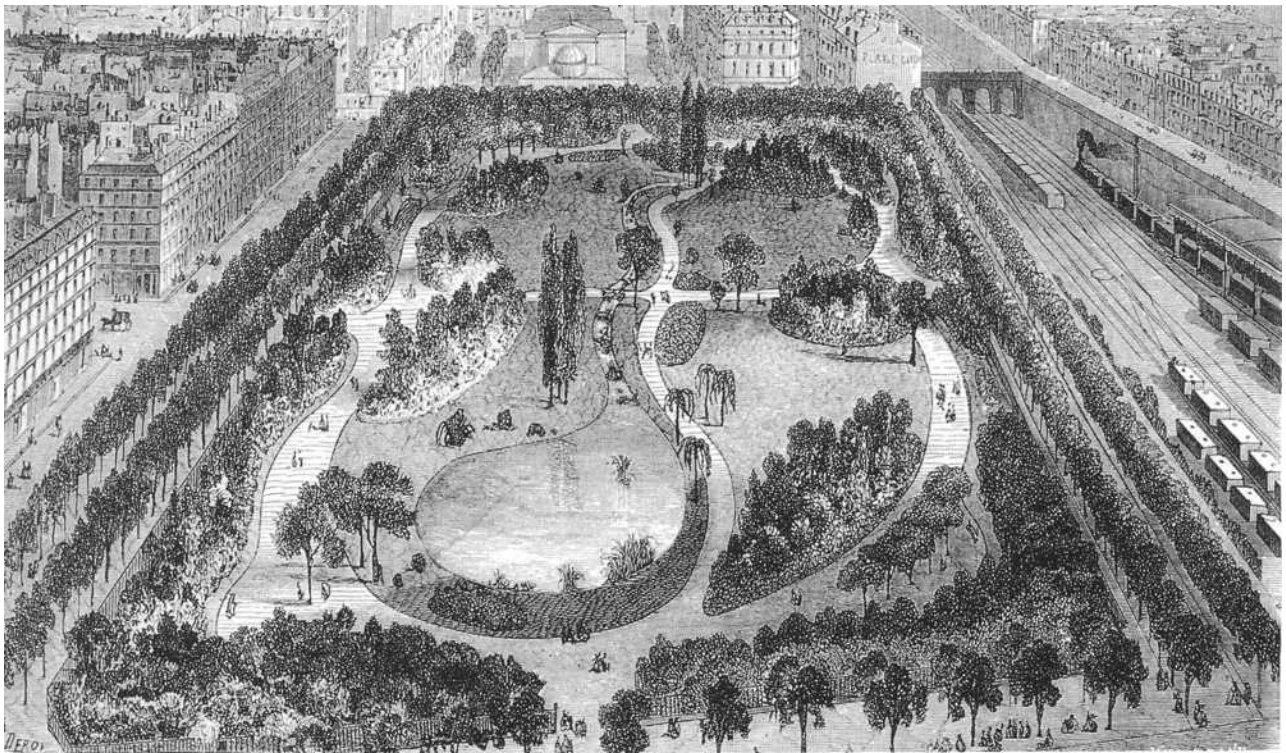
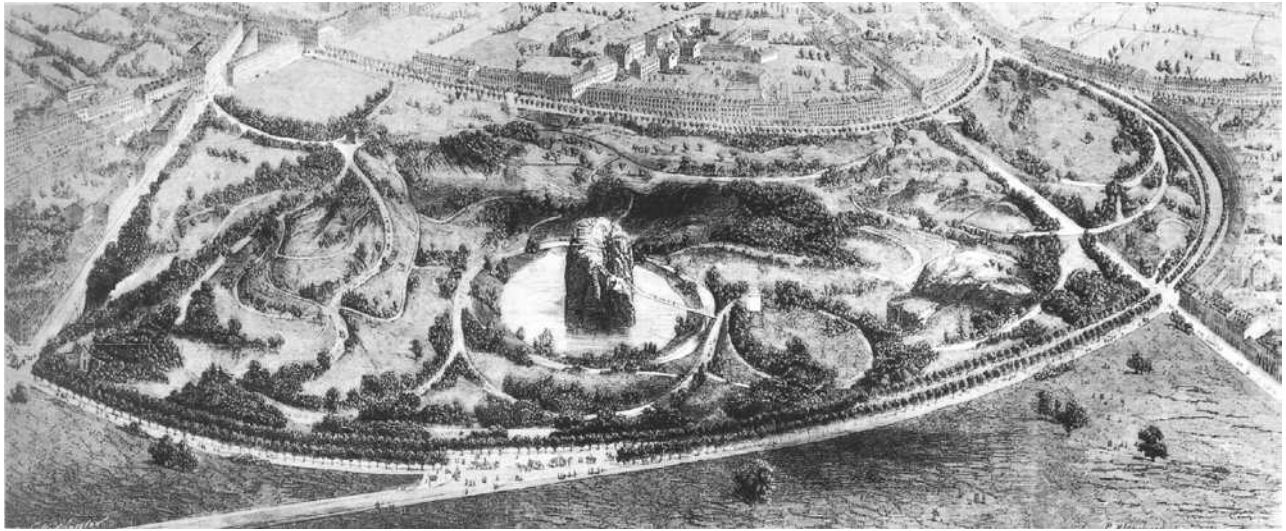
Figura próxima a Rousseau e viajante que conhecia de perto os parques rurais da Inglaterra, o marquês René Louis de Girardin (1735-1808) tratou de converter sua propriedade de Ermenonville, ao norte de Paris, em jardim paisagista. Entre 1763 e 1776, empenhou-se nessa tarefa com o auxílio do arquiteto e paisagista Jean-Marie Morel (1728-1810) e do pintor e paisagista Hubert Robert (1733-1808). Espaços com traçados irregulares e caprichosos, segundo o gosto pitoresco, também deram forma ao parque de Monceau, em Paris. Eles surgiram entre 1773 e 1778, por encomenda do duque de Chartres ao pintor Louis Carrogis (1717-1806), conhecido como Carmontelle. O nobre François Racine de Merville (1734-1797) pôs em marcha a execução de seu *Desert de Retz*, materializando mais um exemplo da aplicação do ideário do jardim paisagista, com grutas, ruínas e pavilhões salpicados em meio a cenários idílicos, montados nas vizinhanças

da capital francesa, no período pós 1774 [Conan 2001, p. 169-172; Mosser 2001, p. 151; Cendres 2001, p. 167-168].

Todavia, não era apenas a alta nobreza que estava a par dessa vaga e se esmerava em adotá-la em suas grandes propriedades, mesmo às vésperas do apagar das luzes do Absolutismo. A própria rainha Maria Antonieta (1755-1793) fez criar um jardim inglês para seu deleite pessoal e de seu séquito em meio aos domínios de Versalhes. Entre 1780 e 1782, o Hameau de la Reine foi implementado sob o comando do arquiteto Richard Mique (1728-1794) e do paisagista Antoine Richard (1735-1807), então responsável pelos jardins do Trianon de Versalhes [Courtois 2001A, p. 107-109].

No correr da primeira metade do século XIX, essa matriz plástica foi sofrendo transformações, a ponto de resultar na constituição de outro modelo compositivo que teve, entre seus melhores exemplos de aplicação, o conjunto de *squares* e parques de Paris, realizado a partir de 1853. Mas quais eram as características desse modelo chamado posteriormente, pelos franceses, de jardim paisagista moderno? Ele se voltava eminentemente ao meio urbano e podia ser adotado em todas as escalas de terreno, algo impossível no caso inglês do século XVIII, que dependia de grandes extensões rurais ou suburbanas para alcançar plenamente seus resultados. Ele mantinha a adoção de traçados curvos como princípio norteador da organização espacial, mas esses traçados atingiam maior complexidade e se tornavam mais entramados à medida que crescia a dimensão das áreas a serem projetadas. Esse modelo reabilitava o papel expressivo das partes, detalhes e artifícios compositivos, anteriormente diluído em favor da montagem de cenários que parecessem tão naturais quanto o próprio ambiente natural. Retomava um interesse pela profusão ornamental, com a supervalorização de ruínas, grutas, rocalhas, lagos e cascatas, além de usar e abusar de canteiros multicoloridos de flores e combinações inusitadas de plantas exóticas, recém-disponibilizadas pelos avanços da horticultura e do comércio vegetal, de modo geral.

Certamente essas mudanças não teriam se afigurado sem a influência direta de novos fluxos de idéias e agentes que despontaram do outro lado do canal da Mancha. Era o caso do



Parque Buttes-Chaumont (no alto) e *square* Batignolles.
Gravura de Blanchard, Musée Carnavalet;
e perspectiva de *Les promenades de Paris*,
de Alphand (reproduzidas de Texier 2001, p. 93 e 72).

polivalente arquiteto, paisagista e teórico escocês John Claudius Loudon (183-1843) que, afastando-se progressivamente das lições ortodoxas do pitoresco, tratou de restabelecer a importância dos canteiros e trabalhos hortícolas nos jardins [Panzini 1993, p. 165].

O Bois de Boulogne (1854-58) e os *squares* Saint-Jacques (1856) e Temple (1857) deram a largada para a experimentação dessa gramática plástica renovada. Pouco depois, despontaram mais alguns pontos altos de sua experimentação, como o parque Buttes-Chaumont (1864-67) e o *square* Batignolles (1862). Porém, fossem nessas ou nas demais realizações da equipe de Alphand, duas estratégias se tornaram elementos-chave: a manipulação de um repertório botânico pouco comum, especialmente plantas herbáceas e arbustivas com folhas ou flores significativas empregadas no desenho de corbelhas em meio aos gramados, e a intensa adoção de rocalhas, grutas e cascatas artificiais, fabricadas por uma peculiar categoria profissional - os *rocailleurs*.

Ornamentação rústica

A construção de grutas e elementos ornamentais com insólitas associações de formas humanas, animais e vegetais, empregando geralmente pedras e conchas unidas com argamassa, teve uma longa tradição nos jardins desde a Antiguidade clássica. Na França, essa prática surgiu no século XVI, mas as palavras *rocaille* e *rocailleur* que indicavam a prática e o praticante entraram em uso no início do século seguinte. Em 1636, *rocaille* era definida mediante duas acepções relacionadas: “um pedaço de mineral, pedra ou seixo de forma torneada que, associado com conchas, se utiliza para construir grutas artificiais e decorações de jardim” e “arte de escultura e arquitetura de grutas”, segundo o *Dictionnaire analogique de la langue française* [apud Racine 2001, p. 55-56].

Atravessando etapas de maior ou menor reconhecimento, essa atividade escultórica pautada na imitação de elementos dos reinos naturais e uso de materiais brutos perdurou e se modificou nos tempos seguintes. Contudo, foi no século XIX que ela alcançou visibilidade e proliferação inigualável no território francês. Com

o gosto em alta pelos cenários rochosos, cascatas e construções rústicas, houve um crescimento vertiginoso da demanda por esses trabalhos, a ponto deles se tornarem indissociáveis da noção de jardim público parisiense e francês da segunda metade do século XIX e primeiras décadas do XX [Racine 2001, p. 77-82].

Mas a busca de produzir conjuntos de pedras artificiais mais verossímeis e com dimensões próximas às escalas da paisagem natural não teria se operado sem uma revolução técnica. Testando novos meios de realizar suas fantasias pétreas, *rocailleurs* e jardineiros participaram da descoberta e aprimoramento do cimento Portland e concreto armado. Isso bem antes desses recursos serem assimilados pela engenharia civil e arquitetura. Racine sublinha que

do início do século XIX ao início do XX, é na criação de paisagens que são realizadas as mais freqüentes invenções e experimentações com o cimento moderno (cimento armado ou concreto armado), inclusive em grande escala [Racine 2001, p. 82].

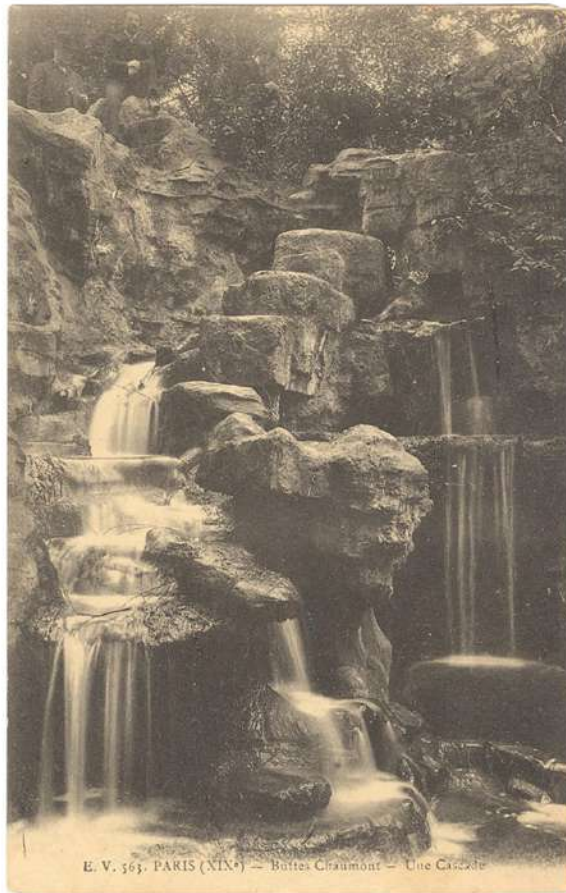
Na mesma medida que caminhava a passos largos a experimentação material, avançavam consideravelmente as páginas dedicadas pela tratadística francesa de jardins às rocalhas e ornamentações rústicas ao longo do século XIX. *Plans des plus beaux jardins pittoresques de France, d'Angleterre et d'Allemagne*, de Jean-Charles Krafft (1764-1833), editado entre 1809 e 1810; *Plans raisonnés de toutes espèces de jardins*, de Gabriel Thouin (1747-1829), lançado em 1819; *Manuel de l'architecture des jardins*, de Pierre Boitard (1789-1859), impresso em 1854; *L'art des jardins. Parcs, jardins, promenades*, de Alfred Auguste Ernouf (1817-1889), publicado em 1868 e relançado em co-autoria com Adolphe Alphand, em 1886; *Les promenades de Paris*, de Adolphe Alphand, impresso em 1873; *L'art des jardins*, de Édouard André, publicado em 1879; e *L'architecte paysagiste*, de Armand Péan, editado em 1886, foram alguns dos principais livros, entre um farto elenco em circulação pelo país, Europa e mesmo Américas, que ofereciam progressivamente mais repertórios plásticos e informações técnicas sobre a fabricação de pedras falsas e ornamentos com



Cascata artificial no Bois de Boulogne e, na página
ao lado, cenários rochosos em Buttes-Chaumont.
Foto e postais do século XIX.
Coleção GMD.



95. - PARIS. - Buttes Chaumont - La Grotte



E. V. 563. PARIS (XIX^e) - Buttes Chaumont - Une Cascade



Vista do Fleuriste de la Muette.
Desenho do *Bulletin de la Société Historique
d'Auteuil-Passy*, 1915 (reproduzido de Limido 2002,
p. 103).

formatos de troncos e galhos de árvores [Racine 2001, p. 69-74].

O marco da incorporação definitiva desses adornos aos espaços públicos franceses se delineou com a reforma paisagística de Paris, tendo Buttes-Chaumont como uma das vitrines que demonstrou o estado da arte dos *rocailleus*. Nesse parque, M. Combaz e sua equipe reconheceram a oportunidade de fazer um cenário rochoso mais audaz que a cascata que realizaram no Bois de Boulogne, pouco tempo antes. Eles trataram de aproveitar um outeiro pré-existente, redesenhando-o quase que completamente com a aplicação de rochas artificiais pré-moldadas em concreto armado e adicionando uma ampla gruta com cascata e falsas estalactites, também em concreto armado, que chegavam a 8 m de comprimento. Além disso, diversos recantos do parque foram guarnecidos com cercas e guarda-corpos que imitavam galhos entrecruzados, lançando-se mão da mesma técnica de moldagem com fôrmas e acabamento manual das texturas [Racine 2001, p. 87-88].

Mas os predicados que estavam definindo o programa verde parisiense não paravam aí. Componente tão ou mais importante que os cenários rochosos era o repertório vegetal, selecionado, produzido e mantido segundo um meticuloso trabalho a cargo de Barillet-Deschamps e sua equipe.

Sistema de viveiros

A partir de 1855, tomou corpo a decisão de estruturar um sistema municipal de viveiros capaz de prover todo o material botânico necessário à execução e conservação ao longo do tempo dos jardins públicos de Paris. Isso após algumas experiências frustradas de aquisição de mudas de árvores em fornecedores privados. Além deles não conseguirem oferecer quantidade com qualidade, os preços que estavam praticando colocavam em cheque a viabilidade do programa de ajardinamento municipal. Portanto, tornou-se essencial para o Service des Promenades et Plantations buscar a auto-suficiência na produção vegetal, se não quisesse ver seus planos irem por água abaixo [Limido 2002, p. 91].

A criação do sistema sob a responsabilidade direta de Barillet-Deschamps envolveu a formação de cinco viveiros, cada

qual com uma especialidade e num local diferente da cidade, entre 1855 e 1865. O primeiro deles foi o Fleuriste de la Muette, dedicado à produção de flores e plantas ornamentais em geral, situado anexo ao Bois de Boulogne. O segundo se concentrou em prover árvores e arbustos de folhas caducas, em Longchamp. O terceiro se voltou às coníferas, nas cercanias de Mare d’Auteuil. O quarto, localizado em Petit-Bry, tratou das *arbres d’alignement*, ou seja, das espécies destinadas à arborização das vias, selecionadas por suas características de crescimento rápido, formas bem definidas, sombra fechada no verão e resistência às doenças. Para os *boulevards* que dispunham de amplos espaços, preparavam-se mudas de árvores de grande porte, como plátanos, olmos, tílias e castanheiras (*Aesculus hippocastanum*). Já para as ruas de menor largura, cultivavam-se acácias, áceres, ailantos, bignônias-amarelas e quiris-chineses. O último viveiro consistiu numa filial do Fleuriste de la Muette, organizado em Vincennes à medida que Barillet-Deschamps expandia principalmente o emprego de corbelhas, *parterres* de flores e conjuntos de plantas com formas marcantes nos recintos públicos da capital [Limido 2002, p. 91; Panzini 1993, p. 245].

Fábrica de mudas

Em 1865, apenas o Fleuriste de la Muette já era capaz de disponibilizar mais de 870.000 mudas de plantas ornamentais de pequeno, médio e grande porte. O setor de flores provinha matéria-prima mais do que suficiente para uma contínua substituição dos espécimes logo que as inflorescências murchavam, assegurando que os jardins públicos estivessem permanentemente floridos entre abril e outubro, ou seja, do começo da primavera até o fim do outono [Limido 2002, p. 93]. Essa capacidade de fornecimento incomum, resultante de procedimentos bem próximos à racionalização industrial, não passou despercebida num artigo do *Le Moniteur Universel*, de 27 de novembro de 1863, que abordava a primeira ampliação das instalações do Fleuriste de la Muette. A matéria salientava a existência de mais de 24 estufas especializadas em plantas de climas frios, temperados e tropicais, que transformavam esse viveiro num estabelecimento “único na Europa”, comparável “a verdadeira fábrica onde os vegetais saem

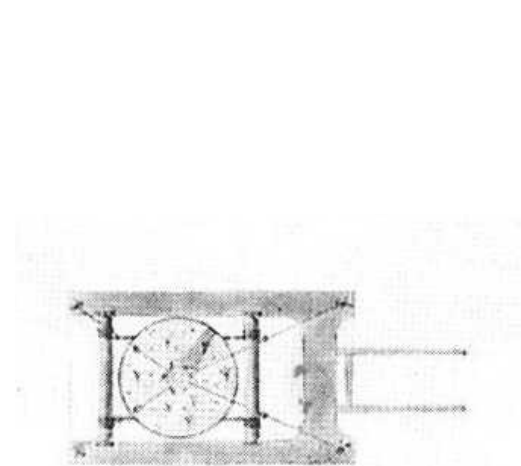
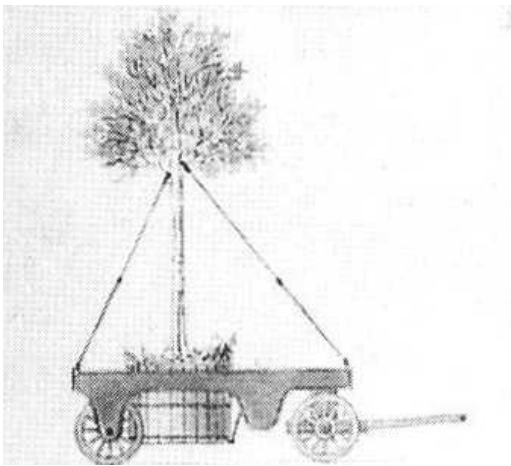
aos milhares e não se conhece desemprego”. Destacava igualmente a presença de uma

vasta estufa quente que cobre 433 m de terreno e está dedicada à cultura das palmeiras e outros grandes vegetais em número próximo de 2.000. Numa outra estufa, habitam 250 camélias, com 2 a 6 m de altura. (...) Uma estufa fria de 395 m contém uma coleção de mais de 300 variedades de camélias em caixas e vasos, uma coleção de eucaliptos e uma outra de mimosas, somando mais de 3.000 plantas no total [apud Limido 2002, p. 96].

Afora o considerável trabalho de preparação de mudas, o Fleuriste dedicava-se também à recuperação de plantas doentes e ao abrigo de espécies tropicais, como bananeiras, tinhorões, inhames-imperiais e inhames-gigantes, que eram retiradas dos jardins pouco antes do inverno e posteriormente recolocadas, logo que o clima permitisse. Mas essa atividade intensa não teria sido bem sucedida se Barillet-Deschamps não interagisse com uma dinâmica rede de contatos para obter plantas exóticas e trocar informações sobre modos de cultivo e combate de pragas. O paisagista correspondia-se especialmente com os jardins botânicos de Orléans, Lyon, Bordeaux, Bruxelas, Paris, Argélia, e com as sociedades hortícolas de Paris, Gironde e Gand, na Bélgica, além de outras instituições em várias partes da França e do exterior [Limido 2002, p. 93, 99].

Desse modo, Barillet-Deschamps não somente conseguia espécies pouco comuns como as ensaiava freqüentemente pela primeira vez em jardins públicos na Europa. Testemunhando o impacto dessa iniciativa na época, Édouard André reconhecia em seu artigo “Les jardins de Paris”, publicado em 1867, que a capital

foi surpreendida por uma procissão de carroças transportando árvores centenárias que, da noite para o dia, cobriram seus ombros senhoriais com novos jardins. Neles os maciços de arbustos e plantas raras prosperam em competição e a flora mais variada se compraz em lhes ornar ao longo de oito meses do ano. Em Saint-Jacques apareceram as primeiras wigandias em pleno solo, causando admiração em todo mundo pela beleza inusitada



Veículo desenhado por Barillet-Deschamps para facilitar o transporte de árvores de porte.
Projeto de Barillet-Deschamps, Wiener Satdt-und Landesarchiv, Viena (imagens reproduzidas de Panzini 1993, p. 245; e Texier 2001, p. 89).

de sua folhagem. Lá foram ensaiadas pouco a pouco as canas-indica, as colocásias do Brasil e da Índia, as bananeiras, as palmeiras da Argélia e de Bourbon, as figueiras da Amazônia [apud Limido 2002, p. 112].

Produto de exportação

O gosto por ornamentar praças e parques públicos especialmente com vegetação exótica se firmou na segunda metade do século XIX. Foi uma tendência que se disseminou em várias cidades da Europa. Todavia, poucas delas conseguiram atingir um patamar qualitativo e quantitativo equivalente ao da capital francesa. E nenhuma foi capaz de sedimentar um protótipo de jardim público tão influente na época quanto a Paris do Segundo Império. Conforme sintetiza Panzini, foi justamente a partir desse experimento que se consolida uma escola de profissionais e

triumfa o chamado estilo paisagístico moderno, então adaptado ao ambiente urbano: agradáveis composições de prados ondulados que formam depressões recortadas por caminhos e pequenos bosques graciosamente modelados, de canteiros verdes sulcados por leitos de flores coloridas, de arbustos floridos que emergem da massa das árvores [Panzini 1993, p. 250-251].

Muito além de influir apenas nos rumos da produção paisagística nacional, a Cidade Luz conseguira transformar a experimentação de seus parques e praças num produto notável de exportação cultural, cuja circulação transpôs em pouco tempo a própria Europa, avançando pelas paragens mais distantes do globo. Mas a expansão e a receptividade internacional desse modelo provavelmente não teriam o alcance que obtiveram sem a disposição de uma legião de paisagistas e horticultores franceses, ligados diretamente ou não a Alphand, Barillet-Deschamps e equipe, de aceitar encargos ou levar pessoalmente idéias e métodos de trabalho para territórios distantes, como a América do Sul.

FAZENDO A AMÉRICA

Dom Carlos Thays havia chegado do outro lado do mar. Vinha da doce terra da França, trazendo em seus olhos a visão harmoniosa da capital mais bela do mundo. Em nosso país, encontrou uma vasta cidade achatada e triste, edificada apenas pelo cinza das paredes sobre o pampa circundante. Talvez por isso quis se estabelecer entre nós desde o primeiro momento.

La Fronda, Buenos Aires, 1934.

No século XIX inaugurou-se um processo complexo, intenso e contraditório de mudanças na América do Sul. O jugo colonial luso-hispânico encerrou-se na maior parte de seu território, abrindo possibilidades inauditas de construção dos destinos nacionais. O progressivo rearranjo das finanças regionais, com o aumento das exportações de produtos agropecuários e da circulação de capitais promovida por investimentos internacionais, gerou novos centros de prosperidade abaixo da linha do Equador. Nesses países emergentes, o desejo de superar as mazelas da herança colonial aflorou paulatinamente entre as elites dirigentes, fazendo crer que havia chegado o momento de acertar os ponteiros nacionais com o relógio global, pondo-se em harmonia com as forças inexoráveis do progresso e da civilização. O sentimento de ruptura com a letargia do passado colonial avançou amalgamado às expectativas de repaginar todas as esferas do cotidiano local, almejando-se atingir o mesmo patamar de desenvolvimento das mais adiantadas nações européias. Nesse processo, urgia modernizar as cidades, investir na industrialização, atualizar os padrões de gosto, enfim transformar de cima a baixo o quadro material, social e cultural.

Nada mais se mostrou tão persuasivo para sedimentar tais

objetivos de adentrar a civilização e o progresso quanto se espelhar na Paris reformada e nos modelos culturais por ela irradiados sob a égide de Napoleão III, a partir da década de 1850. Assim se consolidou e se alastrou uma francofilia na América do Sul, que teve expressão notável no campo do paisagismo, impulsionando a realização de parques, jardins públicos e programas de arborização que revolucionaram as feições dos principais centros urbanos locais, difundindo novos espaços e hábitos na esfera residencial e incrementando o comércio de plantas ornamentais.

Argentina

No contexto sul-americano, a Argentina foi um dos primeiros países que abriu um mercado de trabalho para horticultores e paisagistas franceses, recorrendo amplamente aos serviços desses técnicos para implementar melhorias nas principais cidades do país. Entre os primeiros e mais importantes deles, estavam Édouard André, Eugène Courtois e Charles Thays.

Em 1867, o cônsul francês John Le Long e o embaixador argentino Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888), pouco depois empossado na presidência da Argentina, iniciaram uma articulação para que Édouard André elaborasse um plano paisagístico para Buenos Aires, então principal centro mercantil e porto nacional, que disputava abrigar a capital do governo federal. Nesse ano, Sarmiento, que estava em Paris para acompanhar a exposição universal, conheceu André por intermédio de Le Long e foi acompanhado pelo paisagista em visita aos viveiros municipais [Berjman 1998, p. 35-42].

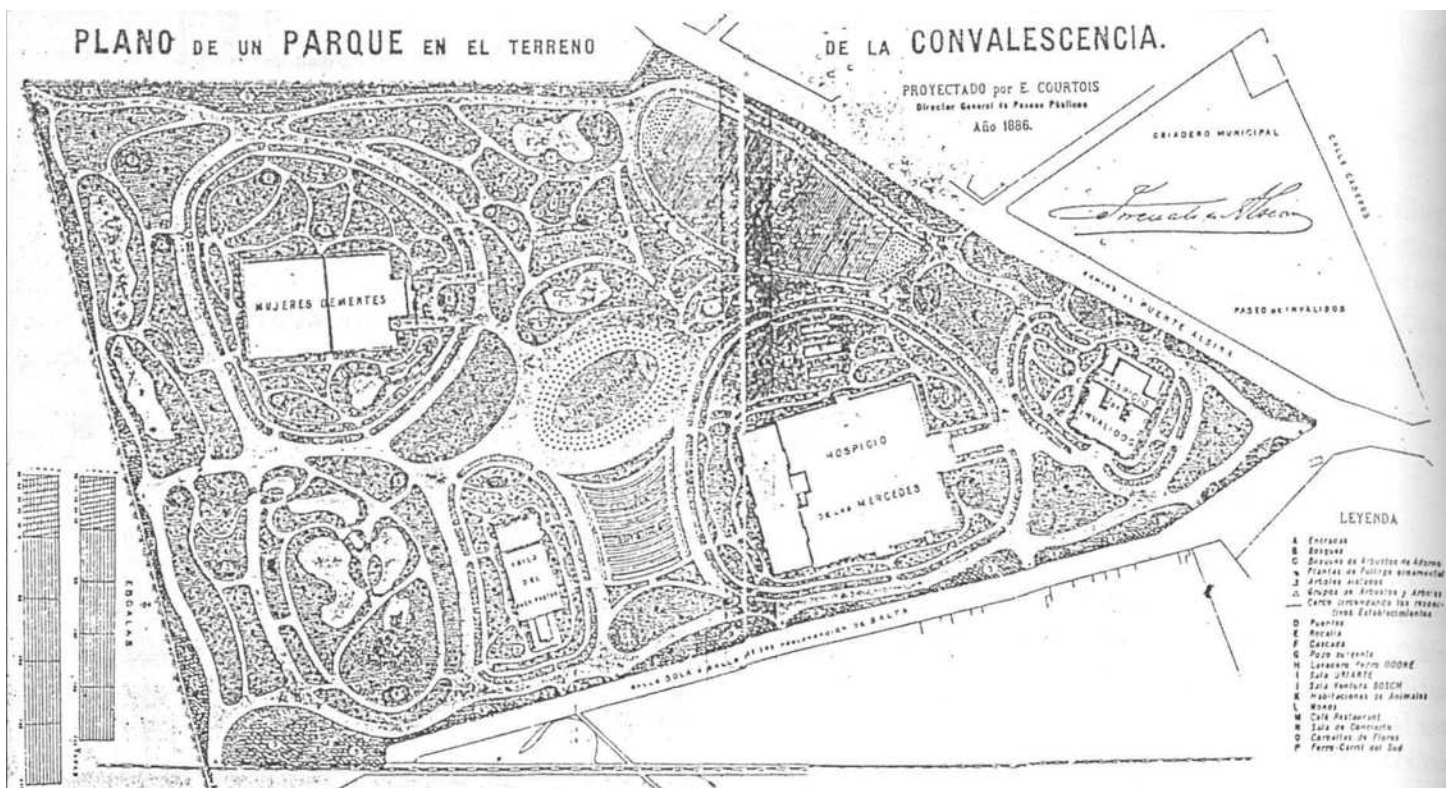
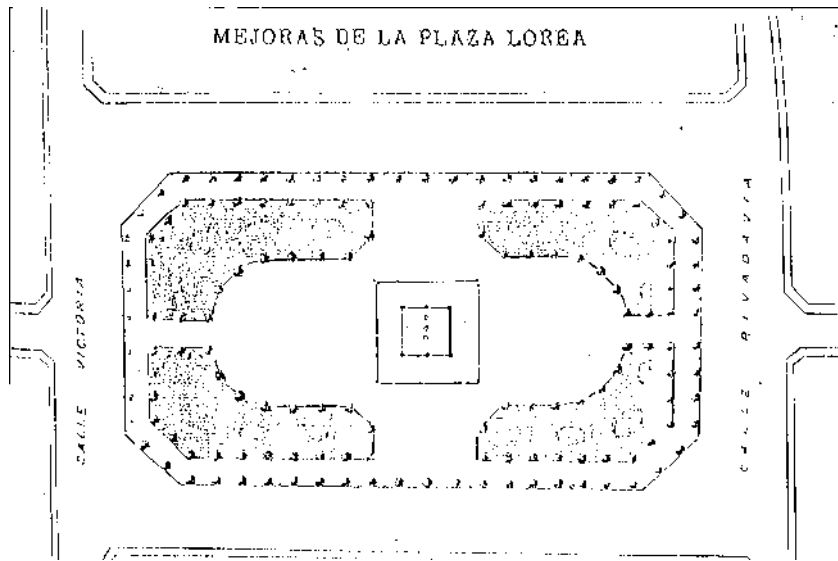
Édouard André

Quem era o paisagista escolhido por Le Long e Sarmiento? Natural da cidade de Bourges, na região central da França, Édouard André era então um jovem de 28 anos, que principiava a se notabilizar como paisagista, horticultor, pesquisador botânico e teórico dos jardins. Discípulo de Adolphe Alphand e Pierre

Barillet-Deschamps, André trabalhou no Service des Promenades et Plantations de Paris, a partir de 1860, primeiro nos viveiros do Fleuriste de la Muette e depois acumulando mais responsabilidades, como a especificação botânica do parque Buttes-Chaumont, realizada entre 1864 e 1867. Nesse mesmo ano, venceu o concurso internacional para o parque Sefton, em Liverpool, Inglaterra, que funcionou como seu passaporte para a conquista de mais trabalhos no exterior, caso de parques e intervenções paisagísticas na Dinamarca, Holanda, Itália, Luxemburgo, Suíça, Lituânia e Bulgária [Courtois 2002, p. 52-55].

Em 1870, André assumiu o posto de redator-chefe da revista belga *L'illustration horticole* e, em 1882, a mesma atribuição na revista francesa *Revue horticole*, que figuravam entre os mais destacados impressos sobre jardins e plantas ornamentais na época. Sua obra editorial máxima foi *L'art des jardins. Traité général de la composition des parcs et jardins*, publicada em 1879 e reconhecida posteriormente como um dos trabalhos fundamentais no gênero escrito no século XIX. Além de intensa atividade prática e teórica, André foi professor de arquitetura de jardins na École Nationale d'Horticulture de Versailles, entre 1892 e 1901 [Courtois 2001, p. 43-54; Durnerin 2002, p. 94].

Em outubro de 1868, a proposta de André para Buenos Aires foi enviada a Sarmiento. Em linhas gerais, consistia em redefinir e articular uma série de áreas verdes, reformando estruturas preexistentes e acrescentando novos espaços, segundo tipologias características e estratégias adotadas em Paris. O ponto de partida era tratar com vegetação sete praças antigas, moldando-as como os *squares* desenhados por Alphand e Barillet-Deschamps. Além delas, seria criado um *square* de grandes proporções, com a fusão das praças 25 de Mayo e Victoria (atual Plaza de Mayo), que se projetaria em meio círculo na direção do rio da Prata. A parte mais complexa do projeto envolvia a formação de um parque linear margeando o rio e, junto a ele, a implantação de um *boulevard*, um dos primeiros da capital, que ligaria Barracas a Palermo, ramificando-se em avenidas menores e sendo arrematado por um grande parque situado nesse bairro. Apesar dos esforços de Le Long, que até abril de 1869 prosseguiu cobrando alguma definição da parte de Sarmiento, o detalhamento



Projetos de Courtois: praça Lorea, 1884, e parque Convalescencia, 1886.
 Desenhos da *Memoria de la Intendencia Municipal de la Ciudad de Buenos Aires*, 1884 e 1886
 (reproduzidos de Berjman 1998, p. 83 e 86).

e a execução do plano não seguiram adiante [Berjman 1998, p. 43].

Eugène Courtois

O trabalho de André constituiu o prenúncio da aplicação das pautas parisienses nas iniciativas da municipalidade portenha. Todavia, coube ao paisagista Eugène Courtois a tarefa de materializá-las intensa e extensamente nos espaços públicos bonaerenses, quando esteve no comando da Diretoria de Passeios, em períodos alternados, entre 1878 e 1889 [Berjman 1998, p. 73; Berjman 2001, p. 145]. De perfil mais prático que teórico, Courtois iniciou sua carreira na França como professor de botânica e horticultura e ocupou o posto de 2º jardineiro responsável pelos viveiros da Escola de Medicina de Paris. Munido dessas credenciais, transferiu-se para Buenos Aires em 1860 e, tempos depois, ingressou como jardineiro no departamento municipal de áreas verdes [Berjman 2002, p. 110].

A atuação de Courtois à frente dos jardins portenhos confunde-se com o momento de transformação da cidade colonial em capital cosmopolita, que almejava ser uma Paris da América do Sul. Respalhado pelo prefeito Torcuato de Alvear (1822-1890) que deu andamento a um projeto drástico de atualização da infraestrutura urbana e afrancesamento das feições da cidade, o paisagista encontrou condições para desenvolver o mais importante programa de ajardinamento público até então realizado em Buenos Aires.

Do mesmo modo que Alphand e Barillet-Deschamps em Paris, Courtois focalizou o início de seu trabalho na remodelação dos espaços públicos preexistentes, algo que poderia fazer com uma provisão contida de recursos e alcançaria visibilidade de resultados quase que imediata. Concentrou-se na reforma das antigas praças de desenho hispânico, metamorfoseando-as de territórios apenas calçados em ilhas verdejantes, que esbanjavam canteiros floridos, gramados e maciços de árvores e incorporavam, pela primeira vez, itens programáticos do jardim público parisiense, como ruínas artificiais, grutas, lagos, pontes, cascatas e fontes metálicas. Todavia, não converteu boa parte



Rocalhas construídas por Ulrico Courtois, na praça
Constitución.
Postal sem crédito; e postal a partir de foto de
E. C. Moody, editor R. Rosauer; ambos do final do
século XIX.
Coleção GMD.

desses espaços em *squares*, ou seja, jardins públicos de pequena e média escala, cercados e com acesso controlado, mediante horários específicos de abertura e fechamento dos portões. As intervenções do paisagista se estenderam às praças Flores, 6 de Junio (atual Vicente López), 29 de Noviembre (atual Garay), Mayo, Constitución, San Martín, Lavalle, Gral. Belgrano, 11 de Setiembre (atual Miserere), Libertad, Lorea, Herrera, Güemes, Virrey Vértiz e Intendente Casares, no Jardim Botânico [Berjman 1998, p. 84].

Estratégias formais

Para o redesenho de boa parte das praças, Courtois preferiu elaborar composições geométricas inspiradas nos jardins clássicos franceses, na contramão do tipo de traçado que norteou a maioria dos *squares* da capital francesa. Por outro lado, reservou a aplicação de soluções curvilíneas características do jardim paisagista moderno aos espaços de maior envergadura, como o Parque 3 de Febrero, o Paseo Intendente Alvear, o Paseo de la Convalecencia (atual Plaza España) e a Plaza Constitución. Além disso, atribuiu papel destacado a outros ingredientes compositivos, como grutas artificiais, rocalhas e falsas ruínas. Na realidade, Courtois foi um dos promotores da introdução desses elementos nos jardins públicos bonaerenses, a partir da década de 1880, destacando-se as fantasiosas construções de rochas artificiais nas praças Constitución, 29 de Noviembre e San Martín e no Paseo Intendente Alvear [Berjman 1998, p. 79].

A gruta da Recoleta surgiu em 1882, sendo possivelmente a primeira de maior porte feita nos espaços verdes da capital. Era formada por caverna com estalactites, mirante e rocalhas. Em 1886, o conjunto pétreo da Plaza 29 de Noviembre foi erguido pela empresa de Guillermo Crettet. Apresentava gruta e cascata que se desenvolviam numa área de 7 x 6 m e chegavam a 7 m de altura, afora ponte rústica que imitava troncos de madeira sobre o lago. Nesse mesmo ano, despontou também a gruta da praça San Martín. Mas o cenário rochoso mais extravagante foi aquele construído para a Plaza Constitución. Tratava-se de obra do arquiteto Ulrico Courtois que, apesar do mesmo sobrenome, não tinha parentesco com o paisagista. A proposta era um misto de

castelo medieval em ruínas, gruta e cascata, que se soerguia a 10 m de altura e dava a impressão de estar na iminência de tombar. Foi de longe o trabalho mais polêmico no gênero realizado na capital portenha, que mereceu ampla cobertura da imprensa e suscitou ferrenhos detratores e não menos veementes defensores [Schávelzon, Magaz 1989, p. 54-7; Berjman 1998, p. 79-80].

Arborização e viveiro

Em paralelo à transformação dos parques e jardins, Courtois se dedicou à arborização de vias, dispondo aléias da mesma espécie e com plantio equidistante dos exemplares para obter conjuntos de marcante homogeneidade, como os padrões da capital francesa. Apenas em 1888 chegou a plantar 6.000 árvores ao longo das avenidas. E fez evidenciar seu trabalho em eixos importantes de circulação, transformando-os em *boulevards*, como as avenidas Callao-Entre Rios, Rivadavia, Córdoba, Calle Larga de la Recoleta, Belgrano, Camino de Palermo e Paseo de Julio [Berjman 1998, p. 78]. Mas tanto a realização desses corredores verdes quanto a implementação e a reforma dos parques e jardins públicos não teriam sido possíveis se o paisagista não houvesse incluído entre suas prioridades a formação de um viveiro de plantas, do mesmo modo que fizeram Alphand e Barillet-Deschamps com o Fleuriste de la Muette.

Situado no bairro de Barracas, esse centro produtor denominado Jardín del Sud foi montado em setor anexo ao Paseo de la Convalecencia e serviu também de sede da Diretoria de Passeios. Sua meta era promover, em breve tempo, a auto-suficiência das necessidades municipais. Em 1883, ele já disponibilizava 5.300 mudas em vaso e 7.000 espécimes em canteiros. Dois anos depois, fornecia 23.203 plantas, entre as quase 90.000 que estavam em cultivo, dispensando então a prefeitura de qualquer compra adicional em viveiros particulares. Afora a cultura de espécies exóticas, mormente aquelas celebrizadas pela Paris reformada, como plátanos, salgueiros e tantas outras, esse viveiro possibilitou a Courtois testar e introduzir plantas nativas da Argentina com potencial ornamental

-



Boulevard arborizado por Courtois: avenida Callao.
Postal Edición Z. Fumagali, Buenos Aires; postal
Edición Carmelo Ibarra, Buenos Aires; ambos
do final do século XIX.
Coleção GMD.

caso das tipuanas -, e também plantas tropicais no auge da fama - como as vitórias-régias -, exibidas pela primeira vez publicamente na capital num espelho d'água no Paseo Intendente Alvear [Berjman 1998, p. 79, 84-5].

Fazendo um retrospecto crítico do papel exercido pelo paisagista, Berjman ressalta que,

apesar das ações executadas antes do governo de Alvear, não há dúvida de que a fratura real entre a praça de tradição hispano-americana e a instalação do jardim público francês se deu com a tarefa realizada por Eugène Courtois [Berjman 2001A].

Além do mais, Buenos Aires deve ao paisagista ter sido a primeira capital sul-americana a dispor de um viveiro municipal com eficiência e profissionalismo comparáveis às estruturas parisienses de fornecimento de plantas, algo que levaria mais algum tempo para acontecer em outras capitais do continente.

Charles Thays

A partir de 1891, foi a vez do paisagista Charles Thays (1849-1934) registrar uma vasta folha de serviços não apenas como diretor de passeios de Buenos Aires, mas também com trabalhos em várias províncias argentinas e em outros países vizinhos, como veremos adiante. É possível afirmar, sem nenhum exagero, que Thays foi o paisagista francês mais atuante na América do Sul entre a última década do século XIX e as duas primeiras do XX, legando um conjunto de realizações estimado em duas centenas, somando obras públicas e privadas [Berjman 2002, p. 111].

Nascido em Paris, Jules Charles Thays foi aluno de Édouard André e, com o tempo, passou de seu colaborador a sócio em trabalhos na Áustria, Holanda, Inglaterra e Suíça. Em 1889, foi contratado pelo prefeito Miguel Crisol para projetar e implantar um parque em Córdoba e seguiu para lá. Pretendia demorar-se um ou dois anos na Argentina. Contudo, mudou seus planos e radicou-se em Buenos Aires, em 1891, ao vencer o concurso para a Diretoria de Passeios dessa cidade, função que desempenhou até sua aposentadoria, em 1914. Nesse meio tempo, casou-se com a argentina Cora Venturino e iniciou uma família que teve várias

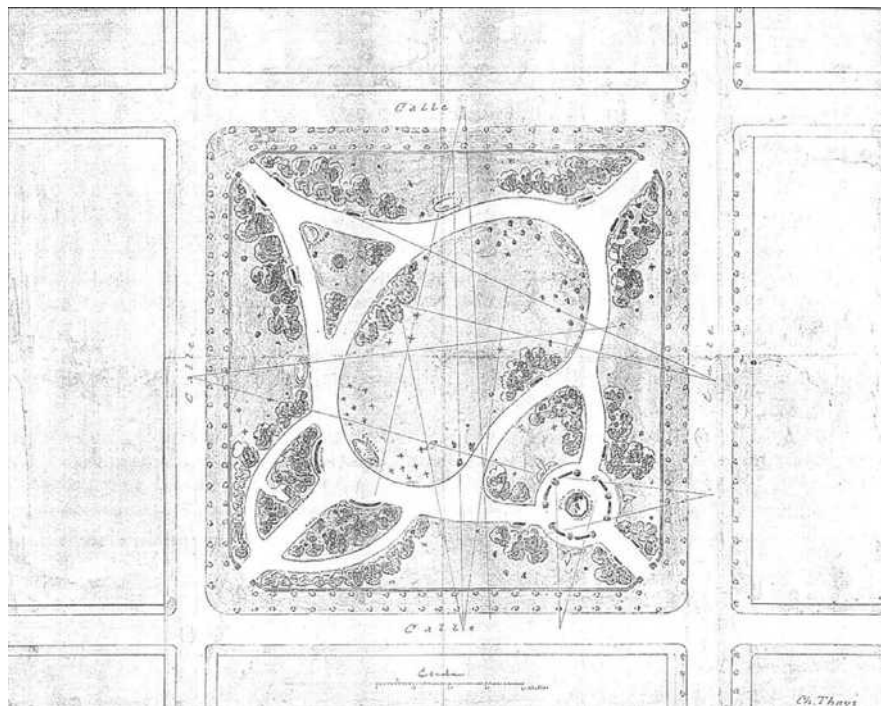
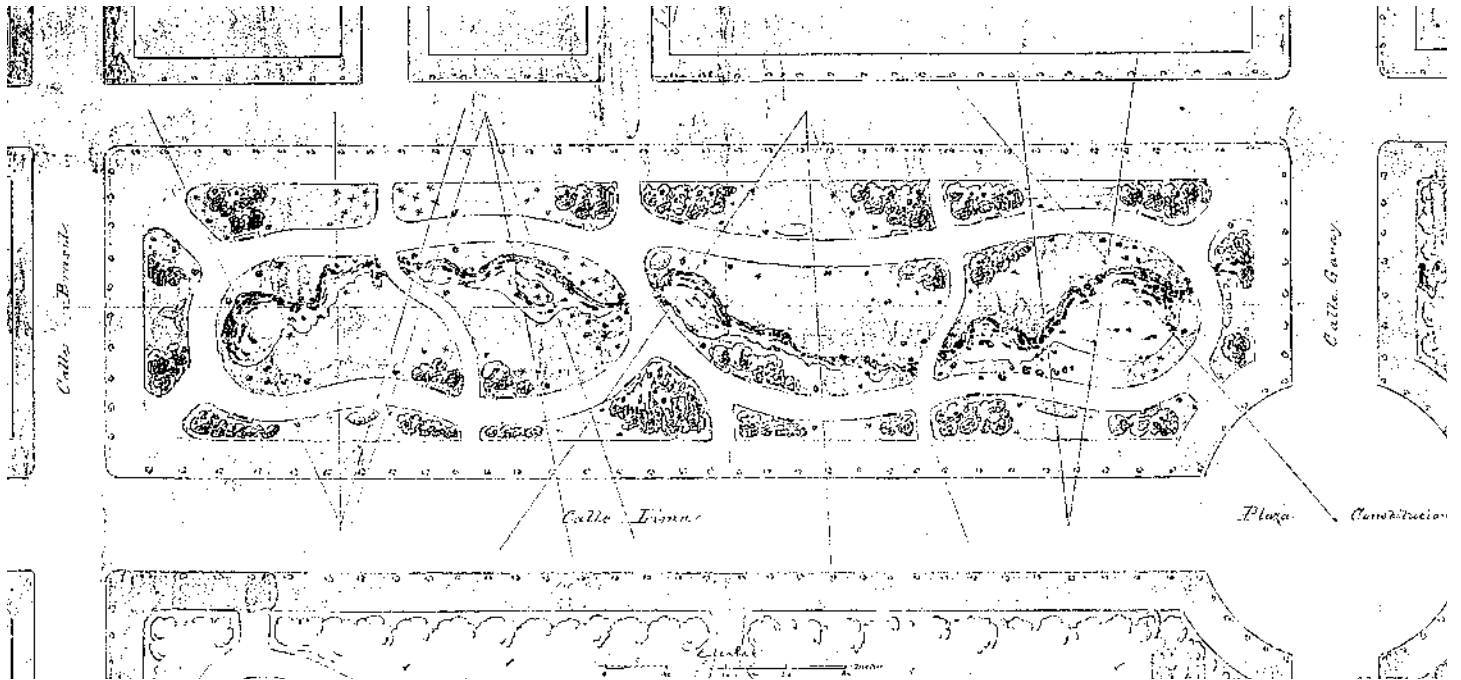
gerações dedicadas ao paisagismo [Berjman 1998, p. 106, 141].

Além de fértil projetista, Thays foi um ativo escritor e pesquisador dos jardins e da flora, particularmente a sul-americana. Entre 1883 e 1893, foi colaborador permanente da *Revue horticole* e do *Journal de la Société Nationale d'Horticulture de France*, dois dos mais importantes periódicos europeus sobre horticultura entre a segunda metade do século XIX e início do XX, nos quais publicou mais de meia centena de artigos sobre diversos assuntos [Berjman 2002, p. 17]. Também escreveu dois livros: *El jardín botánico de Buenos Aires*, de 1910, considerado posteriormente o primeiro volume sobre arte dos jardins editado na Argentina, e *Les forêts naturelles de la République Argentine*, de 1913, que tratava da vegetação que conheceu em suas viagens pelo interior do país. Em meio a seu largo interesse e experimentação com plantas autóctones, duas ações se destacaram: a difusão maciça das tipuanas (*Tipuana speciosa*) para arborização urbana, tendo sido responsável por torná-las marca registrada de Buenos Aires, e a demonstração do amplo potencial econômico da erva-mate (*Ilex paraguayensis*) [Berjman 1998, p. 110-111, 133-134].

Diretor de passeios

O êxito no concurso para diretor de passeios portenhos foi a motivação principal que fez com que Thays trocasse definitivamente Paris por Buenos Aires. Aberto em razão do falecimento do ex-responsável pelo serviço, o paisagista alemão Wilhem Schübeck, o concurso atraiu seis candidatos qualificados, havendo também outro francês, o paisagista Alfonso Flamant, futuro autor do parque municipal de Bahía Blanca (1906). Os participantes cumpriram duas etapas de provas, na forma de avaliação escrita e argüição oral. Thays destacou-se em ambos os testes, apresentando uma performance singular que obteve reconhecimento unânime do júri e lhe assegurou a escolha para o cargo [Berjman 1998, p. 118-119].

Nessa ocasião, o paisagista deu provas consistentes de sua erudição e capacidade de trabalho. No esboço de sua apresentação



Projetos em estilo paisagista moderno (no alto) e misto, elaborados por Charles Thays para o concurso de diretor de Passeios de Buenos Aires, em 1891.

Acervo da família Thays, Buenos Aires (reproduzidos de Berjman 1998, p. 124).

escrita, Thays deixou registrado que conhecia profundamente todos os aspectos relacionados à cultura paisagística, fossem eles de história, estética, salubridade, horticultura, combate de pragas e estrutura funcional de um departamento de jardins públicos. Contudo, reservou o desfecho de sua explanação para fazer recomendações sobre melhorias e ampliação do conjunto de espaços verdes da capital, revelando que não somente constataria deficiências nos jardins existentes, mas já tinha planos de como enfrentá-las. Para os novos recintos a serem empreendidos, Thays defendeu a adoção do estilo paisagista moderno ou versões abrandadas dele (conhecidas por estilo misto ou compósito, que associava composições regulares e irregulares, segundo o tratado de Édouard André). Argumentou para a necessidade de dilatar e especializar o viveiro municipal, diversificando a produção de espécies, aumentando a produção de flores e dedicando novas instalações ao cultivo de árvores, certamente tendo em mente a experiência parisiense conduzida por Barillet-Deschamps, que ele conhecera de perto e em detalhe. Chegou mesmo a se deter na avaliação de quais essências exóticas eram ideais ou problemáticas para a arborização viária de Buenos Aires, listando-as em dois grupos que tratavam, respectivamente, das espécies caducas e das perenes [Berjman 2002, p. 199-221].

As árvores caducas eram indicadas para ruas de menor largura, em razão de favorecer a exposição solar dos imóveis e dos pedestres, no inverno; em avenidas ou vias amplas, elas poderiam ser combinadas às espécies perenes, de modo a proporcionar situações variadas ao longo do ano. Na primeira categoria, Thays recomendava o uso de plátanos (*Platanus orientales*), áceres (*Acer negundo*), álamos-prateados (*Populus alba*), cinamonos (*Melia azerdarach*), olmos (*Alnus campestris latifolix*), freixos (*Fraxinus excelsior*), amoreiras-brancas (*Morus alba*), tílias (*Tilia argentea*), noqueiras (*Juglans regia*) e alnos (*Alnus cordifolia*). E fazia restrições ao emprego de álamos-americanos (*Populus canadensis*), chorões (*Salix babylonica*), castanheiras-da-índia (*Aesculus hippocastanum*), além de *Acer pseudoplatanus*, *Tilia mollis*, *Sophora japonica* e *Geditichia triacanthos*. No segundo elenco, o paisagista dava seu aval para duas espécies de ligustros (*Ligustrum japonicum* e *Ligustrum ibota*), grevilhas (*Grevillea robusta*) e magnólias (*Magnolia grandiflora*), e apontava limitações ou impedimentos ao plantio

de espécies de eucaliptos e casuarinas (*Eucalyptus globulus*, *Eucalyptus giganteus*, *Casuarina equisetifolia*), afora *Schinis molle* [Berjman 2002, p. 211-214].

Ao listar e comentar esse elenco vegetal, Thays reforçava mais uma vez que estava a par dos exemplos de *arbres d’alignement* utilizados nas vias da Paris de Haussmann. Entretanto, com o avançar de seu conhecimento sobre a flora argentina e sul-americana, não ficou restrito a eles. Pelo contrário, tratou de estudar outras possibilidades de estender o repertório vegetal adequado à arborização viária, incluindo espécies autóctones até então desconhecidas ou pouco valorizadas para tal fim nos centros urbanos argentinos. Foi o caso das tipuanas (*Tipuana speciosa*) e dos jacarandás-mimosos (*Jacaranda mimosifolia*) que, a partir de seu trabalho, se multiplicaram em diversas vias bonaerenses e constituíram alternativas regionais de arborização pública que avançaram rapidamente além das fronteiras argentinas, influenciando diversas cidades nas regiões sul e sudeste do Brasil, como se verá mais à frente.

Metas ambiciosas

Em seu primeiro relatório de atividades, tratando do período de 1891 a 1892, Charles Thays expôs metas para a consolidação de um sistema verde capaz de atender aos quadrantes da capital bonaerense, seguindo a mesma lógica parisiense de hierarquização e pulverização estratégica de espaços ajardinados de norte a sul da cidade. Somando o conjunto preexistente aos sete jardins em andamento e nove em projeto, o paisagista tencionava elevar para mais de 700 ha as extensões verdes da capital. Para dar a dimensão do que isso significava, Thays lançou mão de uma comparação com Paris [Berjman 1998, p. 127].

O paisagista informava que as estruturas principais do sistema verde parisiense eram parques de maior extensão localizados nos pontos cardeais da trama urbana, assim distribuídos para permitir que todas as regiões se beneficiassem da purificação do ar. Havia o Bois de Boulogne (847 ha), a oeste, o parque Buttes-Chaumont (42 ha), a norte, o Bois de Vincennes (921 ha), a leste, e o parque Montsouris (16 ha), a sul. Se seu plano fosse aceito, Buenos Aires teria, além do antigo parque 3 de

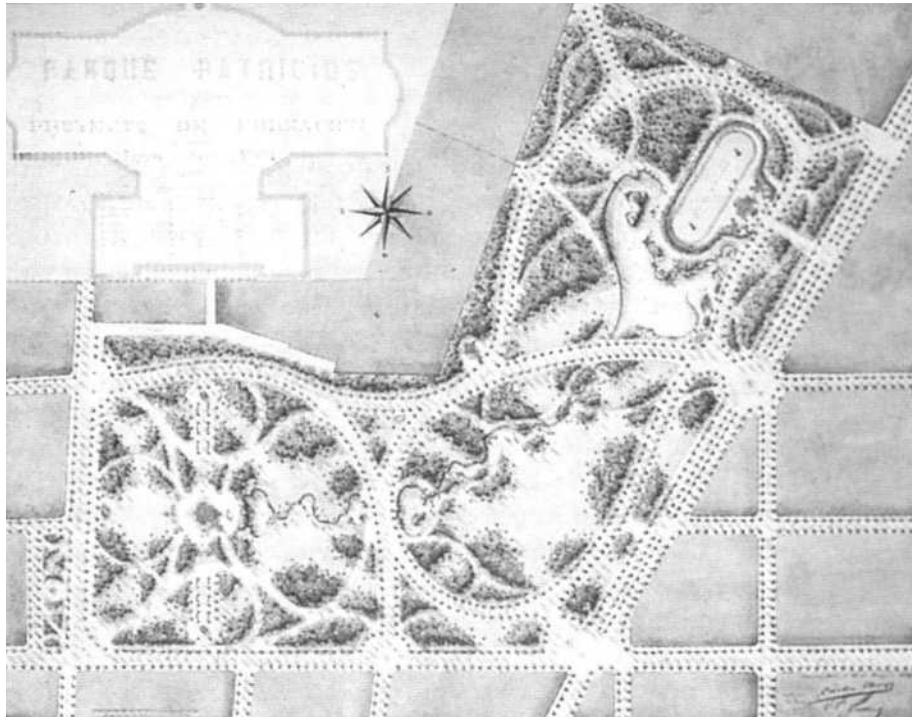
Febrero (408 ha), a norte, os novos parques Convalescencia e Rivadavia (42 ha), a sul, e o também novo parque La Chacarita (150 ha), a oeste. Prosseguindo o raciocínio, Thays afirmava que a capital francesa oferecia 1.912 ha de espaços verdes para 2.425.000 habitantes, o que resultava num índice de 7,83 m² de jardins por morador. Para Buenos Aires, sua meta era chegar aos 779 ha de verde, com os novos parques e demais praças descritas, que atenderiam à população de 550.000 indivíduos, alcançando-se assim uma taxa de 14,17 m² de verde por morador. Portanto, ele almejava atingir o dobro da relação parisiense de área verde por habitante [Berjman 1998, p. 127].

É possível que a exposição desses índices tenha sido a pedra de toque que selou a aprovação das intenções de Thays pelas autoridades municipais, num momento de crescente interesse e apoio à multiplicação de jardins públicos como meio de alcançar prestígio e reconhecimento para o Estado. Ou quem sabe se a apresentação desses dados não serviu para tocar num ponto fraco dos dirigentes locais, atiçando-lhes a vaidade, com a perspectiva de não apenas ombrear, mas suplantar os feitos paisagísticos de Paris. Seja lá como tenha sido, o fato é que a estratégia deu certo e Thays, nos tempos que se seguiram, conseguiu realizar bem mais do que propunha seu informe inicial de trabalho.

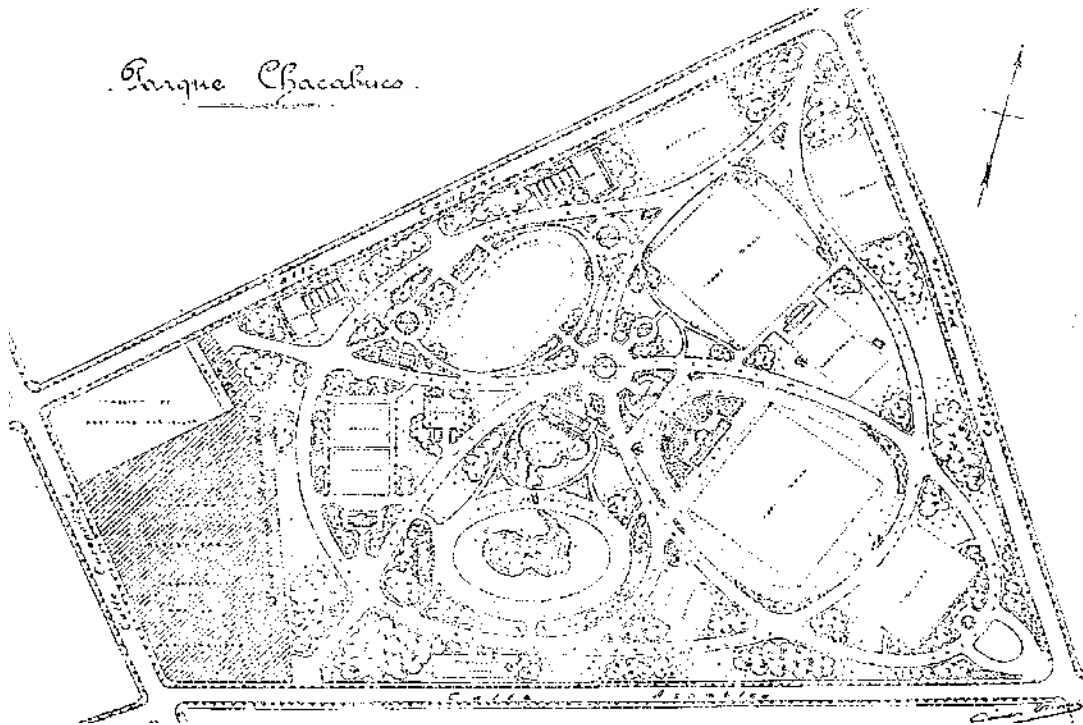
Folha de serviços

Entre 1891 e 1895, o paisagista empreendeu 22 jardins públicos, entre projetos novos e remodelações de antigos espaços, que fizeram elevar para 49 o número total de recintos ajardinados na cidade, colocando Buenos Aires numa posição de vanguarda em termos de política de áreas verdes na América do Sul da virada do século XIX. Mas o paisagista não se conteve nessa marca e prosseguiu num ritmo intenso de trabalho até sua aposentadoria do departamento de jardins públicos, em 1914.

Nesse ano, a folha de serviços de Thays já era consideravelmente mais extensa do que a de todos seus antecessores à frente da Diretoria de Passeios. Ele implantou o



Parque Chacabuco.



Parques de Thays: los Patricios, 1902, e Chacabuco, 1908.
Desenhos da *Memoria de la Intendencia Municipal de la Ciudad de Buenos Aires*, 1908; e acervo A-DDP (reproduzidos de Berjman 1998, p. 142).



Praças de Thays: de Mayo e del Congreso.
Postal Ibarra & Sorroche, Buenos Aires; postal
sem crédito; ambos início do século XX.
Coleção GMD.

jardim botânico, cujas instalações se tornaram modelo no contexto sul-americano, e fez os parques Florentino Ameghino, Barrancas de Belgrano, Los Andes, Los Patricios, Chacabuco, Centenário e Colón articulado aos Paseos Colón e de Julio (atual Leandro N. Alem). Reformou os parques 3 de Febrero, Intendente Alvear, Lezama e Avellaneda, afora intervenções no jardim zoológico. Empreendeu as praças Rodríguez Peña, Solís, Castelli, del Congreso, Almirante Brown, Francia, Balcarte, Britannia e a Bajada de Maipú. Remodelou as praças San Martín, Constitución, Virrey Vértiz, Noruega, de Mayo, España, Gral. Pueyrredón, Las Heras, Esteban Echeverría, Gral. Güemes, Gral. Belgrano, Gral. Zapiola, Díaz Vélez, Lavalle, 11 de Setiembre (atual Miserere), 24 de Setiembre, Itália e Montserrat. Promoveu ainda diversos programas de arborização, acrescentando novos *boulevards* à capital portenha, como a avenida Figueroa Alcorta; realizou pequenas praças, urbanizações e jardins para hospitais [Berjman 1998, p. 129-162, p. 172-173].

Sintaxes plásticas

De modo geral, Thays preferiu aplicar criativamente a sintaxe do jardim paisagista moderno às propostas em terrenos de maior extensão, tendo presente as lições de Paris e o aprendizado direto com Édouard André. Assim criou novos parques, como Los Patricios e Chacabuco, e reformou passeios tradicionais, caso do parque 3 de Febrero. Contudo, um encaminhamento plástico distinto marcou porção considerável das praças que o paisagista desenhou (Plaza del Congreso) ou redesenhou (Plaza de Mayo) em Buenos Aires. Nesse caso, Thays optou por revisitar soluções plásticas do jardim clássico francês, enfatizando a simplificação dos motivos dos *parterres*, pisos e elementos em topiaria e partilhando da vertente de retorno à tradição paisagística francesa dos séculos XVII e XVIII, encabeçada por Henri Duchêne (1841-1902) e Achille Duchêne (1866-1947).

Essa dupla e simultânea pesquisa formal ajustada às superfícies disponíveis informava os demais capítulos da obra de Thays. Em paralelo à atuação na Diretoria de Passeios de Buenos Aires, o paisagista criou diversos jardins residenciais e obras para municipalidades no interior do país, caso dos parques del Oeste,

em Mendoza, 20 de Febrero, em Salta, del Centenario (Avellaneda), em Tucumán, do Paseo General Paz e Boulevard Marinho, ambos em Mar del Plata [Berjman 1998, p. 144-147, 172].

Joseph Bouvard

A disposição de empreender melhorias urbanas em Buenos Aires, a partir da contratação de mão-de-obra especializada francesa, recebeu novo estímulo na gestão de Carlos de Alvear, em 1907. Filho de Torcuato de Alvear, primeiro intendente e artífice do surto inicial de afrancesamento da imagem da cidade, Carlos buscou não somente se espelhar, mas ir além das metas da gestão paterna. No primeiro ano de seu mandato, pôs em prática uma idéia ousada que seu pai não arriscou fazer. Contratou um técnico dos altos escalões da administração da capital francesa para opinar sobre o presente e o futuro de Buenos Aires. Esse profissional era o arquiteto Joseph Antoine Bouvard (1840-1920).

Naquela ocasião, Bouvard já era uma autoridade reconhecida dentro e fora dos quadros da gestão parisiense, tendo mais de quatro décadas de prática profissional. Nascido em Saint-Jean-de-Bournay, na região do Rhône-Alpes, estudou e fez carreira em Paris, auxiliando inicialmente seu professor Simon-Claude Constant-Dufeux (1801-1870), autor do Panteão de Paris, Château de Vincennes e Palácio de Luxemburgo. Entre 1863 e 1867, trabalhou com esse arquiteto na construção da nova fachada da igreja de Saint-Laurent. Após a guerra de 1870, ingressou no serviço técnico da prefeitura parisiense, no qual realizou mais de 50 escolas em vários bairros da capital, restaurou o Museu Carnavalet, colaborou nas exposições universais de 1878, 1889 e 1900 e participou da organização da representação francesa nas feiras de Bruxelas, Amsterdã, Chicago, Saint Louis e Melbourne, entre outras. Em 1892, sucedeu Alphand no cargo de comissário geral de festas governamentais. Em 1897, assumiu a direção dos Serviços de Arquitetura, Passeios, Viação e Plano de Paris e se aposentou nesse cargo, conforme informações veiculadas em jornais de Buenos Aires e São Paulo, por ocasião de seu falecimento, em novembro de 1920 [Berjman 1998, p. 175-176; Segawa 2000, p. 65-68].

Bouvard chegou à capital argentina em abril de 1907, sendo recebido com toda cerimônia pelas autoridades locais e com ampla cobertura da imprensa bonaerense. No entanto, nem tudo era clima de festa e unanimidade a respeito de sua visita. Logo que correu a notícia sobre os polpudos honorários que lhe seriam pagos, algo em torno de 40 vezes mais que os proventos mensais dos altos funcionários do município, acenderam-se os ânimos no meio técnico portenho. Para contornar o mal-estar que se formou, Alvear viu-se compelido a instaurar uma comissão de notáveis locais para acompanhar e discutir as propostas do arquiteto francês. Instituído em julho de 1907, esse grupo era integrado por Román Bravo, pelos engenheiros Fernando Pérez e Atanasio Iturbe, pelos médicos Francisco Beazley e Carlos María Morales e pelo paisagista Charles Thays, além do próprio Bouvard. Pelo jeito, as interferências dessa comissão não foram insignificantes nem pontuais, determinando que Bouvard levasse mais tempo do que poderia imaginar inicialmente para concluir o trabalho. Mais de dois anos se passaram até que o projeto fosse concluído e apresentado, durante a segunda visita do arquiteto a Buenos Aires, em setembro de 1909 [Berjman 1998, p. 177-178].

Em linhas gerais, o plano se concentrava em dois aspectos: melhorar a circulação e ampliar a reserva verde da cidade. Para o sistema viário, lançava intervenções radicais na forma de 32 novas avenidas que, na maioria, cortavam em diagonal a tradicional malha ortogonal da urbe, dilatando não somente a capacidade viária, mas relacionando simultaneamente praças existentes. Para o sistema verde, contabilizava o acréscimo de 20 áreas ajardinadas, resultantes principalmente da ampliação de espaços existentes e da formação de bolsões verdes nas vias a serem abertas e nos *ronds-points* dispostos nas intersecções dessas novas artérias. Em geral, as intervenções cresciam em dimensão à medida que se distanciavam do centro histórico, oferecendo espaços com proporções medianas, ao norte, e maiores, ao sul. De todos eles, apenas um terço vingou de forma completa ou parcial em anos posteriores, sem a participação direta de Bouvard. Foi o caso da ampliação dos parques La Tablada (atual Almirante Brown) e 3 de Febrero, das praças Balcarce e San Martín [Berjman 1998, p. 178-189].

De Buenos Aires a Rosário

O conjunto do plano de Bouvard representou uma operação

por demais custosa. E isso acabou constituindo um entrave decisivo para que não fosse materializado, mesmo a longo prazo. No fim, teve o mesmo destino de projetos que anteriormente haviam pensado a cidade de modo até menos drástico, como o plano de André. Foi esquecido numa gaveta qualquer da burocracia municipal. Além dele, o arquiteto francês se dedicou a projetos localizados, como as praças del Congreso e de Mayo, respectivamente em 1907 e 1910. Mas eles não se concretizaram. Foi-lhe igualmente encomendado um plano para a Exposição Nacional que celebraria o centenário da Revolução de Maio, em 1910. Contudo, também não foi adiante [Berjman 1998, p. 197-203].

Em sua segunda visita, Bouvard aceitou o convite do prefeito de Rosário para conhecer a localidade. Esse contato resultou em sua contratação para a feitura das praças San Luis e Belgrano e da avenida Juramento, em 1910, e culminou no desenvolvimento de um plano de melhorias para Rosário, cujo conteúdo era similar ao de Buenos Aires e foi apresentado em 1911. Mas todos ficaram no papel [Berjman 1998, p. 204-205].

Uruguai

A onda de contratação de horticultores e paisagistas franceses que auxiliassem na atualização do gosto e no reformismo urbano também se fez sentir no Uruguai, no momento em que a prosperidade da economia nacional confundia-se com o afrancesamento dos costumes dos estratos mais favorecidos da sociedade local, em meados do século XIX. De modo semelhante aos países vizinhos, essa nação atraiu progressivamente a vinda de um elenco de paisagistas e horticultores franceses disposto a trabalhar em propostas com os mais variados objetivos e escalas, em seus principais centros urbanos.

Pedro Margat

Um dos iniciantes da transumância de técnicos franceses em horticultura e paisagismo pelas terras uruguaias foi Pedro

Antonio Margat (1806-1890). Nascido em Versalhes, em meio a uma família de horticultores, o jovem Margat seguiu para a América do Sul, aos 32 anos, traçando planos de conhecer as formações naturais do continente e lograr trabalho em alguma das escalas de sua viagem. Em maio de 1838, zarpou do porto do Havre, munido de um roteiro que incluía visitar o Rio de Janeiro, Montevidéu, Santiago do Chile e Valparaíso e cartas de recomendação de J. Feuillet aos cônsules franceses das duas últimas cidades. No entanto, ao chegar à capital uruguaia, decidiu ali se fixar, talvez exausto pelos quatro meses de viagem, mas certamente animado com as perspectivas promissoras de trabalho que encontrou na cidade. Tão logo desembarcou em Montevidéu, em agosto de 1838, pôs-se a vender as caixas de plantas que trouxera em meio à sua bagagem e conseguiu empregar-se na manutenção de uma chácara nas cercanias da cidade, com direito a cultivar e comercializar suas próprias mudas. Em carta a seus pais, informava o sucesso da venda em sua chegada, apesar do estado combalido que apresentavam os espécimes. Falava também de seu espanto diante da ânsia com que as plantas foram arrematadas pelos habitantes: “creio que existam poucos países onde as pessoas sejam tão aficionadas por flores e sobretudo por camélias”. Aproveitava ainda a correspondência para solicitar o envio de mais exemplares [Margat 1977].

Em 1839, Margat já estava à frente de sua própria estação hortícola localizada em Cordón. Quatro anos depois, quando a região virou campo de batalha de revolucionários e federalistas, transferiu seu estabelecimento para o Camino Burgues, em El Reducto, onde permaneceu ativo por mais de quatro décadas, até o seu falecimento, em 1890. O retorno da paz, em 1851, possibilitou que Margat se empenhasse na expansão de suas atividades, alcançando, no período que se seguiu, uma posição destacada na cultura e no fornecimento de plantas ornamentais na capital uruguaia. Ele se tornou responsável pelo abastecimento de parcela importante dos jardins residenciais da classe alta, situados em Paso Molino, Prado, Atahualpa, Colón e Sayago, como



Praça Constituição, primeiro espaço arborizado por Margat, em Montevideú.
Postal sem crédito; postal Testasecca y Cia., Montevideú; ambos do século XIX.
Coleção GMD.

também pela provisão de mudas para iniciativas de ajardinamento público, caso da praça Constitución, que foi o primeiro recinto arborizado por Margat na cidade [Margat 1977; Montañez 2001, p. 193].

Em meio à sua clientela seleta, Margat estreitou relações de amizade com o general Manuel Ceferino Oribe y Viana (1792-1857), segundo presidente da república uruguaia, entre 1835 e 1838. Para o general, que era um apaixonado por plantas e jardins, desenhou um parque residencial em que aplicava os princípios da sintaxe paisagista e se encarregou de sua manutenção regular ao longo dos anos. Nesse convívio mais próximo entre o presidente e o horticultor, foram se intensificando as trocas de informações e plantas. Certa ocasião, Oribe o convidou para ver os exemplares de maracujá que recebera do Brasil; em outro momento, trouxe-lhe um lote de sementes desse mesmo país [Margat 1977].

Entretanto, os mecanismos de acesso à vegetação que Margat dispunha estavam longe de se restringirem somente àqueles proporcionados pela amizade com o general. O horticultor servia-se de uma rede de contatos internos e externos para receber e enviar sementes e mudas, que incluía, por exemplo, o viveiro de seu pai, em Versalhes, o Jardim Botânico do Rio de Janeiro e comerciantes em Buenos Aires e Rio Grande. Assim formou uma coleção variada com espécies herbáceas, arbustivas e arbóreas que, posteriormente, tratou de multiplicar e difundir pelo território uruguaio, a partir de Montevideu - caso das araucárias, das magnólias e das camélias [Margat 1977].

Irmãos Racine e Gauthier

Charles Racine (falecido em 1935), Louis-Ernest Racine (1861-1902) e Édouard Gauthier (1855-1929) foram representantes destacados do segundo momento da imigração culta de profissionais franceses para terras uruguaias, entre o último quartel do século XIX e o início do XX. Haveria alguma característica peculiar unindo esses três personagens, bem como os demais integrantes da segunda etapa de imigrantes qualificados? A formação em escola especializada era um traço distintivo que apresentavam em comum, apontando possivelmente

uma tendência de decréscimo e substituição do autodidatismo que marcou as primeiras levas de técnicos.

Gauthier, Charles e Louis-Ernest Racine estudaram na École Nationale d'Horticulture de Versailles, ingressando, respectivamente, em 1874 (primeira turma), 1877 e 1880 [Durnerin 2001, p. 304, 306-7]. Futura referência na área, a instituição principiou sua atividade em 1874, destinando-se à formação de arquitetos-paisagistas, jardineiros e horticultores. O curso de arquitetura de jardins e de estufas abrangia três anos de duração e esteve sob a responsabilidade de Édouard André, entre 1892 e 1901 [Durnerin 2001A, p. 291-292; Durnerin 2002, p. 94-95]. Sendo alunos em Versalhes, os irmãos Racine e Gauthier provavelmente conheciam o viveiro do pai de Margat na cidade e talvez tivessem recebido dele algum estímulo ou informação, que futuramente os ajudaria na transferência para Montevidéu. Seja como for, o fato é que a capital do Uruguai beneficiou-se, no decorrer de mais de 70 anos, com a atividade intercalada de um quarteto profissional ligado a Versalhes.

Do mesmo modo que Pedro Margat, os irmãos Racine também procediam de uma família de horticultores, embora de outra localidade, da cidade portuária de Dieppe, na Alta Normandia. O pai deles era um viveirista especializado no cultivo de rosas, detendo mais de 500 variedades em seu centro hortícola, que esteve sob a direção de Louis-Ernest após formar-se em Versalhes e até as vésperas de sua partida para o Uruguai. Em paralelo ao trabalho na propriedade da família, Louis-Ernest auxiliava a Sociedade de Horticultura de Dieppe, na função de secretário, em 1890. A partida rumo à América do Sul deu-se em razão da proposta de comandar o departamento de passeios da capital uruguaia, em 1889 ou 1890. Nessa função, ele permaneceu até seu falecimento, em 1903, e legou a reforma do parque do Miguelete (atual Prado) e a praça Cipriano-Miró como duas de suas principais realizações dessa derradeira fase de sua carreira [Berjman 2002, p. 112-113; Durnerin 2001, p. 307].

Um pouco mais velho e de temperamento provavelmente mais inquieto que seu irmão, Charles se aventurou antes pela América do Sul, primeiro dedicando-se à cultura de alimentos e, depois, aos jardins públicos e particulares. Em 1887, chegou ao Panamá e esteve à frente da produção de legumes que supria a companhia



Parque Miguelete (Prado), remodelado em períodos diferentes por Louis-Ernest Racine e Édouard Gauthier, e Rosaleda, projeto de Charles Racine. Postais no início do século XX. Coleção GMD.

construtora do canal transoceânico. Pouco depois, acumulava também a função de professor em escolas práticas de agricultura nesse mesmo país. A vinda de Charles a Montevideú, onde irá realizar a porção central de sua obra sul-americana, deu-se talvez a partir de alguma oferta profissional intermediada por Louis-Ernest, possivelmente relacionada às perspectivas de implementação do plano paisagístico para a capital elaborado por Édouard André, em 1891. Nessa cidade, Charles fundou e dirigiu o jardim botânico municipal; esteve à frente do serviço de passeios, por meio do qual executou duas de suas obras-chave do período: o roseiral e o parque Roosevelt. Além delas, colaborou na realização do Arboretum de Punta del Este, que constituiu um centro avançado de experimentação vegetal no Uruguai daquela época [Berjman 1998, p. 166-167; Berjman 2002, p. 112-113; Durnerin 2001, p. 307].

Mais ligado à prática hortícola do que à atividade projetual, como os irmãos Racine, Édouard Gauthier dedicou a primeira década e meia de sua carreira à manutenção do parque de Versalhes e do Trianon, passando em 1894 a jardineiro-chefe deste. De 1898 a 1904, trabalhou como jardineiro-chefe do Parque Nacional de Fontainebleau. Munido dessas credenciais, emigrou para Montevideú, em 1904, dando início à etapa sul-americana de seu percurso profissional. Nesse ano, assumiu a reforma do parque do Miguelete, então um dos principais espaços verdes da capital uruguaia. Permaneceu nessa função até 1908, quando se voltou ao seu estabelecimento de horticultura. Ao longo de onze anos consecutivos, de 1912 a 1923, foi professor no Instituto Agrônomico de Montevideú, desligando-se dele apenas no momento de sua aposentadoria [Durnerin 2001, p. 304].

Édouard André

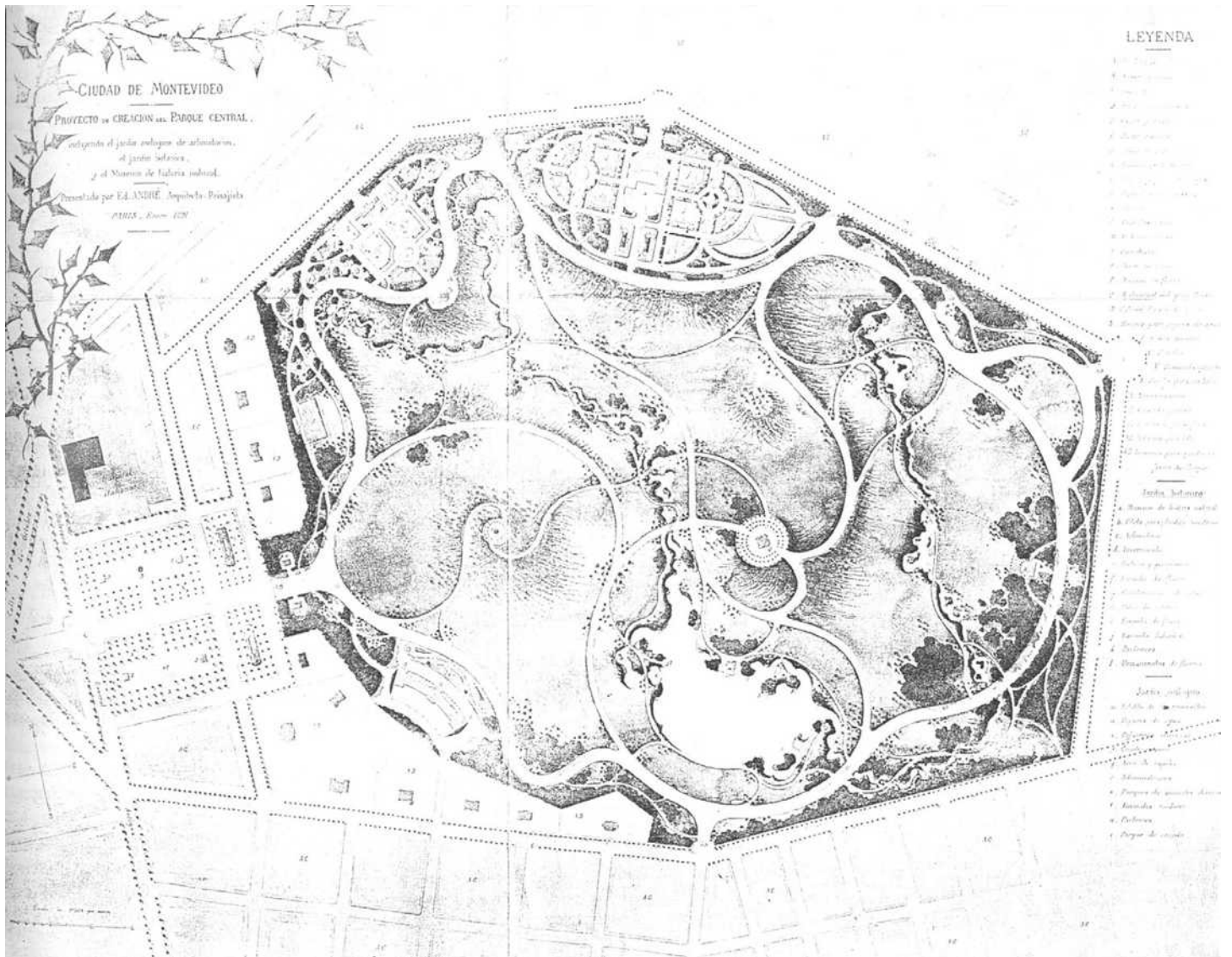
Vinte e um anos após o malogrado plano bonaerense houve uma nova oportunidade para que Édouard André trabalhasse na América do Sul, desta vez em Montevideú. Em 1889, Forteza, ministro uruguaio em Paris, iniciava tratativas diretas com André para o desenvolvimento de um plano paisagístico para Montevideú [Montañez 2001, p. 189]. No ano seguinte, André chegava à capital uruguaia, empreendendo sua primeira visita à

faixa austral do continente. A América do Sul não era inteiramente desconhecida para ele. Entre 1875 e 1876, o paisagista já havia pisado em território sul-americano, quando conduziu uma expedição de estudos e coleta de vegetação financiada pelo governo francês, que percorreu regiões da Colômbia, Equador e Venezuela [Denis 2001, p. 105-120].

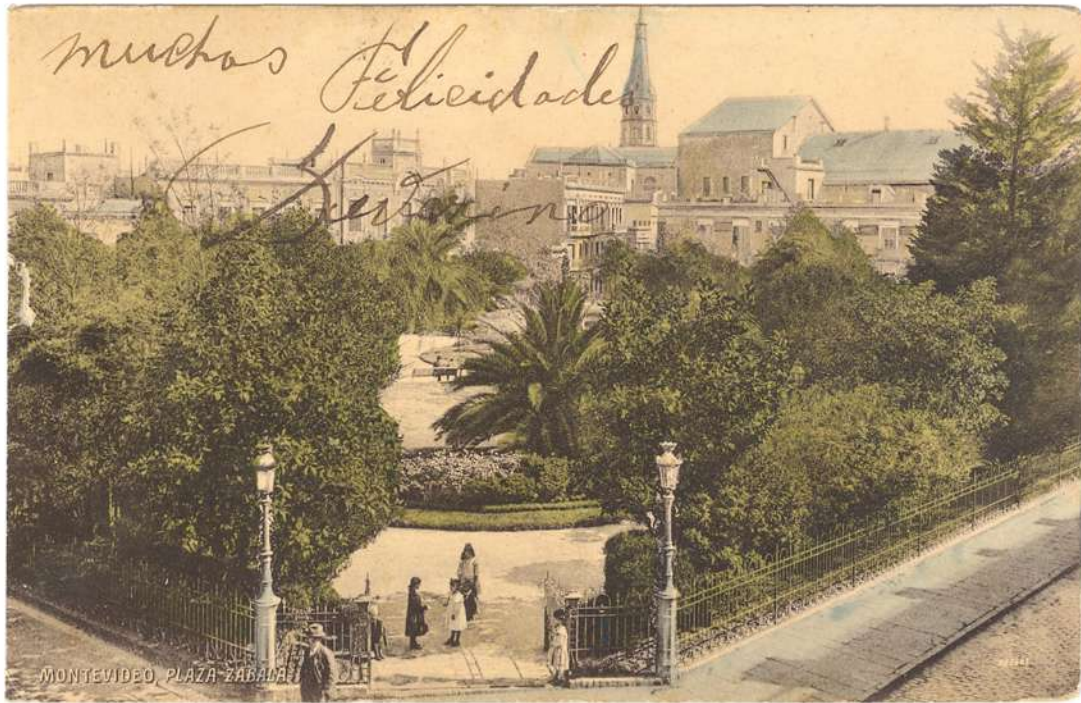
André expôs suas primeiras idéias numa conferência em Montevideú, em outubro de 1890, e retornou a Paris. Quatro meses depois, o plano estava concluído e seguia para a municipalidade. Por que justamente Édouard André foi incumbido desse trabalho? Por que não se recorreu aos técnicos franceses que já habitavam e prestavam serviços na capital uruguaia, inclusive para a prefeitura, como Louis-Ernest Racine? É difícil esclarecer essas questões sem ter mais informações. Nessa situação, é possível apenas especular. Talvez as credenciais de André suplantassem as de seus pares em Montevideú num ponto fundamental – capacidade de operar a dimensão urbana. Sem ela seria impraticável estudar e lançar uma série íntegra de decisões para o conjunto da cidade. E isso parece que estava além do que poderiam oferecer boa parcela dos técnicos franceses na capital, mais afeitos à lida com a vegetação do que ao lápis e prancheta.

Metamorfose drástica

“O projeto de transformação e embelezamento da cidade de Montevideú”, conforme denominação de André, era uma ousada e inovadora proposta no contexto uruguaio. Nenhuma intervenção anterior havia planejado tão drástica metamorfose para a cidade, servindo-se em ampla medida da aplicação de princípios e conceitos avançados que formaram a base da reforma de Paris. O plano lançava um conjunto articulado e heterogêneo de espaços verdes, relacionando antigos e novos recintos ajardinados, mediante a arborização de vias existentes e a abertura de *boulevards* perimetrais e internos na trama urbana, que assegurariam simultaneamente a eficiência da circulação e a qualidade ambiental, com o desenvolvimento urbano. Todos os



Parque Central, de Édouard André.
 Acervo A-MHNU (reproducido de Berjman 1998,
 p. 55).



Praças Zabala (no alto) e Libertad (Cagancha),
de Édouard André.
Postal editores Almera Hermanos, Montevideú;
postal editado por Henrique Moneda, Montevideú;
final do século XIX e início do XX.
Coleção GMD.

quadrantes da cidade seriam beneficiados com a implementação eqüitativa de parques, afora a disposição de praças e jardins menores em vários pontos da cidade [Berjman 1998, p. 45-65; Montañez 2001, p. 192-200].

André pretendia operar uma radical dilatação e transformação da superfície verde da capital. Além da reforma e expansão do antigo parque de Miguelete, que atingiria 75 ha, ele tencionava formar mais três parques. O principal deles seria o Central, traçado como um Bois de Boulogne que, em meio a 75 ha, conteria jardim zoológico, jardim botânico, jardim de aclimatação e museu de história natural. Os demais seriam del Cerrito e del Sud, com 16 ha. Para Miguelete, Central e Sud, o paisagista elaborou desenhos detalhados que seguiam passo a passo o léxico do jardim paisagista moderno, primando pela elaboração de uma rede caprichosa de passeios curvilíneos, entremeada de lagos, arroios, gramados, conjuntos vegetais e marcos escultóricos [Berjman 1998, p. 54-60].

O princípio de rever o existente e agregar novas estruturas também informava as decisões sobre as praças. As cinco principais e antigas - Constitución, Independencia, Artola, Sarandí e Flores - deveriam passar por completa remodelação, sendo as três primeiras modificadas segundo padrões tomados dos jardins clássicos franceses, e as últimas, com soluções paisagísticas. Por outro lado, havia quatro praças programadas para serem abertas: República, Palmira, Reducto e Aguada, ainda sem projetos correspondentes [Berjman 1998, p. 51-54; Montañez 2001, p. 192-196].

No entanto, esse conjunto de jardins públicos não chegaria a ser um sistema coerente e eficaz sem a provisão de conexões físicas, na forma de vias arborizadas dispersas pela trama urbana. Nesse sentido, André salientava que

a rede de vias-mãe que, a meu ver, deve dominar todos os outros trabalhos de transformação de Montevideú, formaria uma série de comunicações arborizadas, ligadas com praças e com *squares* em todas suas intersecções principais. A cidade encontraria assim as novas condições de higiene, facilidade de acessos e embelezamentos que satisfariam todas as exigências [apud Berjman 1998, p. 62].



Praça Independência, reformada por Charles Thays.
Postal editado por A. Carluccio, Montevideu; postal
sem crédito; início do século XX.
Coleção GMD.

O paisagista previa a abertura de 14,75 km de novas vias, com 20 m de largura, e 28,75 km de *boulevards*, com 30 m de largura, recomendando que em todos os casos houvesse plantios uniformes da mesma espécie arbórea e os plátanos fossem reservados para as avenidas amplas. O principal *boulevard* surgiria como um belo passeio junto à orla do rio da Prata, que avançaria do Cerro ao cemitério de Buceo, segundo a mesma idéia incluída por André no plano bonaerense. O paisagista recomendava também que todas as avenidas existentes com largura superior a 20 m fossem arborizadas [Berjman 1998, p. 60-62; Montañez 2001, p. 196-199].

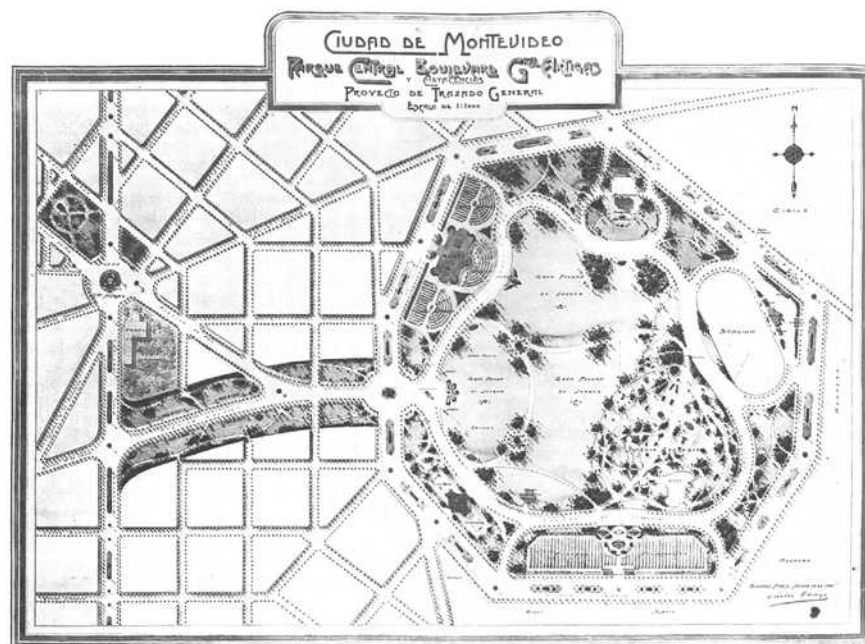
A materialização do projeto de Édouard André representaria um feito extraordinário não apenas para a Montevideu da virada do século, como também em relação às grandes capitais sul-americanas da época que, em sua maioria, ainda engatinhavam na feitura e na implementação de planos paisagísticos amplos e coesos para seus territórios. Contudo, o passo ousado revelou-se um pulo no vazio, à medida que as autoridades não levaram adiante o conjunto da proposta. A iniciativa acabou saindo das prioridades municipais, por força de uma combinação de motivos, em que pesava a crise financeira batendo às portas do país e mesmo a ausência de um interesse concreto em realizar o trabalho. Dessa vez, ao menos, o desfecho da participação de André não foi semelhante ao caso bonaerense. Em meio à indefinição sobre o futuro de seu plano, o paisagista teve tempo e condições para empreender a praça Zabala e reformar a praça Libertad (Cagancha), em 1890, que curiosamente não figuravam em seu projeto geral de melhorias.

Charles Thays

O início do século XX demarcou o período em que Charles Thays expandiu seu campo de atuação além das fronteiras argentinas, conquistando paulatinamente diversos encargos pela América do Sul. Em 1905, ele fez projetos para as praças Independencia e Libertad, em Montevideu, que figuravam nos estudos e intervenções de Édouard André, entre 1890 e 1891 [Berjman 1998, p. 166-167]. Para ambas, Thays elaborou variações



Parque Rodó, em Montevideu, projeto de Charles Thays.
Postais do início do século XX.
Coleção GMD.



Jardins do Congresso, em Santiago do Chile, obra de Georges Dubois; e Parque Central, em Montevideú, projeto de Charles Thays.
Postal Almacen de Musica Carlos Friedemann, coleção GMD.
Desenho do acervo A-DDP (reproduzido de Berjman 1998, p. 168).

simplificadas sob motivos do paisagismo clássico francês, mantendo semelhanças estruturais com as plantas em cruz adotadas por André nos desenhos das praças Independencia, Constitución e Artola. Mas suas realizações de maior vulto para a capital uruguaia ainda estavam por vir e se configuraram nos parques Central (atual Battle y Ordoñez) e Rodó e no Balneário de Carrasco.

De 1908 a 1911, o paisagista dedicou-se ao projeto do Parque Central, que originalmente também constava em meio às prioridades de André. Thays desenhou uma composição geral de caráter paisagista, na qual a rede de caminhos se apresentava menos prolixa e entrecruzada do que a versão anterior de seu mestre e ex-sócio de trabalho. Por outro lado, retomou alguns pontos programáticos da proposta de André, como os jardins zoológico e de aclimatação, e melhor detalhou o papel dos *boulevards* à volta da gleba como estruturas de articulação com o tecido urbano. Ao tratar da especificação vegetal, Thays recomendou um elenco arbóreo que mesclava espécies nativas, como tipuanas, jacarandás-mimoso e araucárias, às essências exóticas, caso de plátanos, eucaliptos e palmeiras [Berjman 1998, p. 166-167].

As origens do parque Rodó remontam a 1898, ano em que o paisagista Charles Racine deu início à sua arborização. Mas a ampliação e a remodelação completa do local decolaram em 1911, quando a prefeitura atribuiu essa incumbência a Charles Thays. Entregue em 1912, o projeto dava prosseguimento às experiências do paisagista com o léxico do jardim paisagista moderno, ampliando particularmente a presença de uma série de equipamentos para lazer ativo, como quadras para tênis, futebol e críquete, traduzindo assim algumas mudanças em curso nas formas de apropriação e uso dos espaços verdes públicos. Obra de maiores proporções igualmente datada de 1912, o bairro-jardim Balneário de Carrasco foi uma solução congênere do também bairro-jardim Palermo Chico que, na mesma época, Thays desenvolvia para Buenos Aires. [Berjman 1998, p. 167].

Chile

Integrando o elenco das economias emergentes que afloraram na América do Sul oitocentista, o Chile foi mais uma jovem nação do continente que participou do movimento de atração de horticultores e paisagistas franceses. Seguindo os passos da vizinha Argentina e do Uruguai, o país tratou de importar essa mão-de-obra especializada, contratando-a para estadas pontuais ou permanentes que visavam ações modernizadoras em suas cidades principais. A capital Santiago foi palco de atuação de dois franceses destacados: Georges Dubois e Charles Thays.

Dubois e Thays

Egresso da *École Nationale d'Horticulture de Versailles*, provavelmente em 1890, Georges Dubois foi mais um exemplo dos formandos desse centro que não prestaram serviços ocasionais desde a França, mas optaram por radicar-se em território sul-americano. Em seu caso, fixou-se em Santiago, onde galgou a direção do departamento de parques e jardins municipais. Foi também professor de arquitetura de jardins no instituto agrícola da cidade e autor do Parque Florestal, datado do início do século XX, e dos jardins dos palácios do Congresso e da Presidência da República, entre outras obras relevantes [Durnerin 2001, p. 308; Berjman 1998, p. 171].

A partir de Buenos Aires, onde continuava residindo, Charles Thays fez uma incursão de trabalho à capital chilena já na etapa conclusiva de sua trajetória profissional. Embora aposentado do serviço de parques bonaerense havia seis anos, ele mantinha ativa sua produção de projetos, aceitando encomendas estatais e particulares tanto em seu país de adoção como nas demais nações vizinhas. Em 1920, Thays executou dois projetos para sítios tradicionais da paisagem santiaguense: os parques Cerro San Cristóbal e Florestal. Posicionado no cume do morro mais alto da cidade, o projeto de San Cristóbal empregava elementos sintáticos do jardim paisagista na conciliação de uma ampla série de equipamentos recreativos e esportivos às antigas funções religiosas do local, onde se erguia o santuário da Imaculada Conceição. Já a reforma do Parque Florestal tinha por objetivo reavivar uma das principais áreas verdes no coração da cidade.

FRANCESES NO BRASIL

Wheterell observou na Bahia, onde residiu durante a primeira metade do século XIX, que na velha cidade tornara-se moda o jardim em torno às casas. Onde, outrora, só se viam poucas plantas, alguns abacaxis, algumas roseiras, começaram a surgir jardins afrancesados. Da França haviam chegado jardineiros com plantas européias e exóticas, principalmente roseiras.

Gilberto Freyre, 1936.

O germe da atividade paisagística francesa no Brasil remonta ao fim do século XVIII. Foi nesse período que autoridades portuguesas buscaram incrementar sua participação na corrida internacional por novas fontes de riqueza vegetal, fomentando uma política estratégica de implementação de jardins botânicos em vários pontos de sua colônia sul-americana. Para dirigir ou trabalhar em alguns desses jardins, contrataram técnicos nascidos ou oriundos dos domínios franceses. Em 1795, Michel de Grenouillier (1759?-1798) veio de Caiena, na Guiana Francesa, para implantar o Jardim Botânico de Belém. Mas seu falecimento três anos depois motivou a indicação do parisiense Jacques Sahut (?-1799), também deslocado de Caiena, para dar seguimento aos trabalhos. Em 1811, Étienne-Paul Germain foi mais um profissional de Caiena trazido ao Brasil, desta vez com a incumbência de montar o Jardim Botânico de Olinda. Ele era ex-funcionário do principal centro francês de experimentação botânica no Caribe, denominado Habitation Royale des Épiceries e mais conhecido por La Gabrielle. Chegou ao Recife portando diversas espécies desse estabelecimento que passara às mãos lusitanas em 1809, após a tomada da Guiana Francesa em retaliação ao avanço de Napoleão Bonaparte sobre Portugal

[Segawa 1998, p. 114, 127-128; Sanjad 2003].

Entretanto, levou mais tempo para que a presença de franceses dedicados aos jardins e às plantas ornamentais se dilatasse no meio brasileiro. Isso vai acontecer paulatinamente ao longo do século XIX, sob impulso inicial da permanência da família real portuguesa no Rio de Janeiro e após o acordo de paz com a França, em 1814. Nesse ano, a coroa lusitana franqueou os portos brasileiros às embarcações francesas, do mesmo modo que fizera com as demais nações amigas havia seis anos. E assim ratificou a largada oficial para a circulação de produtos e cidadãos franceses em todos os quadrantes da colônia.

A retirada das barreiras que afastaram o Brasil dos olhos do mundo por mais de três séculos deve ter alvoroçado também a curiosidade dos franceses. Porém, essa medida não seria suficiente por si só para atrair mão-de-obra técnica e fazê-la preterir seu país natal por uma localidade geográfica e culturalmente distante no Atlântico Sul. Há que se considerar a existência de um conjunto mais amplo de motivações, em que pesavam especialmente algumas perspectivas promissoras de um nascente mercado profissional voltado aos jardins e plantas, que começava a se irradiar desde a cidade do Rio de Janeiro.

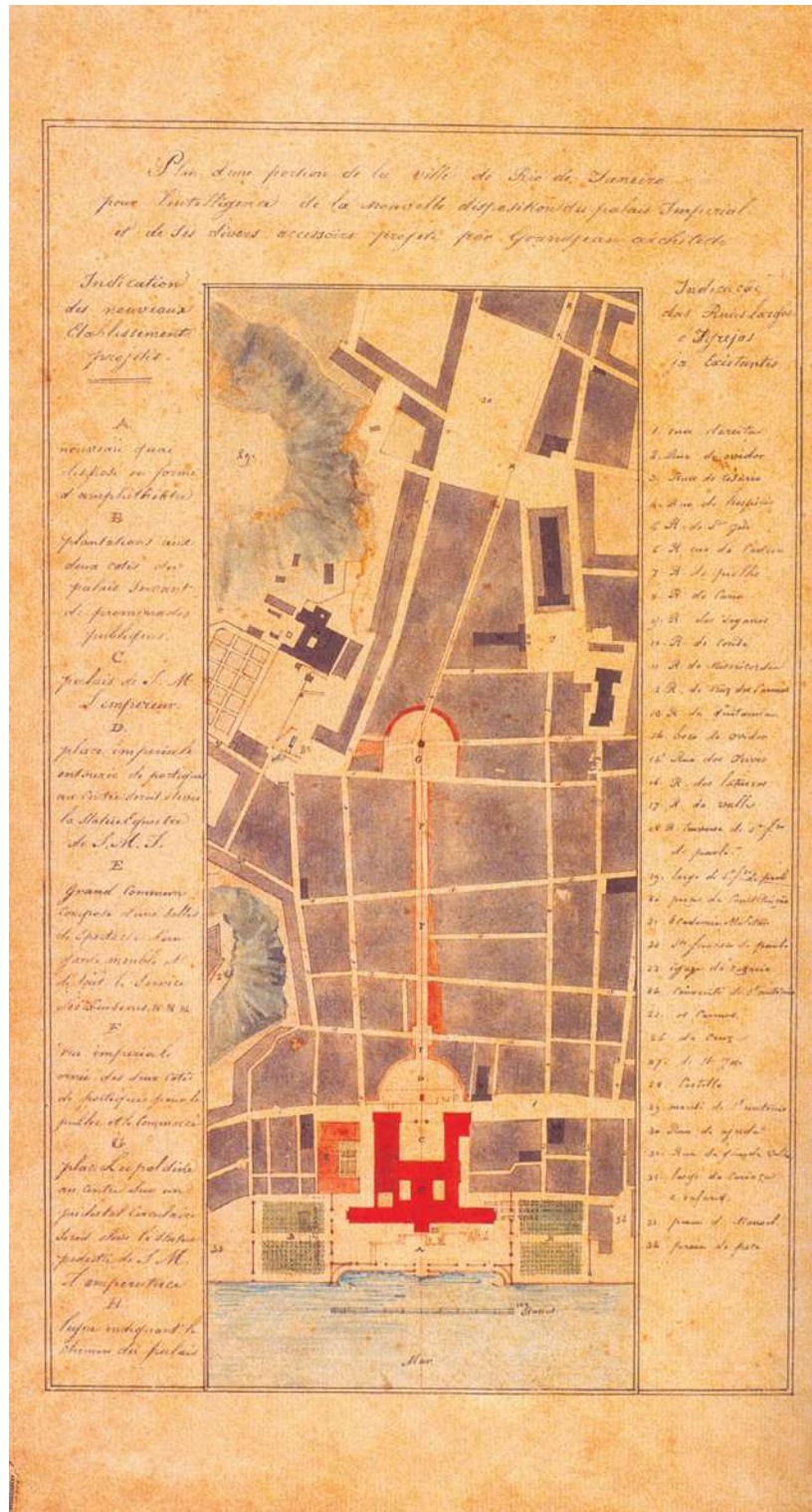
Com a transferência da corte, em 1808, o Rio de Janeiro se tornou alvo paulatino de estudos e ações governamentais que tencionavam atualizar seus modestos traços de assentamento portuário colonial. Em 1815, a elevação da cidade a capital do Reino Unido de Portugal e Algarves veio dar mais respaldo a esse processo. Então no epicentro político e financeiro do império, o Rio de Janeiro passou a demandar mais obras e profissionais capazes de agir na renovação física e cultural de seu ambiente. Foi nesse contexto que se deu a contratação do arquiteto Auguste Henri Victor Grandjean de Montigny (1776-1850), integrando um grupo de artistas e artesãos franceses que buscou refúgio na cidade em 1816 e posteriormente ficou conhecido como Missão Francesa.

Montigny e Pézérat

Nascido em Paris e diplomado na École d'Architecture dessa cidade, Montigny fez carreira em meio aos círculos napoleônicos dentro e fora da França. Primeiro trabalhou em Paris e depois seguiu para a Vestfália, oeste da Alemanha. Em 1807, esteve à frente das obras do parlamento em Kassel e, três anos depois, tornou-se arquiteto da corte de Jérôme Bonaparte (1784-1860), irmão mais novo de Napoleão nomeado rei da Vestfália. Contudo, não levou muito tempo para que suas perspectivas de trabalho se arrefecessem tanto ali quanto em seu país natal, à medida que os exércitos de Napoleão colecionavam seguidas perdas, antes da capitulação final. Diante desse quadro adverso, o arquiteto decidiu seguir para o Rio de Janeiro, em 1816 [Conduru 2003, p. 147-158].

Desde a fase europeia de sua produção, Montigny vinha conjugando a prática arquitetônica e urbanística à atividade paisagística em intervenções com variadas escalas e complexidades. Em 1798, participou de concursos para o embelezamento dos Champs Elysées, apresentando em um deles uma praça monumental para festas republicanas, idealizada em parceria com Auguste Famin (1776-1859), Jean Baptiste Debret (1768-1848) e Bury. Também em Paris, estudou uma *promenade d'hiver* unindo o Louvre ao palácio das Tulherias, em 1810. Já na Vestfália, entre 1808 e 1813, idealizou palácios e pavilhões associados a jardins de traçado clássico ou paisagista, destinados ao rei Jérôme Bonaparte e sua corte.

No Rio de Janeiro, Montigny não abandonou esse versátil trânsito pelos campos do urbanismo, arquitetura e paisagismo tanto no período em que esteve a serviço de D. João (1767-1826) quanto na época pós-Independência, trabalhando para D. Pedro I (1798-1834). Na década de 1820, tomou a encomenda de um novo palácio imperial como ponto de partida para uma remodelação emblemática da região do Paço. Nessa proposta, imaginou posicionar duas *promenades publiques* nos flancos da nova construção que ocuparia o centro do antigo largo. Além disso, compôs um *boulevard* - o primeiro idealizado para a cidade -, articulando-o a duas praças para estabelecer um percurso cerimonial até o edifício. Em 1827, preparou um estudo sobre o



Proposta de Grandjean de Montigny para reforma do cento do Rio de Janeiro.
 Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro
 (reproduzido de Conduru 2003, p. 166).

Campo de Santana, repaginando-o como uma *place royale*, balizada por uma estátua do imperador, no ponto central, por quatro fontes, nos extremos, e rodeada por edifícios simétricos e porticados à volta de todo o conjunto [Segawa 1996, p. 164]. Em paralelo a esses projetos, insistia com os governantes sobre a necessidade de arborizar as ruas e implementar mais praças no Rio de Janeiro [Taunay 1983, p. 296, 302]. Mas essas idéias e aquelas propostas não vingaram na época.

Durante o Primeiro Reinado (1822-1831), Montigny passou a dividir as funções de arquiteto do rei com Pierre Joseph Pézérat, que se dedicou circunstancialmente aos jardins da nobreza, no Rio de Janeiro. Formado na École Polytechnique e École d'Architecture de Paris, Pézérat respondeu pela finalização da reforma do Palácio de São Cristóvão, na Quinta da Boa Vista, tratando de complementá-lo com o desenho de jardins inspirados no classicismo francês, em 1828 [Taunay 1983, p. 296].

Avalanche de gente e produtos

À época do Primeiro Império e da Regência, manteve-se um quadro favorável à vinda de horticultores e paisagistas franceses, respaldado pelo clima amistoso nas relações políticas e econômicas entre os governos brasileiro e francês. Em 1826, a assinatura de um tratado de amizade, navegação e comércio validava o interesse das duas nações em manter e dinamizar os fluxos de mercadorias, serviços e pessoas, embora em bases distintas daquelas firmadas em 1815. O acordo fixava que os produtos franceses pagariam impostos de 15% sobre seu valor ao entrarem no Brasil, desde que documentados com certificados de origem assinados por cônsules brasileiros nos portos de embarque. Caso não houvesse essa documentação completa, a alíquota subiria para 24%.

Mas as iniciativas que buscavam fomentar maior aproximação entre o Brasil e a França não paravam aí. Em 1828, o empresário francês Edouard Gallès fez divulgar um conjunto de informações objetivas sobre o comércio com o Brasil, tendo em mente auxiliar seus patrícios. Nesse ano, lançou um manual prático sobre o assunto, intitulado *Du Brésil, ou observations générales sur le*

commerce et les douanes de ce pays, suivies d'un tarif de droits d'entrée sur les marchandises françaises et d'un tableau comparatif des monnaies, poids et mesures. Nele fornecia inclusive subsídios para que o leitor soubesse bem programar sua viagem. Explicava que a época do ano mais aconselhável para singrar o Atlântico Sul era de setembro a março, com primazia para dezembro. E situava o tempo médio da viagem saindo de Bordeaux e chegando a Recife, Salvador e Rio de Janeiro, calculando que cada um desses destinos seria alcançado, respectivamente, em 20, 22 e 25 dias.

É difícil recuperar completamente os efeitos que tiveram essas e outras ações tanto no lado francês quanto no brasileiro. Porém, há resultados que saltam à vista. Um deles diz respeito à proliferação de vários tipos de artigos franceses no cotidiano brasileiro, entre os quais, tecidos, chapéus, leques, perfumes, enfeites femininos, artigos de higiene, sapatos, alimentos, vinhos, roupas de mesa, cristais, porcelanas, livros, plantas e sementes. Conseqüência igualmente importante foi o crescimento da imigração espontânea, que atingiu cifras nada desprezíveis. Em 1830, a cidade do Rio de Janeiro já abrigava cerca de 14.000 franceses, reunindo então um dos maiores contingentes desses cidadãos na América do Sul [Renault 1985, p. 130]. Se fossem somados os que habitavam em outras urbes nacionais e também aqueles que estavam apenas de passagem, a trabalho, essa contagem subiria consideravelmente. Mas, independentemente de se chegar ao número exato de franceses residentes ou em viagem pelo país, o importante é salientar que estava aumentando a presença de horticultores, comerciantes de vegetação e paisagistas dessa nacionalidade em vários pontos do território brasileiro. E isso era atestado pelos anúncios que eles publicavam em vários jornais.

Comerciantes de plantas

No Rio de Janeiro, o *Jornal do Comércio*, de 11 de janeiro de 1837, trazia anúncio de um “francez chegado há pouco a esta Corte com conhecimentos de cultura se oferece para administrar qualquer chacara ou fazenda”. O jardineiro Porte, membro da Sociedade Real de Horticultura de Paris, informava “aos curiosos de flores, que ainda se demorará oito dias nesta Cidade, e que venderá o resto de suas sementes”, na edição de 17 de abril de 1837, do mesmo diário. O estabelecimento de Vicent Sigaux, localizado na rua do Ouvidor, 76, oferecia “sementes de hortaliças e de flores, arvores de fructas [...] ditas de flores, adalias, assim como muitas outras plantas raras e curiosas”, no número de 7 de fevereiro de 1843, do *Jornal do Comércio* [Renault 1985, p. 181, 225].

Primeira escala nacional das embarcações vindas da França, o Recife acusava igualmente a expansão da oferta de mão-de-obra qualificada e matéria-prima para jardins nas páginas seus principais diários. Estabelecido à rua Nova, 17, junto à Livraria Francesa, o horticultor Ramel estampava anúncio com os seus serviços no *Diário de Pernambuco*, de 2 de fevereiro de 1839 [apud Freyre 1977, p. 137-138]. Fazia saber que era filiado à Sociedade Real de Horticultura de Paris e chegava à cidade acompanhado de

um sortimento de toda a qualidade de arvores, arbustos uns que só dão flores outros fructos, como rosas do Japão, as camelias, magnolias, cletoras, depreas, Rhododendrum Kalmias, jasmins, peônias, (...) andromedas, arabas, e roseiras de mais de 200 variedades, cebolas e flores como jacinthos, tulipis, junquilha, narcisos, lirios, amarilis, dalias, raiaunculos e animonas.

Também integrantes da Sociedade Real de Horticultura de Paris, os profissionais da Arnol Père & Fils davam a conhecer que sua loja estava recém-aberta no Aterro da Boa Vista, 6 [Mello 1985, p. 222]. Em anúncio no *Diário de Pernambuco*, de 6 de

agosto de 1847, mencionavam que colocavam

à venda uma grande e bela coleção de plantas, flores e árvores de frutas (...) tudo fresco e em perfeito estado de conservação e por preços os mais cômodos possíveis. Para as conveniências dos Srs. compradores, eles se obrigam a fazer por si mesmos as plantações de todos os produtos que venderem, dando assim aos mesmos Srs. uma completa segurança sobre a germinação das sementes e reprodução das plantas.

No ano seguinte, o horticultor lionês Rouard sucedeu a empresa Arnol no mesmo endereço do Aterro da Boa Vista. Seu anúncio no *Diário de Pernambuco*, de 4 de fevereiro de 1848, comunicava que ele havia

chegado ultimamente da França com um grande sortimento de árvores frutíferas, plantas de flores, sementes de ditas e hortaliças (...) como até hoje não chegou em Pernambuco, tanto pela qualidade das plantas como pela boa qualidade das sementes, das batatas e das cebolas. [Mello 1985, p. 222].

Em 1853, o Aterro da Boa Vista prosseguia atrativo para fixação temporária ou duradoura de horticultores franceses. Com seu estabelecimento no número 45, Auguste Renoult era mais um profissional que disponibilizava uma “grande e rica coleção de árvores frutíferas, plantas raras e de gosto, arbustos de ornatos, flores de todas as espécies em grandes variedades”. Seu longo anúncio veiculado no *Diário de Pernambuco*, de 11 de fevereiro de 1853, foi possivelmente uma estratégia para enfrentar a concorrência crescente de seus pares [apud Freyre 1960, p. 604; Mello 1985, p. 223]. Nele sublinhava que

uma experiência na América do Sul dá esperanças ao importador de que esta coleção achará imensos amadores, tendo formado nos gêneros muito pouco conhecidos neste continente, cujo belo clima é tão apropriado a todas as variedades sem distinção, e tudo lhe faz crer que os amadores reconhecerão a utilidade e se alegrarão de possuir as ricas coleções que fazem hoje a admiração de toda a Europa.

Mudanças da casa à cidade

O Segundo Império demarcou o período central da atividade paisagística francesa no Brasil, respaldado por significativas alterações econômicas, sociais e culturais que sacudiram algumas das principais regiões do país. A reorganização da economia nacional, tendo por base a exportação de café, elevou a acumulação de capitais a patamares até então desconhecidos no país. Novas elites enriquecidas surgiram desejosas de haurir os modelos de bem viver irradiados pelos centros europeus, especialmente a França.

Viajar até Paris estava mais ágil do que antes, com a entrada em operação de uma linha regular de paquetes a vapor entre o Rio de Janeiro e o Havre, em 1850 [Renault 1985, p. 280]. Esse destino se tornava cada vez mais um dos favoritos dos brasileiros endinheirados e desejosos de “um banho de civilização”. Estadas na capital francesa incitavam a conhecer os hábitos da alta e média sociedade francesa, como o morar em meio a jardins, o caminhar por ruas arborizadas, a freqüência aos parques e jardins públicos para ver e ser visto, para apanhar sol e ar puro. Circular em Paris estimulava manter-se a par das soluções paisagísticas e dos repertórios vegetais que freqüentavam tanto os jardins residenciais como os espaços públicos atualizados por Haussmann.

Tudo isso não demorou a repercutir no Brasil, induzindo primeiramente transformações nas grandes residências urbanas e depois no próprio espaço da cidade. As casas maiores foram progressivamente afastadas das divisas, possibilitando a conquista de áreas laterais e dianteiras para a formação de bem cuidados jardins, que nada lembravam o caráter espontâneo e prático dos antigos quintais, que permaneciam nos fundos. As cidades importantes trataram paulatinamente de arborizar algumas de suas vias e providenciar jardins públicos, por meio da conversão de velhos largos e praças e da criação de novos espaços. Assim foram assumindo feições verdejantes numa escala sem precedentes no período colonial, embora algumas delas já possuíssem manchas verdes importantes desenhadas por quintais domésticos, jardins botânicos e passeios públicos, como no exemplo do Rio de Janeiro.

Renoult e família Arnol

A notícia do substancial crescimento da oferta brasileira de

trabalho circulou pela França e fez com que mais horticultores e paisagistas se motivassem a cruzar o Atlântico. Alguns chegavam para jornadas temporárias de trabalho e retornavam às suas regiões de origem. Outros escolheram se mudar definitivamente para diversos pontos do território brasileiro, como as cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Pelotas e outros centros onde existiam comunidades francesas, que poderiam oferecer algum respaldo, no momento da chegada e adaptação. No grupo dos nômades que freqüentaram ocasionalmente o Recife, estavam Auguste Renoult e a família Arnol, que se dedicavam ao cultivo e ao comércio de vegetação ornamental, afora hortaliças e espécies frutíferas.

No *Diário de Pernambuco*, de 8 de abril de 1854, Renoult fez anunciar uma nova remessa de plantas e flores que trouxera da França, quatorze meses após a oferta de um lote inicial, quando desembarcou provavelmente pela primeira vez na cidade. A família Arnol também providenciou mais um informe publicitário sobre a coleção de plantas e flores que importara de seu país natal para revenda, na edição de 19 de fevereiro de 1856, do mesmo jornal. Em seu caso, nove anos após a estada inicial na capital pernambucana [Mello 1985, p. 225, 228].

Mas nem tudo era seriedade e profissionalismo nesse grupo itinerante dedicado ao comércio e divulgação de vegetação ornamental exótica em diversas localidades brasileiras. Em meio à gente bem intencionada, havia picaretas infiltrados que vislumbravam apenas ludibriar e ganhar dinheiro fácil, aproveitando a onda de receptividade que usufruía o trabalho dos horticultores e paisagistas franceses no Brasil. Vários alertas contra esses oportunistas ganharam as páginas da *Revista de horticultura. Jornal de agricultura e horticultura prática*, primeiro mensário nacional dedicado principalmente às questões das plantas ornamentais e jardins, que entrou em circulação a partir de janeiro de 1876 e do qual voltaremos a falar detidamente mais à frente.

“Charlatães da horticultura”

Na coluna de abertura da *Revista de horticultura*, de março de 1876, o editor Frederico Guilherme de Albuquerque tratava de

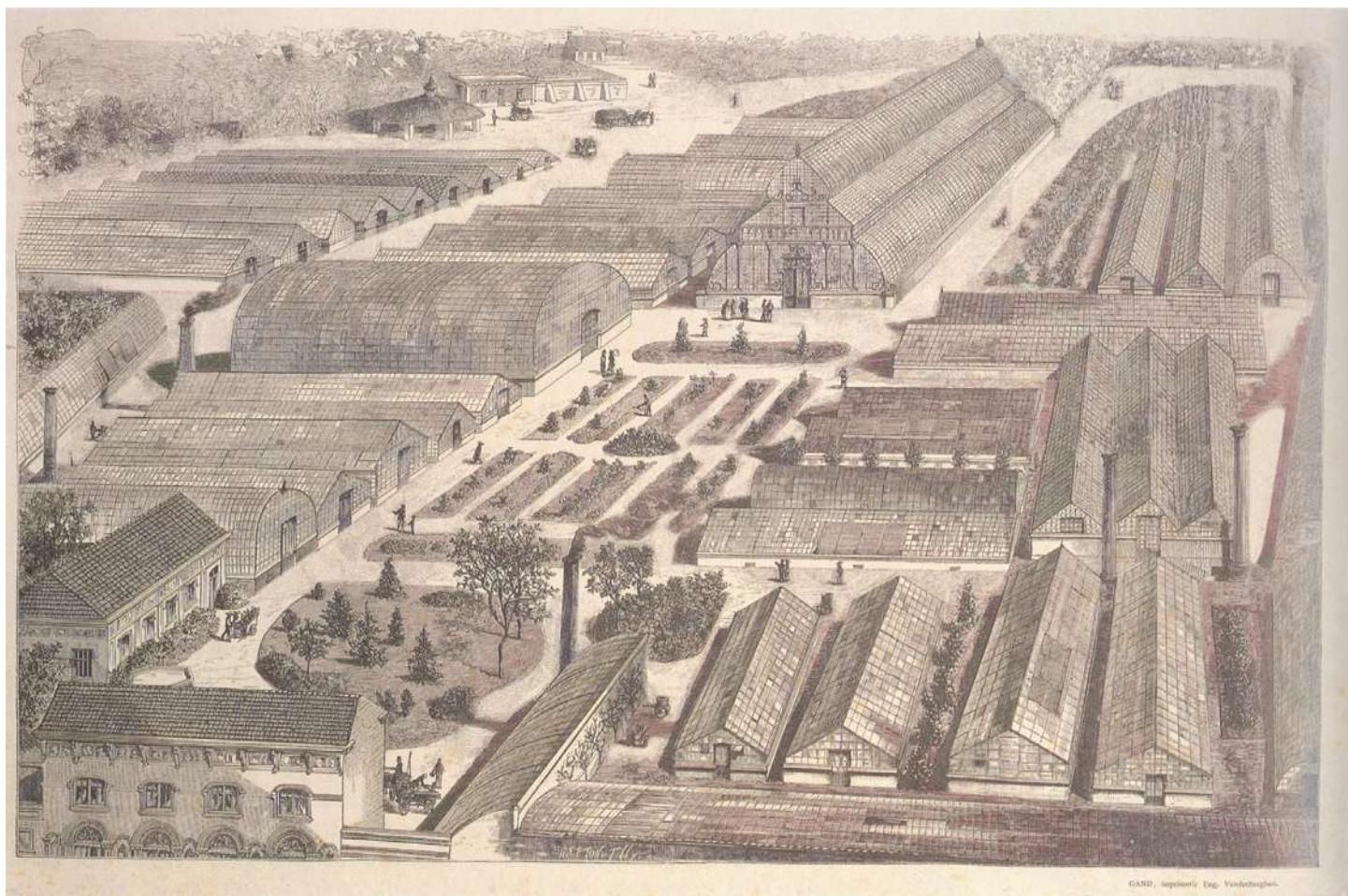
prevenir os leitores sobre um trapaceiro francês disfarçado de comerciante de vegetação, que chegou ao Rio de Janeiro havia um mês, instalou-se na rua Gonçalves Dias e passou a alardear seus serviços pelos jornais. Albuquerque visitou o negócio de P. A. Magne, que se intitulava horticultor de Paris, e constatou que as plantas anunciadas como raridades nada mais eram do que comuns. Diante disso, providenciou uma nota irônica sobre a conduta de Magne, dizendo que ele

expoz á venda flores tão raras que poderião ser tomadas por imaginarias; sem fallarmos da celebre rosa azul, da extraordinaria camelia azul e da maravilhosa magnolia tambem azul, plantas que sem duvida algum dos nossos leitores já possui a muito tempo (não digo que já lhes tenha visto as flores, isso não), pois todos os annos apparecem nas cidades da América horticultores ambulantes, que vendem essas flores tão raras que só elles sabem o nome do lugar onde se encontrão [Albuquerque 1876, p. 41]

Passados sete meses, Albuquerque voltava ao assunto dos vigaristas no artigo “Charlatães da horticultura”, incluído na *Revista de horticultura*, de novembro de 1876. No ano seguinte, a questão era abordada por um correspondente da publicação em Porto Alegre, que mandou carta tratando de mais um velhaco francês que se fazia passar por negociante de plantas. Estampada na edição de junho de 1877 sob o título “Ainda os charlatães”, a missiva descrevia o golpe aplicado por Eugène Pellorce na capital da província gaúcha:

Durante alguns dias o Sr. Pellorce percorreu largamente aos fregueses que lhe apparecêrão sobre as raridades que possuia, entre as quaes se distinguirão o *amaryllis Josephine* que dá oitenta flores em uma só haste, as *pellegrines tricolores*, que elle diz serem da Austrália (vistas talvez por Julio Verne nas suas assombrosas viagens) [...].

Com a mesma facilidade o Sr. Pellorce, ao passo que sustentava que as alstroemerias não são flores americanas, mettia a mão em um grande caixão, e ahi, mesmo sem olhar, apanhava a primeira cebola que seus dedos



Vista das estufas de Jean Linden, em Gand, para o qual trabalhava Charles Pinel.
Gravura da *L'illustration horticole*, n. 27, 1880.
Bibliothèque Universitaire, Gand, Bélgica.
(reproduzida de Herdt 1995, p. 148).

encontravão e a vendia como o amaryllis [...].

Como todos os de sua família, o Sr. Pellorce prometeu voltar no ano seguinte. É provável que isto não se realize; se porém assim acontecer, previnão-se os incautos amadores, aqui ou em qualquer outro ponto do Império, para não se deixarem illudir torpemente [Albuquerque 1877, p. 102-103].

Embora esse correspondente não soubesse, Pellorce era um tapeador que circulava no Brasil pelo menos desde 1860. Ele esteve quatro vezes no Recife, respectivamente nos anos de 1860, 1869, 1870 e 1873. E, a cada retorno, sofisticava os meios para fisgar suas vítimas, investindo especialmente em anúncios que prometiam maravilhas e enorme sortimento de espécies raras. No reclame que publicou no *Diário de Pernambuco*, de 19 de março de 1870, avisou que trazia nada menos do que “300 lotes de diversas plantas e flores novas, árvores e arbustos para ornamento de jardim” [Mello 1985, p. 238-239].

Charles Pinel

As levas de horticultores, paisagistas e comerciantes de plantas que vieram para se estabelecer no Brasil do 2º Império incluíam um naturalista parisiense que se tornou muito ativo na província do Rio de Janeiro. Ele se chamava Charles Pinel (1802-1871). Filho mais novo de Philippe Pinel (1745-1826), médico de Napoleão e pioneiro no tratamento de doenças mentais, Charles se aventurou em terras brasileiras, em 1834, e fixou residência na vila de Nova Friburgo [Stols 2006, p. 85, 92]. Interessou-se por orquídeas e passou a coletá-las para comercialização, conquistando fama como negociante especializado nesse gênero. À frente dessa atividade, chegou mesmo a encontrar e divulgar várias espécies desconhecidas pela ciência e posteriormente nomeadas em sua homenagem - caso do *Oncidium pinelianum*, *Cattleya pinelii* e *Maxillaria pinelii*.

Em meio à sua clientela nacional e estrangeira, concentrada especialmente na França e Bélgica, havia figuras proeminentes da horticultura e do colecionismo vegetal na época. Dois deles eram o luxemburguês Jean Linden (1817-1898) e o suíço Jacques Samuel Blanchet (1807-1875). Linden detinha um dos principais

estabelecimentos hortícolas da Bélgica, além de ser editor de dois mensários centrais da horticultura europeia oitocentista - *L'Illustration horticole* e *Lindenia iconographie des orchidées* [Allain 2002, p. 2; Herdt 1995, p. 114-116]. Blanchet transferiu-se para a Bahia como representante da exportadora Gex & Decosterd Frères e dos consulados da Suíça e de Nápoles. Em paralelo a essa atividade, ocupava-se com a formação de coleções de plantas vivas para revenda no Velho Continente, abastecendo-se com as orquídeas do comerciante de Nova Friburgo [Hoehne 1941, p. 35-40].

O trabalho de Charles Pinel espelhou o avanço da coqueluche europeia pelas orquídeas, no decorrer da segunda metade do século XIX. Talvez sua atividade tenha sido uma das molas propulsoras que deflagrou efeitos contraditórios na exploração e comercialização dessas plantas. Se, por um lado, ele tomou parte na ação predatória sobre espécies importantes de orquídeas da Mata Atlântica, por outro, induziu que elas se transformassem nas primeiras plantas ornamentais a ingressarem, com alguma relevância, na balança exportadora brasileira. De todo modo, essa fonte nacional de divisas subiu tão rápido quanto desceu, sofrendo as conseqüências de um processo desenfreado de exploração em habitats naturais e especulação de preços nos mercados estrangeiros. No início dos anos 1900, já havia espécies ameaçadas de extinção em regiões onde outrora eram abundantes, como o Espírito Santo, segundo informava o livro *Impressões do Brasil no Século Vinte*, editado por Reginald Lloyd, em 1913.

Jean Binot

Seis anos depois da chegada de Pinel, foi a vez do também parisiense Jean Baptiste Binot preterir a França pelo Brasil. Em 1840, ele aportou no Rio de Janeiro, movido pela decisão de reconstruir sua vida longe de sua terra natal, após o dissabor da perda de uma filha. Seu estabelecimento hortícola estava a pleno vapor em 1848, situando-se à rua de S. Januário, 9, em São Cristóvão, mas o atendimento à clientela se fazia preferencialmente à rua do Ouvidor, 47, no então centro elegante do comércio francês no Rio de Janeiro. Em 1852, seu viveiro foi deslocado para o bairro do Retiro, em Petrópolis, e lá prosseguiu

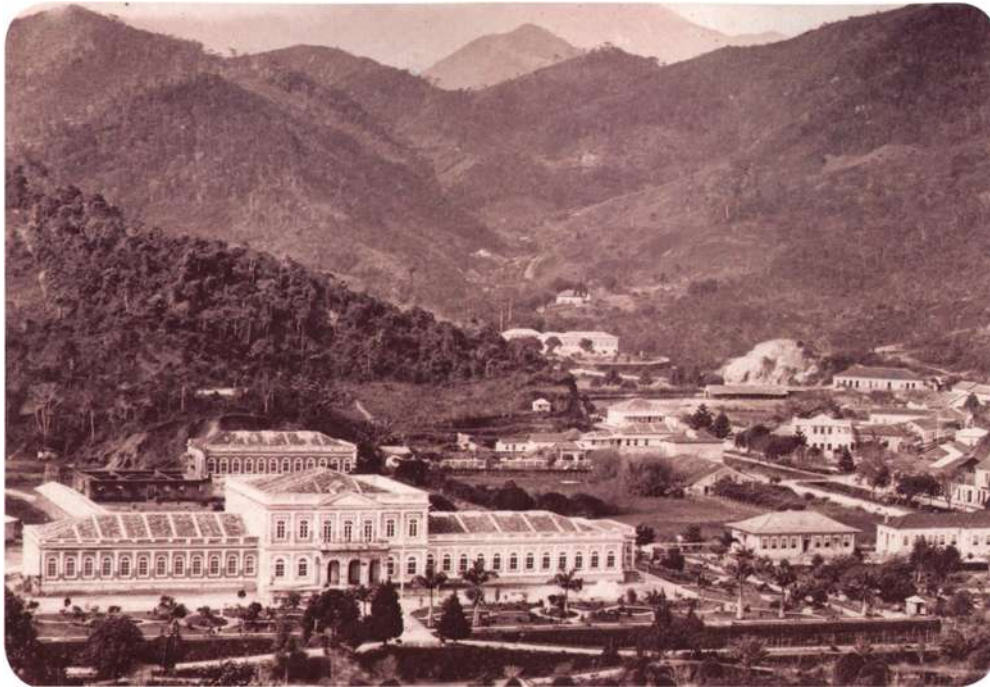
mesmo após seu falecimento, sob a direção de seu filho Pedro Maria Binot (1851-1911), que estudou na escola de horticultura criada por Louis Van Houtte (1810-1876), em Gand, Bélgica [Laemmert 1848, p. 394; Laemmert 1853, p. 535; Stols 2006, p. 85].

Mas qual era a gama de serviços a que se dedicava Binot? Em publicidade no Almanaque Laemmert de 1847, ele definia-se como “jardineiro, florista e cultivador” [Laemmert 1847, p. 394]. No mesmo reclame, explanava que suas atividades abarcavam a

cultura e conservação dos jardins, tanto por mez como por anno, faz toda a sorte de ornamentos próprios, como caramanchões, pyramides, arcos de triumpho, bancos de verdura, etc., para o que tem a disposição dos amadores uma considerável collecção de riscos de jardins no gosto antigo e moderno, que promptamente executará a escolha de quem o encarregar. Os seus viveiros estão muito bem sortidos de plantas da Europa e do paiz, e as vende por preços mui rasoaveis, e com abatimento de 10% para o comprador de 50\$.

Aqui cabe uma pequena explicação sobre o que eram esses “jardins no gosto antigo e moderno”. Binot referia-se, no primeiro caso, às soluções geométricas inspiradas no renascimento italiano e classicismo francês e seus elementos com topiaria vegetal e, no segundo, ao jardim paisagista, em sua versão atualizada pelos franceses no correr do século XIX.

Mantendo-se atuante por quase quatro décadas, Binot passou ao elenco de franceses que mais tempo de atividade ininterrupta desenvolveu no Brasil naquele período. Entre 1847 e 1876, os anúncios de seus serviços freqüentaram a maioria das edições anuais do Almanaque Laemmert, que buscava mapear e informar quem eram os principais atores de todas as especialidades profissionais na capital imperial. Seus clientes concentravam-se nos estratos sociais médios e altos, a começar pela família do imperador D. Pedro II (1825-1891). Às vésperas de sua aposentadoria, já havia conquistado tal prestígio junto ao meio técnico e à sociedade carioca que não foi casualidade obter a distinção máxima - uma medalha de ouro - na 1ª Exposição



Projeto de Binot: jardins do Palácio Imperial de Petrópolis, registrados por volta de 1866. Fotos de Revert Henrique Klumb, coleção Princesa Isabel (reproduzidas de Lago 2008, p. 60 e 62).

Hortícola de Petrópolis, um dos primeiros eventos do gênero realizado no Brasil, em fevereiro de 1875 [Judice 1998, p. 63]. A obra de maior notoriedade de Binot foi o conjunto de jardins para o Palácio de Petrópolis, então residência imperial de veraneio. O horticultor assinou contrato para realizá-la em 1854, mesmo ano em que principiava, do outro lado do Atlântico, a constituição do Service de Promenade et Plantations de Paris [Lacombe 1964, p. 10]. Cerca de doze anos depois, os recintos verdes já apareciam bem viçosos em registros fotográficos de Georges Leuzinger e Revert Henrique Klumb. A partir de 1877, os jardins teriam sido remodelados por Auguste François Marie Glaziou, possivelmente em razão da aposentadoria ou desaparecimento de Binot. De todo modo, eles representaram uma obra-chave não apenas na trajetória de Binot como também na difusão das características do jardim paisagista oitocentista no contexto brasileiro, dividindo a primazia na aplicação dessa sintaxe plástica com outra proposta de relevo - a reforma do Passeio Público do Rio de Janeiro -, empreendida por Glaziou, entre 1860 e 1862. Portanto, coube a Jean Baptiste Binot tornar-se um dos introdutores dessa modalidade formal que terá longa carreira no Brasil do 2º Império e da República Velha.

Auguste Glaziou

Figura de frente da atividade paisagística francesa no Brasil da segunda metade do século XIX, o bretão Auguste François Marie Glaziou (1833-1906) foi autor de uma obra extensa e intensa para os padrões nacionais daquele tempo, desenvolvida principalmente na capital imperial, afora incursões nas cidades de Petrópolis, Nova Friburgo, Juiz de Fora e São Paulo. À época de sua chegada ao Rio de Janeiro, em 1858, ele detinha credenciais incomuns em relação a seus pares de profissão já residentes no país, a começar por não ser autodidata, mas possuir uma formação educacional em respeitada instituição parisiense.

Além de diplomado em engenharia civil, Glaziou fez cursos teóricos e práticos de botânica e horticultura no Muséum d'Histoire Naturelle, em Paris, ministrados por dois destacados professores: Adolphe-Théodore Brongniart (1801-1876) e Joseph Decaisne (1807-1882). Botânico e geólogo parisiense, Brongniart

desenvolveu estudos pioneiros de morfologia e fisiologia vegetal de plantas fósseis e ministrou a cadeira de botânica e fisiologia vegetal naquela entidade. Além disso, foi presidente da Académie des Sciences, em 1847, e um dos fundadores e primeiro diretor da Société Botanique de France, em 1854. Por sua vez, o botânico e agrônomo belga Decaisne fez carreira no mesmo museu, primeiro como jardineiro, depois como chefe das sementeiras e por fim como diretor de cultivos, ao lado de Charles-François Brisseau de Mirbel, ex-professor de Barillet-Deschamps. Em paralelo a essa atividade, foi redator-chefe da *Revue horticole* e participou também da fundação da Société Botanique de France [Allain 2002, p. 2; Allorge, Ikor 2003, p. 555; Hoehne 1941, p. 69; Terra 2001, p. 57].

As motivações que trouxeram o paisagista ao Brasil são nebulosas. Talvez ele tenha aquiescido a um convite do imperador para assumir a Diretoria Geral de Matas e Jardins. No entanto, não surgiram até hoje documentos comprobatórios dessa convocação. O certo é que Glaziou conquistou projeção no meio carioca a partir da reforma do Passeio Público, entre 1860 e 1862, e assumiu a direção dele. Louis Agassiz (1807-1873) mencionou em seu diário que o paisagista ocupava esse cargo, quando foi ciceroneado por ele numa visita à Tijuca, em 1865. Midori referiu-se do mesmo modo ao posto de Glaziou em ofício de 1875, da Secretaria de Estado dos Negócios do Império. A partir de 1869, o paisagista acumulou também a função de diretor de Parques e Jardins da Casa Imperial [Terra 2001, p. 59, 65, 140]. No período republicano, foi diretor de Jardins Públicos, Arborização e Florestas da cidade do Rio de Janeiro e se aposentou nesse posto, em 1897, retornando à França [Cunha 2007, p. 58].

Jardim paisagista

O que havia de marcante na remodelação do Passeio Público? A intervenção não somente retirava do estado de abandono em que se encontrava o mais antigo jardim público nacional, mas deixava para trás o desenho clássico de Mestre Valentim (ca.1745-1813) para inaugurar a adoção de princípios do jardim paisagista moderno em espaços públicos brasileiros. É fato que esses conceitos já estavam em circulação em obras privadas, como os

jardins do palácio de Petrópolis. Contudo, a reforma do Passeio Público abria campo para a difusão e visibilidade muito mais ampla dessas idéias. A par da receptividade que o ideário paisagista estava obtendo nos espaços públicos de Paris, Glaziou se tornou um dos agentes centrais que fizeram a ponte entre o que se experimentava lá e o que era possível transpor e adaptar para cá.

Nesse ponto, cabe uma explicação sobre o que era afinal o jardim paisagista oitocentista, tendo em vista o confuso uso que teve e ainda tem essa denominação. Tratando da reforma do Passeio, o Almanaque Laemmert de 1862 registrava que a proposta de Glaziou

representa um jardim cognominado inglez ou paisagista, gênero actualmente adoptado nos paizes de mais adiantada civilisação, por sua natural e graciosa singeleza, pois nelle se esconde a arte sob as mais bellas formas da natureza, que é o seu mestre e modelo depois de tirar o maior partido possível do terreno em que opéra, e dos pittorescos sítios circumvizinhos, dos quaes como se apossa, pelo effeito das perspectivas, com o fim de alargar os horizontes de seus términos [Laemmert 1862, p. 313].

Também de 1862, os comentários de Joaquim Manuel de Macedo seguiam nessa mesma direção:

A planta apresentada ao governo, e por este aprovada, representa um jardim no gênero inglês, hoje admitido em todo o mundo como o mais natural, o mais livre, e que produz mais agradáveis e completas illusões. [...] O jardineiro-paisagista é rival do paisagista pintor. Este faz representar em sua tela de algumas polegadas o aspecto de um terreno imenso, vastas planícies entrecortadas de rios, alcantinos montes, vales sombrios, e tudo enfim quanto a natureza criou. Aquele corta, levanta, cava o terreno entregue à sua perícia, planta e semeia onde convém cobrir o solo, ou onde é conveniente esconder o triste aspecto de sítios; copia em sua obra e obra as obras da criação, aproveita ou improvisa rios e lagos, montes, outeiros, grutas e bosques; mas em sua cópia tudo é palpável, tudo tem a sua vida especial, tudo brilha com as próprias tintas da natureza [Macedo 2004, p. 143-4].



Projetos de Glaziou: remodelação do Passeio Público do Rio de Janeiro e jardins de Antônio Clemente Pinto, em Nova Friburgo.
Desenho da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro; e foto de Alberto Henschel, c. 1870, acervo Princesa Isabel (reproduzidos de Ferrez 2000, p. 255; Lago 2008, p. 126).

Lendo-se essas explicações de Macedo e do Almanaque, tem-se a impressão que o Passeio Público do Rio de Janeiro fora repaginado como um jardim paisagista inglês do século XVIII. Porém, não era bem assim. Na realidade, seu projeto replicava outra gramática formal, que derivava sim de experiências inglesas setecentistas conhecidas como jardim paisagista, mas atingia resultados diversos. Esse modelo compositivo fermentou nos espaços públicos de Paris, durante a reforma comandada por Haussmann, entre 1853 e 1870. E foi ele que fez escola no Brasil do 2º Império e República Velha, disseminado e adaptado especialmente por mãos francesas, como as de Glaziou. Como era essa sintaxe plástica que alguns franceses resolveram nomear jardim paisagista moderno? Ela atendia às condições urbanas, dispondo de ampla flexibilidade para aplicação em terrenos de todas as escalas, dos maiores aos menores, afastando-se assim das limitações impostas pelo jardim paisagista do século XVIII, cujo desenvolvimento estava subordinado a grandes áreas, geralmente no meio rural. Quando aplicada em terrenos mais extensos, essa gramática fazia crescer a presença de caminhos sinuosos enquanto elementos estruturadores dos arranjos espaciais, urdindo redes mais complexas de passeios que induziam à multiplicação de pontos de vista, recantos e experiências sensoriais. Ela enfatiza não somente o papel expressivo do conjunto, mas também das partes, recuperando a presença de canteiros com arranjos inusitados de espécies herbáceas e arbustivas exóticas, numa estratégia francamente diversa do jardim paisagista setecentista, que excluía quase que totalmente detalhes e particularidades em favor das grandes vistas, dos grandes efeitos cênicos. Além disso, supervalorizava a profusão ornamental, na forma de ruínas artificiais, grutas, rocalhas, cascatas, lagos, pontes, fontes metálicas, bancos, postes de iluminação, gradis, bebedouros e toda sorte de produtos para jardins, disponibilizados pela Revolução Industrial.

Elenco de obras

Após o Passeio, Glaziou se dedicou a oito obras públicas na cidade do Rio de Janeiro: o Campo de Santana, a Praça D. Pedro II (atual Praça XV de Novembro), a Praça da Constituição (atual Praça Tiradentes), a Praça Municipal (desaparecida com a abertura da Avenida Barão de Tefé), a Praça General Osório (sacrificada com a implantação da Avenida Presidente Vargas), o Largo de São Francisco, diante da Estação D. Pedro II, a Praça Duque de Caxias (atual Largo do Machado) e o Cais da Glória, próximo ao outeiro [Segawa 1996, p. 172; Terra 2001, p. 67]. A primeira era a intervenção mais ambiciosa de ajardinamento de um tradicional vazio urbano, que servia a exercícios militares, recreação popular e festas da coroa; as demais consistiam em remodelações de menor envergadura de espaços preexistentes.

Em paralelo à implantação delas, Glaziou elaborou vários projetos para a família imperial e clientes particulares. Para D. Pedro II, idealizou o parque da Quinta da Boa Vista, na capital, e reformou os jardins do palácio de verão, em Petrópolis. Criou dois parques residenciais para o fazendeiro de café Antônio Clemente Pinto (1795-1869), Barão de Nova Friburgo, sendo o primeiro em complemento ao solar da capital (atual Palácio do Catete) e o outro numa propriedade de veraneio, em Nova Friburgo (Parque São Clemente). Para a também fazendeira de café Veridiana Valéria da Silva Prado (1825-1910) e o engenheiro e político Mariano Procópio Ferreira Lage (1821-1872), desenvolveu amplos jardins envolvendo seus palacetes, respectivamente, em São Paulo e Juiz de Fora.

No entanto, o Campo de Santana foi um dos projetos-chave do elenco de realizações de Glaziou. E isso por vários motivos, começando pelo fato de ser uma das obras precursoras de uma tipologia verde que fará interessante carreira no Brasil do 2º Império e República Velha. Tratava-se do *square* parisiense. Novidade introduzida aqui pelos franceses, era uma área pública ajardinada, com proporções pequenas e médias, envolvida por cercas e dotada de portões franqueados ao público em certos horários (ver capítulo 1). No caso brasileiro, surgia geralmente a partir da adaptação de praças e largos coloniais. Foi o caso da Praça da Constituição, no Rio de Janeiro, proposta de Glaziou que



Glaziou foi um dos artífices da difusão do *square* parisiense no Brasil, que se propagou amplamente pelo território nacional no final do século XIX. Essa nova tipologia verde inspirou a transformação de antigos espaços públicos, como o Terreiro de Jesus, em Salvador (no alto da página), e a Praça Senador Benedicto Leite, em São Luís do Maranhão. Postais J. Melo, Bahia; e E. P. & Cie, Paris. Coleção GMD.



Uma das primeiras solicitações de Glaziou a Val'Osne foi uma ponte metálica para a remodelação do Passeio Público (no alto da página). Mas o equipamento de maior proporção comprado dessa empresa francesa foi o chafariz desenhado por Moreau, instalado na antiga praça D. Pedro II. Postal a partir de foto de Marc Ferrez, Inglaterra; postal de A. Ribeiro, Rio de Janeiro; ambos do século XIX. Coleção GMD.

ficou registrada numa fotografia de Georges Leuzinger (1796-1892), tomada por volta de 1865. No final do século XIX, os *squares* espalhavam-se pelo Brasil afora, apontando em cidades geograficamente distantes, como Manaus, São Luís do Maranhão, Recife, Salvador, São Paulo e tantas outras. A Praça Senador Benedito Leite era um bem cuidado *square* que atendia a população de São Luís e figurava em diversos postais, editados na passagem do século XIX e nas primeiras décadas do XX. A Praça Maciel Pinheiro, em Recife, apresentava a conformação de um *square*, quando fotografada por Maurício Maberg, aproximadamente em 1885. Havia um *square* no antigo Terreiro de Jesus, em Salvador, cuja imagem circulou em postal da firma de J. Mello, em fins do século XIX. O Largo de São Bento, em São Paulo, encerrava também um *square* em 1892, ano em que foi clicado por Marc Ferrez (1843-1923).

Ornamentos metálicos

O Campo de Santana foi o encargo público de Glaziou que melhor reverberou a gramática do jardim paisagista moderno, no Rio de Janeiro. Implementado entre 1873 e 1880, o projeto cumpria à risca todos os itens programáticos existentes nos principais espaços públicos da Paris reformada, inclusive no emprego de equipamentos de ferro fundido.

Em complemento aos ambientes conformados pelas alamedas sinuosas, conjuntos densos de árvores exóticas e nativas e lago de águas mansas, Glaziou introduziu uma série de artefatos metálicos. Havia quatro chafarizes em formato de estela, encimados pelo busto de Europa; fonte com desenho de sereia; oito vasos ornamentais; quatro portões e gradis de fechamento da área; todos encomendados à empresa francesa Val d'Osne, a mesma fornecedora da prefeitura parisiense [Glaziou 1874, p. 131; Junqueira 2000, p. 92-97].

Metalúrgica criada por Jean Pierre Victor André no Haute-Marne, em 1833, a Val d'Osne se notabilizou na produção de objetos decorativos e peças de mobiliário urbano, desenvolvendo inclusive itens específicos para os espaços públicos de Paris, encomendados por Davioud (ver capítulo 1). Seu catálogo oferecia um vasto elenco de produtos, entre os quais 200 modelos

diferentes de vasos, 110 de chafarizes, 600 de figuras humanas, 250 de representações animais, todos desenhados por cerca de 50 escultores, sendo um dos mais notáveis deles Mathurim Moreau (1821-1912) [Robert-Dehault 2000, p. 47-48].

Glaziou foi um dos incentivadores da presença desses ornamentos sofisticados tanto nos jardins públicos como nas obras privadas que desenhou, contribuindo para que o Rio de Janeiro formasse um dos maiores acervos dessas peças fora da França. Cerca de 200 delas chegaram aos nossos dias, sendo algumas de autoria de Moreau. É desse escultor, por exemplo, o exuberante chafariz de 10 m de altura, adquirido originalmente para figurar na Praça D. Pedro II. Também são obras dele as quatro alegorias das estações do ano que Glaziou encomendou para o Passeio Público, sendo possivelmente as primeiras solicitações do paisagista à Val d'Osne, além da ponte com guarda-corpos em galhos entrecruzados incluída no mesmo projeto [Junqueira 2000, p. 76, 81].

Arte rústica

Cenários de pedras artificiais simulando falésias, grutas e quedas d'água; ornamentos com formas vegetais em concreto armado; pequenas construções em ruínas. Esses componentes de arte rústica ou *rocaille* eram tão importantes quanto a vegetação, os lagos e os passeios na configuração de projetos de estilo paisagístico moderno (ver capítulo 1). Glaziou não se furtou à aplicação deles, adotando-os na maioria de seus projetos, fossem ou não de natureza pública. No Campo de Santana, o paisagista fez seu vô mais ousado na montagem de um conjunto rochoso artificial, que funcionou como a versão local do congêneres existente no Bois de Boulogne. Realizou um avantajado cenário de pedras artificiais em concreto armado, que incluía gruta e cascata.

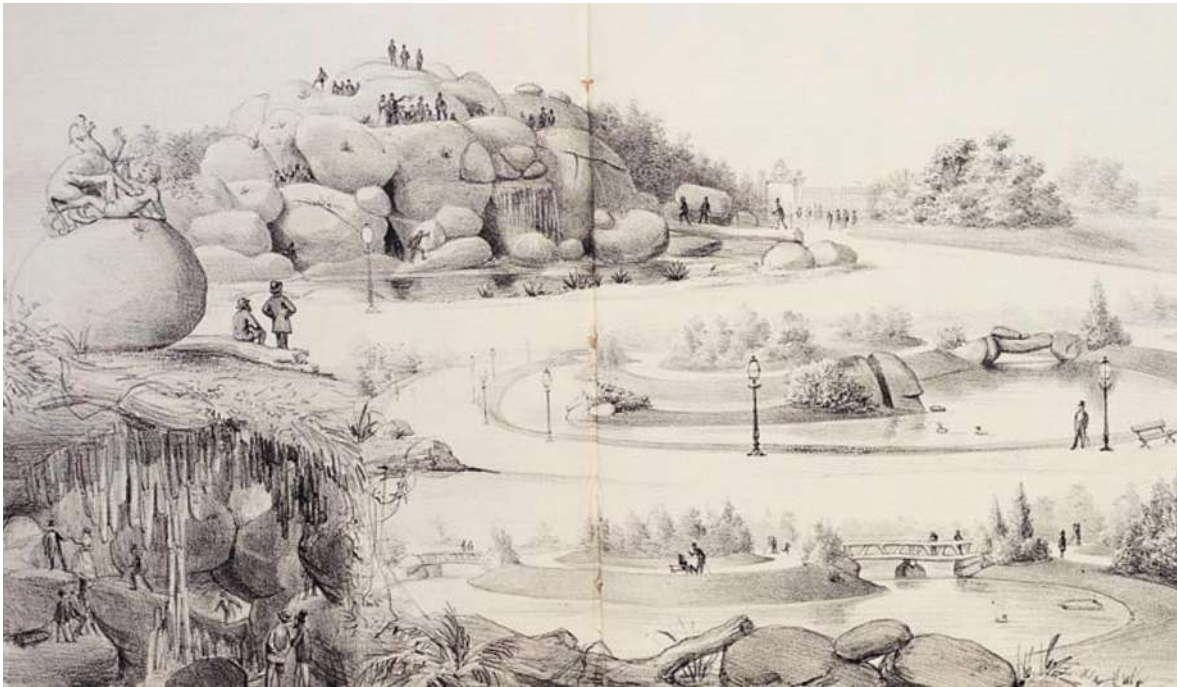
Não se sabe se Glaziou contratou um *rocailleur* francês em atividade no Rio de Janeiro ou trouxe-o de fora para ajudá-lo na realização desse trabalho, bem como para a ponte que imitava troncos e galhos de árvores, igualmente preparada em concreto armado. De todo modo, os resultados fantasiosos e a execução cuidadosa desses ornamentos cênicos não ficaram a dever aos

exemplos parisienses. A própria imprensa carioca não deixou de elogiá-los em matéria publicada no dia da inauguração do projeto. O *Jornal do Comércio*, de 7 de setembro de 1880, descreveu-os assim:

Confiada ao Dr. Glaziou a execução desse grandioso plano, sahio-se della com toda a galhardia o provector engenheiro e botanista. Como obra d'arte tem esse jardim uma cascata monumental de soberbo effeito vista pelo exterior, e cheia de episódios inesperados para o visitante que se embrenhar nas grutas que tem no interior; ornadas de stalactites e stalagmites, onde o contínuo correr da água completará a perfeita illusão. Dá acesso a essa cascata uma pinguela rústica e várias pedras como que disseminadas ao acaso nas águas do lago inferior. De noite, a cascata é iluminada por lampiões de gaz-globo, artisticamente dispostos [apud Terra 2000, p. 81].

Concomitantemente à implementação do Campo de Santana, Glaziou tocava adiante as obras do parque da Quinta da Boa Vista, que viria a ser seu maior encargo brasileiro. Elaborado em 1868, o projeto destinava-se à residência oficial do imperador. Nele Glaziou praticava novamente os cânones do jardim paisagístico moderno, valendo-se das possibilidades oferecidas por um sítio bem maior do que o Campo de Santana, inclusive para multiplicar a participação de obras de arte rústica. Afora um penedo artificial com gruta, o paisagista dispôs algumas pontes moldadas em forma de troncos, em pontos diferentes do parque.

Do mesmo modo que fizera com os equipamentos de ferro fundido, Glaziou abriu caminho para a difusão dos trabalhos de arte rústica nos jardins públicos e privados nacionais. Num intervalo relativamente curto de tempo, o gosto por essas obras avançou tanto que elas já compareciam não somente nos grandes centros, mas também em paragens improváveis do Brasil. São Paulo exibia um rochedo artificial com caverna no Jardim da Luz. Rocalhas em forma de galhos de árvore também figuravam no Parque Villon, na capital paulista. Pindamonhangaba providenciou igualmente um cenário rochoso com cascata que tomava quase toda a Praça Monsenhor Marcondes. Campinas não ficou atrás e realizou um maciço rochoso com várias concavidades



As rocalhas do Campo de Santana foram prato cheio tanto para as charges de Ângelo Agostini (no alto da página) quanto para os fotógrafos que clicavam as novidades na capital imperial. Litografia, 1880, Coleção Gilberto Ferrez, Rio de Janeiro (reproduzido de Ferrez 2000, p. 283). Postal do final do século XIX, coleção GMD.



O gosto pela arte rústica avançou pelos jardins do Brasil afora na virada do século XIX, como se pode observar nesses exemplos em Vitória, São Paulo e Pindamonhangaba.

Postais do Parque Moscoso, Vitória, Foto Arte; Jardim da Luz, São Paulo; Praça Monsenhor Marcondes, Pindamonhangaba.

Coleção GMD.

em seu jardim público. Belo Horizonte possuía uma fraga moldada na Praça da Liberdade. Pontezinha em troncos artificiais de árvore integrava o Parque Moscoso, em Vitória. Também de rocalhas com desenho de galhos era a estrutura de um coreto da Praça General Osório, em Manaus.

Joly e Perret

O Rio de Janeiro do 2º Império atraiu, mas não deteve a exclusividade de abrigar horticultores e paisagistas franceses em solo brasileiro. São Paulo e Pelotas foram destinos igualmente escolhidos por esses profissionais para se fixarem e praticarem seu ofício. Para essas cidades, dirigiram-se respectivamente os horticultores Júlio Joly e Ambrósio Perret.

Em meio à capital paulista que se enriquecia com a economia cafeeira, Joly se instalou e fez carreira como produtor e comerciante de flores de corte e espécies ornamentais. Seus viveiros ocupavam uma chácara no Brás e estavam em atividade pelo menos desde 1862, quando foram fotografados por Militão Augusto de Azevedo (1837-1905). Figuravam entre os pontos da cidade que atraíam estrangeiros, personalidades ilustres e amantes de plantas ornamentais. A princesa Isabel (1846-1921) incluiu um passeio à estação hortícola de Joly, quando esteve em São Paulo, em 1884. O jornalista e político Carl Von Koseritz (1830-1890) também se referiu ao trabalho do horticultor em seu livro *Imagens do Brasil*, de 1885. O empresário Henrique Raffard (1851-1906) foi mais um visitante que se recordou das atividades de Joly, quando escreveu suas impressões da estada na capital, em 1888, na publicação *Alguns dias na Paulicéia*. Além do estabelecimento de cultivos, Joly mantinha uma loja em ponto privilegiado do centro comercial da cidade, ocupando um imóvel na esquina das ruas do Imperador (atual Quinze de Novembro) e Quitanda [Barbuy 2006, p. 165, 168].

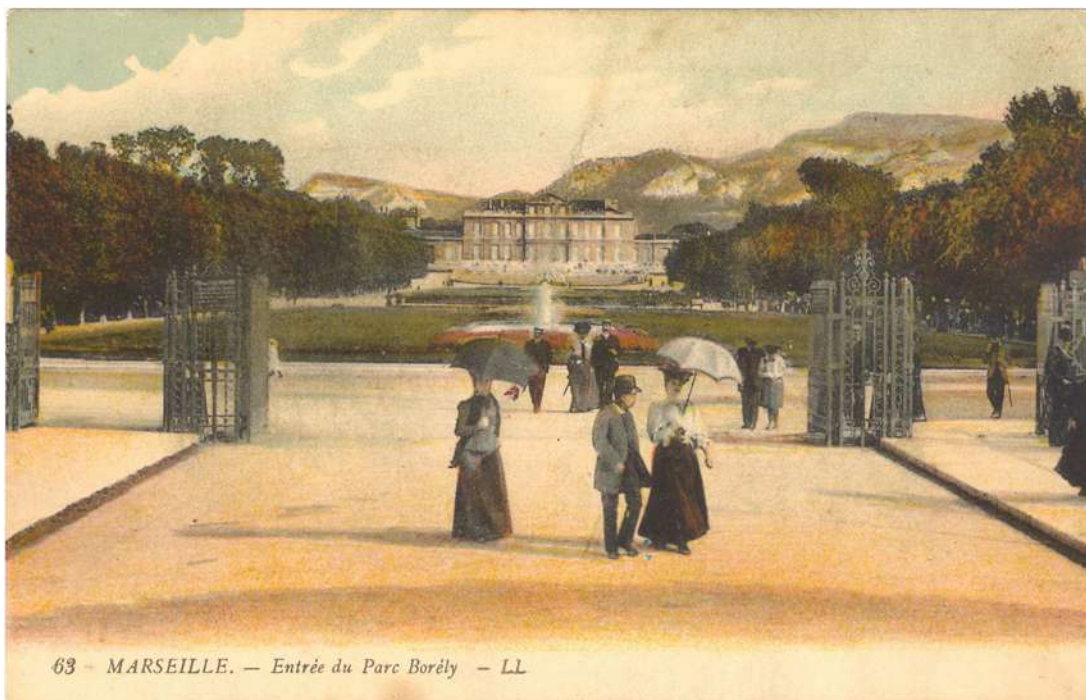
Ambrósio Perret rumou para bem mais distante do que Joly, dirigindo-se ao extremo sul do país, por volta da década de 1870. Estabeleceu-se em Pelotas, amparado possivelmente em uma rede de contatos que fizera com que a cidade fosse um dos três redutos preferenciais de imigração espontânea francesa no Rio Grande do

Sul, ao longo do século XIX. Ao que tudo indica, Perret era um profissional mais ligado à prática do que à atividade projetual. Na região do Passo do Retiro, montou seu centro de horticultura que abarcava tanto a produção de plantas ornamentais quanto árvores frutíferas. Em pouco tempo, destacou-se no comércio regional de plantas, fornecendo mudas para uma clientela distribuída por várias cidades dentro e fora da província gaúcha [Betemps 2006, p. 33].

Paul Villon

Em 1889, veio a queda do Império e a instauração da República. Contudo, a troca de sistema político não impingiu nenhum abalo imediato ao movimento de profissionais franceses dos jardins no Brasil. E muito menos fez arrefecer o gosto pelo jardim paisagista moderno. O que se viu foi a entrada em cena de novos personagens, entre os quais Paul Villon (1842-?), natural de Côte Saint-André, mesma cidade onde nasceu o compositor Louis-Hector Berlioz (1803-1869), próxima a Lyon e Grenoble, no sudeste da França.

Villon foi talvez o profissional mais próximo ao grupo técnico da reforma de Paris a se transferir para o Brasil, sucedendo a Glaziou na condição de paisagista mais requisitado em obras estatais, nos primeiros anos da República. Sua formação educacional se fez entre Paris e Grenoble. Estudou com Alphonse Dubreuil (1811-1885), redator-chefe da *Revue horticole*, professor de arboricultura no Conservatoire National des Arts e Métiers, em 1853, e um dos fundadores da École Municipale et Départementale d'Arboriculture de la Ville de Paris, na qual deu aulas entre 1867 e 1887, colaborando na formação de quadros profissionais necessários à capital francesa. Em Grenoble, Villon aperfeiçoou-se em horticultura e arboricultura no estabelecimento Meunier et Rocher Frères [Allain 2002, p 2; Trindade 1997, p. 266]. Sua carreira se iniciou possivelmente em Paris, tomando parte na equipe de Alphand e Barillet-Deschamps. Foi talvez escalado por esses profissionais para trabalhar na reforma do Parque Borely, em Marselha, cujo projeto foi elaborado por Alphand,



Primeiros trabalhos em que participou Paul Villon antes e após sua transferência para o Brasil: Parque Borely, em Marselha, e Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro.
Postais L.L., França; A. Zoller Editeur, Genève.
Coleção GMD.

com execução a cargo de Barillet-Deschamps, a partir de 1860.

Não se sabe em que condições e ano Villon se mudou definitivamente para o Brasil. No entanto, parece que seus primeiros encargos no país foram no Rio de Janeiro, sob a direção de Glaziou. Ele integrou a equipe do paisagista bretão que implantou o Campo de Santana e o parque da Quinta da Boa Vista. À maneira de Glaziou, Villon foi progressivamente ampliando seu raio de ação além da capital imperial, conquistando encargos em São Paulo e Belo Horizonte. A etapa central de seu trabalho decolou a partir da implementação do Parque Villon (posteriormente rebatizado de parque da Avenida e hoje Tenente Siqueira Campos). Aberto em 1892 junto à recém-inaugurada Avenida Paulista, o parque articulava-se a um dos primeiros *boulevards* realizados em São Paulo, fruto da iniciativa imobiliária de Joaquim Eugênio de Lima, José Borges de Figueiredo e José Augusto Garcia para constituir uma nova região elegante para se viver, longe do centro histórico da cidade.

Capital verde

Em 1894, Villon aceitou o convite do engenheiro Aarão Reis (1853-1936) para somar-se à sua equipe, encarregada do projeto de Belo Horizonte, nova capital de Minas Gerais e pioneira experiência de estudo e implementação de uma cidade planejada no início do período republicano. Naquele ano, transferiu-se para Minas Gerais e assumiu as obras paisagísticas da cidade. Primeiro atuou na 4ª Divisão (Estudos e Preparos do Solo) e depois na 6ª Divisão (Arruamentos, Calçamentos, Parques e Jardins) da Comissão Construtora da Nova Capital.

Um de seus trabalhos principais foi a implantação do Parque Municipal, entre 1894 e 1897. Maior área verde local disposta junto a um dos três *boulevards* estruturadores da malha urbana, o parque desenvolvia-se a partir da aplicação dos princípios do jardim paisagista moderno numa superfície de 64 ha. A partir de 1898, Villon desenhou também os espaços verdes do Palácio da Liberdade. Planejou a arborização dos *boulevards*, avenidas e ruas da cidade. E organizou dois viveiros especializados, respectivamente, na produção de mudas de árvores e flores para



Projetos da fase madura de Villon: Parque Municipal de Belo Horizonte e remodelação dos jardins na orla de Botafogo. Postais Colombo, J.T., e A. Ribeiro. Coleção GMD.

os espaços públicos, inspirando-se possivelmente na experiência de Barillet-Deschamps, em Paris. Com o encerramento dos trabalhos da Comissão, prosseguiu na função de paisagista municipal até 1899, quando pediu demissão e retornou ao Rio de Janeiro [Leme 1999, p. 222-223; Trindade 1997, p. 266-267]. O conjunto de intervenções paisagísticas em Belo Horizonte não foi apenas obra capital na trajetória de Villon, mas inaugurou um exemplo sem antecedentes no modo de construir cidades no território brasileiro. Belo Horizonte era a primeira capital verde que despontava no país, projetada assim desde sua origem e não adaptada posteriormente, como a maioria dos núcleos urbanos tradicionais que na mesma época buscavam se enverdecem.

Volta ao Rio de Janeiro

Concomitantemente às atividades em Belo Horizonte, Villon fez mais uma parceria com Aarão Reis, desta vez numa obra no Rio de Janeiro. Em 1896, ele foi chamado a intervir nos jardins do Palácio do Catete, estudados originalmente por Glaziou em complemento ao solar do Barão de Nova Friburgo. Enquanto os interiores da antiga morada foram adaptados por Reis para a residência da Presidência da República, Villon se dedicou à recuperação do parque de 24.000 m², que se espraiava nos fundos e na lateral direita da propriedade [Czajkowski 2000, p. 94].

O retorno definitivo de Villon ao Rio de Janeiro se deu em 1899, com o aceite da proposta de integrar os quadros técnicos da Inspetoria Geral de Matas, Jardins, Arborização, Caça e Pesca. Entre 1902 e 1906, esse departamento se tornou um dos organismos-chave que deu suporte à ação reformadora do prefeito Francisco Pereira Passos (1836-1913) na capital da República. Versão carioca do Service de Promenade et Plantations de Paris, a Inspetoria propagou uma série de iniciativas visando ampliar a presença do verde na cidade, que redundou na atualização de espaços existentes, na criação de mais jardins públicos e na implementação de programas de arborização viária, inclusive para novos *boulevards* - caso da Avenida Central (atual Rio Branco) e Avenida Beira-Mar, entre a Glória e Botafogo. Nesse contexto, Villon foi responsável pelo desenho dos jardins na Praia de Botafogo e no Alto da Boa Vista, ambos elaborados em 1903,

segundo os repertórios do jardim paisagista moderno [Brenna 1985, p. 101, 107-108].

Charles Thays

Tempos antes de travar contatos com Paul Villon, no Rio de Janeiro, Charles Thays fez seu primeiro trabalho no Brasil em 1900. Então Diretor de Passeios de Buenos Aires afamado pelo trabalho que operava à frente desse cargo, o paisagista aceitou um convite do governo de São Luís do Maranhão para empreender melhoramentos no centro cívico local [Berjman 1998, p. 171]. Thays propôs ajardinar a praça diante da sede governamental (Palácio dos Leões), que se prolongava em forma de mirante circular debruçado sobre o Rio Anil. E interligou esse espaço à Avenida D. Pedro II, transformando-a numa avenida-verde pontuada com canteiro central e dois pares de linhas de árvores.

Três anos depois, deu consultoria à gestão carioca de Pereira Passos e forneceu espécies para arborização local. Em 28 de junho de 1903, Thays participou de reunião com o prefeito, Julio Furtado (Inspetor dos Jardins) e Paul Villon, quando “examinarão plantas desta cidade e da de Buenos Aires, dos nossos parques e dos pequenos jardins desta capital”, segundo informava o *Jornal do Comércio*, do dia anterior [Brenna 1985, p. 72]. Pelo menos desde a quinzena anterior, a imprensa local vinha noticiando a visita de Thays. E não havia completa receptividade à idéia do prefeito de trazê-lo para opinar sobre o presente e o futuro dos jardins do Rio de Janeiro.

A *Gazeta de Notícias*, de 14 de junho de 1903, estampou uma veemente matéria de protesto, afirmando que

O Rio de Janeiro já mostrou que pode ter jardins e ruas arborizadas, graças apenas á competência e ao zelo de seus funcionários, não sendo preciso que nos venham ensinar a melhor maneira de traçar gramados, alinhar canteiros e plantar arvoredos de sombra. [...] Para o serviço de ajardinamentos e arborização, dispensamos professores. – Nisso, como em tudo, o que nos faltava não era capacidade: era vontade de trabalhar, era administração, era coragem. O correspondente telegraphico de um nosso jornal em Buenos Aires mandou dizer hontem que o Sr. Thays traz consigo seiscentos pés de arvores dos que adornam aquella cidade, afim de serem

plantadas na capital do Brasil...

Deixem-me rir um bocadinho... *Buenos Aires oferecendo arvores ao Rio de Janeiro!* Não acham os senhores que a coisa deve ser sublinhada com um riso sóbrio e comedido, um riso não de impertinência ou desdem, mas de bom humor?

O Rio de Janeiro, se invejasse a Buenos Aires as suas arvores, faria a mesma figura dessas meninas ricas, que, possuidoras de lindas e luxuosas bonecas bem vestidas, invejam às crianças pobres as suas miseráveis bonecas de tostão, recheadas de trapos e adornadas de farrapos. – Para que queremos nós as arvores de Buenos Aires? Arvores temos nós de sobra: o que nos tem até agora faltado é quem saiba amal-as e aproveitá-las [Brenna 1985, p. 68].

Embora a matéria não discriminasse quais mudas Thays portava consigo, é quase certo que havia tipuanas e jacarandás-mimosos. Foi justamente com essas espécies da flora argentina que Thays obteve bons resultados na arborização pública de Buenos Aires. Por outro lado, há que se considerar a possibilidade de alguma relação dessa viagem do paisagista e a propagação, na mesma época, das tipuanas e jacarandás-mimoso nas iniciativas de arborização das ruas de São Paulo. Apesar de não existirem notícias confirmando a presença de Thays em tempo algum na capital paulista, houve provavelmente algum intercâmbio mediado por ele que fez com que essas árvores fossem adotadas em São Paulo.

Bouvard, Vacherot e Cochet

Joseph Antoine Bouvard foi personagem renomado que também freqüentou ocasionalmente o Brasil da República Velha. Do mesmo modo que Charles Thays, chegou para realizar trabalhos pontuais, sem qualquer intenção de se transferir ao país. Retornando de uma viagem profissional a Curitiba, em 1911, na qual prestou assessoria ao banqueiro francês Edouard Fontaine de Laveleye, Bouvard foi convidado pela Câmara Municipal a opinar sobre três projetos de melhoramentos para o centro histórico da capital paulista, que estavam incendiando os ânimos no meio técnico e no setor imobiliário da cidade. Contudo, o arquiteto francês preferiu não entrar no mérito desses trabalhos

e formulou uma proposta alternativa, sublinhando o que considerava indispensável à cidade presente e futura. Em meio a essa proposta, estavam estudos para dois parques, respectivamente no Vale do Anhangabaú e na Várzea do Carmo [Segawa 2000, p. 65, 93].

Bouvard justificava esses acréscimos verdes ao tecido urbano paulistano argumentando que era necessário

não esquecer a conservação e criação de espaços livres, de centros de vegetação, de reservatórios de ar. Mais a população aumentará, maior será a densidade de aglomeração, mais crescerá o número de construções, mais alto subirão os edifícios, maior se imporá a urgência de espaços livres, de praças públicas, de *squares*, de jardins, de parques, se impõe.

Foi para tal fim que independentemente dos passeios interiores, de que apresento a colocação nos estudos, tendo em vista o encanto e atração da cidade, aconselho três grandes parques, lugares de passeio para os habitantes, focos de higiene e de bem estar, necessários à saúde pública, tanto moral como física [apud Segawa 2000, p. 101].

Nos anos seguintes, a finalização dos projetos dos parques teve destinos diferentes. Apenas a proposta do Anhangabaú foi detalhada, sendo que Bouvard encarregou Jules Vacherot (1862-1925) dessa tarefa [Guaraldo 2002, p. 99, 101]. Vacherot era um destacado profissional que estudou na École des Beaux-Arts de Paris e se especializou em paisagismo com Barillet-Deschamps, Eugène Deny (1857-1926) e Joseph Laforcade (1826-1914). No princípio do século XX, foi jardineiro-chefe de Paris e elaborou os jardins da Exposição Universal de 1900, ganhando notoriedade a partir de então com projetos de parques e jardins para feiras internacionais. Aliando uma intensa atividade como projetista, teórico, professor e membro de instituições profissionais, escreveu o livro *Les parcs et jardins au commencement du XX^e siècle*, presidiu a Société Nationale d'Horticulture de France, foi professor na École Municipale d'Horticulture de Paris e autor de dois grandes parques públicos, respectivamente em Nancy e Valence, na França [Racine 2002, p. 150-153].

A proposta de Bouvard para a Várzea do Carmo foi preterida por um novo estudo desenvolvido por E. F. Cochet, mais um profissional possivelmente de origem francesa que manteve escritório no Rio de Janeiro e prestou serviços em São Paulo, para

a administração do prefeito Washington Luiz (1869-1957). Aprovado pela Câmara Municipal em 12 de junho de 1914, o projeto de Cochet compartilhava com o de Bouvard a aplicação dos princípios centrais do jardim paisagista moderno, embora aquele atingisse resultados plásticos mais sofisticados que este, especialmente no aproveitamento dos recursos hídricos. Cochet melhor incorporava a presença do rio que atravessava a área, com alargamentos para a formação de lagos, ao invés de se restringir à mera retificação do curso d'água como fez Bouvard.

Além disso, a proposta de Cochet suplantava em outro ponto a solução de seu antecessor. Ela introduzia uma ampla série de equipamentos para esportes e recreação, como quadras de tênis, futebol, hóquei, beisebol, patinação, playgrounds e cine-teatro, que formavam um conjunto então sem precedentes em parques públicos na cidade. No memorial que acompanhava o projeto, Cochet detalhava essas intenções dizendo que

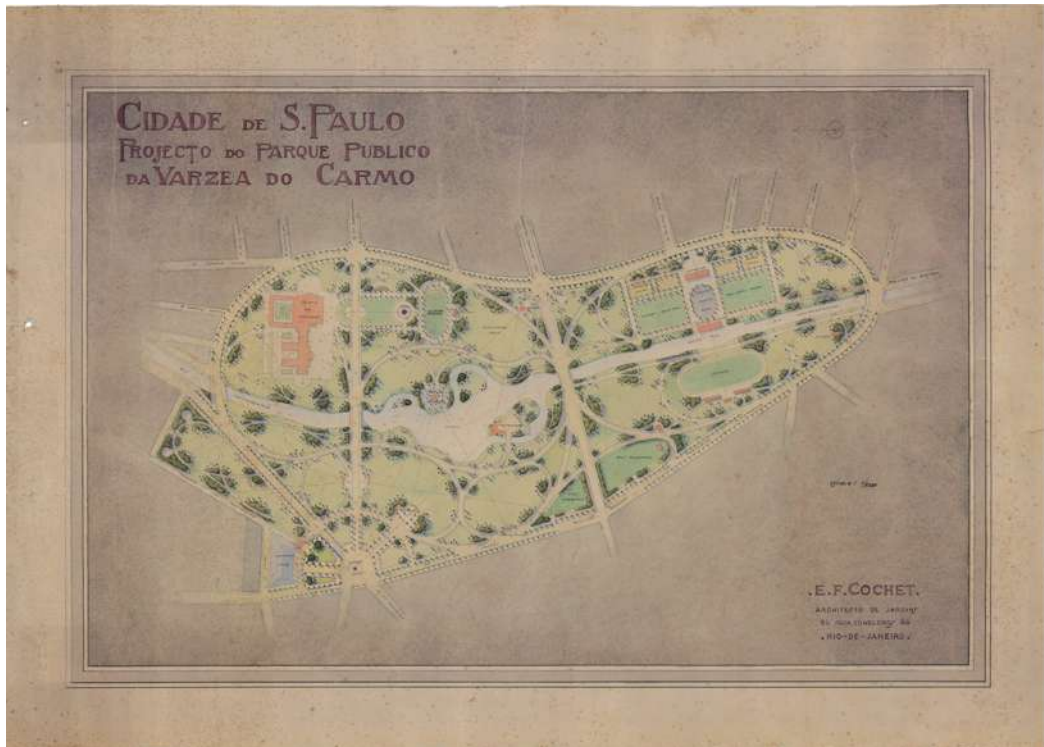
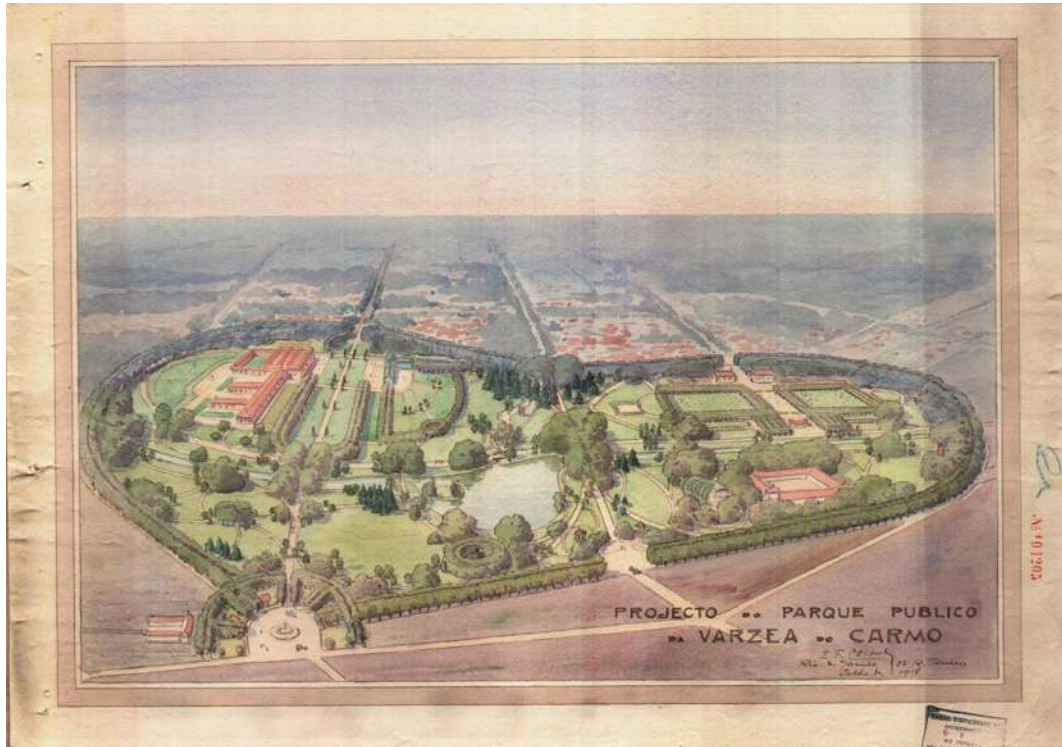
a área posta a nossa disposição e os bairros do entorno onde a população se concentra nos levaram naturalmente a estudar um complexo diversificado onde grande parte foi reservada às áreas de recreação e jogos infantis, e áreas de esportes para os adultos.

A experiência nos tem mostrado que os parques públicos não devem ser somente passeios agradáveis e reservas de ar puro, mas devem também propiciar educação física às crianças, repouso aos adultos e desenvolvimento da raça [apud Kliass 1993, p. 117-118].

Os trabalhos de execução foram levados adiante com altos e baixos entre 1918 e 1921, quando a área passou a se chamar Parque D. Pedro II. Em 1922, o paisagista austríaco Antonio Andrea Etzel (1858-1930), então diretor do departamento municipal de áreas verdes, tratou da finalização do ajardinamento, empreendendo o plantio de mais de 17.608 mudas apenas nesse ano. Mas a série completa de equipamentos não teve a mesma sorte e ficou pelo caminho [Kliass 1993, p. 120, 125].



Projeto de Bouvard: parque no Vale do Anhangabaú.
Postais do primeiro quartel do século XX.
Coleção GMD.



Projeto de Cochet: parque na Várzea do Carmo.
Seção de Arquivo da Superintendência de Obras
Viárias/ Prefeitura Municipal de São Paulo.

No fim das contas, o mesmo destino perverso se abateu sobre os dois parques. Na década de 1940, o Anhangabaú e o D. Pedro II sucumbiram com a perda drástica de áreas e interrupções absurdas para acomodar grandes avenidas e viadutos. Enfim, foram algumas das primeiras vítimas da voracidade de conquistar espaço a todo custo para expandir vias e acomodar um número cada vez maior de carros em circulação na cidade.

Além de disseminar obras paisagísticas em várias localidades, introduzir repertórios formais e divulgar espécies vegetais que não eram conhecidas aqui, a presença dos profissionais franceses ao longo do século XIX e início do XX teve outros desdobramentos não menos importantes no Brasil. Um deles foi incentivar a consolidação das primeiras gerações de paisagistas e horticultores nacionais, colaborando para que o paisagismo se transmutasse de manifestação episódica em atividade sistemática em nosso país. Na segunda parte de nosso estudo, vamos discutir de que modo se estabeleceram esses vínculos com a cultura paisagística francesa, tendo como guia a trajetória e as realizações do gaúcho Frederico Guilherme de Albuquerque.

PARTE 2

**RELAÇÕES
FRANCO-BRASILEIRAS**

FOLHAS DE PAPEL

D'entre os homens da actual geração o nosso amigo Frederico de Albuquerque se destaca em proemi-nente relevo (...).

É a ele que devemos a primeira introdução das mais bellas plantas ornamentaes (...).

Fundador e redactor da Revista de horticultura, foi quem primeiro entre nós tentou diffundir o gosto elevado pelas bellezas do mundo das plantas.

Luiz Pereira Barretto, 1887.

As relações entre a cultura paisagística francesa e a nascente arte dos jardins no Brasil avançaram durante o Segundo Império e transpareceram na atuação das figuras de frente das primeiras gerações de paisagistas e horticultores nacionais - caso de Frederico Guilherme de Albuquerque. Neste capítulo, vamos estudar de que modo se deram essas ligações, tendo como fio condutor o trabalho projetual e editorial de Albuquerque.

Natural da cidade de Rio Grande, na província do Rio Grande do Sul, Frederico Guilherme de Albuquerque (1839-1897) despertou ainda jovem para o mundo das plantas e buscou aprimorar essa aptidão por meio de uma formação universitária adequada. Aos vinte anos, matriculou-se num dos raros estabelecimentos de ensino superior dedicados às ciências naturais no país - a Escola Central -, na cidade do Rio de Janeiro. Sucedânea da Escola Militar, a Central preparava profissionais para diversos campos de atividade. O curso normal, com duração de quatro anos, formava bacharéis e doutores em ciências naturais, ciências físicas e ciências matemáticas. O curso de engenharia civil abrangia aquele ciclo básico e concluía-se com dois anos suplementares de estudos [Coelho

1999, p. 195; Figueirôa 1997, p, 97-98]. Talvez decepcionado com



Em 1859, Frederico Guilherme de Albuquerque matriculou-se num dos raros estabelecimentos de ensino superior no país que ofereciam cursos de ciências naturais - a Escola Central, no Rio de Janeiro.

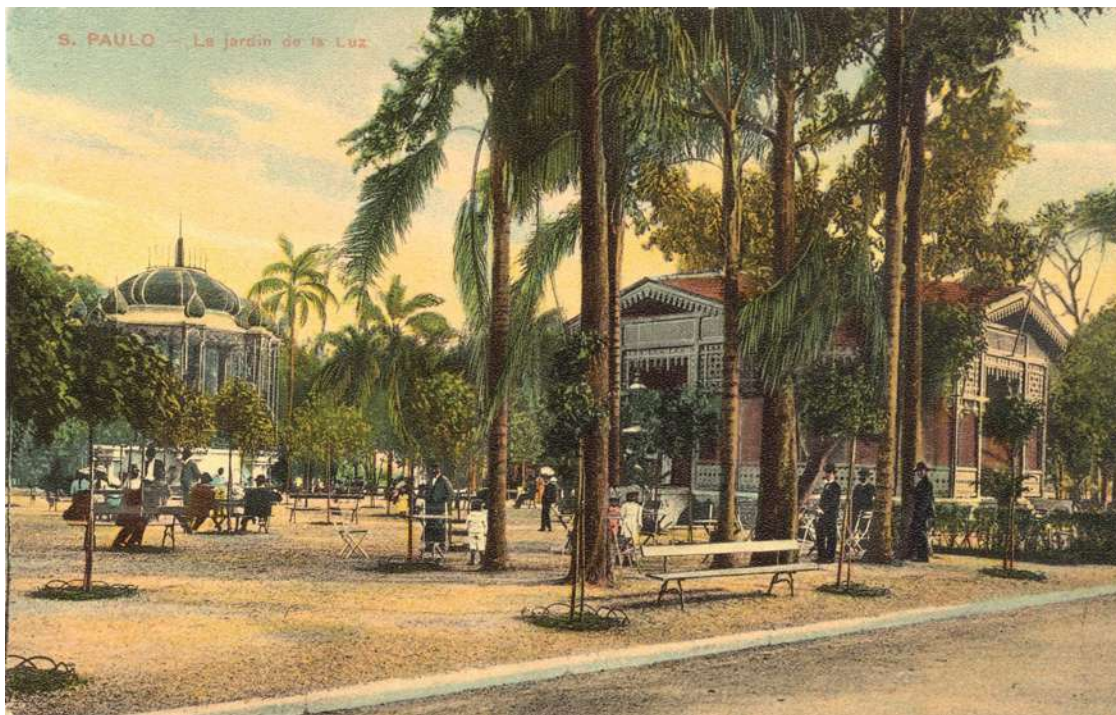
No ano seguinte, casou-se com a prima Maria Efigênia de Lorena, sendo retratado ao lado dela no momento de sua união, em 6 de outubro de 1860. Postal do século XIX, coleção GMD; foto do acervo de Francisco Tomasco de Albuquerque, Niterói.

os conteúdos do primeiro ano ou movido por outras razões, Albuquerque não seguiu adiante com os estudos e voltou para o Rio Grande do Sul [Carvalho 1898]. Todavia, isso não significou um esmorecimento de sua escolha pela carreira das ciências naturais. Nos anos seguintes, ele alçou vôo como botânico autodidata, horticultor e paisagista, conquistando progressivamente reconhecimento além das fronteiras de sua província natal e inclusive no exterior.

Trajatória de Frederico de Albuquerque

Desde a montagem de sua primeira estação hortícola, em 1860, Frederico de Albuquerque desenvolveu uma ampla gama de interesses que abarcavam das chamadas plantas úteis às espécies ornamentais. Nesse centro localizado na Ilha dos Marinheiros, Lagoa dos Patos, fez experiências pioneiras com a aclimação de eucaliptos e videiras, numa época em que apenas principiava um interesse por esses vegetais no sul do país. Simultaneamente às pesquisas com essências agrícolas e florestais, formou coleções de plantas ornamentais incomuns no Brasil daquela época. Nesse segmento, reuniu exemplares da flora brasileira e exótica, obtidos por meio de uma sofisticada rede de contatos nacionais e internacionais. Com o trabalho seguindo de vento em popa, Albuquerque expandiu seu estabelecimento de horticultura, em 1871. Montou um novo viveiro na Serra do Tapes, na região de Pelotas [Albuquerque 1997, p. 34].

No entanto, três anos depois, seu temperamento inquieto e empreendedor levou-o a buscar outros desafios, longe de sua terra natal. Nesse momento, transferiu-se para o Rio de Janeiro, com sua esposa e filhos. Chegou à capital imperial para atuar como praticante da Seção de Botânica do Museu Nacional, então um dos mais importantes organismos voltados à história natural. Acomodou a família numa chácara no Engenho Novo (à rua 24 de Maio, 99) e ali organizou um centro de horticultura, denominado Beliche. Nessa propriedade, transplantou uma coleção de 493 espécies diferentes que trouxera em sua bagagem, além de 169 variedades de videiras, conforme descreveu em carta à Société Impériale Zoologique d'Acclimatation, em Paris, a pretexto de



Vistas do Jardim da Luz, em São Paulo, que teve Albuquerque como seu diretor entre 1889 e 1892. Postal Guilherme Gaensly, São Paulo; postal editado pelo Commissariat Général du Gouvernement de l'État de S. Paulo, Bruxelles; coleção GMD.

comunicar seu novo endereço [Albuquerque 1997, p. 42].

Em 1875, Albuquerque subiu ao posto de adjunto do departamento de botânica e possivelmente foi desligado ou se desligou desse cargo no momento da reforma funcional da instituição, promovida em 1876 pelo diretor Ladislau de Sousa Melo Netto (1838-1894). Afastado do Museu Nacional, Albuquerque passou a incrementar a atividade de sua estação hortícola. E paralelamente se concentrou numa nova empreitada que se tornará um dos pontos altos de sua trajetória profissional - a criação da *Revista de horticultura* -, primeiro mensário nacional que dedicou boa parte de seu espaço editorial às plantas ornamentais, circulando de janeiro de 1876 a dezembro de 1879.

O desfecho abrupto da publicação, motivado pelo cancelamento de boa parte das assinaturas subscritas pelo governo imperial, contribuiu para que o botânico gaúcho desse uma nova guinada em seu trabalho. Em 1880, ele se mudou com sua família para São Bernardo do Campo, na província de São Paulo, a fim de organizar uma escola de vinicultura encomendada por Antônio da Silva Prado (1840-1929). Mas o projeto não foi adiante e ele se dedicou à instalação de um estabelecimento de horticultura na mesma região [Carvalho 1898].

Frederico de Albuquerque viu chegar seu décimo primeiro e último filho nesse ano de 1880. Nascia Alexandre, que será herdeiro do temperamento forte do pai e arquiteto proeminente no cenário cultural da São Paulo das primeiras décadas do século XX. Ao longo da década de 1880, Albuquerque fez progressos na introdução, multiplicação e comércio de plantas ornamentais incomuns e, ao lado da Casa da China e Júlio Joly, se tornou um dos principais fornecedores desse tipo de vegetação na capital paulista [Bruno 1954, p. 963]. Nessa mesma época, realizou projetos de ajardinamento de espaços públicos em cidades do interior da província (talvez em Campinas ou Santos, conforme informação oral mantida entre seus descendentes). Em 1889, foi indicado para a administração do Jardim da Luz e dos jardins públicos de São Paulo, permanecendo nesse cargo até 1892.

Mas a movimentada atuação de Albuquerque não se resumiu a esses capítulos. Pouco antes, em 1890, ele entrou na disputa pelo comando de um museu de história natural que o governo provincial tencionava fundar na cidade de São Paulo. No entanto, perdeu a função para o botânico sueco Albert Löefgren (1854-

1918), empossado como diretor do embrião do futuro Museu Paulista [Alves 2001, p. 58]. Após a saída do departamento de jardins paulistanos, Albuquerque voltou mais uma vez ao Rio de Janeiro e remontou seus viveiros nas cercanias da Estação do Encantado (na rua Primo Teixeira, 14).

Proximidade de Glaziou

Em meio ao seu trabalho polivalente, Frederico de Albuquerque manteve um período de mais intensa atividade como paisagista e horticultor dedicado à vegetação ornamental, entre 1874 e 1892. Foi nesse intervalo de dezoito anos que ampliou seu interesse pela cultura paisagística francesa daquele tempo. Mas de que modo se deu essa aproximação e quais os efeitos que dela resultaram?

Os desenhos remanescentes de jardins públicos propostos por Albuquerque na década de 1880 apontam um profissional em franca experimentação com o léxico do jardim paisagista moderno divulgado por Auguste François Marie Glaziou. Neles há um manejo criativo de estratégias aprendidas no contato direto com a obra brasileira do paisagista francês. Os circuitos entrecruzados dos passeios evocam os traçados curvilíneos bem delineados de Glaziou, resultando em um processo de depuração para se ajustarem a espaços menores do que o Passeio Público do Rio de Janeiro ou o Campo de Santana. O estudo das vistas descortinadas em diversos pontos do jardim também repercute semelhante cuidado presente nos trabalhos de Glaziou. Porém, a configuração dos lagos e arroios segundo um desenho solto e imprevisível aponta uma opção mais pessoal de Albuquerque.

Longe de ser apenas uma referência profissional abstrata, Glaziou foi alguém próximo e estimado por Frederico de Albuquerque. Provavelmente se conheceram logo no primeiro ano da mudança do horticultor gaúcho para o Rio de Janeiro e no âmbito do Museu Nacional, tendo em vista que Glaziou mantinha relações profissionais com a instituição, colaborando com sistemáticas ofertas de exsicatas. O certo é que, nos anos seguintes, houve vários fatos que indicam um estreitamento das ligações entre eles, especialmente da parte de Albuquerque.

Em fevereiro de 1875, o paisagista francês estava no júri que

premiou o trabalho de Frederico de Albuquerque na 1ª Exposição Hortícola de Petrópolis, um dos eventos pioneiros em seu gênero na América do Sul [Judice 1998, p. 63]. Por sua vez, em outubro daquele ano, o horticultor gaúcho vinha a público defender Glaziou, após a publicação de um artigo do horticultor Adolpho Lietze que criticava, entre outras questões, a soma excessiva empregada no Campo de Santana. Sem papas na língua, Albuquerque providenciava uma dura resposta estampada no *Jornal do Comércio*, de 7 de outubro de 1875:

Diz V. S. que para o jardim do campo destina o governo dous mil contos, fazendo-se assim écho daqueles que em tudo e a todo o transe fazem a opposição, em quanto só oitocentos dizem aqueles que em tudo e a todo custo lhe fazem a defesa.

Que sabe, porém, V. S.? Que sabem uns? Que sabem outros?

Que sei eu mesmo? Talvez me pergunte V. S. – Eu que penso que o governo gastará apenas aquillo que for necessário para a conclusão dessa obra, por todos reconhecida de urgente necessidade, confiando para isso, e com razão, na probidade e economia do Dr. Glaziou, a quem confiou sua execução, sei apenas que esse governo só pôde ser censurado pela maneira mesquinha por que retribue o artista que a concebeu, e o engenheiro que a vai executar; concepção e execução de que são garantias sufficientes o Passeio Público; devido isso ao caráter do Dr. Glaziou que para si nunca fez questão de dinheiro, nem de vantagens.

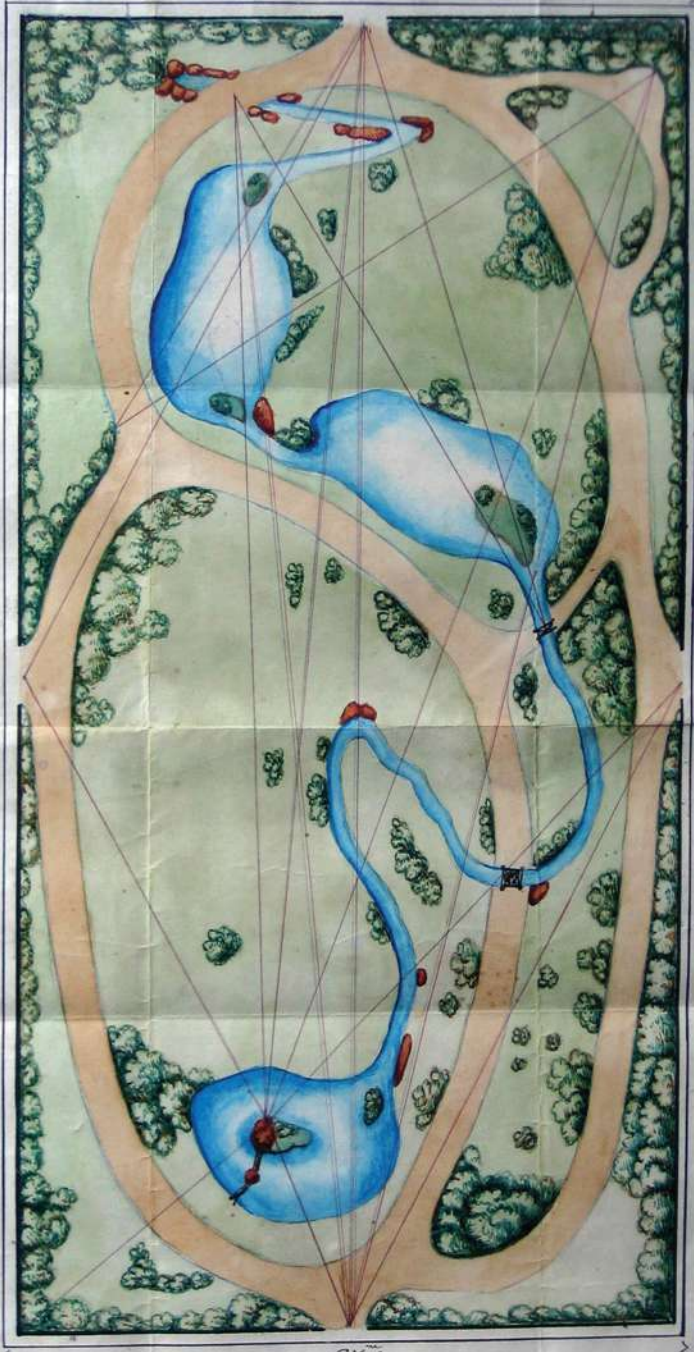
Numa situação bem diferente, Albuquerque voltou a se referir a Glaziou em 1878. Nesse ano, fez uma homenagem ao paisagista bretão, dedicando-lhe o terceiro volume da *Revista de horticultura*, que reunia os doze números editados naquele ano. Esse reconhecimento vinha expresso com palavras que reiteravam o respeito e a admiração que ele nutria pelo profissional: “Ao Dr. A. F. M. Glaziou. O creador do Jardim Publico, pelos relevantes serviços prestados a horticultura no Brazil”.

Glaziou foi uma referência importante na carreira de Albuquerque. Todavia, não representou o único elo de aproximação do botânico de Rio Grande com a cultura paisagística francesa. Ponto de contato tão ou mais significativo foi a *Revue horticole*.



Projetos aquarelados de Albuquerque: jardins públicos em cidades no interior da província de São Paulo, década de 1880. Acervo de Luiz Portugal Albuquerque, fotos de Hugo Segawa.

56.3



159.3

159.3

67.3

Escala 1:500

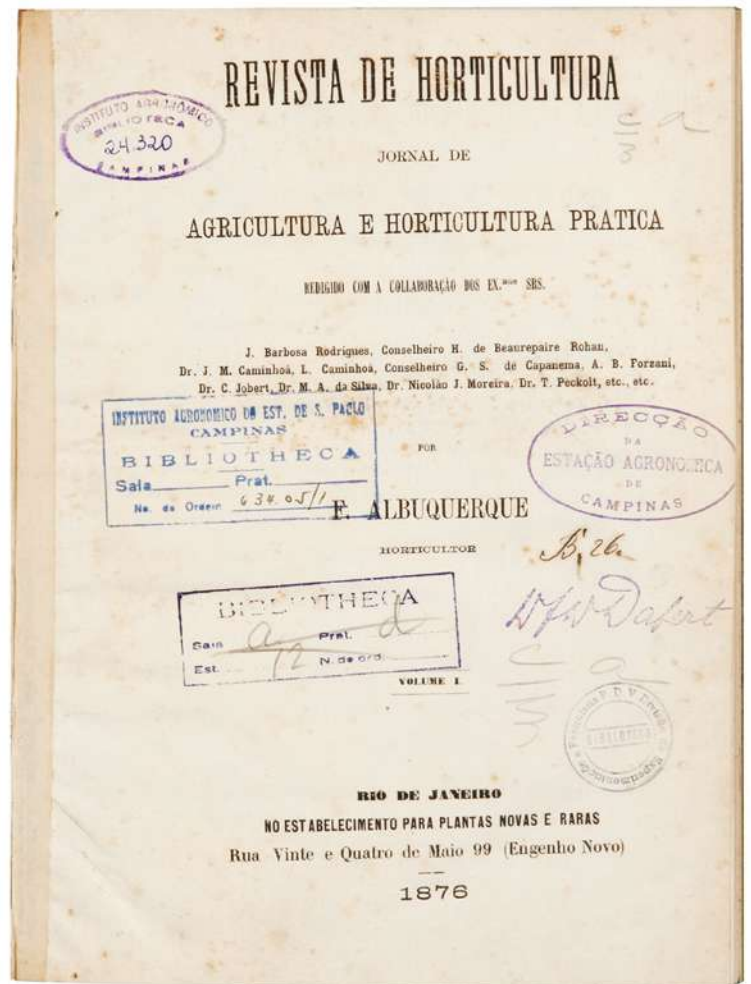
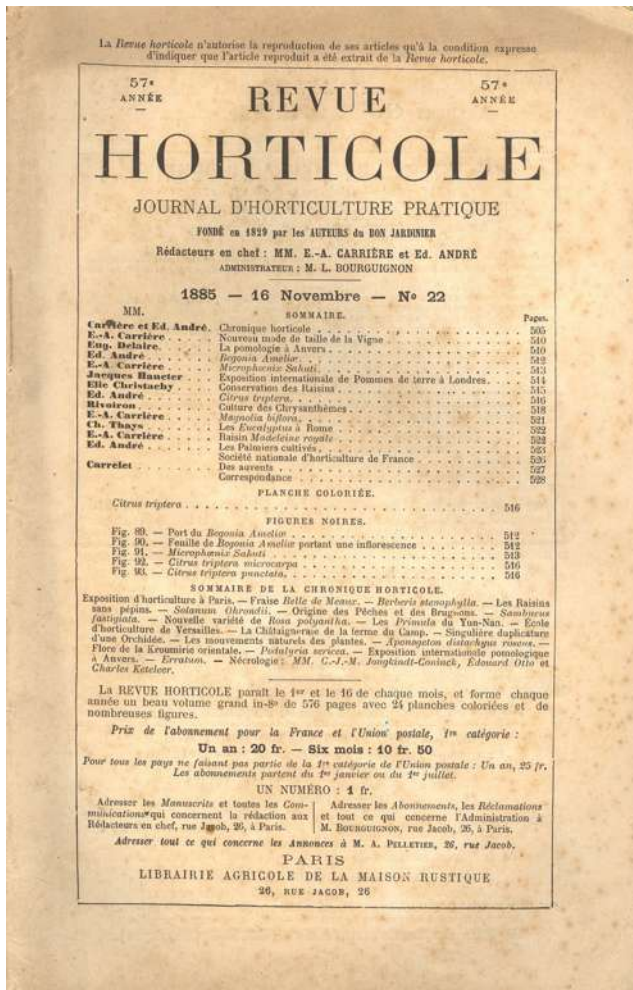
Projeto a jardim na Praça de Alameda
Fid. Almed

Revista de horticultura

Editada pela Librairie Agricole de la Maison Rustique, em Paris, a *Revue horticole* surgiu em 1829 por iniciativa de Antoine Poiteau (1766-1854), responsável pelos viveiros do palácio de Versalhes e jardineiro-chefe do castelo de Fontainebleau, e Philipp-André de Vilmorin, idealizador do arboreto de Barres, estação hortícola situada em Nogent-sur-Vernisson, que fez fama por aclimatar inúmeras árvores e arbustos exóticos. A revista integrava o trio central de periódicos oitocentistas europeus direcionados à horticultura, figurando ao lado do semanário inglês *Gardener's chronicle*, fundado em 1841 por Joseph Paxton (1803-1865), Charles Wentworth Dilke (1810-1869), John Lindley (1799-1865) e William Bradbury (1800-1869), e do mensário belga *L'Illustration horticole*, iniciado em 1854 por Ambrosius Verschaffelt (1825-1886) [Allain 2002, p. 2].

Foi principalmente na *Revue horticole. Journal d'horticulture pratique* que Albuquerque buscou inspiração para elaborar sua *Revista de horticultura. Jornal de agricultura e horticultura pratica*, impressa pela Typographia Universal de E. e H. Laemmert, no Rio de Janeiro, a partir de 1876. Além de adotar uma designação similar, o mensário de Albuquerque perseguia os mesmos objetivos do periódico francês, ajustando-os ao contexto brasileiro daquele momento. Esses propósitos estavam implícitos nas palavras com que Albuquerque explicava a que veio sua revista, logo na abertura do primeiro número, de janeiro de 1876. O horticultor discorria que

um jornal sem programma é uma cousa quase impossível; o nosso é simples, e deduz-se facilmente do nosso titulo: descrever as plantas novamente introduzidas entre nós, as pouco conhecidas, e ainda raras, juntamente com aquelas cuja introdução seja desejável, indicando ao mesmo tempo sua cultura; descrever ainda as plantas indígenas cuja cultura ou exploração se recomende por qualquer titulo; e pôr ao mesmo tempo os leitores ao corrente dos processos novos empregados por horticultores de outros paizes, tal é o fim a que nos propomos: tarefa que se antolha facil com a coadjuvação que nossos collaboradores nos promettêrão, e que se tornará facillima, se os muitos amadores e colleccionadores de plantas, que existem entre nós, quizerem pôr-nos ao



Folhas de rosto da *Revue horticole* e *Revista de horticultura*, de Frederico de Albuquerque. Biblioteca GMD; Biblioteca do Instituto Agrônômico de Campinas/ Unicamp, foto de Andrés Otero e Marcos Cimardi.

CHRONIQUE HORTICOLE

Exposition d'horticulture à Paris. — *Fraise Belle de Meaux*. — *Berberis stenophylla*. — Les Raisins sans pépins. — *Solanum Olavidii*. — Origine des Pêches et des Brugnon. — *Sambucus fastigiata*. — Nouvelle variété de *Rosa polyantha*. — Les *Primula* du Yun-Nan. — École d'horticulture de Versailles. — La Châtaigneraie de la ferme du Camp. — Singularité d'une Orchidée. — Les mouvements naturels des plantes. — *Aponogeton distachyus roseus*. — Flore de la Koumérie orientale. — *Podalyria sericea*. — Exposition internationale pomologique à Anvers. — *Erratum*. — Menslage: M. G.-J. M. Jongkindt-Gonick, Édouard Otto et Keteleer.

Exposition d'horticulture à Paris. — Dans sa séance du 22 octobre dernier, le Conseil d'Administration de la Société nationale d'horticulture de France a décidé que l'exposition printanière d'horticulture aura lieu aux Champs-Élysées, dans le Pavillon de la Ville de Paris et dans des annexes spéciales, du 4 au 9 mai 1886. Nous reparlerons de cette exposition aussitôt que le programme en aura paru.

Fraise Belle de Meaux. — A propos de cette Fraise, dont la *Revue horticole* a donné une figure et une description (1), nous avions déjà appelé l'attention sur son origine (2), qui pouvait paraître singulière et qui, pour ce fait, a été mise en doute par plusieurs personnes. Cela se comprend, l'obteneur ayant affirmé que le *Fraisier Belle de Meaux*, qui est une « *Quatre-Saisons* », est issu du *Général Chanzy*, qui appartient au groupe des *Fraisiers à gros fruits, non remontants*. Cette particularité, du reste, avait déjà été remarquée et signalée par un praticien éclairé, M. Baissolet, de Nantes. Cette question se présente de nouveau, et, cette fois, c'est un fraisiériste bien connu, M. Lapiere, horticulteur, 14, rue de Fontenay, à Montreuil, qui, de nouveau, vient affirmer le fait qu'avait indiqué l'obteneur de la *Fraise Belle de Meaux*, M. Édouard Lefort, secrétaire de la Société d'horticulture de Meaux. Voici, à ce sujet, ce que nous écrivait M. Lapiere :

Vous vous rappelez, sans doute, que, l'année dernière, M. Ed. Lefort, secrétaire général de la Société d'horticulture de l'arrondissement de Meaux, avait annoncé que, chaque fois qu'il semait des graines du *Fraisier Général Chanzy*, il obtenait toujours un très-grand nombre de *Fraisiers des Quatre-Saisons*. Sans nier ce fait d'une manière absolue, je me raiquis néanmoins du côté des incrédules, me promettant

(1) Voir *Revue horticole*, 1885, p. 218.
(2) Voir *Revue horticole*, 1885, p. 41.

16 NOVEMBRE 1885.

cependant de répéter l'expérience, ce que j'ai fait, et c'est précisément les résultats que j'ai obtenus que je me propose de vous faire connaître.

Ainsi, fin juin dernier, j'ai semé sous une cloche des graines de *Fraisier Général Chanzy*, variété à gros fruits, et je remarque actuellement dans mon semis un tiers, au moins, de *Fraisiers des Quatre-Saisons* parfaitement caractérisés. Comment expliquer ce fait ?

L'explication demandée par notre correspondant ne saurait être donnée en quelques lignes, dans une chronique. La question est complexe, difficile à résoudre avant qu'une série d'expériences ait eu lieu; elle sera l'objet d'une étude spéciale dans la *Revue*.

Berberis stenophylla. — Cet arbuste, que l'on trouve trop rarement planté dans les jardins et qui, pourtant, est un des plus jolis du genre, est aussi des plus remarquables par ses caractères d'hybridité des mieux accusés. Il est d'une rusticité à toute épreuve, bien qu'il provienne de deux espèces délicates: du *Berberis Darwinii*, originaire du Chili, et du *B. empetrifolia*; il trace, caractère que ne possède ni l'un ni l'autre de ses parents. Il y a donc là formation de nouveaux caractères. Le nouveau venu est également beaucoup plus vigoureux que ses parents. Il forme un buisson qui atteint 1^m 50 de hauteur et plus, à rameaux très-longs, peu ramifiés, gracieusement arqués, à écorce roux brun; ses feuilles, longuement linéaires, persistantes, sont épaisses, charnues, un peu enroulées sur les bords. Quant aux fleurs, très-nombreuses, disposées en longues grappes pendantes, elles sont d'un très-beau jaune orangé, de grandeur moyenne, intermédiaires, comme dimension et forme, entre celles des *Berberis Darwinii* et *empetrifolia*. Sa floraison a lieu en mars-avril et se prolonge longtemps, surtout si les chaleurs ne sont pas trop fortes.

Le *Berberis stenophylla* est un arbuste

22

CHRONICA

Janário de 1878.

Programa. — Um Jornal sem programma é uma coisa quasi impossivel; o nosso é simples, e deduz-se facilmente do nosso titulo: descrever as plantas novamente introduzidas entre nós, as pouco conhecidas, e ainda raras, juntamente com aquellas cuja introdução seja desejavel, indicando no mesmo tempo sua cultura; descrever ainda as plantas indigenas cuja cultura ou exploração se recomende por qualquer titulo; e pôr ao mesmo tempo os leitores ao corrente dos processos novos empregados por horticultores de outros paizes, tal é o fim a que nos propomos: tarefa que se nos antolha facil com a conjuvação que os nossos illustrados collaboradores nos promettem, e que se tornará facilissima, se os muitos amadores e colleccionadores de plantas, que existem entre nós, quizerem pôr-nos ao corrente de todos os factos novos e interessantes que tiverem occasião de observar.

Gafanhotos. — Segundo o *Correio Paulistano*, uma horrivel praga de gafanhotos infesta actualmente o termo de Paranaíba, provincia de S. Paulo.

Um romance. — Ultimamente, em Inglaterra, o Sr. H. Turner, filho do conhecido horticultor de Slough, casou-se com uma joven de Cambien-Town, a Sra. Elisabeth Poole; ha alguns annos os dois jovens tendo-se encontrado, Harry offereceu uma laranja a Elisabeth, que a comou e semcoou uma das pedidas; a coroa de flores de laranjas da noiva levava no dia do casamento foi colhida sobre o arbusto nascido dessa semente.

Seda. — Dix o *Rio-Grandense*, que o Sr. V. A. Vianna, tem obtido excellentes amostras de seda branca e encarnada (?), de seus ensaios de sericultura no Algreto.

Cachos de uvas. — Os maiores cachos de uvas, de que ha noticia certa, foram colhidos ultimamente em Inglaterra, e levados a grande exposiçào international de frutas e flores, que teve lugar em Setembro ultimo, em Edinburgo. O Sr. Curror, de Dalkeith, expoz um cacho de uva do *Calabria*, pesando 26 libras e 4 onças, e o Sr. Dickson, de Arkelton, um cacho da variedade *White Nive*, que, não obstante ter-se machucado um pouco durante a viagem, pesava ainda no dia da exposiçào 25 libras e 15 onças. Pesaria tanto aquelle cacho que, atravessado em uma vara, foi levado a Moysa pelos dous espíritos que mandou a terra de Chanaan?

A Victoria Regia destrahida. — O Sr. Balinas, actualmente em viagem scientifica no Paraguay, remetteu para a Europa sementes de uma nymphæacea por elle descoberta, e sobre a qual escreve: — « É provavelmente a mais esplendida nymphæacea que existe no mundo! Plante della a *Victoria Regia empallidescens*! Nunca, durante as minhas viagens, planta alguma me impressionou tanto! »

Mimbocas. — O Sr. Adam escrevia ultimamente ao redactor da *Revue Horticole de Paris*. — « Eu possuia uma palmeira plantada em uma caixa, cuja terra continha grande numero de mimbocas; querendo destrui-las, lembrei-me de regar a terra com agua de cal. Que admiração não foi a minha

Seção Chronique horticole, da *Revue horticole*, e a *Chronica*, da publicação de Albuquerque. Biblioteca GMD; Biblioteca do Instituto Agrônômico de Campinas/ Unicamp, foto de Andrés Otero e Marcos Cimardi.

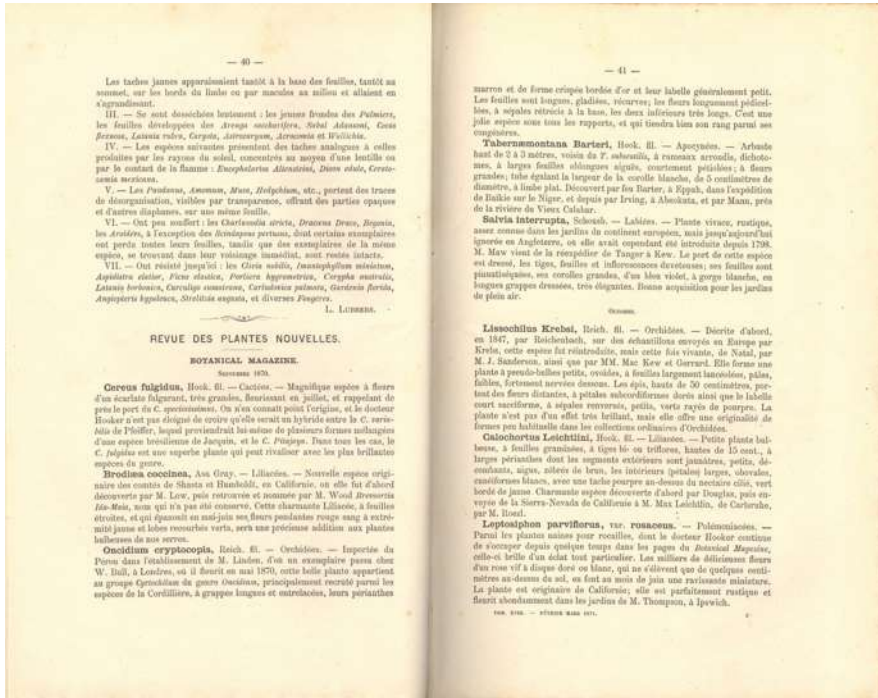
corrente de todos os factos novos e interessantes que tiverem ocasião de observar [Albuquerque 1876, p. 1].

Diagramação e seções

As referências mais evidentes à publicação francesa compareciam na proposta gráfica e estrutura editorial da *Revista de horticultura*. O mensário brasileiro adotava conceitos análogos de diagramação simples e compacta empregados na edição francesa, dispensando largas margens em branco ou espaços excessivos entre os textos, de modo a favorecer a inserção do maior número de notas e matérias ao longo de suas vinte páginas, no tamanho de 33 x 24 cm. Em linhas gerais, o padrão gráfico consistia na distribuição de duas colunas de textos por página e previa algumas variantes para acomodar ilustrações, geralmente poucas, destinadas aos artigos centrais e obtidas a partir da reprodução de gravuras em metal, que apresentavam espécimes vegetais completos ou detalhes de suas partes.

Do mesmo modo que na *Revue horticole*, cada número era iniciado com a seção *Chronica*, que levava a assinatura do editor Frederico de Albuquerque. Reunindo geralmente notas curtas, essa coluna oferecia um rápido noticiário dos acontecimentos e novidades no cenário internacional e nacional da horticultura. A partir do número de janeiro de 1879, a seção foi deslocada para o fim da publicação e, nas edições seguintes, passou a se chamar *Varia*, deixando de ser constante. Na porção central da revista, compareciam matérias analíticas ou descritivas, longas ou curtas, que tratavam de assuntos diversos. Elas eram escritas por Albuquerque e seus colaboradores, ou retiradas da *Revue horticole* e de outras publicações, conforme acordos e solicitações feitos pelo editor. Em posição variável a cada edição, a seção *Retratos de plantas novas* derivava de um modelo de coluna presente na *L'illustration horticole* e apontava em registros curtos as espécies botânicas recém-introduzidas que freqüentavam as páginas da imprensa especializada estrangeira.

Em meio ao florescente periodismo brasileiro da época, a publicação de Albuquerque era uma empreitada singular e original. Pela primeira vez, uma revista nacional incluía em sua



REVUE DES PLANTES NOUVELLES.

BOTANICAL MARINE.

Seemann 1838.

Corvus fulgidus, Hook. fil. — Cactées. — Magnifique espèce à fleurs d'un scarlatte fulgurant, très grandes, fleurissant en juillet, et rappelant de près le port de C. spectabilis.

Brodiaea coccinea, Au. Gray. — Liliacées. — Nouvelle espèce originaire des côtes de Chaco et Paraholli, en Californie, où elle fut d'abord découverte par M. Low, puis retrouvée et nommée par M. Wood.

Oncidium erythrolepis, Reich. fil. — Orchidées. — Importée de Porto dans l'établissement de M. Linden, d'où un exemplaire passa chez W. Dall, à Londres, où il fleurit en mai 1850, cette belle plante appartenant au groupe Oncidium de genre Oncidium, principalement caractérisé par les espèces de la Cordillère, à grappes longues et entrecroisées, leurs perianthes

marces et de forme crispée bordée d'or et leur labelle généralement petit. Les feuilles sont longues, glabres, rigides; les fleurs longuement pédonculées, à sepales rétrécis à la base, les deux inférieurs très longs. C'est une jolie espèce sous tous les rapports, et qui tiendra bien son rang parmi ses congénères.

Tabernaemontana Bartieri, Hook. fil. — Apocynées. — Arbruste haut de 2 à 3 mètres, voisine de T. subulnii, à racines arborescentes, dichotomes, à larges feuilles allongées aiguës, éminemment papilloles; à fleurs grandes; tube égalant la largeur de la corolle blanche, de 5 centimètres de diamètre, à linteau plat. Découvert par feu Bartier, à Pégah, dans l'expédition de Balbo sur le Niger, et depuis par Irving, à Abokata, et par Mann, près de la rivière de Vivre Calabar.

Salvia interrupta, Schob. — Labiées. — Plante vivace, rustique, assez commune dans les jardins du continent européen, mais jusqu'aujourd'hui ignorée en Angleterre, où elle avait cependant été introduite depuis 1788. M. Max vint de la république de Tanger à Kew. Le port de cette espèce est dressé, les tiges, feuilles et inflorescences dressées; ses feuilles sont planifoliales, ses corolles grandes, d'un bleu violet à gorge blanche, en longues grappes dressées, très élégantes. Bonne acquisition pour les jardins de plein air.

Lissonchilia Krabel, Reich. fil. — Orchidées. — Décrite d'abord, en 1847, par Reichbach, sur des échantillons envoyés en Europe par Krabel, cette espèce fut réintroduite, mais cette fois vivante, de Natal, par M. J. Sanderson, ainsi que par M. Max. Rev et Gerrard. Elle forme une plante à pseudo-bulbes petits, ovales, à feuilles largement lanceolées, palmées, faibles, fortement nervées dessous. Les épis, hauts de 30 centimètres, partent des fleurs distantes, à pétales subcordiformes dressés ainsi que le labelle court scarlatte, à sepales rétrécis, petits, vertes rayés de pourpre. La plante n'est pas d'un effet très brillant, mais elle offre une originalité de forme peu habituelle dans les collections ordinaires d'Orchidées.

Chlorochortus Leichtholm, Hook. fil. — Liliacées. — Petite plante bulbeuse, à feuilles grandes, à tige très épaisse, haute de 15 cent., à larges perianthes dont les segments extérieurs sont jaunâtres, petits, déclinants, nages, adnés de leur base, les intérieurs plus longs, oblongs, uniformes blancs, avec une tache pourpre au-dessus du nectaire blanc, vert local de jaune. Charmante espèce découverte d'abord par Douglas, puis envoyée de la Sierra-Nevada de Californie à M. Max Leichtholm, de Carlsruhe, par M. Bied.

Leptochloa parviflora, var. rupestris. — Paludicoles. — Parmi les plantes moins peu recueillies, dont le docteur Hooker continue de s'occuper depuis quelque temps dans les pages de Journal Magazine, celle-ci brille d'un éclat tout particulier. Les milliers de délicieuses fleurs d'un rose si fin et si doux au toucher, qui se développent de quelques centimètres au-dessus de la terre, en fait un objet de plus une rareté nationale. La plante est originaire de Californie; elle est parfaitement rustique et fleurit abondamment dans les jardins de M. Thompson, à Ipswich.

RETRATOS DE PLANTAS NOVAS

PERUANO EN 1870

ILLUSTRATION HORTICOLE

PERUANO EN 1870
Olea indica hirtifera, Lind. & Aul. — BURSERACEA. — Esta nova variedade de árvore compõe a série de uma família caracterizada pela presença de uma única folha verdadeira com as nervuras secundárias arredondadas, o perfl, porém, indica que pertencente a forma de um tipo de diadema.
Browna variegata, Lind. & Aul. — FABACEA. — Planta baixa de porte robusto, folhas regularmente pediceladas ovais, as principais arredondadas, depois arredondadas, verde-escura, rajadas a beirada de um leve amarelo; pedicéis e líbricos, marfim-branco. Flores purpúreas rosadas, dispostas na base. Esta planta é muito ornativa, porém fraca, e pela vivacidade de sua cor, foi enviada de Lima.

REVUE HORTICOLE

N. 1. Urtica arvensis var. pinnatifida, Lind. & Aul. — Urticaceae. — Cette belle et précieuse variété de cette plante appartient à la famille des Urticaceae, caractérisée par ses feuilles profondément pinnatifides et ses fleurs disposées en épis terminaux.
N. 2. Citrus aurantium var. novae, Dec. — Rutaceae. — A végétação, forma, belicosa das flores e o aroma destas flores emana o aroma de pimenta-do-reino, embora não seja tão forte quanto o da pimenta-do-reino verdadeira de Cuba.
N. 3. Citrus aurantium var. novae, Dec. — Rutaceae. — A végétação, forma, belicosa das flores e o aroma destas flores emana o aroma de pimenta-do-reino, embora não seja tão forte quanto o da pimenta-do-reino verdadeira de Cuba.
N. 4. Lactuca pinnatifida, pl. — Compositae. — Planta viva, bastante facilmente de criar, extremamente rústica, sendo apta para 15-16 centímetros de altura. Flores numerosas, solitárias, dobras, quasi regulares.

Seção Revue des plantes nouvelles, do mensário belga L'illustration horticole, e a Retratos de plantas novas, da edição de Albuquerque. Biblioteca GMD; Biblioteca do Instituto Agrônômico de Campinas/ Unicamp, foto de Andrés Otero e Marcos Cimardi.

linha editorial a difusão contínua e sistemática de conhecimentos sobre a flora ornamental exótica e autóctone. Esse escopo estava praticamente ausente mesmo em publicações técnicas anteriores que veiculavam estudos mais ou menos abrangentes acerca de elementos do reino vegetal. As plantas de jardim passavam longe dos objetivos dos mais importantes periódicos comprometidos com as ciências naturais e a agricultura, como o *Auxiliador da indústria nacional*, iniciado em 1833; a *Revista agrícola do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura*, em circulação em 1869; e os *Arquivos do Museu Nacional*, criados no mesmo ano da proposta de Albuquerque, entre outros.

Assinaturas e leitores

As receitas necessárias à edição provinham apenas da venda de assinaturas e não da soma dos recursos das subscrições e anúncios comerciais, como se dava na *Revue horticole*. As assinaturas eram adquiridas diretamente com Albuquerque, escrevendo-se para sua caixa postal n. 418, no Rio de Janeiro, ou por meio de representantes em outras cidades, caso de Américo, sócio do botânico gaúcho na filial de seu estabelecimento hortícola, em Salvador [Américo 1878A]. Todavia, o grosso das subscrições partia do governo imperial, que encaminhava os exemplares para distribuição gratuita em todas as províncias, como estímulo à difusão de conhecimentos práticos de horticultura [Correio Paulistano 1880]. Embora contasse com esse respaldo financeiro obtido por intermédio do conselheiro Thomaz José Coelho de Almeida, ministro e secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, a revista não era um impresso oficial e nem havia interferência direta das autoridades no editorial.

Qual era o público-alvo e qual o alcance do periódico de Albuquerque? A revista se voltava a uma gama de leitores nacionais, formada tanto por leigos interessados em plantas quanto por técnicos em horticultura. Mas hoje é difícil mensurar quantos eram aqueles que se informavam em suas páginas, tendo em vista que nem mesmo se sabe o número aproximado de exemplares de sua tiragem. O certo é que a revista chegava de ponta a ponta do Brasil, atingindo ao menos as capitais e cidades

com alguma importância na época. Essa circulação era testemunhada pelas missivas enviadas pelos leitores e reproduzidas no periódico. A maioria delas provinha de localidades geograficamente bem afastadas da capital imperial, onde se localizava a redação do mensário. Contendo mensagens de incentivo, comentários, alertas ou pedidos de informação, as cartas começaram a ser estampadas a partir do número de abril de 1876, sendo a primeira remetida por Antônio Joaquim da Silva Valladares, de Porto Alegre. Nos anos seguintes, vieram as correspondências de F. F. de Lima Bacury, de Manaus; de Z. A., de Porto Alegre; de A. J. T. de Mendonça Belém, de Recife; de Geraldo Rezende, de Campinas; de Cerqueira Leite, de São Paulo; entre outras.

Em paralelo à circulação pelo território nacional, a *Revista de horticultura* se fazia presente também no exterior. E novamente as cartas publicadas e as pessoais para Albuquerque permitem saber que seu periódico era recebido por profissionais destacados em vários países da Europa e nos Estados Unidos. Um deles era o naturalista português José Duarte de Oliveira Júnior (1848-1927), cuja missiva figurou na edição de outubro de 1876. Apaixonado por floricultura, Oliveira foi um dos criadores e redator principal de um dos mais influentes mensários lusos de horticultura no século XIX - o *Jornal de horticultura prática* -, escrito e impresso no Porto, a partir de 1870. Outro profissional que acompanhava a *Revista de horticultura* e teve sua correspondência publicada no número de setembro de 1877 era o holandês E. H. Krelage. Horticultor dedicado às plantas ornamentais bulbíferas, Krelage pertencia a uma importante família de jardineiros e comerciantes especializados nessas espécies desde 1811, em Harleem.

O zoólogo norte-americano Spencer Fullerton Baird (1823-1887) também recebia a publicação e mandou carta veiculada na edição de julho de 1876, representando o Smithsonian Institution, de Washington. Baird especializou em ornitologia e ictiologia. Entre 1850 e 1878, foi secretário-assistente dessa entidade, então um dos centros de referência em história natural na América do Norte. De 1871 até seu falecimento, dirigiu o departamento de pesca do governo norte-americano. E legou importantes livros, como o *Catalog of North American Reptiles*, escrito em parceria com Charles Frédéric Girard (1822-1895); e a monumental

History of North American Birds, com 5 volumes redigidos em co-autoria com Thomas Mayo Brewer (1814-1880) e Robert Ridgway (1850-1929).

Em Paris, o periódico chegava às mãos do naturalista Albert Geoffroy Saint-Hilaire (1835-1919), que costumava trocar várias missivas com Frederico de Albuquerque, sendo que na de maio de 1880 informou que a revista do horticultor gaúcho havia ganhado um prêmio da Société Nationale d'Acclimatation de France. Albert era filho do zoólogo Isidore Geoffroy Saint-Hilaire (1805-1861), que fundou essa instituição, em 1854, e o Jardin d'Acclimatation du Bois de Boulogne, organizações-irmãs que atuavam em prol da introdução e aclimação de novos animais e plantas, tendo em vista aproveitá-los para fins econômicos. Após o falecimento de Isidore, Albert deu prosseguimento à obra paterna, trabalhando nas duas entidades.

Incentivadores de peso

No frontispício de seu primeiro número, a *Revista de horticultura* nominava o elenco de seus colaboradores principais. No grupo, estavam os conselheiros Henrique Pedro Carlos de Beaurepaire Rohan e M. A. da Silva, Nicolau Joaquim Moreira, Joaquim Monteiro Caminhoá, Clément Jobert, o conselheiro Guilherme Schüch de Capanema, Luiz Monteiro Caminhoá, A. B. Forzani, Theodoro Peckolt e João Barbosa Rodrigues. Os cinco primeiros eram nomes de expressão na administração imperial ou na comunidade científica nacional, que chancelavam a qualidade e a seriedade da publicação. Estavam mais para incentivadores do que propriamente redatores, tendo em vista que não escreveram artigos assinados em nenhuma edição.

Conselheiro de guerra em 1876, Henrique de Beaurepaire Rohan (1812-1894) era um engenheiro militar interessado nos avanços das ciências naturais. Formado pela Academia Militar do Rio de Janeiro, em 1843, possuía uma considerável folha de serviços prestados ao Império, na qual se destacava, por exemplo, sua atuação como diretor de obras municipais do Rio de Janeiro, em 1843. De uma geração mais nova, Nicolau Joaquim Moreira (1824-1894) era um proeminente estudioso e incentivador da agricultura. Em 1847, doutorou-se pela Faculdade de Medicina do

Rio de Janeiro e, em 1859, tornou-se membro da Academia Imperial de Medicina. Ingressou no Museu Nacional, em 1872, onde conheceu e trabalhou posteriormente com Frederico de Albuquerque, chegando à chefia da seção de botânica, entre 1876 e 1883. Presidiu a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional e a Associação Brasileira de Aclimação. Futuro diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, entre 1883 e 1887, foi autor do *Diccionario de plantas medicinaes brasileiras* (1862) e do *Manual de chimica agricola* (1867), e co-autor do *Cathecismo de agricultura* (1870), entre outros títulos de sua extensa produção bibliográfica [Lima 2005, p. 47-53]. Também médico por formação, Joaquim Monteiro Caminhoá (1836-1896) graduou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1858 e notabilizou-se como especialista em plantas medicinais. Foi lente de botânica e zoologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, entre 1871 e 1881; um dos fundadores da Associação Brasileira de Aclimação; e fértil escritor, que assinou, por exemplo, *Elementos de botânica geral e médica* (1871). O francês Clément Jobert era um profissional do Muséum d'Histoire Naturelle, que então lecionava na Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Em 1877, obteve auxílio financeiro do governo brasileiro para uma expedição à Amazônia e, três anos depois, publicou os resultados desse trabalho no *Bulletin de la Société Philomatique*. No período de 1873 a 1891, figurava entre os principais colaboradores na formação do herbário do Museu Nacional [Lopes 1997, p 166-167, 169-170].

Elenco de colaboradores

Os demais nomes apresentados na folha de rosto eram, de fato, dos que escreviam na revista, embora suas matérias fossem circunstanciais e sem regularidade nas edições. Personagem influente na Corte, o conselheiro Guilherme Schüch de Capanema (1824-1908) redigiu a matéria “Agricultura. Extinção da formiga saúva”, que discorria sobre um formicida inventado por ele, na edição de abril de 1877. Engenheiro, geólogo e naturalista amador, Capanema era um dos agentes que militava pelo aumento do apoio governamental ao trabalho dos pesquisadores brasileiros e não apenas dos cientistas estrangeiros, na investigação da flora e fauna nacionais. Foi o principal encorajador e mecenas da

trajetória de João Barbosa Rodrigues, defendendo-o desde o início da sua carreira das suspeitas e maledicências levantadas por Ladislau Netto. Capanema formou-se na Escola Politécnica de Viena e doutorou-se em matemática e ciências na Escola Militar do Rio de Janeiro. Foi professor de mineralogia da Escola Central do Rio de Janeiro e responsável pela instalação da primeira linha de telégrafos no país. Partidário da existência da revista desde seus primeiros passos, Capanema era respeitado e estimado por Frederico de Albuquerque. Esse reconhecimento transparecia na calorosa nota informando sobre um prêmio outorgado ao conselheiro na França. Em sua coluna *Chronica*, no número de novembro de 1878, o editor dizia:

Justa recompensa – Ao Sr. Conselheiro Capanema foi conferida, na sessão magna da Sociedade de Acclimação de Pariz, que teve lugar em 14 de junho ultimo, uma grande medalha de prata com a effigie de Geoffroy Saint-Hilaire, como recompensa *hors classe* pelos numerosos serviços que tem prestado, tanto no Brazil como na Europa, á causa da acclimação. Entre as numerosas distinções que o Sr. Conselheiro Capanema tem já recebido, pensamos que esta deve ser-lhe uma das mais gratas [Albuquerque 1878, p. 202].

Irmão mais novo de Joaquim, o engenheiro agrônomo e professor Luiz Monteiro Caminhoá (1842-1886) produziu três artigos sobre vegetais úteis, como aspargos, veiculados, respectivamente, nos números de abril de 1876, fevereiro e março de 1878. O farmacêutico A. B. Forzani preparou o texto “Pequeno curso de botânica para uso de agricultores e horticultores”, publicado em cinco partes, nas edições de novembro e dezembro de 1876 e maio, julho e outubro de 1877.

Botânico e farmacêutico alemão especializado em vegetação medicinal, Theodoro Peckolt (1822-1912) veio para o Brasil em 1847, com o intuito de empreender uma temporada de estudos sobre a flora local e proceder coletas para a obra *Flora brasiliensis*, de Karl Friedrich Von Martius (1794-1868). Mas

Bactris Constanciae. (Nob)

BACTRIS DEDICADO A D. CONSTANÇA BARBOSA RODRIGUES

PALME § COCCÉE

(Pinnatifolia § Holacantha.)

Charact. Sex.—B. Stipite mediocri, crispato, aculeato; frondibus interrupte-pinnatis. Fructus sunt globoso-depressi, diametro 0,023, spinosi, viridi-roscoi et postea violacei.

Bactris Constanciae.—Barb. Rod. Sertum Palmarum, tab. 56.—57. Mss.

Hab.—In silva lacum Aclipicá circumdante ad fluvium Trombetas et ad rivum (Igarapé) dos Remedios in fluvio Rio Negro. Fructus maturescunt Martio, April.

Descrição Stipo sub-acule, de 0,5 a 0,6 de compr. e 0,52 de diam. cylindrico, fusco, coberto de tomento ochraceo debaixo das vaginas das folhas. *Folhas* 5-7 contemporeas, semi-erectas, curvas, interrupto-pinnuladas, com 2,5 de compr. *Peciolo* na vaginantes na base, com 1,4 de compr. *espigas* 0,2, aculeada, coberta externamente de tomento fusco, com as margens defeitas em lacinas fibrosas e deciduas, sub-cylindricas, canalizadas por cima, cobertas de tomento fusco, aculeadas, *aculos* esparsos lateralmente, solitarios, ou bi-trifurcados, de diversos tamanhos, de 0,025-0,09 de compr. negros, lucentes, teragoccoso-comprimidos, azerosos, erectos e patentos; *vachis* de 0,9-1,2 de compr. convexo por baixo e bifacial por cima, inferiormente coberto de tomento fusco e aculeado, *aculos* esbranquiado todo, menores que os do peciolo, erectos, inclinados e patentos; *folhas* em numero de 15 por hauda, interruptas, formando cinco series, das quaes a primeira compo-se de duas, a ultima de quatro e a media de tres, os meios sao os maiores,

0,45 de compr.; insertos obliquamente, lanceolados-sub-falados, acuminados, longucuspitados, alternos, distantes uma da outra seria 0,12-15, com as serruras medias salientes por cima, verde-escuro lucentes por baixo, com as margens ornadas de aculos, com 0,003-5 de compr. duros, pretos. *Spadice* com 0,3 de compr. ramoso, sahindo d'entre as vaginas deciduas, ou das inferiores, em numero de 1-2; *pedunculo* curvo, comprimido, semi-serrado, coberto de tomento ochraceo; *vachis* arredondado, adetrapula para o cumo, coberto de mesmo tomento, *ramos* erectos ou patentos cobertos do mesmo tomento, com as espinhas das dicas masculinas. *Spadice* exterior lanceolado, concavo por dentro e convexo por fóra, onde é coberto de tomento cir de carne-suja, com 0,13-14 de compr., e 0,02 de largo; interior com a base involuvelo o pedunculo do spadice, lanceolado, apontado (*cuspidatus*) coberto de tomento ochraceo-sujo, pubescente, aculeado na parte lanceolada, inserno na vagina, *aculos* esparsos, mais juntos para o cumo, negros

lucentes, comprimidos, erectos e patentos; *Fruct* não vi. *Deupa* globulos-deprimida, com o pistillo e stigma persistentes, esculhosa (espinhos 0,004) com o calice e corolla dentados com 0,023 no maior diametro; *epicarpo* fibroso-carnoso, oriundo de espinhos curvos, molles, semelhantes aos do fructo do *vicinus communis*, a principio rosco, depois róxo, com o apice em roda

do pistillo inserno e amarelento; *microcarpo* polposo, branco-sujo, doce; *endocarpo* ossio, negro, coberto de fibras finas, sandadas, lenhoscas subtriangular, com 3 elevações unidas em angulo na base; *polvo* com fibras adherentes, *aculos* comprimido; *albacos* corneo, branco-aculeado; *cochris* conico, branco com 0,002 de compr.

Foi a palmeira mais notavel, pelos seus fructos, que encontrei nas minhas explorações no valle do Amazonas, crescendo no rio Trombetas na floresta sombria que separa o lago Aclipicá da restinga que ali existe. Encontrei-a tambem no igarapé dos Remedios, affluent do Rio Negro, na cidade de Manaus. A structura externa do epicarpo é a unica que se apresenta neste genero e mesmo nesta familia. Dediquei esta especie á minha esposa, D. Constança Barboza Rodrigues, que foi sempre a minha companheira de peregrinação e de trabalhos pelas florestas.

Perpetuo assim a minha gratidão e a sua coragem e provas de heroidade que deu em momentos criticos de nossas viagens, já quando naufragamos nas cachoeiras do Rio Jatapé, já quando assaltados por uma onça, que no nosso acampamento atreveu-se a saltar.

O meu amigo, o Revm. Sr. conego Barrozo, lendo as minhas notas de viagem, annotou-as com o seguinte: « He, subnotando mihi licet-admodum distincto brasiliensi *D. Constanciae* tributum meae admirationis pro tanta *Constanciae* gratissime redere. »

Além de ser uma palmeira ornamental pelo seu porte elegante, recommenda-se tambem pela forma de seu caix, eór de seus fructos e pela utilidade, dos mesmos, que são de um doce agradável. Se havemos de importar palmeiras sem utilidade, antes figurem as nossas nos nossos jardins, porque a riqueza, a variedade de formas das que ornão as nossas matas nada têm que invejar das exoticas; accrescente-se levando a vantagem de seus fructos serem quasi todos aproveitaveis. É preciso acabar-se com o *estrangeirismo*: o Brasilorna as estufas e os jardins da Europa, e no entanto não conhecemos o que possuímos, sendo quando o estrangeiro nolo aponta. Conhecamos o que temos e sejamos nós os guias dos estrangeiros, e não venhão elles nos mostrar nossas proprias riquezas. Basta de humilhação.

J. BARBOZA RODRIGUES.

Artigo "Bactris constanciae", de Barbosa Rodrigues, incluído na *Revista de horticultura*, de janeiro de 1876.

Biblioteca do Instituto Agrônômico de Campinas/ Unicamp, foto de Andrés Otero e Marcos Cimardi.

acabou modificando seus planos e se radicou no país. Fez incursões pelas províncias do Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, que lhe permitiram analisar mais de três mil espécies da Mata Atlântica, algumas desconhecidas pela ciência. A partir de 1861, seu trabalho ganhou notoriedade entre os cientistas brasileiros, após sua participação na Exposição Nacional do Rio de Janeiro. E, no ano seguinte, despertou a atenção da comunidade internacional, ao ter suas pesquisas premiadas com medalha de ouro na Exposição Universal de Londres. Entre 1868 e 1912, dirigiu o laboratório de química do Museu Nacional e escreveu mais de uma centena de trabalhos, entre os quais os livros *Análise de matéria médica brasileira* (1868) e *História das plantas alimentares e de gozo no Brasil* (1871), e os artigos “A horticultura em relação com a botânica e a química” e “Sobre a importância dos jardins de aclimação”, incluídos nos números de janeiro e junho de 1876 da *Revista de horticultura* [Hoehne e outros 1941, p. 145-157].

Barbosa Rodrigues

O colaborador mais ativo da *Revista de horticultura* foi de longe João Barbosa Rodrigues (1842-1909), que assinou oito artigos distribuídos pelos números de janeiro, fevereiro e março de 1876, fevereiro, agosto e outubro de 1877, fevereiro e setembro de 1878. À época de sua participação no mensário, Barbosa Rodrigues era um iniciante botânico autodidata que batalhava para demonstrar os méritos de seu trabalho. Ainda distante de ser aclamado como uma das autoridades brasileiras em história natural, na passagem para o século XX, e um dos principais diretores do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, ele surgiu aos olhos da comunidade científica da capital imperial com um amplo estudo sobre orquídeas autóctones, em 1870. Mas a recepção não foi das melhores, a começar da parte de Ladislau Netto. O então chefe da seção de botânica do Museu Nacional pôs em dúvida a capacidade de um amador realizar estudo de tal envergadura e, diante da celeuma que se instalou, minou a intenção de Barbosa Rodrigues de auferir recursos estatais para a edição da obra. Assim começaram as animosidades entre os dois, envolvendo também o conselheiro Guilherme de Capanema, que incentivava e dava

respaldo financeiro à atividade do botânico autodidata [Sá 2001].

Entre 1872 e 1875, por intermédio de Capanema, Barbosa Rodrigues realizou uma incursão oficial de estudos pelo vale do rio Amazonas, a expensas do Império. E, na volta, alguns dos resultados dessas pesquisas figuraram nas páginas da *Revista de horticultura*, na forma de diagnoses sobre palmeiras. Em 1877, Barbosa Rodrigues conseguiu iniciar a edição de sua enciclopédia sobre orquídeas - *Genera et species orchidearum novarum* -, cujo lançamento do primeiro volume foi noticiado por Albuquerque no número de fevereiro de 1878. Mas a publicação completa de suas observações sobre palmeiras, reunidas no *Sertum palmarum*, ainda demoraria um bom tempo para vir à luz, mesmo com Frederico de Albuquerque fazendo campanha na edição de abril de 1879 da revista para que os leitores subscrevessem o livro, em razão da indiferença do Estado.

Esse respaldo profissional era mútuo, confirmando-se, por exemplo, quando Barbosa Rodrigues nomeou uma nova espécie em homenagem a Albuquerque – a *Sinningia albuquerqueana*. Na diagnose “Gesneraceae Nees. ab Esemb.”, veiculada na edição de fevereiro de 1878 (p. 38-39), Barbosa Rodrigues registrava que

A espécie em questão, muito notável como planta de ornamento, me foi comunicada pelo horticultor Frederico de Albuquerque que a descobriu no Rio de Janeiro e, depois de muitos annos de cultura, conseguiu vê-la florescer agora.

Considerando-a nova dei-lhe nome específico o de seu descobridor, *Albuquerque*, a quem se deve a introdução de muitas plantas exóticas, e que tem procurado despertar o gosto pela horticultura no paiz com a publicação da sua *Revista de Horticultura*.

No entanto, a origem desse apoio recíproco não era casual e deve estar relacionada à superação de dificuldades e preconceitos que ambos sofreram por serem autodidatas, desde anos anteriores ao trabalho conjunto na publicação. Ladislau Neto também desconfiava da falta de credenciais universitárias de Albuquerque e, quando cresceu seu poder no Museu Nacional, tratou possivelmente de demiti-lo ou criar condições para um pedido de demissão. O certo é que Frederico de Albuquerque e Barbosa Rodrigues não se intimidaram e somaram forças, inclusive com outros dissidentes daquela instituição, para criar um espaço

próprio, original e vibrante de debate de suas idéias – as folhas impressas da *Revista de horticultura*.

Redator principal

Na prática, havia um grupo de colaboradores mais amplo, tendo em vista que Frederico de Albuquerque solicitava e recebia artigos de profissionais tanto do Brasil quanto do exterior. Contudo, a função de redator principal era desempenhada por ele, em paralelo às responsabilidades de editor. O botânico gaúcho escrevia as seções *Chronica*, que vez por outra incluía um editorial, e *Retratos de plantas novas*. Elaborava matérias que seriam o carro-chefe das edições, optando por assiná-las ou não. Produzia artigos secundários e notas sobre exposições e eventos hortícolas, usando em certas ocasiões pseudônimos, como Hortulano. E fazia ainda resenhas de livros e revistas e traduções, dominando bem o francês e o inglês.

A maior parte dos escritos de Albuquerque estava dedicada à vegetação ornamental e ao paisagismo. Fossem descritivos ou analíticos, eles tratavam de disponibilizar informações, fomentar debates e atualizar o público nacional sobre o que havia de relevante no campo da horticultura ornamental no país e, sobretudo, no estrangeiro. No contexto brasileiro, essa iniciativa representava uma das primeiras ações sistemáticas, regulares e ágeis de abordagem das temáticas relacionadas às plantas ornamentais e jardins. Para reforçar o que isso significava na segunda parte da década de 1870, basta lembrar que existia um vazio quase completo no segmento de impressos nacionais voltados à horticultura ornamental, fossem livros ou mensários, numa situação bem diferente daquela vivida por grandes centros internacionais de horticultura na época, como a França e a Inglaterra. Entre as raras exceções no formato de livro, havia o *Guia do jardineiro, horticultor e lavrador brasileiro ou tratado resumido e claro acerca da cultura das flores, hortaliças, legumes e cereaes*, de Custódio de Oliveira Lima, editado por Eduardo e Henrique Laemmert, em 1853. Mas no tocante às revistas brasileiras de história natural e ciências aplicadas, fossem ativas ou já desaparecidas, é fácil verificar que nenhuma destinava atenção contínua em seus números para as temáticas

hortícolas privilegiadas por Albuquerque.

Francofilia editorial

As referências à cultura paisagística da França eram constantes nas páginas da *Revista de horticultura*, a começar pelos textos mais longos de seu editor-redator. Frederico de Albuquerque não apenas conhecia o que existia de mais expressivo na produção bibliográfica francesa da época, mas a citava textualmente em suas matérias, fossem ou não assinadas. Isso se confirmava no artigo “*Chamaerops excelsea*”, estampado nas páginas 33 e 34, da edição de fevereiro de 1876. Em meio à apresentação dessa palmeira originária da China, o horticultor gaúcho sublinhava uma incomum capacidade regeneradora da espécie, transcrevendo informações de Elie-Abel Carrière (1818-1896). Dizia que

O *Chamaerops excelsea* forneceu ultimamente na Europa um desses casos de observação, que vem em poucos instantes desmoronar as theorias mais laboriosamente construídas, e que é rebatido pelo Sr. Carrière (*Revue Horticole*, 1874, p. 323) pela seguinte maneira: “O frio excessivo de 1869-1870 matou, em uma propriedade do Sr. Serais, em Rennes, dous grandes exemplares de *Chamaerops excelsea*, que forão cortados rente ao chão, para não estragar as plantas que os rodeiavão; depois do que, alguns vegetaes forão plantados para esconder a falta. Cria-se os dous *Chamaerops* perfeitamente mortos, quando depois de algum tempo vio-se apparecer do centro do caule de cada um, um broto vigoroso, de modo que presentemente o mal está quase reparado: as duas palmeiras existem, e apenas são menores do que outr’ora.”

Redator-chefe da *Revue horticole*, Carrière era um importante horticultor francês que conciliou a atividade prática à editorial. Chegou ao posto de jardineiro-chefe dos viveiros do Muséum d’Histoire Naturelle, em Paris, especializou-se em coníferas e foi um dos mais influentes responsáveis pela *Revue horticole*. Fértil escritor, legou uma produção textual que extrapolou as páginas daquele mensário francês, incluindo também diversos livros, caso de *Entretiens familiers sur l’horticulture* (1860), *Guide pratique du jardinier multiplicateur* (1862), *Production et fixation des*

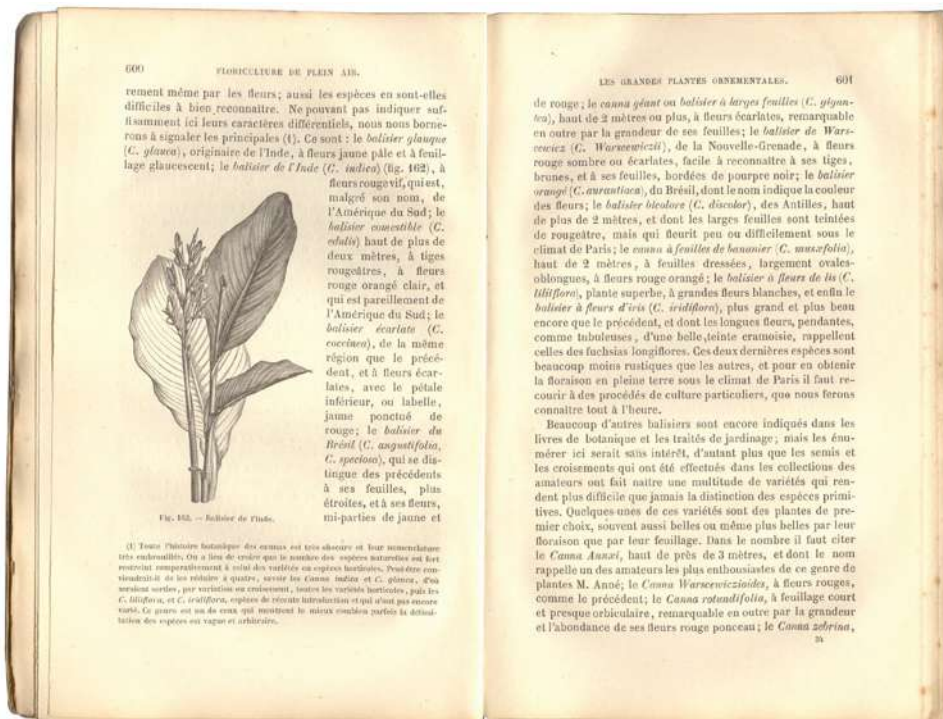
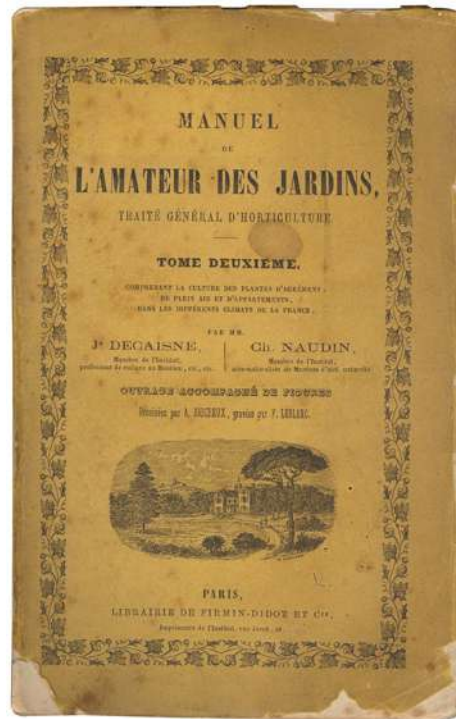
variétés dans les végétaux (1865) e *Encyclopédie horticole* (1880). Além de citar Carrière, Albuquerque providenciou a tradução e a inclusão de alguns escritos dele na *Revista de horticultura*, como as matérias “*Ceropogia gardnerii*”, “*Bilbergia chantini*” e “*Aphelandras*”, nos números de fevereiro de 1876, novembro de 1878 e abril de 1879.

Outro exemplo de menção ao trabalho de autor francês comparecia no artigo “*Stapelias*”, publicado no número de maio de 1877, às páginas 91 e 92. Nele Frederico de Albuquerque reproduzia comentários de Charles Antoine Lemaire (1801-1871), extraído de *Les plantes grasses autres que les cactées* (1869), para explicar peculiaridades e chamar a atenção para o potencial hortícola desse gênero:

No estado de botão, as flores das *Stapelias*, mais ou menos globulares, contêm uma grande quantidade de ar, que ao desabrochar da flôr se escapa com explosão; o Sr. Ch. Lemaire no seu interessante livro *Les Plantes Grasses* diz a esse propósito: “Vimos e ouvimos muitas vezes, facto que não foi ainda citado por outro autor algum, estes botões abrirem-se, sob a influencia de um sol matinal, com ruído seco semelhante ao de pequenos ballões de papel que os meninos fazem e arreventão com um soco.” (...)

Finalizando, acabaremos como o Sr. Lemaire ao tratar das *Stapelias* na obra citada: “Leitores amigos, colleccionai as *Stapelias* e ficareis agradecidos ao autor por este conselho”.

Deixando de lado uma carreira de professor de literatura clássica pela botânica, Lemaire se especializou no estudo de plantas suculentas e cactáceas e, paralelamente, dedicou-se à edição de importantes mensários de horticultura. A partir de 1835, foi editor e redator das revistas francesas *Jardin fleuriste* e *L’Horticulteur universel*. Dez anos depois, mudou-se para Gand, na Bélgica, a fim de assumir a edição de *Flore des serres et des jardins de l’Europe*, criada por Louis Van Houtte (1810-1875). Passou a editor da *L’Illustration horticole*, em 1854, e nesse cargo permaneceu por dezesseis anos. Foi responsável por extensa



Capa e verbete sobre as espécies de canas,
do *Manuel de l'amateur des jardins*, de Decaisne
e Naudin - dois dos vários estudiosos franceses
lidos e citados por Albuquerque.
Biblioteca GMD.

produção bibliográfica, em meio à qual se destacavam *Cactearum aliquot novarum* (1838), *Cactearum genera nova speciesque novae* (1839) e *Iconographie descriptive des cactées* (1841-1847) [André 1871, p. 120-121].

A francofilia de Albuquerque também estava expressa na matéria “Cannas”, incluída às páginas 109, 110 e 111, da edição de junho de 1877. Ele explanava que esse gênero fora abordado pela primeira vez por Joseph Decaisne e Charles Victor Naudin (1815-1899), em seu *Manuel de l'amateur des jardins. Traité général d'horticulture*. Dessa obra de referência em quatro volumes editada entre 1862 e 1871, o editor gaúcho transcrevia recomendações de uso e estratégias de plantio:

O porte airoso, a folhagem bella, o talhe elevado, as flôres brilhantes, finalmente a rusticidade das *Cannas*, as indicão naturalmente para a ornamentação dos jardins de certa extensão, e especialmente para os jardins públicos; e em verdade o favor do publico não lhes tem faltado. Ora são plantadas em tufos isolados, ora em grandes massas no centro das cestas de flores, ou á beira dos canteiros e dos grammados.

Na parte final do artigo, Albuquerque fazia uma síntese das espécies convenientes para os jardins, conforme as indicações dos dois botânicos franceses:

As espécies botânicas que formão o gênero *Canna* são numerosas, e geralmente difíceis de serem distinguidas entre si; em quase sua totalidade, ellas são originarias da América do Sul, e algumas da Índia; os Srs. Decaisne e Naudin pensão que ellas poderião ser reduzidas a quatro, a saber: a *Canna indica* originaria da América do Sul, ainda que o seu nome pareça lhe indicar a Índia como pátria, com flores vermelhas e flores arroxadas, e a *C. glauca*, oriunda da Índia, com folhas glaucas e flores amarellas, das quaes terião sahido as innumerables variedades que povoão os jardins; a *C. liliflora*, grande e soberba espécie de flores brancas; finalmente a *C. iridiflora* do Peru, que passa pela mais bonita de todo o gênero, com suas flores grandes, tubulares, pendentes, de uma bonita cor de carmim.

À época da edição do *Manuel de l'amateur des jardins*, Naudin era assistente de Decaisne no Muséum d'Histoire Naturelle, em Paris. Havia ingressado como naturalista-auxiliar

na entidade, em 1848, após trabalhar com Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853) na publicação de seus estudos sobre a flora brasileira. A partir de 1854, chegou ao posto de supervisor de culturas. Em 1863, tornou-se membro da Académie des Sciences. Mudou-se para os Pirineus em 1872, a fim de desenvolver um centro de aclimatação em sua propriedade de Collioure. Em 1878, assumiu a direção do jardim botânico da Vila Thuret, em Antibes. Além de responder pela introdução de várias espécies exóticas na França, Naudin tornou-se reconhecido especialista em hibridações e aclimatação, sendo autor do *Manuel de l'acclimateur* (1888), entre outros escritos.

Noticiário dinâmico

A *Chronica* era outra parte da revista que continha freqüentes menções à França, informando sobre acontecimentos recentes e significativos que tinham lugar no cenário hortícola desse país, embora não pretendesse ser uma coluna de variedades exclusivamente dele. Essa seção noticiava de tudo um pouco que ocorria no contexto da horticultura francesa, apresentando notas sobre aprimoramento vegetal, comércio de flores, arborização urbana, expedições botânicas, exposições de plantas, premiações, congressos de botânica, novas publicações, venda de livros, necrológios, picaretas franceses à solta pelo Brasil, entre outros assuntos.

Logo na primeira *Chronica* que escreveu, para o número de janeiro de 1876, Frederico de Albuquerque pôs em relevo um ensaio de proteção de sementes empreendido por horticultores de Orléans. Comentava que a Transon Frères obtivera êxito no tratamento de sementes de casca dura com zarcão diluído em água, a fim de repelir o ataque de pássaros, roedores e insetos, no momento da plantação [Albuquerque 1876, p. 2].

Todavia, no decorrer das edições, houve uma diversificação contínua das temáticas, apesar de algumas, por seu significado na época, retornarem mais vezes do que outras. A efervescência do mercado de flores era um desses assuntos que reaparecia de tempos em tempos. E isso era facilmente explicável: a França não somente detinha um dos principais mercados internos de consumo e produção de flores e plantas ornamentais, mas

figurava entre os maiores centros exportadores desses recursos. Em Paris, o comércio assombroso de apenas uma espécie estava bem ilustrado numa notícia impressa no número de maio de 1876. Nela o editor registrava que

Vende-se diariamente em Paris 15,000 bouquets de violetas, valendo anualmente mais de 500,000 francos; durante o Império ellas estavam ainda mais na moda, pois a violeta é considerada por muita gente como o emblema da família Bonaparte. O numero de pessoas que vivem desse commercio, e da cultura de violetas nos arredores de Paris, é avultado [Albuquerque 1876, p. 83]

Na edição de novembro de 1876, havia também uma nota que dava conta das altas somas arrecadadas com a venda de ramalhetes de flores, às vésperas de uma festividade importante, em Paris. Só para se ter uma idéia, o valor representava mais de 384 vezes a quantia mensal que o Estado brasileiro concedia para produção da *Revista de horticultura*. No fundo, Albuquerque deixava entrever que o comércio de flores já era tão ou mais rentável que outras atividades econômicas na França. Contabilizava que

no dia 25 de Agosto ultimo, fôrão vendidas em Pariz flores cortadas por um valor superior a cem contos de réis, para a festa de S. Luiz, que teve logar no dia seguinte [Albuquerque 1876, p. 206].

Os comentários que buscavam explicar e quantificar numericamente os avanços hortícolas em curso no território francês não paravam aí. Na edição de setembro de 1877, o botânico gaúcho dava a conhecer que a França estava se tornando um gigante internacional na produção de novas variedades de roseiras, desbancando inclusive antigos rivais nesse ramo.

Lyon é o grande centro do commercio de rosas em França: Guillot Fils, Gonod, Lacharme, Levet, Liabaud, Schwartz, e muitos outros, são roseiristas conhecidos em todo o mundo; Lyon exporta annualmente de 700,000 a 1.000,000 de roseiras, cujo preço, para as variedades antigas, varia de 50 centímetros a 1,50.

A maior parte das novas variedades de rosas tem sido obtida em França;

segundo o Sr. Shirley Hibberd, a Inglaterra em 1864 recebeu 22 novas variedades de rosas obtidas em França, 68 em 1865, 51 em 1866, 63 em 1867, 70 em 1868, 27 em 1869, 75 em 1870, 66 em 1872, 43 em 1873, 14 em 1874, 55 em 1875, 14 em 1876 e 38 em 1877, enquanto no mesmo período de tempo os roseiristas ingleses obtiverão 2 em 1864, 4 em 1865, 4 em 1866, 3 em 1870, 8 em 1872, 2 em 1873, 6 em 1874, 13 em 1876 e 2 em 1877: 536 variedades francezas para 44 inglezas [Albuquerque 1877, p. 162-163].

Mas não só de flores se fazia o cotidiano da nação francesa, que se esmerava igualmente no enverdejar boa parte de suas cidades com o plantio de árvores nas ruas, seguindo o exemplo de Paris. Apresentando um balanço dos números atingidos na arborização da capital, Albuquerque narrava, na edição de julho de 1877:

As primeiras arvores plantadas nas ruas e praças de Pariz fôrão-no por ordem de F. Miron, administrador das obras publicas no reinado de Henrique IV: Miron começou fazendo plantar uma extensão de 6,000 pés, e pagando do seu bolso um terço da despeza. Atualmente Pariz possui plantadas nos Boulevards exteriores 11,411 arvores, nos Boulevards interiores 91,137, nos caes 4,706, nas avenidas 6,872, nas praças 3,569, nas ruas 1,864, nos Campos Elyseos 9,555, na Esplanada dos Inválidos 2,040, ao redor dos matadouros 1,510, juntos dos celeiros 984, cemitérios 3,826, nos jardins das escolas publicas 1,130 [Albuquerque 1877, p. 123].

Publicações e obituários

Notícias sobre novas revistas, livros e bibliotecas postas à venda na França também apareciam vez por outra na *Chronica*. Na edição de outubro de 1876, Albuquerque avisava que a biblioteca de Adolphe-Théodore Brongniart, figura proeminente do Muséum d’Histoire Naturelle e da Académie des Sciences e ex-professor de Glaziou, iria a leilão em breve e explicava como proceder para dar lances:

Recebemos o catalogo dos livros de historia natural pertencentes ao Prof. Brongniart, há pouco fallecido, e que devem ser vendidos em leilão nos dias 4 e 5 de Dezembro próximo. A biblioteca foi repartida em 2,480 lotes diversos, dos quaes a grande maioria consta de obras de botânica. A venda será apregoada por M. Audion, nomeado perito, e ao qual os interessados de qualquer parte do mundo poderão mandar suas ordens e limites. As ordens deverão ser remetidas a M. E. Deysolle fils, naturaliste, 23 rue de la Monnaie, Pariz [Albuquerque 1876, p. 188].

No número de fevereiro de 1877, o editor informava o surgimento de um novo mensário francês de horticultura, com uma linha editorial dedicada a somente um gênero botânico, que usufruía enorme prestígio na época.

O Sr. S. Cochet, horticultor em Suisne, no departamento do Seine-et-Marne, França, começou a publicar um jornal dedicado especialmente aos cultores da rainha das flores, cuja redação foi confiada ao Sr. Camillo Bernardin, presidente de varias sociedades de roseiristas: *Journal des Roses* chama-se o novo órgão de publicidade [Albuquerque 1877, p. 21].

Afora notas sobre impressos, a *Chronica* reserva espaço igualmente para falar de destacados personagens franceses que se foram. Na edição de outubro de 1877, à pagina 181, havia um comunicado sobre o desaparecimento de Jean-Emmanuel-Marie Le Maout (1799-1877). Médico diplomado em 1842, Le Maout trilhou a carreira de botânico, dividindo seu tempo entre o ensino de ciências naturais e a redação de diversos e importantes livros, entre os quais *Les trois règnes de la nature* Tournefort, Linné, Jussieu (1851), *Flore élémentaire des jardins et des champs* (1855) e *Traité général de botanique* (1867), em co-autoria com Decaisne, este bem conhecido de Albuquerque e sua geração, conforme atestava o próprio horticultor gaúcho [Albuquerque 1877, p. 181].

As montanhas da Asia Menor, a Hespanha e Portugal nos tinham fornecido o *Rh. Ponticum*; nos Carpathos, no Tyrol, em algumas montanhas da Baviera e da Allemanha tinha sido descoberto o *Rh. chamæcistus*, enquanto os *Rh. Dahuricum* e *Rh. Lapponicum*, tinham sido encontrados perto do gelo eterno do polo Norte, na Siberia e na Laponia.

O *Rh. maximum* era então ainda o unico representante do genero, entre as produções da America do Norte.

Um pouco mais tarde, em 1796, Pallas nos fazia conhecer um Rhododendron de flores amarellas, o *Rh. chrysanthum*, oriundo da Siberia, e Gmelin trazia o *Rh. Kamtschaticum*, de um paiz mais longinquo, e ainda mais frio.

Pela mesma época, o capitão Handwicke encontrava nas grandes montanhas da India o *Rh. arboreum*, até então o mais bello conhecido. Infelizmente elle não pudeira introduzir a planta, ficando reduzido tão sómente a amostras de herbario.

Em 1803 appareceu o *Rh. caucasicum*, das montanhas do Caucaso, o *Rh. catarbiense*, da Carolina; em 1811 o *Rh. Purshii* igualmente da America do Norte; em 1815 o *Rh. formosum* do Dr. Wallich, planta indianna de um aspecto notavel; em 1826, o *Rh. campanulatum*, e enfim, em 1827, a mais bonita especie desta serie de introduções, o *Rh. arboreum*, remettido pelo Dr. Wallich.

Ao depois dessa época fertil em descobertas, alguns annos de parada consentirão á sciencia horticola o laser de dotar nossas culturas com um numero immenso de

variedades e de hybridos desta bella planta; e bem depressa apparecerão muitas centenas de productos hybridos, muito superiores aos typos que lhes havião sido origem.

O primeiro Rhododendron das illas da Sonda o *Rh. javanicum*, trazido em 1846, devia ser seguido por outras introduções muito mais importantes do que aquellas que acabamos de relatar.

O Sr. Hugh Low, explorando em 1846 a ilha de Borneo, encontrou grande numero de especies, muitas das quaes fôrão remettidas para a Europa. Essas especies tinham, juntamente com todos os caracteres essenciaes dos Rhododendrons, um aspecto completamente desusado, tanto no porte como na inflorescencia.

Em 1848 porém o Sr. Joseph Dalton Hooker, distincto botanico (*), recolheu em uma unica viagem á India, ao Sikkim-Hymalaya, um numero de especies de Rhododendrons maior do que tudo quanto todas as descobertas anteriores

reunidas tinham produzido. Trinta especies, (***) cujas sementes tivera o cuidado de colher, fôrão remettidas para a Europa, e semeadas immediatamente na Inglaterra, e em varios pontos do continente. Ao mesmo tempo uma magnifica publicação reproduzia os desenhos dessas plantas, quasi todas tão

(*) Actualmente Sir Hooker director dos jardins de Kew.

(**) Entre elles o magnifico Rhododendron de lady Dalhousie (*Rh. Dalhousie*) representado pela nossa gravura (Est. 16) uma das mais bonitas especies do genero, com suas grandes flores brancas, ás vezes levemente coloridas de roseo, que embalsamão a atmosphera com um delicioso aroma de flores de laranjeiras. R. H.



Fig. 16.—Rhododendron Dalhousie.

Artigo sobre rododendros, de Édouard André, cuja publicação teve início no número de fevereiro de 1878 da *Revista de horticultura*.

Biblioteca do Instituto Agrônômico de Campinas/Unicamp, foto de Andrés Otero e Marcos Cimardi.

Édouard André

A *Chronica* tratava bem mais dos profissionais vivos e atuantes. Contudo, nenhum outro botânico e paisagista francês recebeu tanta deferência da parte de Albuquerque quanto Édouard André (ver capítulo 1 e 2). Isso pode ser medido pelas várias notícias acerca de sua expedição científica pelo extremo norte da América do Sul, além de traduções de seus escritos - caso de duas matérias sobre o gênero *Rhododendron* e uma sobre gramíneas para terrenos secos, incluídas, respectivamente, nas edições de fevereiro e março de 1878 e julho de 1879. Frederico de Albuquerque nutria um vivo interesse pelo trabalho de André, acompanhando-o especialmente por meio da *L'illustration horticole* e de livros, como *Plantes de terre de bruyère*. A primeira nota sobre a atividade de André saiu na edição de março de 1876 e dizia:

O redactor da *Illustration Horticole*, o Sr. Ed. André, partio com effeito para a América equatorial, em principio de Novembro último, com o fim de explora-la botânica e horticulamente; a Colombia, o Equador, o Peru e o Brasil serão sucessivamente explorados [Albuquerque 1876, p. 44].

Três números depois, outra notícia dava conta que André estava na região colombiana entre os rios Meta e Guaviare e seu primeiro lote de plantas coletadas havia chegado às mãos de Jean Linden, em Gand, Bélgica [Albuquerque 1876, p. 106]. É interessante lembrar que Linden era o mesmo viveirista para o qual trabalhava Charles Pinel, em Nova Friburgo (ver capítulo 3). Na edição de dezembro de 1876, havia um novo comentário sobre a volta de André à Europa, portando boas coleções de plantas vivas e exsiccatas, e a retomada de seu trabalho à frente da *L'illustration horticole* [Albuquerque 1876, p. 225]. Mais uma nota versando sobre o paisagista francês figurou no número de agosto de 1877. Dessa vez, Albuquerque o cumprimentava pela condecoração que lhe fora outorgada pela Académie des Sciences, em razão dos frutos de sua viagem à América do Sul [Albuquerque 1877, p. 142]. Entre as espécies descobertas por ele nessa incursão e batizadas em sua homenagem, estava o *Anthurium*

andraeanum que posteriormente fez enorme sucesso como flor de corte e ainda hoje é apreciado nas salas das residências brasileiras e estrangeiras. Entre o final do século XIX e o início do XX, a inflorescência vermelho brilhante dessa espécie chegou mesmo a ser tema de particulares decorações *art nouveau* na Argentina, como pode observar em mausoléus no cemitério da Recoleta, Buenos Aires, em 2001.

Por fim, na edição de dezembro de 1878, o editor apontou os saldos da expedição de André, detalhando minuciosamente tudo o que foi reunido e chamando a atenção para a quantidade e a variedade de itens colecionados num tempo recorde.

Na viagem que o Sr. E. André, redactor da *Illustration Horticole*, fez não há muito ainda, á América, e da qual em tempo demos noticia, o illustre viajante, além de estudos que fez em diversos ramos das sciencias naturaes, recolheu e remetteu, ou levou, para a Europa, o seguinte:

1º, 4,300 especies de plantas secas (cada uma representada por 1 a 10 exemplares de herbário); 2º, 181 plantas e productos vegetaes conservados em alcool ou seccos; 3º, 177 mammíferos, peixes, répteis, preparados para serem empalhados; 4º, 931 passaros preparados para serem montados; 5º, 5,200 insectos, 6º, 992 borboletas; 7º, 78 molluscos; 8º, 166 mineraes e fosseis; 9º, 50 antiguidades indianas; 10º, 56 vestimentas, armas e objectos diversos; 11º, 60 objectos fabricados com verniz de Pasto; 12º, 350 desenhos analyticos de plantas, aquarellas, vistas, typos, photographias; 13º, 7 volumes do *Diário de viagem*.

Isso sem falar de 4,722 plantas vivas, repartidas por 285 especies, das quaes 1,992 Orchidéas de 79 especies, 315 Aroidéas de 34 especies, 28 especies de Bromélias, 25 de Fetos etc.; 27 sementes de Palmeiras, de 21 especies, e ainda 394 especies diversas de outras sementes.

E a viagem durou apenas um ano!! [Albuquerque 1878, p. 221].

Ao longo dos quatro anos em que circulou, a *Revista de horticultura* foi efervescente porta-voz de informações e conhecimentos, que pôs os brasileiros em dia com o que havia de recente e importante nos domínios da horticultura francesa.

Todavia, a publicação não constituiu um testemunho isolado do estreitamento das ligações entre a produção paisagística francesa e a nacional. Tão importante quanto as folhas impressas de Frederico de Albuquerque foram o trânsito e o comércio de espécies vegetais a partir da França, assunto que trataremos no próximo capítulo.

PLANTAS VIAGEIRAS

De A. Lecaron, Paris 20 Quai de la Mégisserie, recebemos: *1º Catalogue général de Graines, 2º Catalogue de Rosiers et Fraisiers, 3º Catalogue général de Plantes Vivaces, de Pleine Terre, de Serre Chaude, etc., 4º Catalogue d'Oignons à Fleurs.*

De experiência própria podemos recommendar a casa de A. Lecaron pella excellencia de suas sementes, preços módicos e promptidão com que serve.

Frederico de Albuquerque, maio de 1877.

Nenhuma época anterior presenciou tamanho crescimento do interesse social pelas flores e plantas ornamentais, contagiando de um extremo a outro do planeta, quanto o século XIX. Foi um tempo de enormes avanços na descoberta e propagação de novas espécies. Momento em que a circulação de vegetação pelo globo atingiu escalas nunca antes alcançadas, resultado da multiplicação avassaladora de expedições botânicas, sociedades científicas, exposições hortícolas, estabelecimentos comerciais, viveiros, colecionadores e grande público interessado em possuir novidades vegetais. A França capitaneou esse processo ao lado de outras nações. E fez isso não apenas ditando padrões de gosto que influíram diretamente no prestígio de várias espécies, mas participando ativamente da gigantesca rede internacional de trocas e comércio vegetal que se formou na época, por meio de colecionadores, entidades e fornecedores capazes de atender encomendas de todas as partes do mundo.

O contato com esses representantes franceses viabilizou a importação de um elenco nada desprezível de plantas exóticas que passaram a figurar nos jardins domésticos e públicos do Brasil, ao

longo do século XIX. Mas quem eram esses agentes e quais as plantas que trocavam ou vendiam aos primeiros negociantes brasileiros especializados em vegetação? Esse assunto será investigado aqui, seguindo as pistas de um capítulo não menos significativo da atuação de Frederico Guilherme de Albuquerque - a introdução, a multiplicação e o comércio de flora estrangeira. Buscaremos estudar como se deu a montagem da coleção de plantas do botânico e paisagista gaúcho, localizando especialmente o repertório de espécies ornamentais incomuns que ele comercializou em sua estação hortícola, no período em que se radicou na cidade do Rio de Janeiro, entre 1874 e 1879.

Société Impériale d'Acclimatation

As aproximações de Albuquerque com profissionais, amadores e sociedades francesas que praticavam intercâmbios botânicos remontam ao período inicial de sua carreira, no Rio Grande do Sul. Pelo menos desde 1868, ele estava filiado à Société Impériale Zoologique d'Acclimatation, em Paris, e mantinha um fluxo mais ou menos regular de envio de produtos naturais brasileiros para ela, mediante a contrapartida de receber informações, sementes e mudas de espécies exóticas [Société Impériale 1868]. Fundada em 1854 por Isidore Geoffroy Saint-Hilaire, zoólogo e titular da disciplina de mamíferos e aves no Muséum d'Histoire Naturelle, a Société Impériale Zoologique d'Acclimatation dedicava-se originalmente ao conhecimento, domesticação e difusão de animais úteis e ornamentais e mantinha o Jardin d'Acclimatation du Bois de Boulogne, desenhando por Barillet-Deschamps a pedido de Saint-Hilaire, em 1859, e inaugurado pelo imperador, no ano seguinte. Com o passar do tempo, a entidade ampliou sua linha de ação às plantas, fomentando simultaneamente uma política de incentivo ao trabalho de seus membros com a distribuição anual de prêmios. No final do governo de Napoleão III, passou a se chamar Société Nationale d'Acclimatation de France, detendo então um extenso quadro de associados e entidades filiadas não somente disperso pelo território francês, mas também pelo mundo afora.

Nessa etapa de formação de sua coleção vegetal, Albuquerque empenhou-se na obtenção de plantas estrangeiras

para fins econômicos ainda não completamente difundidas em sua província natal – caso de eucaliptos e videiras. Para tanto, passou a recorrer àquela entidade. Dela recebeu sementes de várias espécies de eucaliptos, em 1871, e informou os resultados iniciais do plantio em carta publicada na revista da instituição, no ano seguinte. Albuquerque comentava que

Esses grãos, semeados logo que chegaram, germinaram muito mal, exceto os de *Eucalyptus obliqua*; entretanto, como há ao menos dois indivíduos de cada espécie, eu poderei vos comunicar o resultado que tiver obtido dentro de alguns meses.

Quanto ao *Eucalyptus globulus*, já é bem conhecido aqui e mesmo bem apreciado, ainda ontem alguns fazendeiros portugueses me pediram algumas centenas dessas plantas para fazer barreiras de proteção ao vento em suas plantações. Vós podereis apreciar melhor esse fato quando eu vos disser que essa gente tira da terra belas alcachofras, aspargos e morangos, que fazem nascer as boas sementes de legumes que lhes dou, embora nunca quiseram aceitar um sarmento sequer de videira, quanto mais plantá-lo e fazer vinho... da Isabella” [apud Albuquerque 1997, p. 41].

Nesse ano de 1872, os progressos de Albuquerque voltaram a chamar a atenção da Société Impériale Zoologique d’Acclimatation, que o premiou com uma medalha de primeira classe. Era a terceira de quatro distinções que o botânico gaúcho receberia da entidade no decorrer dos anos, avalizando a crescente importância de seus ensaios de introdução e aclimação de vegetação exótica, primeiro no Rio Grande do Sul e depois no Rio de Janeiro [Freire 1890, p. 2].

Muséum d’Histoire Naturelle

A Société Impériale Zoologique d’Acclimatation não era, porém, o único contato francês que se valia Frederico de Albuquerque nos primórdios de sua atividade. Em 1869, ele prosseguia interagindo com o Muséum d’Histoire Naturelle, conforme testemunhava a missiva de Charles Victor Naudin, de 21

qui vous feraient douter: Je ne connais per-
sonne à Bordeaux à qui je puisse m'adres-
ser pour prendre de ce soin. Si M^{me} Delille,
ou tout autre correspondant, pouvait s'en
charger, il me demanderait de lui faire
de vous faire cette expédition. Auriez-vous,
Messieurs la bonté de me donner quelques
indications sur ce point. La Havre est bien
loin de Collioure; je crois que Bordeaux con-
viendrait mieux.

Je suis bien fâché à l'obligance que vous
avez eue de m'expédier une caisse de graines,
et je serais heureux de la recevoir, mais.....
elle est encore en route et n'arrivera peut-être
jamais; la Normandie est occupée par les Prus-
siens, qui ont arrêté les convois de Chemins de
fer et ne laissent passer que ce qui leur con-
vient. — La Société d'acclimatation est en
pleine déroute; son jardin a été saisi, et
tous les animaux dévorés pendant le siège. On
ne fait encore quand et comment elle pourra
se reorganiser et reprendre la suite de ses
travaux. — Si, par hasard, la caisse de grai-
nes m'arrivait, j'aurais soin de vous en donner
avis.

Je vous prie de recevoir, Monsieur, avec mes
sincères remerciements, l'assurance de ma
considération la plus distinguée,

Votre dévoué serviteur,
Ch. Naudin
à Collioure (Pyrénées-Orientales)

Collioure (Pyrénées-Orientales), le 27 février 1871.

A Monsieur Fr.^o Albuquerque,
agriculteur à Rio Grande do Sul.

Monsieur,

C'est seulement hier, 26 février 1871,
que j'ai reçu la lettre que vous m'avez fait
l'honneur de m'adresser, à la date du
29 août 1870, c'est-à-dire il y a six mois!
Les journaux vous ont appris la cause de
ce retard. Paris était déjà investi par
500 000 prussiens avant que votre lettre ne
fut arrivée dans un port français, et pen-
dant près de 5 mois rien, absolument
rien, n'a pu entrer dans cette malheureuse
capitale, qui a fini par capituler devant
la famine.

Les désastres amenés par cette guerre
follement entreprise, sans préparation d'au-
cune sorte, et stupidement conduite par
d'ineptes généraux, sont incalculables!
Jamais, depuis 140^{ans} qu'elle existe, la
France n'en a éprouvé de tels. On croit
 rêver quand on passe en revue cette série

Carta de Charles Naudin a Frederico de
Albuquerque.
Acervo da família Albuquerque, foto de Hugo
Segawa.

de outubro, que lhe agradecia a remessa de sementes para si e sua instituição, bem como o prevenia de que estava reunindo mudas de videiras para lhe remeter.

Recebi e vos agradeço sinceramente as duas cartas que vós me escrevestes, bem como as sementes de maracujá e feijões que vós me enviastes e outras para a Société Impériale d'Acclimatation. Estas sementes são de grande interesse para mim. (...)

Li que vossos maracujazeiros florescem perfeitamente em Collioure, onde temos um clima como o da Catalunha. As laranjeiras se tornam enormes sem nenhuma proteção nos jardins.

Será um prazer lhe enviar cepas de Collioure e das províncias vizinhas e mesmo tudo aquilo que puder conseguir de videiras nessas regiões. Minha intenção é reunir uma grande variedade de cepas na minha propriedade, tendo em vista fazer experiências agrícolas e botânicas [Naudin 1869].

Charles Naudin

Mesmo no período da guerra franco-prussiana, em 1870, Albuquerque não interrompeu seus pedidos, buscando manter-se em comunicação com Charles Naudin. Possivelmente sem estar a par da gravidade da situação que atravessava a França, ele encaminhou carta ao botânico francês solicitando o despacho de mais mudas de videiras, em 26 de agosto daquele ano. E certamente deve ter se inquietado com o silêncio que se fez no transcorrer de mais de seis meses.

Obrigado pelo clima bélico a interromper a rotina de trabalho no Muséum d'Histoire Naturelle, Naudin estava refugiado em sua propriedade de veraneio e centro de pesquisas botânicas, em Collioure, sul da França. Recebeu a correspondência de Albuquerque apenas em 26 de fevereiro de 1871. E, no dia seguinte, providenciou um desabafo contundente sobre o estado calamitoso de seu país, destacando os danos que a comunidade botânica francesa estava sofrendo e a impossibilidade de atender ao pedido naquele momento.

Foi somente ontem, 26 de fevereiro de 1871, que recebi a carta que vós tivestes a honra de me endereçar, com data de 29 de agosto de 1870,

vale dizer há 6 meses! Os jornais vos informaram a causa dessa demora. Paris já estava invadida por 500.000 prussianos antes que vossa carta chegasse a um porto francês, e durante esses cinco meses nada, absolutamente nada, pode entrar nesta infeliz capital que se rendeu diante da fome.

Os desastres causados por esta guerra loucamente sem aviso, sem precaução de nenhum tipo e estupidamente conduzida pela imperícia geral, são incalculáveis! Após 1.400 anos de existência, nunca a França passou por tal provação. Parecia um sonho quando o país acordou em meio a uma série de desastres, com bombas irrompendo por todos os lados. Depois de vários anos, o governo imperial sabia que a Prússia estava produzindo armamentos terríveis e que esperava a ocasião favorável para jogá-los em nós, ajudada pela Alemanha inteira. (...)

Vossa carta do ano passado me chegou muito tarde para enviar os sarmentos de videiras, que já começaram a brotar. (...) O mês de fevereiro foi muito quente e, depois de 15 dias, os brotos das videiras irromperam, alguns já estão floridos. Cortando os sarmentos agora, em Collioure, eles não terão chance de chegar vivos ao Brasil. Será em novembro, dezembro ou, no mais tardar, em 15 de janeiro que poderei fazer esse envio. (...)

Logo que os sarmentos chegarem ao Brasil, deverão ser colocados na água durante oito horas, antes de sua plantação. (...)

Estou bem contente com sua gentileza de me enviar uma caixa com sementes, mas infelizmente não a recebi. Talvez esteja a caminho ou não chegue jamais, pois a Normandia está ocupada pelos prussianos que controlam as estradas de ferro e confiscam o que lhes convém. A Société d'Acclimatation está em ruínas, seu jardim foi saqueado, e todos os animais foram devorados durante o cerco da cidade. Ainda não sabemos quando ela poderá ser reorganizada e retomar o ritmo de seus trabalhos. Se, por azar, a caixa de sementes não chegar, avisar-lhe-ei [Naudin 1871].

Espécies ornamentais

Além de contemplar plantas úteis, a coleção de Frederico de Albuquerque cresceu incorporando vegetação de jardim pouco comum no Brasil daquele tempo. E, nesse caso, os meios para conquistá-la não eram essencialmente distintos daqueles empregados para as essências agrícolas e florestais. Os pedidos eram dirigidos também a contatos na França. Se feitos a particulares e instituições científicas, seguiam acompanhados de uma compensação antecipada, na forma de sementes e mudas de

plantas brasileiras. Se destinados a viveiristas profissionais, eram pagos ou, em certas situações, permutados por espécies cobiçadas pela outra parte.

Em 1874, E. Mazel despachou para Albuquerque um pacote específico de sementes de plantas ornamentais, contendo espécies arbóreas, aquáticas e herbáceas. Viveirista de Marselha, ele retribuía uma oferta anterior, satisfazendo então um pedido do horticultor gaúcho, e aproveitava para entabular a próxima troca, nomeando algumas palmeiras, bromélias e trepadeiras que lhe interessavam. Em carta de 30 de maio que acompanhou a remessa, Mazel falava que

Na ausência do Sr. Pradelle, a quem confio a direção de minhas culturas, vos envio algumas sementes, entre as que vós haveis desejado. Se vos aprouver, nós poderemos vos enviar algumas plantas numa boa caixa Ward, que é bem recomendada para que elas cheguem em bom estado. Ainda há pouco, eu recebi do Japão duas caixas com plantas vivas, que posso lhe oferecer.

Se vós realizardes vosso projeto de se estabelecer no Rio de Janeiro, nós poderemos manter contatos mais fáceis e mais freqüentes. Eu ficarei contente com isso.

As sementes de *Cocos yatai* [*Butia yatay*] ainda não germinaram. Também vos agradeço a vossa última remessa de sementes de mirtáceas, que pareciam bem frescas.

Se vós puderdes me enviar outras diferentes, eu lhe serei muito grato. Eu desejaria sobretudo de palmeiras, como *Cocos yatai*, *Howea* [provavelmente *Howea fosteriana*], principalmente *Cocos weddellianum* (...) e outras palmeiras elegantes. Também gostaria de receber de bilbergeas (...), buganvílias e outras trepadeiras.

Queira me dizer se em nosso catálogo há alguma coisa que vos convenhais. Poderemos vos enviar uma remessa de plantas vivas. Em anexo, mando o catálogo das sementes deste ano.

No verso da carta, Mazel acrescentava uma lista detalhada das sementes remetidas naquele momento. Entre árvores e arvoretas, havia magnólias de folhas perenes e caducas, duas espécies de grevilhas, *Ceanothus bertini* e 13 espécies de acácias, entre as quais *Acacia melanoxylon*, *Acacia rotundifolia*, *Acacia spectabilis*, *Acacia mearnsi*, *Acacia procumbens*, *Acacia mollissima* e *Acacia pubescens*. De plantas aquáticas, constavam *Nymphaea caerulea*, *Nelumbium lutens* e *Nelumbium pekinense*. Também faziam parte espécies herbáceas, como *Anthurium acaule*, *Dasylirium longifolium* e *Phormium tenax* fol. var.

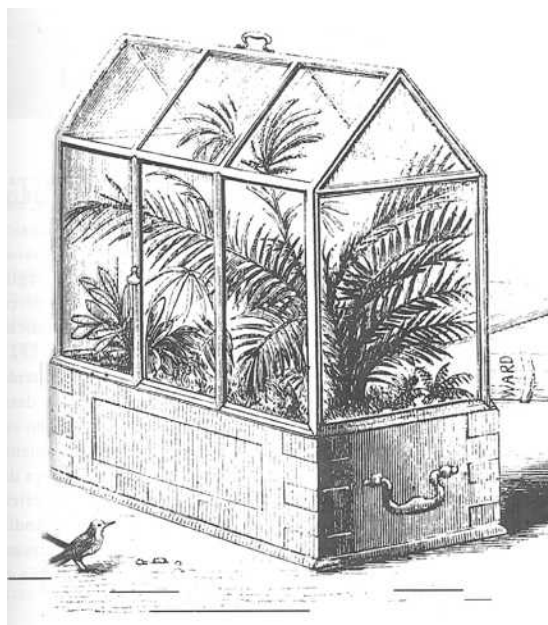
Os intercâmbios entre Mazel e Albuquerque não apenas continuaram, mas provavelmente se intensificaram em anos posteriores. Por volta de 1876, o horticultor gaúcho acusava o recebimento de outro lote de sementes postado pelo viveirista marselhês. Nele estavam frutos da *Torenia fournieri*, que logo foram plantados, vingaram rapidamente e floresceram bem antes do que calculava Albuquerque, conforme descreveu num pequeno artigo a cerca da espécie, publicado na *Revista de horticultura*, de outubro de 1879.

Meio de transporte

O que era a caixa Ward a que se referia Mazel? O incremento da circulação de plantas vivas estimulou a criação e a melhoria de equipamentos para transporte, tendo por objetivo reduzir as perdas ocasionadas pelas longas viagens marítimas. Um desses dispositivos era a caixa Ward, batizada assim em homenagem a seu criador, o botânico e inventor dileitante Nathaniel Bagshaw Ward (1771-1868). Desenhado em 1827, o equipamento consistia num recipiente envidraçado para melhor acondicionar as mudas durante as jornadas pelos mares. Era feito para viajar no convés dos navios e dispunha de painéis móveis, que permitiam o controle da entrada de ar, chuvas e variações térmicas. Em outras palavras, era uma espécie de antecedente das estufas, só que em miniatura e portátil [Vercelloni 1990, p. 131].

Pelo menos desde janeiro de 1870, Frederico de Albuquerque vinha recebendo plantas em caixas Ward. Em seu livro *Da videira*, ele fazia menção ao uso de uma delas na remessa de 200 pés de videiras que lhe destinou a Société Impériale Zoologique d'Acclimatation [Albuquerque 1876A, p. 17]. Contudo, mesmo com esses e outros recursos de transporte, os números ainda indicavam que uma porção reduzida de vegetação chegava bem ao destino final, no último quartel do século XIX. Isso para desespero e prejuízo de toda uma cadeia de interessados, formada por coletores, cientistas, viveiristas, colecionadores e amadores. Exemplificando esses índices numa curta nota na *Revista de*

horticultura, de junho de 1876, Albuquerque dimensionava uma



Palais de l'Horticulture Française na Exposição Universal de 1900 e caixa Ward.
Postal A. Taride, Paris, coleção GMD; gravura de 1829 (reproduzida de Vercelloni 1990, pág. 131).

das mais sérias agruras vivenciada por seus pares.

De 11,000 plantas vivas que ultimamente fôrão remetidas da Columbia para o Sr. W. Bull, de Londres, 3,000 apenas chegarão vivas: por ahi se póde avaliar as difficuldades contra as quaes lutão os introductores de plantas novas [Albuquerque 1876, p. 106].

Vitrinas hortícolas

A transferência de Frederico de Albuquerque para a cidade do Rio de Janeiro, em 1874, demarcou uma nova etapa para sua coleção botânica. Além de receber progressivamente mais espécies ornamentais estrangeiras, essa coleção proveu matéria-prima para a formação de um viveiro comercial, com o qual o botânico gaúcho entrou na competição por uma fatia do promissor mercado de vegetação para jardins, na capital imperial. Contudo, esse salto não teria sido possível sem que Albuquerque buscasse alargar sua rede de correspondentes no exterior. Para isso, devem ter contribuído as indicações que obteve possivelmente em seu novo trabalho no Museu Nacional, nos círculos científicos cariocas e mesmo na leitura de mais periódicos hortícolas internacionais, que freqüentemente estampavam endereços de interessados, colecionadores e, sobretudo, fornecedores na França. Há que considerar também que a coleção saiu fortalecida e ganhou maior visibilidade à medida que o horticultor de Rio Grande conquistou prêmios em eventos promovidos pela família imperial, como as mostras hortícolas de Petrópolis, iniciadas em 1875.

As exposições de vegetação proliferaram pela Europa da segunda metade do século XIX e início do XX. Atingiram tal importância e popularidade que muitas cidades do Velho Continente as incluíram entre seus principais eventos anuais. Chegaram mesmo a ser parte destacada das grandes feiras internacionais, merecendo inclusive a construção de pavilhões monumentais, cujo ápice na França foi o conjunto erguido para a mostra de Paris de 1900, não por acaso batizado de Palais de l'Horticulture Française. Mais que simplesmente apresentar plantas vivas, flores e sementes, as exposições de médio e grande porte eram termômetros das recentes descobertas hortícolas que

passariam a balizar as preferências de colecionadores e do grande público. E funcionavam como vitrinas privilegiadas da atividade de cientistas e horticultores, oferecendo-lhes prêmios pelas melhores novidades vegetais, fossem espécies recém-aclimatadas ou híbridos artificiais.

O Brasil do Segundo Império não passou incólume diante dessas iniciativas, buscando replicá-las primeiramente nas duas cidades onde vivia a corte, ou seja, no Rio de Janeiro e em Petrópolis. Em fevereiro de 1875, a 1ª Exposição de Horticultura de Petrópolis foi aberta em meio aos espaços do passeio público da cidade e distribuiu dez prêmios, sendo que uma medalha de prata coube a Frederico de Albuquerque [Judice 1998, p. 63]. No ano seguinte, a mostra se repetiu e novamente o botânico gaúcho conquistou uma distinção, dessa vez na forma de uma menção honrosa pela apresentação de quatro produtos: um exemplar da *Revista de horticultura*, uma muda de *Thalia dealbata* e dois frutos de *Sooly-Quc* [Albuquerque 1876, p. 24].

Antes mesmo da divulgação dos premiados, a 2ª Exposição de Horticultura de Petrópolis já vinha ocupando espaço na imprensa, inclusive na *Revista de horticultura*. Evento em fase de consolidação que prometia crescer em importância para os círculos hortícolas nacionais, a mostra foi assunto no número inaugural da revista de Albuquerque, de janeiro de 1876. Contudo, a notícia redigida pelo horticultor gaúcho em meio à sua *Chronica* não vinha simplesmente fazer elogios. Ao contrário, o texto enfatizava os problemas na organização da mostra, deixando transparecer um certo incômodo de Albuquerque, talvez por conta do amadorismo da iniciativa.

Parece-nos, porém, muito defeituoso o seu plano; que serão admittidos tanto plantas como animaes vivos, e objectos de arte, repartidos em 19(?) classes, e que 16 medalhas de ouro, prata e bronze, além de menções honrosas, serão distribuídas, é tudo o que sabem os expositores; mais de que modo serão julgados os objectos expostos? Será talvez um pouco difficil comparar, e decidir entre uma mal cultivada planta de Yuta ou qualquer outro vegetal útil, e um bonito e *bien réussi* pombo rabo de leque; além de que o 3º grupo parece dever reunir em uma só classe objectos de arte e instrumentos de agricultura, ou horticultura, o que



1ª Exposição de Horticultura de Petrópolis, 1875.
Fotos de Revert Henrique Klumb.
Coleção Dona Teresa Cristina Maria, Fundação
Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (reproduzidas
de Vasquez 2001, p. 200).

será um pouco heterogêneo.

A nosso ver deverião haver, pelo menos, tantos concursos quantos fossem as classes, e serião de antemão determinadas as recompensas attribuidas a cada concurso, que serião ou não dadas conforme o merecesse os objectos expostos: desse modo os expositores saberião a que ía á exposição [Albuquerque 1876, p. 3].

No número seguinte da *Revista de horticultura*, Albuquerque voltou ao assunto da exposição, reafirmando suas críticas anteriores e acrescentando outras observações, na expectativa de um aprimoramento das próximas edições.

Devido sem duvida ao excessivo calor e grande secca, que contrariarão bastante o desenvolvimento da vegetação, a Exposição, que esteve boa, esteve inferior á do anno passado.

Seria sem duvida fácil á Caixa Horticola de Petrópolis dar muito maior esplendor ás suas festas, mudando-as para uma outra estação mais apropriada, annunciando-as com grande antecedencia para que amadores e horticultores se pudessem preparar convenientemente, e sobretudo distribuindo os premios em diversos concursos, a que os expositores dirijão os seus esforços; uma outra modificação e muito importante, seria ligar o nome dos objectos expostos aos prêmios que lhes fôssem conferidos, e não simplesmente ao dos expositores, como se tem feito, e o que significa tão pouco, que muitas vezes os próprios laureados não saberão ao que devem os prêmios recebidos, como nos aconteceu (...) [Albuquerque 1876, p. 24].

Provavelmente essas e aquelas sugestões caíram no vazio. A terceira edição aconteceu em 1877 e foi renomeada Exposição Agrícola e Hortícola de Petrópolis. Entretanto, ela não despertou interesse em Albuquerque, nem como participante e tampouco como editor. A quarta mostra perdeu a regularidade, sendo retomada apenas em 1884, quando da finalização do pequeno pavilhão de estrutura metálica e vidro encomendado para sua sede, no passeio público petropolitano. A exposição, porém, não chegaria a ir bem mais adiante. Teve outras duas edições em anos consecutivos, encerrando-se definitivamente em 1886, próximo ao apagar das luzes do Império [Judice 1998, p. 65-77].

Fornecedores de plantas

Entre 1876 e 1879, Frederico de Albuquerque estava interagindo com mais alguns viveiristas profissionais e comerciantes de equipamentos para jardins na França. Isso podia ser acompanhado nas páginas da *Revista de horticultura* que, número após número, trazia indicações de fornecedores e catálogos de estabelecimentos franceses, testados freqüentemente pelo botânico gaúcho.

Na edição de fevereiro de 1877, havia um informe sobre a chegada de três catálogos provenientes de lá, sendo um deles de importante roseirista de Lyon, cidade reconhecida na época como a capital internacional da rosa, tamanho era o volume de sua produção anual.

Durante o mez passado recebeu a Revista de Horticultura os seguintes catálogos, que, do mesmo modo que os anteriores, ficarão á disposição das pessoas que os quizerem consultar. (...)

V. Ducher, de Lyon, Catalogue des Rosiers Remontants, Pivoines en arbres et herbacées. (...)

Louet Frères, de Issoudun, fabricantes de postes, grades, cercas e pontes de Ferro – ilustrado.

Idem. Palissages Metalliques pour Jardins, Vignes, Clotures, etc., grossa brochura, importante pelas numerosas ilustrações e detalhadas descrições [Albuquerque 1877, p. 23].

Mas a viúva Ducher não era a única representante da nata de roseiristas lionenses, cujos produtos e serviços Frederico de Albuquerque estava a par. Havia também os estabelecimentos de Lacharme, Jean-Baptiste Guillot Fils, Pernet Fils, Antoine Levet e Joseph Schwartz, listados na nota Rosas novas de 1879-1880, que figurou na *Revista de horticultura*, de novembro de 1879. Na primeira parte dela o horticultor gaúcho comentava que

Todos os outonos recebemos os annuncios das rosas novas obtidas pelos semeadores francezes e estrangeiros. (...)

Comecemos pelas rosas obtidas pelos semeadores de Lyão, cuja reputação é universalmente conhecida.

O Sr. F. Lacharme, roseirista, annuncia a venda, desde já, de duas rosas hybridas reflorescentes, que obtiverão um primeiro premio na exposição feita em Lyão no dia 11 de setembro ultimo, o que é um certificado real

de serem essas rosas francamente reflorescentes. [Foram batizadas de] *Julius Finger* e *M.^{elle} Catherine Soupert*. (...)

O Sr. J. B. Guillot fils, anuncia a venda também desde já de duas rosas novas obtidas de semente. [Tratava-se de] *M.^{me} Angèle Jacquier* e *Pierre Guillot* [Albuquerque 1879, p. 211].

Outras casas de comércio vegetal com as quais Albuquerque mantinha contato eram a de P. Sebire, de Ursy, em Calvados, Normandia, a de E. Verdier Fils Ainé e a de Croux et Fils, de Seaux. Também se correspondia com a empresa hortícola de Charles Huber, com sede em Hyères, cidade portuária próxima de Toulon, sendo que dela proveio o catálogo *Graines, Plantes, Bulbes, et Graminées saches pour bouquet – Prix – courant pour l'été 1877*, noticiado sob o título Catálogos recebidos, na edição de outubro de 1877, à página 183. Mas certamente um dos mais antigos e afamados estabelecimentos ao qual Albuquerque dirigia pedidos e do qual obtinha catálogos era a casa Vilmorin-Andrieux. Fundada em 1743, no Quai de la Mégisserie, em Paris, essa empresa de mudas e sementes pertencia ao casal Claude Geoffrey e Pierre d'Andrieux, então chefe dos celeiros e botânico de Luís XV. Philippe-Victorien de Vilmorin (n. em 1746), genro do casal, assumiu os negócios em 1775, rebatizou a empresa com o nome Vilmorin-Andrieux e se tornou patriarca de uma família que, ao longo de dez gerações e por mais de 200 anos, se dedicou especialmente à horticultura, agricultura e botânica [Allan 2002, p. 3].

Além de apontar os catálogos recém-chegados desse estabelecimento, na *Revista de horticultura* de dezembro de 1877, Albuquerque testemunhava a qualidade dos produtos e serviços oferecidos pela casa.

Vilmorin Andrieux e C., de Pariz.

- Catalogues d'arbres et d'arbustes de pleine terre, et de plantes de serre.
- de Dahlias et Cannas.
- special de Glaïeuls.
- des Oignons à fleurs et Fraisiers.
- Supplement aux catalogues.

- Graines de fleurs qu'on peut semmer en Septembre et Octobre.

Redigidos com um cuidado todo especial, esses diversos catálogos tornão-se sobretudo notaveis pela enorme variedade de sementes offerecidas, e pelas innumeradas gravuras que representam as especies mais notaveis, e as variedades mais estimadas. A casa Vilmorin Andrieux e C. é conhecida em todos os recantos da terra pela excellencia de suas sementes, e pelo cuidado escrupuloso com que serve seus clientes [Albuquerque 1877, p. 222-223].

Albuquerque viveirista

A correspondência com maior número de estabelecimentos franceses estava diretamente ligada à intensificação da atividade comercial de Frederico de Albuquerque, atestada pelos dois reclames detalhados que ele fez publicar no almanaque Laemmert, que figurava entre os principais veículos de divulgação profissional de todas as áreas na capital imperial. Estampados nas edições de 1877 e 1878, esses anúncios de página inteira relacionavam um peculiar sortimento de mudas e sementes de plantas ornamentais, em sua maioria estrangeiras, sendo diversas recém-introduzidas e mesmo raras no Brasil oitocentista. Também ofereciam o envio de catálogos aos interessados, indicando que os serviços do botânico gaúcho atingiam um grau de profissionalismo à frente de vários de seus pares brasileiros e similar àquele existente na França e Europa da época.

O almanaque Laemmert de 1877 listava onze estabelecimentos e profissionais dedicados às plantas e jardins na cidade do Rio de Janeiro e arredores, como Frederico Groth, Guimarães & Gomes, José Maria Vieira, Manoel Francisco de Castro Figueiredo, Manoel Martins de Castro & Filho, Mello & Goulart e Rodrigues & Silva. Contudo, nenhum deles se preocupava em informar ao público que tipo de plantas comercializava, como fez o horticultor gaúcho, que atendia à rua 24 de Maio, 99, Engenho Novo, no mesmo endereço onde vivia com a família. Na edição seguinte do almanaque, a mesma situação se repetiu, com Albuquerque buscando diferenciar-se da concorrência no modo de difusão do trabalho de seu viveiro comercial. Ligeiramente modificado na forma e conteúdo, o anúncio de 1878 dava a conhecer o novo endereço do botânico

gaúcho à rua Conde d'Eu, 245, e mantinha a oferta de remeter o catálogo próprio do estabelecimento, numa estratégia nada comum no âmbito do comércio vegetal no Brasil do 2º Império.

Mas qual era o repertório de plantas ornamentais cultivado e comercializado por Frederico de Albuquerque? Embora hoje seja difícil recuperar a extensão completa desse elenco vegetal, é possível extrair dados importantes a respeito dele nos anúncios do almanaque. O reclame de 1877 enumerava um diversificado conjunto formado principalmente por espécies herbáceas e arbustivas estrangeiras. Havia plantas de exuberantes florações, como 37 variedades de roseiras, gerânios, floxes, crisântemos do Japão e da China, ixoras, flores-de-cera (*Hoya sp.*), biris (*Canna sp.*), além de mais de 200 espécies de gesneriáceas, destacadas como a coleção mais seleta da América do Sul. As espécies de folhagens coloridas incluíam cóleus, 20 variedades de crótons, 25 espécies de dracenas, gerânios, aucubas, marantas e biris (*Canna sp.*). Espécies suculentas ou adaptadas a solos áridos, que exibiam formas diferentes, estavam representadas pelas flores-estrela (*Stapelia sp.*), nolinias, iucas e dasilírios. Existiam ainda menções a palmeiras, plantas carnívoras e aquáticas. Por sua vez, o anúncio de 1878 reproduzia basicamente o grupo anterior, acrescentando apenas mais algumas plantas com inflorescências significativas, caso das camélias, azáleas e dalias; com folhas de coloração diferenciada, como os caládios; além de outras de aspecto singular, caso das cicadáceas.

Dalias e floxes

Entre 1877 e 1879, era possível reconhecer a existência de uma ação coordenada entre dois segmentos principais do trabalho de Albuquerque, de modo que a atuação do viveirista interagiu com a do editor e vice-versa. À medida que o viveirista disponibilizava novas plantas ao comércio, o editor procurava abordá-las em matérias de sua autoria ou de colaboradores. E a recíproca igualmente acontecia, com o editor destacando espécies que, pouco depois, seriam oferecidas ao público pelo viveirista. Isso se pautando nas preferências que informavam o gosto francês e europeu da época e, em alguns casos, arriscando-se a promover espécies que nem sempre usufruíam ampla receptividade lá fora.

A maioria das plantas que constava dos dois anúncios do almanaque Laemmert foram objeto de matérias, notas e comentários na *Revista de horticultura*. Esses escritos ajudam a precisar os nomes científicos das espécies cultivadas e vendidas por Albuquerque, bem como possibilitam reconhecer alguns porquês do interesse que elas suscitavam naquele tempo, primeiramente entre os especialistas e depois no público em geral.

Numa época que exacerbava o fascínio pelas inflorescências, não era de se estranhar que Albuquerque privilegiasse a comercialização de diversas plantas que produziam belas flores. Além de disponibilizar novos híbridos de roseiras em quantidade, ele concentrou seus esforços na promoção de dalias e floxes, originários, respectivamente, do México e dos Estados Unidos. As dalias foram assunto em pelo menos quatro notas e artigos na *Revista de horticultura*, sendo que na edição de janeiro de 1877 Albuquerque referiu-se a sete espécies delas.

A *Dahlia arborea* é uma espécie mexicana, como a *Dahlia commum* (*D. variabilis*) da qual se distingue sobretudo pela robustez da haste que excede á altura de dous metros.

Suas flores, relativamente pequenas, são dobradas, e de uma cor de rosa secca, assas bonita.

Sua cultura é a mesma que a das outras dahlias.

Além das duas espécies acima, o México deu ainda aos jardins as *Dahlias maximiniana*, *coccinea*, *imperialis*, *cosmiflora*, *decaisneana* etc. [Albuquerque 1877, p. 9].

A respeito dos floxes, o horticultor redigiu um longo artigo de três páginas no número de setembro de 1877, recomendando-os pela vivacidade das flores coloridas, geralmente em branco, rosa, púrpura ou carmim, e pelo efeito marcante que elas produziam quando reunidas em maciços monocromáticos nos jardins. Apresentou uma extensa seleção das variedades que considerava as mais interessantes, descrevendo as origens e as qualidades de 13 espécies e 27 híbridos. As espécies eram:

Phlox paniculata (...) flôres vermelhas: oriundo da Virginia, introduzido na Europa em 1752.

P. acuminata (...) flôres vermelhas (...) Descoberta na América do Norte

e introduzida na Europa desde 1812, esta espécie, quer por si, quer por cruzamento com outras, tem produzido numerosas variedades, que os colleccionadores da Europa têm em grande estimação, e conservão cuidadosamente.

P. Maculata Lin. (...) De Carolina (...) Introduzida desde 1740, tem produzido diversas espécies jardinicas.

P. triflora (...) De Carolina (...) flôres grandes, púrpuras ou rosadas (...) Introduzida em 1816.

P. Carolina (...) de Carolina (...) flôres purpurinas (...) Introduzida em 1790, esta espécie tem produzido muitas variedades, e concorrido para muitos productos hybridos.

P. glaberrima Lin. (...) flôres vermelhas (...) Foi levada de Carolina em 1725.

P. reptens Mich. (...) flôres longamente pedunculadas, vermelhas. De Carolina, levada para a Europa em 1800.

P. divaricata Lin. (...) flôres grandes azuladas. Virginia, 1746.

P. pilosa Lin. (...) flôres rosadas (...) Levada da Georgia em 1786.

P. procumbens Lodd. (...) flôres grandes, côr de violeta. Da América do Norte, levada para a Europa em 1829.

P. verna (...) roxo purpurino. América do Norte, 1832.

P. Subulata Lin. (...) flôres vermelhas (...) Da América do Norte e introduzida na Europa em 1786.

P. Speciosa (...) corymbos de flôres brancas com o centro vermelho. Levada da Columbia em 1826 [Albuquerque 1877, p. 168-169].

Na seqüência, o artigo tratava dos híbridos, sendo vários desenvolvidos por profissionais franceses.

Belle pyramide. Obtida pelo horticultor Rendather, variedade do *P. maculata*, com enormes pyramides compactas de flôres purpurinas.

Comtesse de Bresson. De Lierval, flôres brancas com o centro purpurino.

Edouard Andry. De Fontaine, côr de rosa com o centro vermelho acarminado.

Egerle. De Henri Denay, flôr grande, branca, tendo no centro uma grande estrella côr de violeta acarminado.

Esperance. Do mesmo horticultor, com grandes umbellas de flôres brancas, tendo no centro uma grande estrela purpurina.

planta meio-anã, com as flôres brancas com olho rosa-escuro muito vivo, qualidade extra.

Madame Berniaux.—De Fontaine, flôres rosa vivo, sombreadas de violeta, com o centro vermelho de sangue; soberbas.

Madame de Wendel.—De Lierval, flôres muito grandes, brancas com reflexos lilazes, centro vermelho.

Madame Domage.—Tambem de Lierval, branco rosado, com o centro purpurino.

Madame Moisson.—De Fontaine, branco violaceo com reflexos azulados, centro carmin.

Madame Petit.—Do mesmo horticultor, flôres côr de rosa com o centro vermelho.

Mademoiselle Irene de Turenne.—De Lierval, branco lilaceo, e branco puro, com o olho purpurino.

Mr. Bertier Rendatler.—De Aldebert et Denecker, flôres de uma bonita côr de rosa clara, com o centro carmin carregado.

Mr. Charles Turner.—De Lierval, flôres de um colorido novo, rosa acinzentado, com o centro purpurino.

Mr. de la Vansaye.—Do mesmo; bouquets enormes, de grandes flôres com o centro purpurino.

P. Gratry.—De Lemoine, muito distincta variedade, com flôres lilaz vivo, salpicadas de branco.

Resplendens.—De Malet, vermelho brilhante, com o centro escuro.

Richard Wallace.—De Bertier, flôres enormes, brancas, com grande centro violeta.

Roi des Roses.—De Lierval, planta pequena, flôres rosadas, extra.

Souvenir de Berryer.—Tambem de Lierval,

flôres vermelho-vivo, com grande centro purpurino.

E muitas outras variedades, que seria cioso descrever, pois mais ou menos todas ellas são valiosas, quer pela belleza das flôres, quer pelo brilho do colorido, nenhuma outra flor, podendo igualar os *Phlox* na frescura de suas côres; a rosa mais delicada, aquella que tiver as suas petalal

mais assetinadas, essa sim, poderá rivalizar com elles, mas tão sómente durante

... ce qui vivent les roses
L'espace d'un matin

emquanto os *Phlox* conservão toda a sua frescura durante o espaço de muitos dias, ou mesmo semanas.

Uma nova serie de variedades começou ultimamente a ser formada entre os *Phlox*, serie que muito promete para o futuro, quando contiver variedades dignas, por suas flôres, de rivalizarem com as outras; fallamos dos *Phlox* de folhas manchadas, por emquanto pouco numerosa, mas já contando algumas variedades, de bastante merito, sobretudo:

Salteri.—Do horticultor Salter, com as folhas de um verde vivo, largamente manchadas de amarello.

Tricolor.—De Leon Lille, no qual as manchas amarellas são aureoladas de côr de rosa.

Todos esses *Phlox* são plantas robustas, vigorosas, muito vivazes por suas raizes, e que dão-se perfeitamente em terra leve e commum de jardim, expostas ao pleno sol; sua multiplicação é facil, quer pela divisão das touceiras, quer de galho.

Em nossa opinião nenhuma outra flôr é tão capaz como esta de rivalizar com o cravo e com a rosa, nos jardins de nossos amadores.



Fig. 80.— *Phlox acuminata* (decussata) var.

grandes, amarello brilhante, em cachos pauciflores.—*The Garden N.* 305.

Figo «Negro Largo».—Muito grande, pyriforme, pelle negra, carne vermelho desmaiado, excellente.—*The Garden N.* 306.

Rosa «Ed. Pynaert».—Flôr grande, globular, muito dobrada, vermelho-escuro, com as margens das petalas carminadas.—*Rev. de Hort. B. et E. N.* 9.

GLOXINIAS.

Entre as Gloxinias dos horticultores, e as Gloxinias dos botanicos, existe uma grande differença: as primeiras têm bolbos tuberosos, emquanto os das ultimas são escamosos: as folhas destas são glabras, de um verde brilhante, e como envernizado, e as das primeiras são cobertas de abundantes pellos, que lhes dão a apparencia de velludo; nas ultimas, as flôres supportadas por um caule de mais de 30 centimetros de altura, formão um grande caixo terminal, emquanto nas primeiras, que são



Fig. 1.—Gloxinia de flores erectas.

completamente acaules, ou apenas caulescentes, as flôres apparecem isoladas, sustentadas por extensos pedunculos; as primeiras são as verdadeiras Gloxinias, como as criou L'Heritier, as ultimas são verdadeiramente as Ligerias, como as determinou Decaisne; entre umas e outras nada existe de commum senão a familia, que é a mesma — gesneriaceas — e a belleza, bem diversa na verdade, que a ambas concedeu a natureza.

Das primeiras, isto é, das verdadeiras Gloxinias de L'Heritier, existe a *G. pallidiflora*, Hook., com grandes flôres de um azul

pallido, que Purdie encontrou em 1845 na Nova-Granada, e remetteu para o jardim de Kew, onde floresceu, e que, ao que parece, perdeu-se ao depois, e a *Gloxinia maculata*, de L'Her., a antiga *Martynia perennis* de Linneo, tambem da America Meridional, levada para a Europa em 1739, as suas flôres são de um bonito azul lilaceo, com o centro violeta escuro: esta especie tem produzido algumas variedades estimadas como *G. maculata inignis*, cujas flôres são manchadas de carmezim, a *G. m. sceptrum*, cujas flôres lilaceas formão um corymbo de mais de 40 centimetros de altura, e o *G. m. rosea chiritiformis*, produzindo um enorme cacho pyramidal de flôres cõr de rosa, manchadas de fogo.

Das ultimas, isto é, daquellas a que vulgarmente todos chamão *Gloxinias*, até os botanicos (distrabilmente, tanto é a força do costume), mas que verdadeiramente pertencem ao genero *Ligeria*, de Decaisne, tambem são conhecidas duas especies, ambas brazileiras: a *L. caulescens*, De., cuja caule chega a 20 centimetros de altura, com grandes

flôres axillares, de um azul violaceo, e a *L. speciosa* de De., quasi acaule, com flôres tambem axillares, azues, longamente pendunculadas e voltadas para baixo, o que de certo modo lhe dá a apparencia de um *cachimbo*, nome que lhe dão alguns de nossos amadores.

De uma terceira especie, indigena de Buenos-Ayres, com os rhizomas muito grandes, os caules muito altos, as folhas relativamente pequenas, e as flôres, tubulares, brancas, aromaticas, formando um paniculo terminal, a *Gloxinia tubiflora* de Hooker, ou *digitaliflora*

Ilustração de gloxinia, estampada na *Revista de horticultura* de janeiro de 1878.

Biblioteca do Instituto Agrônômico de Campinas/
Unicamp, foto de Andrés Otero e Marcos Cimardi.

Fascination. Ainda do mesmo, flôres muito grandes, bem redondas, rosadas com o centro carmim vivo.

Fortunio. De Lemoine, flôr enorme, rosa avioletada, com grande centro vermelho vivo.

Hebe. De Crousse, enormes bouquets de flôres côr de aurora, com o centro côr de fogo.

La Patrie. De Lemoine, flôres violetas, purpurinas, com o centro mais escuro.

Larina. De Pelé, pequena planta com flôres de um branco puro.

Leonidas. De H. Denay, flôres grandes, côr de rosa clara assetinada, com grande centro vermelhão vivo.

Lieval. Do horticultor do mesmo nome, planta anã com grandes paniculos de flôres carmim vivo, beiradas com muita regularidade de branco puro [Albuquerque 1877, p. 169-170].

O texto seguia falando de outros 15 híbridos. E, no desfecho, o botânico fazia questão de sublinhar o quão apostava no potencial dessas plantas.

Todos esses Phlox são plantas robustas, vigorosas, muito vivazes por suas raízes, e que dão-se perfeitamente em terra leve e commum de jardim, expostas ao pleno sol, sua multiplicação é fácil, quer pela divisão das touceiras, quer de galho.

Em nossa opinião nenhuma outra flor é tão capaz como esta de rivalizar com o cravo e com a rosa, nos jardins de nossos amadores [Albuquerque 1877, p. 169-170].

Gloxínias e azáleas

Outros vegetais de florações significativas com uso encorajado por Frederico Albuquerque eram as gloxínias e as azáleas. Um dos orgulhos do horticultor, a família das gesneriáceas comparecia com mais de 200 espécies diferentes em seu viveiro, sendo pelo menos uma descoberta por ele e nomeada em sua homenagem – a *Sinningia albuquerqueana* (consultar capítulo 4). Em meio a essa família, estavam as gloxínias, que foram abordadas pormenorizadamente na revista de janeiro de 1878. Habitantes da América meridional, essas herbáceas rumaram para a Europa a partir século XVIII, segundo explicava

o artigo de Albuquerque. Entre as primeiras despachadas para lá, figuravam a *Gloxinia maculata* L'Hér., dotada de flores lilases, que aportou em 1739, e a *Gloxinia pallidiflora* Hook., que possuía inflorescências em azul claro e foi remetida por William Purdie (1817-1857) de Nova Granada (região atualmente compreendida pela Colômbia, Equador, Venezuela e Panamá) para Kew Gardens, em Londres, em 1845. Revestida de pronunciadas flores azuis, a *Ligeria caulescens* seguiu do Brasil, e a *Gloxinia tubiflora* Hook., peculiarizada pelas inflorescências brancas, da Argentina. A partir da *Ligeria speciosa*, os horticultores europeus criaram diversos híbridos, fazendo variar enormemente a gama de cores das flores. O escocês John Fyfe conseguiu obter variantes com as flores abertas para cima, que valorizavam ainda mais os efeitos cromáticos e se tornaram as preferidas do público. E o estabelecimento de Van Houte, de Gand, chegou mesmo a desenvolver duas variedades hortícolas com flores dobradas, que chamou *Lady Cremone* e *John Gray*, respectivamente, com flores brancas de beiras azuis e inflorescências brancas com bordas rosas [Albuquerque 1878, p. 10-11].

Arbustos floríferos não menos atraentes, as azáleas pertenciam ao gênero dos rododendros, discutido em minucioso artigo de Édouard André, que Albuquerque publicou em duas partes, nos números de fevereiro e março de 1878. O interesse por esse gênero formado por extenso conjunto de espécies e variedades hortícolas remonta à Antiguidade. Ele estava mencionado nos escritos de Pedanius Dioscórides (ca.40-ca.90) e Plínio o Velho (23/24-79), que o denominaram com a união das palavras latinas *rhodo* e *dendron*, que significavam roseira e árvore, portanto, roseira arbórea. Contudo, a cultura de rododendros na Europa principiou apenas na metade do século XVII, a partir da introdução do *Rhododendron hirsutum*, em 1656, proveniente dos Alpes. Ao longo do século XVIII, houve a difusão de novas e mais bonitas espécies, caso do *Rhododendron pontium*, colhido por Joseph Pitton de Tournefort (1656-1708), na Ásia Menor, em 1702; do *Rhododendron Ponticum*, localizado nas montanhas da Ásia Menor, Espanha e Portugal; do *Rhododendron chamoecistus*, encontrado em sítios elevados na Alemanha e Suíça; do *Rhododendron dahuricum* e *Rhododendron lapponicum*, descobertos na Lapônia e Sibéria [Andrés 1878, p.

29-30].

André prosseguia explicando que Joseph Dalton Hooker (1817-1911) foi responsável pela mais prolixa descoberta de rododendros realizada de uma só vez até a primeira metade do século XIX. Um dos principais nomes da botânica inglesa oitocentista e futuro diretor de Kew Gardens, entre 1865 e 1885, Hooker voltou da Índia e do Himalaia portando sementes de nada menos que trinta espécies inéditas, em 1848, e providenciou uma detalhada publicação a respeito delas, ilustrada com litografias de Walter Hood Fitch (1817-1892), um dos melhores ilustrados botânicos da Era Vitoriana. À medida que o texto avançava, Frederico de Albuquerque inseria algumas notas de rodapé com esclarecimentos e comentários seus e num deles dava a entender que já conseguira adquirir um dos rododendros identificados pelo botânico inglês naquela viagem [Andrés 1878, p. 30-31]. Tratava-se do

magnifico Rhododendron de lady Dalhousie (*Rh. Dalhousiae*) representado pela nossa gravura (est. 16) uma das mais bonitas espécies do gênero, com suas grandes flôres brancas, às vezes levemente coloridas de róseo, que embalsamão a atmosphaera com um delicioso aroma de flôres de laranjeiras.

Marantas e crótons

Além de se dedicar à vegetação com florações viçosas, o viveiro do horticultor de Rio Grande priorizava igualmente a cultura de plantas com folhagens coloridas, fossem herbáceas ou arbustivas, que estavam em ascensão nas preferências de colecionadores e amadores. Esse era o caso das marantas e dos crótons. Família muito numerosa que habitava principalmente as Américas Central e do Sul, as maratáceas beneficiavam-se de crescente estima pela diversidade e beleza das combinações cromáticas e padrões formais de suas folhas, resultantes de uma ampla gama de tons de verdes, cinzas, roxos e vermelhos. Albuquerque recomendou o emprego da *Maranta tubispatha* na *Revista de horticultura* de dezembro de 1876, sublinhando o fato

que ela ainda era novidade nos jardins e coleções brasileiros, embora já freqüentasse a imprensa especializada internacional pelo menos desde 1865. Na mesma matéria, recordava que a *Maranta zebrina* já era bem apreciada no Brasil e dava a entender que a *Maranta makoyana* cresceria em importância aqui, tendo em vista a receptividade com que estava sendo recebida na Europa, havia pouco tempo [Albuquerque 1876, p. 233-234].

Arbustos grandes e semi-lenhosos que encantavam pela folhagem multicolorida e polimorfa, geralmente em nuances de verde, amarelo e vermelho, os crótons tinham por ambiente natural a faixa compreendida entre a Índia, Malásia e ilhas do Pacífico e foram enriquecidos com diversos híbridos criados ao longo do século XIX. Conforme o primeiro anúncio no almanaque Laemmert de 1877, Albuquerque possuía 20 variedades diferentes dessas plantas que ficaram conhecidas no Brasil daquele tempo pelo nome popular de Independência, numa alusão às cores verde e amarela do pavilhão nacional. Afora o comum *Croton variegatum*, é possível que seu estabelecimento detivesse híbridos recém-comercializados no exterior, como o *Croton appendiculatus* e o *Croton Lord Cairns*, noticiados na *Revista de horticultura* de abril de 1878. A matéria explanava que

O *Croton appendiculatus* (fig. 44), recente introdução de Mr. James Veitch & Sons, de Chelsea, e pelo qual receberam em 1875 um certificado de mérito da Royal Botanic Society, é um primor de elegância, posto que a cor de sua folhagem seja uniforme e de um verde carregado.

As folhas desta planta apresentam uma notável singularidade: o limbo é dividido em dois segmentos separados por um intervalo considerável. O segmento próximo à base da folha tem uma forma constante, enquanto que a terminal assume diversos caracteres no mesmo ou em diferentes exemplares, rotundata, oblanceolata; outras vezes, oferece muitas modificações e é peltada, reniforme, etc. [Albuquerque 1878, p. 71].

natureza se acha exhausta de novidades que satisfação ás conuepiscencias do espirito humano.

E donde provém a geral acitação destas plantas, e a azafama dos profissionais em ter sempre novas variedades? É que os *Crotons* têm merecimento intrinseco, por serem vegetaes essencialmete ornamentaes, e poucos encerrão qualidades tão apreciaveis para se vulgarisarem como elles.

Além de se prestarem á decoraçào dos

jardins, onde esplendidamente podem desenvolver todas as bellezas que lhes são peculiares, occupão logar eminente na ornamentaçào das mesas, das salas, dos quartos, das janelas, dos vestibulos, e até do tocador da mais exigente e caprichosa dama.

Os *Crotons* podem ser entre nós considerados como plantas rusticas, por isso que supportão, sem muito cuidado, as intemperias das estações, o frio, o calor, o sol, a humidade, a secca; o terreno argiloso, calcareo,



Fig. 44.—*Croton appendiculatus*.

ou arenoso, tudo lhes convém, concorrendo muitas vezes para accentuar certos tons mais ou menos singulares no colorido de sua folhagem, que lhes faz realçar a belleza.

Em geral elles dão-se bem em uma terra fôete e bastante rica de humus; preferem a incolação, comtanto que haja sempre humidade. Quando tratados em vasos, convém attender á drainagem, e assim, tendo o cuidado

de não deixar seccar a terra, podem estar á franca exposiçào.

A *Revista* offerece hoje os retratos de duas novas variedades de summa importancia para o repertorio horticeo.

O *Croton appendiculatus* (fig. 44), recente introduçào de Mrs. James Veitch & Sons, de Chelsea, e pelo qual receberam em 1875 um certificado de merito da *Royal Botanic So-*

ciety, é um primor de elegancia, posto que a cor de sua folhagem seja uniforme e de um verde carregado.

A folha desta planta apresenta uma notavel singularidade: o limbo é dividido em dois segmentos separados por um intervalo consideravel. O segmento proximo á base da folha tem uma fórma constante, enquanto que a terminal assume diversos caracteres no mesmo ou em diferentes exemplares; ás vezes é de fórma ovata, obovata,

rotundata, oblanceolata; outras vezes offerece muitas modificações e é peltada, reniforme, etc.

O *Croton Lord Cairns* (fig. 45), é uma variedade interessante, mesmo entre as muito interessantes plantas que constituem a muito nova classe dos *crotons trilobados ou hastados*; as suas largas folhas, em fórma do ferro das *hallobardas*, tem o lobo mediano consideravelmente alongado, alargando na extremidade, e os lobos lateraes diversamente desen-



Fig. 45.—*Croton Lord Cairns*.

volvidos nas diferentes folhas; a cor destas é de um verde escuro, mas brillante, com a nervura mediana de um amarello claro, e o limbo salpicado e rajado da mesma cor.

Com as suas fórmas inteiramente novas, estas duas variedades de *Crotons* estão destinadas a um grande futuro, e nenhuma collecção de amador que careça dellas pôde ser considerada boa.

A. V.

A CRIAÇÃO DE GADO NOS ESTADOS-UNIDOS.

Sabe-se que a America do Norte fornece actualmente a Inglaterra e a Escocia de carne fresca, e que o porto de New-York é o centro principal destas expedições; mas o que muitos ignorão e procurão saber é donde vem os animaes que produzem esta carne: quaes são os Estados cujos rebanhos e estrebarias dão vida a este ramo de

Gravuras de *Croton appendiculatus* e *Croton Lord Cairns*, inseridas na *Revista de horticultura* de abril de 1878.

Biblioteca do Instituto Agronômico de Campinas/Unicamp, foto de Andrés Otero e Marcos Cimardi.

CYCADEAS

As cycadas, cujo porte habitual recorda desde a primeira vista as palmeiras e certos fetos arbores, são verdadeiras dicotyledoneas, que por varios caracteres de sua organização se aproximam muito das coníferas. O seu aspecto extraordinário, e muitas vezes elegante, faz com que seja muito apreciada pelos amadores e collectionadores de plantas, estimação que a muitos seculos já ganhara, no unico dos países civilizados em que habita uma de suas especies, o *Cycas revoluta*, mais conhecido entre nós pelo nome de Sagu, a que os japoneses reservo sempre lugar em suas jardins.

Esta pequena familia, das mais raras, que é constituída, ou era-o ao menos a pouco tempo, por duas unicas generos, hoje consideradas como tribos, as *Cycas* e as *Zamiis*, habita as diferentes partes do mundo, sempre porcia em climas tropicaes ou tropicaes, as *Cycas* habita a Asia Oriental e suas ilhas; as *Mecrosamias*, que muito se lhes assemelha, são encontradas na Australia, os *Encephalartos* na Africa Austral, as *Zamiis* são sul-americanas; o *Dioon*, que tem por unica especie o *Dioon comestiale*, habita o Mexico.

O *Cycas revoluta* do Japão, em cujas jardins é constantemente encontrado, e que foi introduzido na Inglaterra em 1785 por Hutcheson, é a unica cycada que vulgarmente se encontra em nossos jardins; tem uma haste cilíndrica, lisa e ligeiramente anellada na parte inferior, conservando na parte superior as bases das folhas caídas; as folhas, com mais de um metro de comprimento, são ovadas, com o pecíolo arredondado, ou levemente tetragono, herdado de cada lado por uma fileira de espinhos, que immediatamente se transformam em folíolos numerosos e contiguos, lineares, terminando em uma ponta dura; em varias partes do norte da Europa existem exemplares com mais de quatro metros de altura; esta especie, que

tem sido introduzida em todos os países de clima quente, é hoje commum em todas ellas. O *Cycas circinalis*, do Malabar, é talvez o mais ornamental de todos os membros desta familia e seu tronco, que chega a 15 metros de altura, quasi sempre simples, apresenta-se algumas vezes com tres ou cinco ramificações, as folhas chegam a ter dois metros e meio de comprimento. É notavel a vitalidade desta planta que, arrancada e conservada secca por um, ou mesmo por muitos annos, continua a vegetar quando plantada. Dizeem que boa porção do sagu do commercio é estendido desta planta. Muito commum na India, onde em alguns lugares é empregada para a formação de cercas vivas, o *Cycas cycasoides* é ainda muito raro entre nós, e o bello exemplar que constitui uma das maiores preciosidades do Passeio Publico, é provavelmente o maior que existe no Brasil.

Os *Cycas Rumphii*, *glauca* e *inermis*, não foram ainda introduzidos, que nós os sabemos ao menos, mas o *C. media* da Nova Guiné do Sul, que só em 1869 foi introduzido na Europa, existe já, em pequenos exemplares, em nossa collecção; é uma bonita especie, que chega a ter 7 metros de altura com 24 centímetros de diametro.

Na tribo das *Zamiis*, encontramos principalmente o genero *dion*, creado por Lindley para uma unica especie mexicana o *Dion edulis* formado por plantas cujos troncos cobertos de espessa lamagem, parecem não passar de um metro de altura; as folhas, numerosas e de uma bonita cor verde, com um pouco mais de um metro de comprimento, têm mais de 100 pares de folíolos lateraes, duros, lineares, planos e terminados por uma ponta arredia; sua fructescencia, em forma de pinha, é bastante parecida com as das coníferas, contém numerosos e grandes sementes, tão estimadas no Mexico como as castanhas na Europa. Introduzida

na Europa a pouco tempo, into cultivos desta planta, além dos nossos exemplares, sendo o que possui o Passeio Publico. A semelhança das *Amilias* e da America central tem uma haste grossa com 65 centímetros de altura, folhas de um metro com pecíolos arredondados, armadas de pequenos espinhos, com 12 a 15 folíolos apenas de cada lado, lanceolados, apertados na base, alargados no apice, que é obtuso serrilhado a partir do meio para cima; a pagina inferior das folíolos é coberta por uma especie de ferinha pariasca. Esta especie, e a *Z. Mackenzii*, sobre a qual nada sabemos

e que recebemos este anno vinda da Belgica, são, crentes, os unicos representantes desta genero que existem entre nós. As *Cycas* australianas estão representadas na nossa collecção por duas das suas mais bonitas typas, a *Macrosamia Dawsonii*, tambem chamada *Lepidozamia Parvifolia*, pelo Dr. Regel, que a descreve como tendo um tronco recto, curto, commum e folhas longamente penninadas, com numerosas folíolos lineares; e a *M. corallipes*, representada pela fig. 1. com troncos sub-espilhosos, folhas dirigidas no começo horizontal, e depois verticalmente



Fig. 1. — *Macrosamia Corallipes*.

rigidas, retrocedendo em espiral, da forma que os folíolos em vez de estarem todos no mesmo plano, affecto successivamente todas as direcções; folíolos em numero de

50, mais ou menos, por cada lado, lineares, verde escuro, de 15 centímetros de comprimento, supportados por pecíolos côr de carmel.

amarello; NARY com assas de um vermelho brilhante; MARAME COBERT que se tem de um vermelho claro, e as de MARAME CELLES de um cor vivo e brilhante de cor; OMBLANCECO de laranja; a magnifica SOUVENIR D'EVANS que as tem de um laranja avermelhado bordas de amarello; e muitas outras que seria oitavo enumerar aqui, sobretudo lembrando-nos como os nossos amadores sabem desprezarem flores que entre nós se encontram no estado selvagem.

As especies botanicas que formam o genero CANNA são numerosas, e geralmente difficil de serem distinguidas entre si; em quasi sua totalidade ellas são originarias da America do Sul, e algumas da India ou Sri-Deccane e Yau-din panão que ellas poderiam ser reatadas a quatro, a saber: a *Canna indica* originaria da America do Sul, ainda que o seu nome pareça lhe indicar a India como patria, com flores vermelhas e folhas arroxeadas, e a *C. glauca*, occidua da India, com folhas glaucas e flores amarellas, das quese tercio sahido as innumerables variedades que povoa os jardins; a *C. liliifera*, grande e soberba especie de flores brancas, finalmente a *C. viridiflora* do Perú, que passa pela mais bonita de todo o genero, com sua flores grandes, tubulares, pendentes, de uma bonita cor de carmel.

Nenhuma plantaxige tão poucos conhecidos como as *Cannas*: terra muito fértil, e grande copia de agua durante o periodo de vegetação é tudo quanto pedem, juntamente com o cuidado de traze-las limpas das hastes e folhas secas, para se mostrarem em todo o seu brilho e esplendor.

Fig. 20. — *Yucca Pendula*.



YUCCAS

Poucas pessoas existirão entre nós que não conhecessem o bello genero de plantas altamente ornamentadas, quando mais não seja pela antiga e já despezada *Yucca aloefolia*, e pela ha menos tempo conhecida, e ainda encontrada em quasi todos os jardins, a bella *Yucca filamentosa* dos grandes pennisolos de flores brancas, imitando na forma as Tulipas, de que são proximas vizinhas.

Com effeito, o genero *Yucca*, da familia das liliaceas, faz parte da tribo das tulipeas, cujo typo é a Tulipa, formado por plantas todas vivazes, e todas originarias do Norte da America, onde habita a porção mais meridional dos Estados-Unidos, e sobretudo o Mexico, de cujas paisagens, juntamente com os Cactus e as Agaves, é um dos attributos indispensaveis, pois parece que nunca plutor algum lleou um cenário da antiga patria dos Aztecos, sem lhe pôr a modo de triplice taboleta uma *Yucca*, um *Cactus* e uma *Agave*,

Gravuras de *Macrozamia corallipes* e *Yucca pendula*, editadas na *Revista de horticultura* de janeiro de 1876 e junho de 1877. Biblioteca do Instituto Agrônômico de Campinas/ Unicamp, fotos de Andrés Otero e Marcos Cimardi.

Com esse mesmo tom entusiástico, o artigo seguia passando em revista a segunda variedade hortícola e antevia um porvir de enorme sucesso para ambas.

O *Croton Lord Cairns* é uma variedade interessante, mesmo entre as muito interessantes plantas que constituem a muito boa classe dos crotons trilobados ou *hastados*; as suas largas folhas, em fôrma do ferro das *hallabardas*, tem o lobo mediano consideravelmente alongado, alargando na extremidade, e os lobos lateraes diversamente desenvolvidos nas diferentes folhas; a côr destas é de um verde escuro, mas brilhante, com a nervura mediana de um amarello claro, e o limbo salpicado e rajado da mesma côr.

Com as suas fôrmas inteiramente novas, estas duas variedades de crotons estão destinadas a um grande futuro e nenhuma colleção de amador que careça delas pôde ser considerada bôa [Albuquerque 1878, p. 71].

Iucas e cicadáceas

Plantas ornamentais de maior porte, admiradas mais pela forma do que pelo cromatismo, também faziam parte do elenco vegetal produzido e vendido pelo horticultor gaúcho. Entre elas, figuravam as iucas e as cicadáceas, que provinham de zonas tropicais e se tornaram altamente valorizadas no século XIX pela semelhança com as palmeiras, conforme explicavam Decaisne e Naudin, ao tratarem das primeiras em seu *Manuel de l'amateur des jardins*. Esse mesmo argumento comparecia nos escritos de Albuquerque sobre ambas, impressos nos números de janeiro de 1876 e junho de 1877 de seu mensário.

As cycadeas, cujo porte anormal recorda desde a primeira vista as palmeiras e certos fetos arbóreos, são verdadeiras dicotyledoneas (...). O seu aspecto extraordinário, e muitas vezes elegante, faz com que sejam muito apreciadas pelos amadores e collecionadores de plantas, estimação que a muitos séculos já ganhára, no único dos paizes civilisados em que habita uma de suas espécies, o *Cycas revoluta* (...), a que os japonezes reservão sempre lugar de destaque em seus jardins [Albuquerque 1876, p. 6].

No aspecto as *yuccas* recordão um tanto as palmeiras, embora verdade seja que suas folhas nunca deixão de ser perfeitamente inteiras e uniformes, e não penni ou palmificadas como as desta família; se muitas *yuccas* são inteiramente desprovidas de tronco, nem por isso existe absurdo na lembrança, pois não é pequeno o numero de palmeiras perfeitamente acaules [Albuquerque 1877, p. 112].

Afora a *Yucca aloifolia* e a *Yucca filamentosa*, bem difundidas na época, o botânico de Rio Grande sugeria em seu texto o uso de espécies então incomuns nos recintos ajardinados brasileiros, como a *Yucca gloriosa*, a *Yucca glauca*, a *Yucca pendula*, a *Yucca baccata*, a *Yucca angustifolia* e a *Yucca quadricolor*. E se valia da oportunidade para ironizar um procedimento deformador ao qual jardineiros inábeis submetiam as plantas. Tratava-se de curvar manualmente as folhas, de modo a fazer com que seus espinhos terminais ficassem espetados no caule, resultando numa espécie de mastro mal ajambrado revestido por sucessivas linhas de anéis [Albuquerque 1877, p. 111-112].

A respeito da família das cicadáceas, Frederico de Albuquerque teceu considerações logo no primeiro número de sua *Revista de horticultura* e mencionou pormenorizadamente as espécies existentes em sua coleção, salientando que boa parte delas ainda não eram amplamente conhecidas no Brasil. O interesse europeu pelas cicadáceas fermentou a partir do século XVIII, sendo a *Cycas revoluta*, originária do Japão, uma das primeiras a desembarcar no continente, introduzida por Hutchinson, na Inglaterra, em 1758. Essa espécie era então a mais divulgada no Brasil, segundo informava Albuquerque. Originária da Índia, a *Cycas circinalis* estava representada no Passeio Público do Rio de Janeiro. Introduzida do Velho Continente, em 1869, a *Cycas media* estava presente com exclusividade na coleção do botânico, inclusive por meio de variados exemplares. Recém-introduzido na Europa, o *Dion edulis* já figurava no estabelecimento do horticultor, como também no passeio público carioca. Além dele, Albuquerque possui exemplares da *Zamia furfuracea*, *Zamia mackenzii* (adquirida na Bélgica), *Macrozamia denisoni*, *Macrozamia corallipes*, *Encephalatos dehmanii*, *Encephalatos villosus* e *Encephalatos horridus* [Albuquerque 1876, p. 6-8].

Essas e outras espécies de cicadáceas eram objetos de desejo cada vez mais cobiçados naquele tempo. Todavia, estavam longe de serem produtos naturais ao alcance de todos os seus apreciadores. E isso mereceu explicações da parte de Albuquerque.

As *cycadeas* são raras nas collecções de plantas e nos jardins, não por causa de difficuldade em sua multiplicação que é muito fácil, é apenas embaraçada pelo grande valor dos exemplares existentes na Europa, valor que impede aos horticultores de os sacrificarem; geralmente é ella feita por meio de sementes tiradas dos paizes onde as plantas existem em estado espontaneo; de algumas especies cujos sexos differentes têm podido ser reunidos por occasião da floração, tem-se colhido sementes férteis em varias estufas na Europa. (...)

Na Índia, (...) cortão o tronco, do *Cycas circinalis*, em secções horizontaes, que plantadas produzem com facilidade plantas vigorosas; esse methodo poderia ser empregado para todas as outras cycadaceas, se o grande valor dos exemplares fortes, não o impedisse; na falta absoluta de sementes, e de brotos naturaes, os jardineiros multiplicadores são obrigados a tirar apenas algumas escamas, com madeira sufficiente, e plantal-as, com muito calor e debaixo de campanas de vidro (...) [Albuquerque 1876, p. 8].

Plantas carnívoras

Não só de representantes da flora que encantavam os sentidos era formada a coleção albuquerqueana. Nela havia espaço igualmente para vegetais que atiçavam a curiosidade em razão de comportamentos fisiológicos peculiares que nada tinham a ver necessariamente com deleite estético, como no exemplo das plantas carnívoras. Desde a edição de seu *Insectivorous plants*, em 1875, Charles Darwin (1809-1882) fez aguçar a atenção da comunidade botânica internacional para essas plantas. Frederico de Albuquerque seguiu de perto esse interesse, não apenas informando-se e escrevendo sobre espécies do gênero *Nepenthes*, no ano seguinte à publicação do trabalho de Darwin, como também adquirindo exemplares para seu viveiro. Mas o que havia de tão inusitado nesses vegetais que habitavam as florestas úmidas das

NEPENTHES RAFFLESIANA

Uma planta que come insectos.

—Uma planta que come insectos? parece-nos ouvir exclamar um de nossos leitores, uma planta que come insectos? que a maior parte dos insectos come as plantas, bem o sei eu, e commigo todas quantas criaturas de flores, mas agora que seijo elles os comida pelas plantas?!

Esta é verdade, uma planta que come insectos, uma erva, das, tres, quatro... mil... quem sabe quantas? pois não é uma só especie, não é um só genero, são familias inteiras, e muitas familias que os comem: primeiro as Droseraceas, as Sarraceniacas depois as Nepenthaceas, as Utricularias, e quem sabe quantas mais?

Tanto é verdade que é acanhada a intelligencia humana! tanto é certo o pouco critério que temos quando legistamos sobre as cousas da natureza e sobre tudo quando nos occupamos das causas primarias e das finais.

O que é um animal? O que é um vegetal? Um animal é um boi, isto é, um ente que vive, que se move, que sente, que quer? Um vegetal é uma laranjeira, isto é, um ente que vive sim, mas que não se move, que não sente, que não quer?

Mais tarde porém o naturalista vai encontrar-se com uma legião inteira de especies, de generos de vegetaes, que vivem, que correm, que saltam, que nadam, que brinçam voluntariamente no meio de uma floresta de arvoredos limpidos, finos, curvados na terra, enraizadas sim.

E agora o que é um vegetal? O que é um animal? Um vegetal é ainda uma laranjeira, isto é um ente que vive, um ente que nasce e cresce, tirando da terra, ou das aguas, os elementos inorganicos que ellas contém, e que não tem por missão formar organicos. Um animal é ainda um boi, isto é, um ente que vive, um ente que nasce e cresce,

tirando dos vegetaes a materia organica que elles contém, e que tem por missão animalisar.

E hoje o naturalista encontra legiões inteiras de plantas, que arruando com ellas, que por mil meios differentes se atirto sobre os insectos, e as vezes mesmo sobre passaros e mamiferos, e... os dilacerão sem ter garra, e os devorão sem ter boca.

Tanto é verdade que cada nova descoberta que a sciencia faz, vem sobretudo mostrar o nenhum valor das theorias concebidas pelo crebro humano, tanto é verdade que cada passo que o sabio dá no caminho da sciencia vem alargá-lo, e afastar os horizontes della.

E agora...

Mas é um artigo de horticultura que devemos escrever, e sem aditamos camuflarmos para a mais palpitante questão de phisiologia... vegetal?!

A figura representa o *Nepenthes Rafflesiana* Jacq., originario de Singapura e das ilhas da Malacca, planta vivaz, herbacea, meio sarmentosa, que encostada ás arvores chega á altura de 2-6 metros; como todas as outras plantas da familia das nepenthaceas, o *N. Rafflesiana* é cultivado não por suas flores, ainda que sejo de certo merito, mas pelo interessante appendice que termina a extremidade de suas folhas, appendice a que os botanicos dão o nome de *caudex*, os Franceses o de *ampelura*, e os Ingleses o de *processo* (pêlo); as folhas encostadas por meio de pedicello subsecante, dilatam-se em um limbo lançado, cuja nervura mediana prolonga-se em uma especie de gruelho, que agrandando muitas vezes os objectos ao seu alcance, servem para as plantas poderem tepear pelas arvores; a medida que a planta cresce essa gruelha se prolonga, sua extremidade se dilata, urna, terminada por sua tompa, movel sobre

uma especie de dobradiça. Esta urna varia de uma polegada até dois palmos de tamanho, variando tambem sua cor desde o verde amarelado, até o carmin mais intenso; no *N. Rafflesiana* porém ellas são elegias e de contornos de conch-primeiro, e são de um amarello esverdeado sobre o qual se destacão grandes manchas de um vermelho parlacento?.

As urnas dos *Nepenthes* estão sempre cheias, em um tempo de sua capacidade, de um liquido purillido, transparente como agua, e secretado por glandulas que formão a parte interior da urna, cuja estrutura é tal, que os insectos e outros pequenos animaes que seia devida enganados pelas cores vistosas da urna, ali penetrão, não se podem retirar, e perecem afogados no liquido; ora esse liquido que por muito tempo foi considerado pelas plantas como agua para a fresca que nos desertos aridos a Providencia para assua de recurso para os desdoados insectos e ligeiros passarinhos, é simplesmente um liquido que goza precisamente das mesmas propriedades do succo gastrico do estomago dos animaes, isto é, que dissolve as matiezas assimilaveis que elle banha, e que a planta absorve então como um alimento que parece ser-lhes muito apropriado.

A familia, constituída pelo unico genero *Nepenthes*, conta de cousas de trinta especies, das quaes possuímos apenas, além do *N. Rafflesiana*, os *N. Veitchii*, *Phyllanthoides*, *disticta* e *robusta*, e o híbrido *N. Burghiana*, obtido no estabelecimento J. Veitch de Londres, por fecundação artificial; habita as florestas húmidas do archipelago asiatico desde Borné até Caylla, a nova Gueldonia,

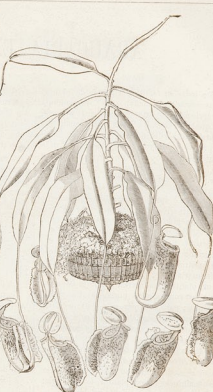


Fig. 8. — *Nepenthes Rafflesiana*. — A Austrália tropical as ilhas Seychelles vive epiphyta sobre as arvores, do mesmo modo que as ardeleas entre nós, o deve propagar aqui, sempre que receber os cuidados que se insecto benéficos ás ultimas.

F. ALMEIDA.

(*) Nos Annos 2 e 30 da Fivra dos Serres de Van Houtte transplantou-se bellitas figuras ead cullos do *N. Rafflesiana*.

DIPLADENIA INSIGNIS.

Poucas plantas produzem tanta effluvia em um jardim como uma *Dipladenia insignis*, quando convenientemente irrigada, e se para isso não é preciso que ella se torne molhada com a chuva, nem pelas infiltrações

de agua, muito mais é o effluvia se, á condicção normal de ser irrigada, ella tem uma effluvia copiosissima, se flores brilhantes.

É á notavel que sobre ella, cuja dorça é sobretudo notavel pela abundancia e pujante de sua vegetação sarmentosa, se



Fig. 24.—*Dipladenia insignis*.

convicia, muito mais é o effluvia se, á condicção normal de ser irrigada, ella tem uma effluvia copiosissima, se flores brilhantes.

Dorylalis, também trazida de longinquas terras, para ser cultivada sobre o grão do fructo de nossos jardins, onde mal vegeta, constantemente coberta de espessa camada de pó. Mas os nomes *Frostiflora*, os nomes *Tachonaria*, os *lancheiros* *Epigonaria* e

Ilustrações de *Nepenthes rafflesiana* e *Dipladenia insignis*, publicadas na *Revista de horticultura* de março de 1876 e março de 1877. Biblioteca do Instituto Agronômico de Campinas/ Unicamp, fotos de Andrés Otero e Marcos Cimardi.

ilhas Seychelles, Sri Lanka, Bórneo, Austrália e Nova Caledônia? Na edição de março de 1876, o botânico explicava que essas plantas eram dotadas de uma série de bolsas que pendiam das extremidades de suas folhas. Essas bolsas

estão sempre cheias, em um terço de sua capacidade, de um líquido particular, transparente como água, e secretado por glândulas que forrão a parte interior da urna, cuja structura é tal, que os insectos e outros pequenos animais que, sem duvida enganados pelas cores vistosas da urna, ahi penetrão, não se podem retirar, e perecem afogados no liquido (...) que goza precisamente das mesmas propriedades do suco gástrico dos animaes, isto é, que dissolve as materias assimilaveis que elle banha, e que a planta absorve então como um alimento que parece ser-lhes muito apropriado [Albuquerque 1876, p. 47].

Nessa mesma matéria, Albuquerque dava a conhecer que tinha mudas do *Nepenthes raffesiana*, *Nepenthes loevis*, *Nepenthes phylamphora*, *Nepenthes distilatoria*, *Nepenthes rubra*, além da variedade hortícola *Nepenthes domyniana*, encomendada à empresa de James Veitch & Sons, de Londres.

Vegetação brasileira

Simultaneamente à atividade de importador de flora exótica, Frederico de Albuquerque se voltou às espécies brasileiras com potencial ornamental, batendo-se pela valorização daquelas pouco estimadas ou completamente desconhecidas em seu próprio país. E fez isso cultivando-as, disponibilizando-as ao comércio, prestigiando-as e sobretudo defendendo-as por meio da *Revista de horticultura*. Arbusto trepador que habitava as margens do rio Amazonas e revestia-se de intensa floração branca, o *Corynostylis hybanthus albiflora* era notícia no número de abril de 1876. Após descrever suas características gerais, o horticultor fazia saber que vinha cuidando de mudas da espécie e aguardava sua floração que, segundo lera em autores europeus, se assemelhava a enormes violetas alvas [Albuquerque 1876, p. 77-78].

Em outra ocasião, Albuquerque preferia endurecer os

comentários, ironizando a miopia dos brasileiros para as belezas floríferas que estavam bem ao seu alcance, enquanto os estrangeiros se serviam muito melhor de nossa flora, inclusive para desenvolver novos híbridos. No texto sobre a *Dipladenia insignis*, estampado na edição de março de 1877, alfinetava:

Onde estão sobretudo as nossas esplendidas *Echiles* e *Dipladenias*, que em numero superior a 200 especies esmaltão as florestas do sul do Brazil, onde estão ellas? Perto daqui, desprezadas nos brejos de Mauá, ou bem longe de nós, acariciadas, festejadas e apreciadas nas estufas da Europa, como bem prova a *Dipladenia insignis*, nascida na Europa, nas estufas do sr. J. Waterhouse, das sementes da *D. amabilis* de nossas florestas; com grandes flôres róseas, de mais de quatro pollegadas de diâmetro, e da qual o jornal *Florist* diz: “a mais bonita de todas as *Diplademias* de flôres acarminadas” e as especies são 200, e todas bonitas e.... todas desconhecidas dos nossos amadores [Albuquerque 1877, p. 52].

O tom de indignação de Albuquerque não era diferente ao falar do que ocorria com outros vegetais autóctones com ampla vocação ornamental - caso das canáceas, denominadas popularmente de biris ou canas-da-índia. Ao tratar dessas plantas em matéria na edição de junho de 1877, o botânico esquadrihava as contradições que balizavam a aceitação ou recusa de seus contemporâneos não apenas desses vegetais, mas de tantas outras espécies nacionais. Reconhecia que os brasileiros praticavam dois pesos e duas medidas, tendo uma prevenção injustificada para o uso de vegetação do país e, ao mesmo tempo, não oferecendo reservas de nenhum tipo ao emprego de plantas advindas do exterior em seus jardins, mesmo que fossem variedades hortícolas derivadas de espécies daqui.

Vem a proposito enfim das cannas, que tal é o seu nome botânico, ou de Caytéis, como vulgarmente se chamão entre nós; plantas indigenas, que os nossos amadores se apressão de arrancar de seus jardins, se porventura e por acaso alguma apparece ahi. (...)

De certo nem um sequer de nossos amadores desconhece a planta de que fallamos, que com muita facilidade se encontra no estado selvagem de um a outro extremo do Brazil, ora mostrando nos matagaes sua ampla folhagem arroxeadada e brilhante, corada de espigas de flôres vermelhas

com uma das pétalas manchadas de amarello, ora ostentando nos banhados, e logares alagadiços, suas folhas estreitas, verdes e glaucas, terminadas por flôres de um amarello dourado e brilhante; ou mais raras vezes cultivadas propositadamente com nome de biris para sustento dos animaes, e mostrando então uma folhagem extremamente elegante e ornamental, de uma cor bronzeada, e largas inflorescencias de um vermelho acarminado intenso.

Como soe acontecer, a cultura na Europa tem melhorado muito estas plantas, já de si tão esplendidas, e se os nossos amadores têm pressa de arrancar de seus jardins as especies selvagens que o acaso leva para ali, é possível que tivessem igual cuidado de conserval-as, se o mesmo acaso lhes mostrasse a pequena variedade *Brennengrii* (...), ou mesmo a *Tricolor* (...), a magnífica *Adrien Robine* [Albuquerque 1877, p. 109-110].

A ação de Frederico de Albuquerque a favor da vegetação brasileira deve ter lhe trazido algumas desilusões. Os resultados não vieram provavelmente na escala e velocidade que ele esperava. No entanto, essa face de sua obra não estava fadada a se perder ao vento. Pouco mais de meio século depois, era possível reconhecê-la como precursora do trabalho de um jovem paisagista que, ao assumir o departamento de parques e jardins da cidade de Recife, tratava de reerguer a bandeira da valorização das plantas nacionais nos jardins públicos e privados brasileiros. Esse profissional era Roberto Burle Marx (1909-1994).

CONCLUSÃO

Em nenhum período anterior da história ocidental houve tamanha disposição de expandir a presença do verde nas cidades quanto na segunda metade do século XIX. Surgindo, a princípio, como reação ao lado negro da Revolução Industrial, esse movimento eclodiu a partir da França e de outras grandes capitais européias. Contudo, não demorou a se alastrar e a se transmutar pelo mundo afora, atingindo localidades que ainda nem bem conheciam a Era das Máquinas quanto mais seus efeitos negativos.

Entre 1853 e 1870, a capital francesa foi palco da implementação de um modelo de ambiente urbano integrado a espaços ajardinados, que se tornou referência ímpar de implementação qualitativa e quantitativa de ambientes verdes públicos no cenário internacional. Entretanto, esse modelo não se originou de um plano coeso que definia, de antemão, um sistema de áreas ajardinadas. Pelo contrário, foi sendo ajustado até chegar a essa condição, resultando do amalgamar de motivações diversas e nem sempre isentas de contradições. Quais eram esses fundamentos? O imperador Napoleão III batia-se pelo acesso democrático aos jardins como meio eficaz de educar as massas e controlar as tensões sociais. A multiplicação de praças e parques atendia os desejos de uma elite interessada em usufruir as amenidades da vida ao ar livre, como também servia ao jogo de interesses financeiros que beneficiava a especulação imobiliária.

Revigorar a tradição francesa do *embellissement public* e promover a salubridade urbana eram outras motivações não menos importantes. À época, a disseminação de árvores no meio urbano implicava não apenas em cuidados com a qualidade visual da cidade, como também representava medidas profiláticas mais associadas à dissipação dos miasmas do que propriamente à criação de pulmões verdes capazes de absorver o gás carbônico e prover oxigênio. Aliás, os embates e as controvérsias sobre essas

duas teorias estavam em curso mesmo em regiões bem afastadas do Velho Continente, conforme se depreende de um comentário de Frederico de Albuquerque, incluso num relatório sobre o Passeio Público e o Jardim Botânico do Rio de Janeiro, em 1875.

Não acredito, como alguns, que a plantação de jardins e alamedas no centro das cidades, por concorrerem para a fixação do carbono, do accido carbonico despendido pela respiração animal, e pelas exigências da vida social e da industria produzam beneficios effectivos sobre a hygiene nos centros populosos, sobretudo em climas como o do Rio de Janeiro; creio todavia nos extraordinários e benéficos effeitos moraes que promovem sobre as populações [Albuquerque 1875].

Trânsito de profissionais

Além de conquistar enorme visibilidade dentro e fora da França, o conjunto de praças, parques e ruas arborizadas de Paris fez crescer o prestígio geral dos paisagistas e horticultores franceses no âmbito internacional, a ponto de serem considerados peritos imbatíveis na área de melhoramentos urbanos. Esses técnicos foram escalados cada vez mais pelas elites e dirigentes da América do Sul para operar a renovação de diversas cidades do continente, implementando novos parques, reformando antigas praças, organizando programas de arborização viária, estruturando departamentos municipais de áreas verdes e viveiros públicos, desenhando jardins residenciais e mesmo dinamizando a introdução e o comércio de vegetação ornamental, ao longo do século XIX e nas duas primeiras décadas do XX.

Assim se estabeleceu um movimento de várias gerações de profissionais franceses na Argentina, Uruguai, Chile e Brasil, diretamente responsável pela propagação de novos métodos de trabalho, conceitos e modelos paisagísticos, especialmente o jardim paisagista moderno. Esse mosaico de técnicos estava constituído tanto por representantes que optaram pela fixação no território sul-americano, como Glaziou e Thays, quanto por consultores ocasionais, que seguiram para cá em função de atender solicitações específicas, caso de André e Bouvard. Incluía tanto nomes já reconhecidos, como Montigny e Gauthier, quanto profissionais em ascensão, caso de Margat e Cochet. Nele existiam

tanto atores pertencentes ou relacionados diretamente à primeira equipe do Service des Promenades et Plantations de Paris, caso de André e Villon, quanto profissionais ligados ao Muséum d'Histoire Naturelle e École Nationale d'Horticulture de Versailles, como os irmãos Racine e Dubois.

Alguns desses personagens mantiveram relações profissionais mais estreitas entre si, que favoreceram não apenas a troca de conhecimentos e a continuidade de experiências, mas também asseguraram o desdobramento de ofertas de trabalho. Ainda em Paris, Thays passou de aluno a sócio de André. No Rio de Janeiro, Villon trabalhou com Glaziou e sucedeu-o na condição de paisagista das grandes obras estatais e privadas dentro e fora da capital brasileira. Em Montevideu, Louis-Ernest Racine fez vir seu irmão Charles para somar forças no departamento de parques e jardins daquela cidade.

Pioneiro brasileiro

Afora a realização de um patrimônio paisagístico de amplo significado nesses países, a presença sucessiva de vários desses técnicos no Brasil alentou especialmente o florescimento e o avanço das primeiras gerações de paisagistas e horticultores brasileiros. Um desses pioneiros nacionais foi o gaúcho Frederico Guilherme de Albuquerque.

De índole agitada, empreendedora e geniosa, Albuquerque foi um talento da geração de 1839 que se dedicou intensamente à horticultura e paisagismo, atuando nas então províncias do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo. Ao longo de sua trajetória, não apenas acompanhou de perto o que se passava no campo dos jardins e das plantas na França, mas sobretudo estabeleceu um fértil intercâmbio com destacados representantes da botânica e horticultura daquele país. Embora tenha se interessado por conhecer amplamente o reino vegetal, ateve-se especialmente às plantas ornamentais e jardins no período entre 1874 a 1892, notabilizando-se na época sobretudo por sua atividade no ramo editorial e no campo da introdução e comercialização de flora ornamental.

Em janeiro de 1876, lançou-se como editor e redator principal da *Revista de horticultura*, primeira publicação brasileira voltada

às plantas ornamentais e à cultura dos jardins. E não mediu esforços para tornar a revista um dinâmico veículo de informações e conhecimentos hortícolas para os brasileiros, fazendo-a circular mensalmente ao longo de quatro anos seguidos e atingir os mais variados e distantes pontos dentro e fora do país, como Recife, Belém, Manaus, Paris, Haarlem, Porto e Washington, entre outros.

Apenas com esse capítulo de fôlego de seu trabalho, Albuquerque já asseguraria posição de destaque entre seus pares brasileiros. No entanto, fez bem mais. Colecionou plantas incomuns, organizou viveiros, descobriu e introduziu espécies, elevou o grau de profissionalismo do comércio brasileiro de flora ornamental, servindo-se de uma teia de contatos ramificada pela França e pelo resto do mundo. Enfim, tornou-se igualmente uma referência na difusão e no comércio de plantas para jardins no Brasil de seu tempo. Mas, nos anos que se seguiram a seu falecimento, tudo mudou. E sua obra foi sendo tragada por um injustificado esquecimento, permanecendo numa obscuridade quase total por mais de um século.

Nosso estudo busca desvelar o alcance das contribuições desse personagem gaúcho à história do paisagismo brasileiro, bem como da presença francesa na América do Sul, cuja produção mudou indelevelmente as feições de diversas cidades no continente. Contudo, trata-se de um exercício modesto de leitura sobre os primórdios da arte dos jardins no Brasil e na América do Sul no século XIX - um tema e uma época que ainda estão para ser desvendados, decifrados e compreendidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES MANUSCRITAS

- AGASSIZ, Louis. 1866. Carta enviada a Frederico de Albuquerque, Rio de Janeiro, 20 de junho.
- ALBUQUERQUE, Frederico Guilherme de. 1866. Carta enviada a Agassiz, 15 de agosto.
- . 1875. Relatório sobre o Passeio Público e o Jardim Botânico, solicitado a Albuquerque pelo conselheiro Thomas José Coelho de Almeida, ministro e secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Rio de Janeiro, 15 de outubro.
- . 1894. Carta enviada a Prudente de Moraes, 23 de novembro.
- AMÉRICO. 1878A. Carta enviada a Frederico de Albuquerque, Salvador, 22 de junho.
- . 1878B. Carta enviada a Frederico de Albuquerque, Salvador, 28 de junho.
- DAFERT. 1894. Carta enviada a Frederico de Albuquerque pelo diretor do Instituto Agrônômico do Estado de São Paulo, Campinas, 11 de outubro.
- DEPARTMENT OF AGRICULTURE. 1872. Carta enviada a Frederico de Albuquerque, Washington, 29 de maio.
- . 1890. Carta enviada a Frederico de Albuquerque, Washington, 13 de agosto.
- D'ÉPRÉMESNIL. 1870. Carta para Frederico de Albuquerque, assinada pelo secretário geral da Société Impériale Zoologique d'Acclimatation, Paris, 6 de fevereiro.
- HENRY, Joseph. 1871. Carta enviada a Frederico de Albuquerque pelo secretário do Smithsonian Institution, Washington, 20 de maio.
- HULSEBOSCH, M. L. Van Ledden. 1890. Carta enviada a Frederico de Albuquerque, Amsterdã, 11 de dezembro.
- LANGLEY, S. P. 1890. Carta enviada a Frederico de Albuquerque pelo secretário do Smithsonian Institution, Washington, 30 de junho.
- MAZEL, E. 1874. Carta enviada a Frederico de Albuquerque, Marselha, 30 de maio.
- NAUDIN, Charles. 1869. Carta enviada a Frederico de Albuquerque, representando o Muséum d'Histoire Naturelle, Paris, 21 de outubro.

- NAUDIN, Charles. 1871. Carta enviada a Frederico de Albuquerque, Collioure, 27 de fevereiro.
- PAILLIEUX, A. 1885. Carta enviada a Frederico de Albuquerque por representante da Société Nationale d'Acclimatation de France, Paris, 24 de março.
- SMITHSONIAN INSTITUTION. 1892. Carta enviada a Frederico de Albuquerque, Washington, 10 de agosto.
- SOCIÉTÉ IMPÉRIALE Zoologique d'Acclimatation. 1868. Carta enviada a Frederico de Albuquerque, Paris, outubro.
- . 1870. Carta enviada a Frederico de Albuquerque, em 21 de maio.
- SOCIÉTÉ NATIONALE d'Acclimatation de France. 1880. Carta enviada a Frederico de Albuquerque, Paris, 21 de maio.
- . 1884. Carta enviada a Frederico de Albuquerque, Paris, 7 de novembro.
- . 1889. Carta enviada a Frederico de Albuquerque, Paris, 4 de maio.
- . 1889A. Carta enviada a Frederico de Albuquerque, Paris, 11 de outubro.
- . 1892. Carta enviada a Frederico de Albuquerque, Paris, 11 de outubro.
- . 1893. Carta enviada a Frederico de Albuquerque, Paris, 8 de novembro.
- VERSCHAFFELT. 1874. Carta enviada a Frederico de Albuquerque por estabelecimento hortícola de Gand, Bélgica, 22 de maio.

FONTES IMPRESSAS E ELETRÔNICAS

- AJZENBERG, Bernardo (ed.). 2006. Georges Leuzinger. *Cadernos de Fotografia Brasileira*: Rio de Janeiro, Instituto Moreira Salles, n.3, jun.
- ALBUQUERQUE, Francisco Tomasco de. 1997. *Frederico Guilherme de Albuquerque: um escorço biográfico*. Niterói: Instituto Cultural Frederico Guilherme de Albuquerque.
- ALBUQUERQUE, Frederico Guilherme de. 1875A. Preleção do Sr. Frederico de Albuquerque, no Museu Nacional na noite de 19 de agosto. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 ago.
- . 1875B. Horticultura. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 7 out.
- (ed.). 1876. *Revista de horticultura*, Rio de Janeiro, vol. 1, jan.-dez.
- . 1876A. *Da videira. Sua origem e história. Conveniência de sua cultura. Variedades preferíveis*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional.
- (ed.). 1877. *Revista de horticultura*, Rio de Janeiro, vol. 2, jan.-dez.
- ALBUQUERQUE, Frederico Guilherme de. 1877A. Horticultura. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 10 out.

- (ed.). 1878. *Revista de horticultura*, Rio de Janeiro, vol. 3, jan.-dez.
- (ed.). 1879. *Revista de horticultura*, Rio de Janeiro, vol. 4, jan.-dez.
- . 1889. Jardim público. *Diário Popular*, São Paulo, 26 jul.
- . 1890. *Diário Popular*, São Paulo, 9 jan.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org.). 1997. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, vol. 2.
- ALLAIN, Yves-Marie. 2002. La plante: de sa découverte à son utilisation (1800-2000). Em: RACINE, Michel (org.). 2002. *Créateurs de jardins et de paysages en France du XIX^e siècle au XXI^e siècle*. Paris: Actes Sud/École Nationale Supérieure du Paysage, p. 1-5.
- . 2004. *D'où viennent nos plantes?* Paris: Clamann-Lévy.
- ALLAIN, Yves-Marie; CHRISTIANY, Janine. 2006. *L'art des jardins en Europe. De l'évolution des idées et des savoir-faire*. Paris: Citadelles & Mazenod.
- ALLORGE, Lucile; IKOR, Olivier. 2003. *La fabuleuse odyssée des plantes. Les botanistes voyageurs, les jardins des plantes, les herbiers*. Paris: Éditions Jean-Claude Lattès.
- ALVES, Ana Maria de Alencar. 2001. *O Ipiranga apropriado: ciência, política e poder: o Museu Paulista, 1839-1922*. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP
- ANDRÉ, Édouard. 1871. Charles Lemaire. *L'illustration horticole. Revue mensuelle des serres et des jardins*, Gand, vol. 18, jun., p. 120-121.
- . 1878. Rhododendron. *Revista de horticultura*, Rio de Janeiro, fev., p. 29-31; março, 47-49.
- . 1879. *Traité général de la composition des parcs et jardins*. Paris: G. Masson.
- AULER, Guilherme (org.). 1960. *Os franceses residentes no Rio de Janeiro, 1808-1820*. Rio de Janeiro: Ministério da Justiça e Negócios Interiores, Arquivo Nacional.
- BACHA, Myriam (org.). 2005. *Les expositions universelles à Paris de 1855 à 1937*. Paris: Action Artistique de la Ville de Paris.
- BARBUY, Heloisa. 1999. *A exposição universal de 1889 em Paris*. São Paulo: Loyola.
- . 2006. *A cidade-exposição. Comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914*. São Paulo: Edusp.
- BARIDON, Michael. 1998. *Les jardins: paysagistes, jardiniers, poètes*. Paris: Éditions Robert Laffont.
- . 2000. *Le jardin paysager anglais au dix-huitième siècle*. Dijon: Editions Universitaires de Dijon.
- BARRETTO, Luiz Pereira. 1887. O premio provincial. A cultura da vinha.

- Província de São Paulo*, São Paulo, 13 de março.
- BARTALINI, Vladimir. 1999. *Parques públicos municipais de São Paulo: a ação da municipalidade no provimento de áreas verdes de recreação*. Tese de doutorado. FAU-USP. São Paulo.
- BARTHÉLEMY, Guy. 1979. *Les jardiniers du roi. Petite histoire du Jardin des Plantes de Paris*. Paris: Le Pélican.
- BENZI, Fabio; BERLIOCCHI, Luigi. 1999. *Paesaggio mediterraneo. Metamorfosi e storia dall'antichità preclassica al XIX secolo*. Milano: Federico Motta Editore.
- BERJMAN, Sonia. 1998. *Plazas y parques de Buenos Aires: la obra de los paisajistas franceses*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina.
- . 2001. *La plaza española en Buenos Aires 1580/1880*. Buenos Aires: Kliczkowski.
- . 2001A. Espaço verde público em Buenos Aires. Consultado em <<http://www.vitruvius.com.br>>.
- . 2002. “Les paysagistes français au Rio de la Plata”. Em: RACINE, Michel (org.). *Créateurs de jardins et de paysages en France du XIX^e siècle au XXI^e siècle*. Paris: Actes Sud/École Nationale Supérieure du Paysage, 2002, p. 108-113.
- (org.). 2002A. *Carlos Thays: sus escritos sobre jardines y paisajes*. Buenos Aires/Madrid: Editorial Ciudad Argentina.
- BETEMPS, Leandro Ramos. 2006. *Vinhos e doces ao som da Marselhesa. Um estudo sobre os 120 anos de tradição francesa na colônia Santo Antônio, em Pelotas - RS*. Pelotas: Educat.
- BRENNA, Giovanna Rosso Del (org.). 1985. *O Rio de Janeiro de Pereira Passos: Uma cidade em questão II*. Rio de Janeiro: Index.
- BRUNO, Ernani Silva. 1954. *História e tradições da cidade de São Paulo*. São Paulo: José Olympio, vol. 3.
- BULLETIN DE LA SOCIÉTÉ Impériale Zoologique d'Acclimatation. 1865. Paris, Victor Masson et Fils, 2^a série, tome II.
- CABEDOCE, Béatrice; PIERSON, Philippe (orgs.). 1996. *Cent ans d'histoire des jardins ouvriers*. Grâne: Éditions Créaphis.
- CALVADO, Teresa. 1996. *Viaggio nel pittoresco. Il giardino inglese tra arte e natura*. Roma: Donzelli Editore.
- CARRIÈRE, E. A.; ANDRÉ, E. (eds.) 1885. *Revue horticole. Journal d'horticulture pratique*, Paris, n. 22, nov.
- CARS, Jean; PINON, Pierre (orgs.). 1991. *Paris Haussmann*. Paris: Éditions du Pavillon de l'Arsenal/Picard Éditeur.
- CARVALHO, Domingos Sérgio de. 1898. Frederico de Albuquerque. Memória

- lida em sessão da Sociedade Nacional de Agricultura. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 22 jan.
- CENDRES, Julien. 2001. François Racine de Merville. Em: RACINE, Michel (org.). 2001. *Créateurs de jardins et de paysages en France de la Renaissance au XIX^e siècle*. Paris: Actes Sud/École Nationale Supérieure du Paysage, 2001, p. 166-168.
- CHOAY, Françoise. 1991. La nature urbanisée. L'invention des 'espaces verdoyantes'. Em: DETHIER, Jean; GUIHEUX, Alain (orgs.). 1991. *La ville. Art et architecture en Europe 1870-1993*. Paris: Éditions du Centre Pompidou, p. 61-62.
- COELHO, Edmundo Campos. 1999. *As profissões imperiais. Medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro, 1822-1930*. Rio de Janeiro: Record.
- CONAN, Michel. s/d. *Dictionnaire historique de l'art des jardins*. Paris: Hazan.
- . 2001. René Louis de Girardin. Em: RACINE, Michel (org.). 2001. *Créateurs de jardins et de paysages en France de la Renaissance au XIX^e siècle*. Paris: Actes Sud/École Nationale Supérieure du Paysage, p. 169-178.
- CONDURU, Roberto. 2003. Grandjean de Montigny. Um acadêmico na selva. Em: BANDEIRA, Julio; XEXÉO, Pedro Martins Caldas; CONDURU, Roberto. 2003. *A missão francesa*. Rio de Janeiro: Sextante, p. 140-204.
- CORBIN, Alain. 1987. *Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Companhia das Letras.
- (org.). 2001. *História dos tempos livres*. Lisboa: Teorema.
- CORREIO PAULISTANO. 1880. [Nota sobre o corte das verbas para a *Revista de horticultura*, estampada na primeira página do jornal]. São Paulo, 23 jun.
- COURTOIS, Stéphanie. 2001. Édouard André et la société de son temps. Em: ANDRÉ, Florence; COURTOIS, Stéphanie (orgs.). 2001. *Édouard André (1840-1911). Un paysagiste botaniste sur les chemins du monde*. Paris: Les Éditions de l'Imprimeur, p. 43-54.
- COURTOIS, Stéphanie. 2001A. Claude Richard et Antoine Richard. Em: RACINE, Michel (org.). 2001. *Créateurs de jardins et de paysages en France de la Renaissance au XIX^e siècle*. Paris: Actes Sud/École Nationale Supérieure du Paysage, p. 107-109.
- . 2002. Édouard André (1840-1911) et René-Édouard André (1867-1942). Em: RACINE, Michel (org.). 2002. *Créateurs de jardins et de paysages en France du XIX^e siècle au XXI^e siècle*. Paris: Actes Sud/École Nationale Supérieure du Paysage, p. 52-56.
- CUNHA, Miguel Gastão da. 2007. O extraordinário Glaziou. *Revista leituras*

- paisagísticas: teoria e práxis*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 46-59.
- CZAJKOWSKI, Jorge (org.). 2000. *Guia da arquitetura eclética no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.
- (org.). 2000A. *Guia da arquitetura colonial, neoclássica e romântica no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.
- DEAN, Warren. 1992. *A botânica e a política imperial: introdução e adaptação de plantas no Brasil Colonial e Imperial*. São Paulo: USP/Instituto de Estudos Avançados.
- . 1996. *A ferro e fogo. A história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras.
- DENIS, Gilles. 2001. Édouard André en Amérique du Sud: du voyage naturaliste à l'art paysagiste. Em: ANDRÉ, Florence; COURTOIS, Stéphanie de (orgs.). 2001. *Édouard André (1840-1911). Un paysagiste botaniste sur les chemins du monde*. Paris: Les Éditions de l'Imprimeur, p. 105-120.
- DECAISNE, Joseph; NAUDIN, Charles. 1862-1871. *Manuel de l'amateur des jardins. Traité général d'horticulture*. Paris: Librairie de Firmin-Didot.
- DOMINGUES, Heloísa Maria Bertol. 1995. *Ciência: um caso de política. As relações entre as ciências naturais e a agricultura no Brasil-Império*. Tese de doutorado. FFLCH-USP. São Paulo.
- DUBY, Georges (org.). 1980. *Histoire de la France urbaine*. Paris: Éditions du Seuil.
- DURNERIN, Alain. 2001. Quelques figures d'anciens élèves de l'École Nationale d'Horticulture de Versailles au temps d'Édouard André. Em: ANDRÉ, Florence; COURTOIS, Stéphanie de (orgs.). 2001. *Édouard André (1840-1911). Un paysagiste botaniste sur les chemins du monde*. Paris: Les Éditions de l'Imprimeur, p. 302-308.
- . 2001A. L'enseignement de l'horticulture et de l'architecture des jardins en France au XX^e siècle. Em: ANDRÉ, Florence; COURTOIS, Stéphanie de (orgs.). 2001. *Édouard André (1840-1911). Un paysagiste botaniste sur les chemins du monde*. Paris: Les Éditions de l'Imprimeur, p. 287-297.
- . 2002. Architectes-paysagistes, horticulteurs et jardiniers à l'École Nationale d'Horticulture de Versailles de 1874 a 1914. Em: RACINE, Michel (org.). 2002. *Créateurs de jardins et de paysages en France du XIX^e siècle au siècle XXI^e*. Paris: Actes Sud/École Nationale Supérieure du Paysage, p. 92-99.
- FERNANDES JR., Rubens, LAGO, Pedro Corrêa do. 2000. *O século XIX na fotografia brasileira*. São Paulo: Francisco Alves.
- FERRARI, Jean-Patrick. 1982. *Les botanistes à Marseille et en Provence du XVI^e au XIX^e siècle*. Marseille: s/e.

- FERREZ, Gilberto. 2000. *Iconografia do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Casa Jorge Editorial, 2º volume.
- FERRIOLO, Massimo Venturi. 1998. *Giardino e paesaggio dei romantici*. Milano: Edizioni Angelo Guerini.
- FIGUEIREDO, Eduardo Rodrigues de. 1936. *Floricultura brasileira*. São Paulo: Chácaras e Quintas.
- FIGUEIRÔA, Sílvia. 1997. *As ciências geológicas no Brasil: uma história social e institucional, 1875-1934*. São Paulo: Hucitec.
- FREIRE, Ezequiel. 1890. Jardim de aclimação. *Correio Paulistano*, São Paulo, 30 jul., p. 2.
- FREYRE, Gilberto. 1960. *Um engenheiro francês no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 2ª edição.
- . 1977. *Sobrados e mocambos. Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Rio de Janeiro: José Olympio, 5ª edição.
- GAZETA do Povo. 1889. Odioso!... [protesto contra o afastamento de Albuquerque do cargo de administrador dos jardins públicos de São Paulo]. São Paulo, 24 mar.
- GLAZIOU, Auguste Marie François. 1874. Carta enviada ao conselheiro Fausto Augusto de Aguiar, diretor-geral da Secretaria de Estado dos Negócios do Império, em 18 de abril. Em: TERRA, Carlos Gonçalves. 2000. *Os jardins no Brasil do século XIX: Glaziou revisitado*. Rio de Janeiro: EBA-UFRJ, p. 131.
- . 1905. *Plantae Brasiliae Centralis. Des plantes du Brésil Central recueillies em 1861-1895*. Paris: Société Botanique de France.
- GOMES, Maria do Carmo Andrade. 1997. *Panorama de Belo Horizonte: atlas histórico*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/ Centro de Estudos Históricos e Culturais.
- GOODY, Jack. 1994. *La culture des fleurs*. Paris: Éditions du Seuil.
- GORELIK, Adrián. 1998. *La grilla e el parque. Espacio público y cultura urbana em Buenos Aires, 1887-1936*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes.
- GRIMAL, Pierre. 2005. *L'arte dei giardini. Una breve storia*. Roma: Donzelli Editore.
- GUARALDO, Eliane. 1995. *São Paulo, paisagem e paisagismo na Primeira República*. Dissertação de mestrado. FAU-USP. São Paulo.
- . 2002. *Repertório e identidade. Espaços públicos em São Paulo, 1890-1930*. Tese de doutorado. FAU-USP. São Paulo.
- HAMBURGUER, Amélia Império e outros (orgs.). 1996. *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: EDUSP/FAPESP.
- HERDT, René De. 1995. *Floralies gantoises et floriculture en Belgique*.

- Namur: Érasme.
- HOBHOUSE, Penélope. 1994. *L'histoire des plantes et des jardins*. Paris: Bordas.
- HOEHNE, F. C.; KUHLMANN, M.; HANDRO, O. 1941. *O Jardim Botânico de São Paulo*. São Paulo: Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio de São Paulo.
- HOMEM, Maria Cecília Naclério. 1996. *O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira*. São Paulo: Martins Fontes.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. 2000. *Visões do Rio na coleção Geyer*. Petrópolis: Museu Imperial/Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil.
- HUNT, John Dixon. 1992. *Gardens and the picturesque. Studies in the history of landscape architecture*. Cambridge/London: The MIT Press.
- . 2004. *The picturesque garden in Europe*. London: Thames & Hudson.
- JORNAL DO COMÉRCIO. 1897. [nota de falecimento de Albuquerque]. Rio de Janeiro, 4 nov.
- JORNAL DO COMÉRCIO. 1897A. Frederico de Albuquerque [necrológio]. Rio de Janeiro, 5 nov.
- JOYAUX, François. 2001. *La rose, une passion française. Histoire de la rose en France, 1778-1914*. Bruxelles: Éditions Complexe.
- JUDICE, Ruth B. 1998. *Palácio de cristal, 1884*. Petrópolis: Crayon.
- JUNQUEIRA, Eulália. 2000. Alegorias francesas na paisagem do Rio. Em: ROBERT-DEHAULT, Elisabeth; e outros. 2000. *Fontes d'art. Chafarizes e estátuas francesas do Rio de Janeiro*. Paris: Les Éditions de l'Amateur/ ASPM-FBM, p. 68-197.
- KATZ, Sebastián. 2006. *Guía del patrimonio cultural de Buenos Aires: arte metalúrgico francés*. Buenos Aires: Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires.
- KLIASS, Rosa Grena. 1993. *Parques urbanos de São Paulo e sua evolução na cidade*. São Paulo: Pini.
- KURY, Lorelai (org.). 2007. *Iluminismo e império no Brasil: O Patriota (1813-1814)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- LACOMBE, Lourenço Luiz. 1964. *D. Pedro II em Petrópolis*. Petrópolis: Museu de Armas Ferreira da Cunha.
- LAEMMERT, Eduardo e Henrique (eds.). 1847. *Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert. Consultado em <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/almanak>>.
- LAEMMERT, Eduardo e Henrique (eds.). 1848. *Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typographia

- Universal de Laemmert. Consultado em <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/almanak>>.
- . 1853. *Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert. Consultado em <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/almanak>>.
 - . 1862. *Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert. Consultado em <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/almanak>>.
 - . 1877. *Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert. Consultado em <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/almanak>>.
 - . 1878. *Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert. Consultado em <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/almanak>>.
- LAGO, Pedro Corrêa do; LAGO, Bia Corrêa do. 2008. *Coleção Princesa Isabel: fotografia do século XIX*. São Paulo: Capivara.
- LAIRD, Mark. 1993. *Jardins à la française. L'art et la nature*. Paris: Société Nouvelle des Éditions du Chêne.
- LANDAU, Bernard; MONOD, Claire; LOHR, Evelyne (orgs.). 2000. *Les grands boulevards. Un parcours d'innovation et de modernité*. Paris: Action Artistique de la Ville de Paris.
- LANGLOIS, Gilles-Antoine. 1991. *Folies, tivolis et attractions. Les premiers parcs de loisirs parisiens*. Paris: Action Artistique de la Ville de Paris.
- . 2001. L'éclipse des jardins-spectacles. Em: TEXIER, Simon (org.). 2001. *Les parcs et jardins dans l'urbanisme parisien XIX^e – XX^e siècles*. Paris: Action Artistique de la Ville de Paris, p. 55-62.
- LEME, Maria Cristina da Silva (org.). 1999. *Urbanismo no Brasil – 1895-1965*. São Paulo: Studio Nobel/FAU-USP/FUPAM.
- LEMOS, Carlos. 1985. *Alvenaria burguesa. Breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café*. São Paulo: Nobel.
- LIETZE, A. 1875. Sobre horticultura e ajardinamento. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, out.
- LIMA, Custodio de Oliveira. 1853. *Guia do jardineiro, horticultor e lavrador brasileiro ou tratado resumido e claro acerca da cultura das flores, hortaliças, legumes, frutos e cereaes...* Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert.
- LIMA, Sílvio Cezar de Souza. 2005. *Determinismo biológico e imigração chinesa em Nicolau Moreira (1870-1890)*. Dissertação de mestrado. Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz. Rio de Janeiro.

- LIMIDO, Luisa. 2001. Barillet-Deschamps, jardinier. Em: TEXIER, Simon (org.). *Les parcs et jardins dans l'urbanisme parisien XIX^e – XX^e siècles*. Paris: Action Artistique de la Ville de Paris, 2001, p. 87-98.
- LIMIDO, Luisa. 2002. *L'Art des jardins sous le Second Empire. Jean-Pierre Barillet-Deschamps (1824-1873)*. Seyssel: Éditions Champ Vallon.
- LLOYD, Reginald (ed.). 1913. *Impressões do Brasil no século vinte*. Londres, Rio de Janeiro: Lloyd's Great Britain Publishing Company.
- LOPES, Maria Margaret. 1997. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Hucitec.
- LOYER, François. 1994. *Paris XIX siècle. L'immeuble et la rue*. Paris: Hazan.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. 2004. *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*. São Paulo: Planeta.
- MARGAT, Pedro Antonio. 1977. Diario del establecimiento de horticultura y aclimatación llevado por Pedro Margat, 1846-1871. *Revista Histórica*, Montevideo, n. 148-150, tomo 50, p. 473-672.
- MARTINET, Marie-Madeleine (org.). 1980. *Art et nature en Grande-Bretagne. De l'harmonie classique au pittoresque du premier romantisme 17^e-18^e siècles*. Paris: Aubier-Montaigne.
- MARTINS, Ana Luiza. 2001. *Revista em revista. Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Edusp/Fapesp/Imprensa Oficial do Estado.
- MARX, Murillo. 1980. *Cidade brasileira*. São Paulo: Melhoramentos/Ed. da USP.
- MELLO, José Antônio Gonsalves de. 1985. *Diário de Pernambuco: arte e natureza no 2^o Reinado*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana.
- MÉNAHÈZE, Sophie Le. 2001. *L'invention du jardin romantique en France, 1761-1808*. Neuilly-sur-Seine: Éditions Spiralithe.
- MIGLIORINI, Franco. 1992. *Verde urbano. Parchi, giardini, paesaggio urbano: lo spazio aperto nella costruzione della città moderna*. Milano: Franco Angeli.
- MILANI, Raffaele. 1996. *Il pittoresco. L'evoluzione del gusto tra classico e romantico*. Roma-Bari: Laterza.
- MONTAÑEZ, Margarita. 2001. Le plan André pour Montevideo: projets et réalisations. Em: ANDRÉ, Florence; COURTOIS, Stéphanie de (orgs.). 2001. *Édouard André (1840-1911). Un paysagiste botaniste sur les chemins du monde*. Paris: Les Éditions de l'Imprimeur, p. 189-200.
- MONTGOLFIER, Bernard de. 1985. *Les grands boulevards*. Paris: Les Musées de la Ville de Paris.
- MORAES, Frederico. 1995. *Cronologia das artes plásticas no Rio de Janeiro*,

- 1816-1994. Rio de Janeiro: Topbooks.
- MOSSER, Monique. 2001. Louis Carmontelle. Em: RACINE, Michel (org.). 2001. *Créateurs de jardins et de paysages en France de la Renaissance au XIX^e siècle*. Paris: Actes Sud/École Nationale Supérieure du Paysage, p. 150-153.
- MOSSER, Monique; TEYSSOT, Georges (orgs.). 1991. *Histoire des jardins. De la Renaissance à nos jours*. Paris: Flammarion.
- MOURA, Carlos E. Marcondes de (org.). 1998. *Vida cotidiana em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Ateliê Editorial/Editora da Unesp/Imprensa Oficial do Estado/Secretaria de Estado da Cultura.
- MUZZILLO, Francesca. 1995. *Paesaggi informali. Capability Brown e il giardino paesaggistico inglese del diciottesimo secolo*. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane.
- PANZINI, Franco. 1993. *Per i piaceri del popolo. L'evoluzione del giardino pubblico in Europa dalle origini al XX secolo*. Bologna: Zanichelli Editore.
- . 2005. *Progettare la natura. Architettura del paesaggio e dei giardini dalle origini all'epoca contemporanea*. Bologna: Zanichelli Editore.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. 1997. *Exposições universais, espetáculos da modernidade do século XIX*. São Paulo: Hucitec.
- PINON, Pierre. 1991. Le projet d'embellissement de Paris. Napoleón III et Berger. Em: CARS, Jean; PINON, Pierre (orgs.). 1991. *Paris Haussmann*. Paris: Éditions du Pavillon de l'Arsenal/Picard Éditeur, p. 51-61.
- . 2002. Georges-Eugène Haussmann (1809-1891) e Adolphe Alphand (1817-1891). Em: RACINE, Michel (org.). 2002. *Créateurs de jardins et de paysages en France du XIX^e siècle au XXI^e siècle*. Paris: Actes Sud/École Nationale Supérieure du Paysage, p. 31-34.
- PITTE, Jean-Robert. 1983. *Histoire du paysage français*. Paris: Tallandier.
- QUATREMÈRE DE QUINCY, Antoine-Chrysostome. 2003. *Dictionnaire historique d'architecture*. Port Chester, EUA: Adamant Media, fac-símile da edição francesa de 1832.
- RACINE, Michel. 1981. *Architecture rustique des rocailliers*. Paris: Éditions du Moniteur.
- RACINE, Michel. 2001. *Jardins au naturel. Rocailles, grotesques et art rustique*. Paris: Actes Sud.
- (org.). 2001A. *Créateurs de jardins et de paysages en France de la Renaissance au XIX^e siècle*. Paris: Actes Sud/École Nationale Supérieure du Paysage
- . 2002. Jules Vacherot, 1862-1925. Em: RACINE, Michel (org.). 2002. *Créateurs de jardins et de paysages en France du XIX^e siècle au XXI^e siècle*. Paris:

- Actes Sud/ École Nationale Supérieure du Paysage, p. 150-153.
- . (org.). 2002A. *Créateurs de jardins et de paysages en France du XIX^e siècle au XXI^e siècle*. Paris: Actes Sud/École Nationale Supérieure du Paysage.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. 1983. *Quadro da arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva.
- RENAULT, Delso. 1978. *Rio de Janeiro: a vida da cidade refletida nos jornais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- . 1985. *O Rio antigo nos anúncios de jornais*. Rio de Janeiro: CBBA/Propeg.
- ROBERT-DEHAULT, Elisabeth. 2000. Estátuas e chafarizes do Rio de Janeiro. Em: ROBERT-DEHAULT, Elisabeth; e outros. 2000. *Fontes d'art. Chafarizes e estátuas francesas do Rio de Janeiro*. Paris: Les Éditions de l'Amateur/ASPM-FBM, p. 17-57.
- RODRIGUES, J. Barbosa. 1893. *Hortus fluminensis ou breve noticia sobre as plantas cultivadas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro para servir de guia aos visitantes*. Rio de Janeiro: Leuzinger.
- SAINTE-MARIE-GAUTHIER, Vincent. 2001. Pratique et théorie du système. Em: TEXIER, Simon (org.). 2001. *Les parcs et jardins dans l'urbanisme parisien XIX^e – XX^e siècles*. Paris: Action Artistique de la Ville de Paris, p. 78-86.
- . 2001A. L'invention du jardinier municipal. Em: TEXIER, Simon (org.). 2001. *Les parcs et jardins dans l'urbanisme parisien XIX^e – XX^e siècles*. Paris: Action Artistique de la Ville de Paris, p. 253-257.
- SALLES, Paulo. 1898. *O jardineiro brasileiro*. Rio de Janeiro: H. Garnier.
- SALGUEIRO, Heliana Angotti. 1997. *Engenheiro Aarão Reis: o progresso como missão*. Belo horizonte: Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais.
- (org.). 2001. *Cidades capitais do século XIX: racionalidade, cosmopolitismo e transferência de modelos*. São Paulo: EDUSP.
- SANJAD, Nelson. 2003. Éden domesticado. A rede luso-brasileira de jardins botânicos, 1796-1817. Consultado em: <<http://www.landi.inf.br/anais>>.
- SCHÁVELZON, Daniel; MAGAZ, Maria Del Carmen. 1989. Imaginación y cemento: grutescos y rocallas en la arquitectura de Buenos Aires. *Summa*, Buenos Aires, n. 263, p. 52-9, jun.
- SCHELLE, Karl Gottlob. 2001. *A arte de passear*. São Paulo: Martins Fontes.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. 1999. *As barbas do imperador. D. Pedro II, um monarca nos Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- . 2008. *O sol do Brasil. Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de D. João*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SEGAWA, Hugo. 1995. 1911: Bouvard em São Paulo. *Dana - Documentos de*

- Arquitectura Nacional y Americana*, Buenos Aires, n. 27-38, p. 31-35.
- . 1996. *Ao amor do público. Jardins no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP.
- . 2000. *Prelúdio da metrópole. Arquitetura e urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX ao XX*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- SEVCENKO, Nicolau (org.). 1998. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, vol. III.
- SILVA, Geraldo Gomes da. 1988. *Arquitetura do ferro no Brasil*. São Paulo: Nobel.
- SILVESTRI, Graciela. 2003. *El color del rio. Historia cultural del paisaje del Riachuelo*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes.
- SITTE, Camillo. 1992. O verde na metrópole. Em: SITTE, Camillo. *A construção das cidades segundo seus princípios artísticos*. São Paulo: Ática, p. 165-183.
- SPRANG, Sabine van (org.) 1996. *L'empire de flore. Histoire et représentation des fleurs en Europe du XVI^e au XIX^e siècle*. Bruxelles: La Renaissance du Livre.
- SURAND, Guy. 1991. Haussmann, Alphand des promenades pour Paris. Em: CARS, Jean des; PINON, Pierre (orgs.). 1991. *Paris Haussmann*. Paris: Édition du Pavillon de L'Arsenal/Picard Éditeur, p. 237-247.
- STOLS, Eddy. 2006. A botânica belga e a natureza brasileira. Em: MARTINS, Carlos; e outros. 206. *O diplomata e desenhista Benjamin Mary e as relações da Bélgica com o império do Brasil*. São Paulo: Linha Aberta, p. 69-92.
- TAUNAY, Afonso de E. 1983. *A missão artística de 1816*. Brasília: Editora da UNB.
- TAUNAY, Carlos Augusto. 1839. *Manual do agricultor brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve & Comp.
- TERRA, Carlos Gonçalves. 2000. *Os jardins no Brasil do século XIX: Glaziou revisitado*. Rio de Janeiro: EBA-UFRJ.
- . 2004. *Paisagens construídas*. Tese de doutorado. EBA-UFRJ. Rio de Janeiro.
- (org.). 2004A. *Arborização: ensaios historiográficos*. Rio de Janeiro: EBA-UFRJ.
- TERRA, Carlos Gonçalves (org.). 2007. *Revista Leituras paisagísticas: teoria e práxis*, Rio de Janeiro, n. 2.
- TEXIER-RIDEAU, Géraldine. 2001. Le square haussmannien. Em: TEXIER, Simon (org.). 2001. *Les parcs et jardins dans l'urbanisme parisien XIX^e - XX^e siècles*. Paris: Action Artistique de la Ville de Paris, p. 67-75.

- TEXIER-RIDEAU, Géraldine; DARIN, Michael (orgs.). 2003. *Places de Paris XIX^e-XX^e siècles*. Paris: Action Artistique de la Ville de Paris.
- THAYS, Charles. 1910. *El Jardín Botánico de Buenos Aires*. Buenos Aires: Casa Editorial de Jacobo Peuser.
- THÉBAUD, Philippe; CAMUS, Anne. 1993. *Dicovert. Dictionnaire des jardins et paysages*. Ris-Orangis: Éditions Arcature.
- THOMAS, Keith. 1989. *O homem e o mundo natural. Mudanças nas atitudes em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- TOLEDO, Benedito Lima de. 1996. *Prestes Maia e as origens do urbanismo moderno em São Paulo*. São Paulo: Empresa das Artes.
- TRINDADE, Silvana Cançado. 1997. *Dicionário biográfico de construtores e artistas de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: IEPHA/MG.
- VAINFAZ, Ronaldo (org.). 2002. *Dicionário do Brasil Imperial*. São Paulo: Objetiva.
- VASQUEZ, Pedro Karp. 2001. *Revert Henrique Klumb. Um alemão na corte imperial brasileira*. São Paulo: Capivara.
- . 2003. *O Brasil na fotografia oitocentista*. São Paulo: Metalivros.
- VERCELLONI, Virgilio. 1990. *Atlante storico dell'idea del giardino europeo*. Milano: Jaca Book.
- WEBER, Eugen. 1988. *França fin-de-siècle*. São Paulo: Companhia das Letras.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)